U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Lisboa, “palimpsesto” cultural

Princípios de Intervenção Urbana Inclusiva e Participativa na Praça Martim Moniz

Margarida Martins Pinhal

M
2024

U.PORTO

Margarida Martins Pinhal. Lisboa, ‘palimpsesto’ cultural
Princípios de intervenção Urbana
Inclusiva e Participativa na Praça Martim Moniz

M.FAUP **2024**

Lisboa, ‘palimpsesto’ cultural
Princípios de Intervenção Urbana Inclusiva e Participativa
na Praça Martim Moniz

Margarida Martins Pinhal

FACULDADE DE ARQUITETURA

Lisboa, ‘palimpsesto’ cultural
Princípios de Intervenção Urbana Inclusiva e Participativa na Praça Martim Moniz

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada
à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Autoria de Margarida Martins Pinhal
Orientação de Professora Doutora Filipa de Castro Guerreiro
Coorientação de Professora DoutoraCarla Garrido de Oliveira

Notas Prévias:

O corpo de texto foi escrito em língua portuguesa, ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico, exceto no caso de citações que utilizem o Antigo Acordo Ortográfico. Relativamente às citações em línguas estrangeiras utilizou-se, sempre que necessário, uma tradução livre para uma leitura mais fluída.
As imagens expostas também foram tratadas sempre que tal se justificou, e a sua autoria é referenciada no final da dissertação.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio inquestionável que sempre tive,

Às professoras Filipa Guerreiro e Carla Oliveira pela orientação e estimulação constante de fazer mais e melhor e pelas oportunidades de muitos trabalhos,

À Pati, companheira de dissertação, por acompanhar desde início esta última jornada,

Ao Rúben, por me escutar, as minhas alegrias e as minhas ansiedades,

Aos meus amigos,
à Algarbia, à Tex, à Raquel e à Nês, companheiras que trago comigo, por escutarem as minhas inquietações e ajudarem a manter a minha cabeça sã,

À Associação Guimarães (In)Volve,
Aos muitos que fizeram parte desta dissertação,
Às pessoas que conversei,

E a todos que estiveram presentes de alguma maneira,

Obrigada

RESUMO

A presente dissertação centra-se no território do Martim Moniz, em Lisboa, com especial enfoque na praça. Este espaço é analisado como um *palimpsesto* em constante transformação, não só pela sua rica herança patrimonial, mas também pela diversidade cultural que o caracteriza. A dimensão sociológica do espaço urbano assume uma relevância particular, especialmente no contexto das intensas migrações que têm marcado as grandes cidades. Neste sentido, aborda-se a multiculturalidade e a participação das várias comunidades, explorando a relação entre as dimensões sociais e espaciais como um motor de desenvolvimento e de transformação produtiva do território.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro, é explorado o contexto histórico da cidade de Lisboa e as suas transformações disruptivas, tanto físicas como simbólicas, ao longo do tempo, culminando na configuração da Praça Martim Moniz que conhecemos hoje. No primeiro capítulo, também é destacada a forte presença multicultural da cidade e às suas implicações no contexto urbano.

O lançamento do Concurso Público para a Requalificação da Praça Martim Moniz revela-se como um ponto central do trabalho, não só por introduzir novos tipos de espaço público, como um jardim, mas também por ser inovador ao promover a participação pública. Este tema é analisado detalhadamente à luz dos diferentes intervenientes e do impacto que a participação teve nas fases decisivas do concurso. Nesta segunda parte, também são confrontados os resultados das propostas de intervenção com os resultados obtidos no Processo Participativo e, em seguida, com os pré-requisitos definidos nos Termos de Referência do concurso. A participação pública é alvo de crítica dada a sua aplicação de vários graus e em diferentes momentos de concretização do concurso, sendo especialmente relevante pela diversidade de culturas envolvidas e as suas distintas dinâmicas sociais.

Na terceira parte, o trabalho desenvolve-se num ensaio de reflexões e propostas que evocam ao leitor os significados de espaços ecuménicos, plurais e indiferenciados e seus impactos na comunidade.

Considerando que *“os caminhos da criação, mesmo em arquitetura, nunca são lineares”*[1], na desconstrução do tempo futuro, este estudo resulta da sobreposição de diferentes apropriações sociais e culturais, onde a negociação e o uso do espaço refletem a coexistência dessas múltiplas camadas culturais e sociais e definem a identidade do espaço.

Palavras-chave:

Multiculturalidade;
Participação Pública;
Integração Urbana;
Pluralidade;
Ecumenicidade

1. COSTA, Alexandre Alves (2004) “Revolução ou Concursos” em *Jornal Dos Arquitectos 216 Os Cavalos Também Se Abatem*; pp.6-9

ABSTRACT

Keywords:

Multiculturalism;
Public Participation;
Urban Integration;
Plurality;
Ecumenical

This dissertation focuses on the territory of Martim Moniz, in Lisbon, with a particular emphasis on the square. This space is analyzed as a constantly evolving palimpsest, shaped not only by its rich heritage but also by the cultural diversity that defines it. The sociological dimension of the urban space is especially significant, particularly in the context of intense migrations that have impacted large cities. In this regard, the dissertation explores multiculturalism and the participation of various communities, examining the relationship between social and spatial dimensions as drivers of productive development and transformation of the territory.

The dissertation is structured into three chapters. The first explores the historical context of the city of Lisbon and its disruptive transformations, both physical and symbolic, over time, culminating in the current configuration of Praça Martim Moniz. This chapter also highlights the city's strong multicultural presence and its implications for the urban context.

The launch of the public competition for the redevelopment of Praça Martim Moniz emerges as a central focus of this work, not only for introducing new types of public spaces, such as a garden, but also for its innovative approach to promoting public participation. This theme is examined in detail, considering the different stakeholders and the impact that public participation had on the decisive phases of the competition. In the second chapter, the results of the intervention proposals are compared with those from the Participatory Process and with the prerequisites outlined in the competition's Terms of Reference. Public participation is critically assessed, given its varying degrees of implementation and at different stages of the competition, particularly considering the diversity of cultures involved and their distinct social dynamics.

In the third part, the dissertation develops into an essay of reflections and proposals, evoking the meanings of ecumenical, plural, and undifferentiated spaces and their impacts on the community.

Considering that *"the paths of creation, even in architecture, are never linear"*[1], this study results from the layering of different social and cultural appropriations, where the negotiation and use of space reflect the coexistence of these multiple cultural and social layers, shaping the identity of the space.

1. COSTA, Alexandre Alves (2004) "Revolução ou Concursos" em *Jornal Dos Arquitectos 216 Os Cavalos Também Se Abatem*; pp.6-9

SUMÁRIO

05 Agradecimentos
07 Resumo
08 Abstract

INTRODUÇÃO
13 Motivação
14 Objetivo
15 Metodologia

1. CIDADE LEGADA: MEMÓRIA E ESTIGMAS
19 ESPAÇO HISTÓRICO E MULTICULTURAL COMO PALIMPSESTO
25 CONTEXTUALIZAÇÃO
27 A PRAÇA MARTIM MONIZ
39 A MULTICULTURALIDADE NO MARTIM MONIZ

LIBRETO I APROXIMAÇÕES AO CONTEXTO MULTICULTURAL
ii NACIONALIDADE, ETNICIDADE, CULTURA
v RELIGIÃO
ix WORKSHOP COM A ASSOCIAÇÃO GUIMARÃES [IN]VOLVE
xi PERCURSO PELOS JARDINS E PRAÇAS DO PORTO

2. CIDADE EMERGENTE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES DE INTERVENÇÃO

45 JARDIM
50 CONCURSO PARA A REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA MARTIM MONIZ
51 LUGAR
52 PROCESSO PARTICIPATIVO
55 PROPOSTAS A CONCURSO
58 AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS
61 REFLEXÕES
61 SOBRE O PROCEDIMENTO DO CONCURSO
60 SOBRE O PROCEDIMENTO DA PARTICIPAÇÃO
77 CONCLUSÕES

3. CIDADE CONTÍNUA: ENSAIO

85 ESPAÇOS DE NEGOCIAÇÃO: ABORDAGENS E ESPAÇOS PÚBLICOS PLURAIS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

99 CONSIDERAÇÕES FINAIS

107 Bibliografia
113 Fonte de Imagens
129 Anexos
166 Apêndices

•**01.** Jardim Indiano. Manuscrito de Divan de Anvari (na página seguinte)


PENSÃO NOVA GOA
PENSÃO NOVA GOA
Kamal Tec
Kamal Tec

INTRODUÇÃO

“(...) [Aquelas cidades] que continuam através dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos ou conseguem aniquilar a cidade ou são eles aniquilados.”

CALVINO, Italo (1993); p.38

MOTIVAÇÃO

Desde sempre, a experiência em qualquer espaço 'fora de casa' significou uma relação profunda com o mesmo, marcada por momentos familiares, amizades, rotinas diárias e outras interações. Sempre tive diversas oportunidades de vivenciar diferentes espaços, seja através de atividades lúdicas, formativas ou artísticas. Contudo, o que une todas estas experiências é a utilização do espaço exterior, o espaço público, que pertence a toda a comunidade.

Nos últimos anos da minha formação académica, motivada pela arquitetura, compreendi que se faz arquitetura sempre que haja uma relação entre o corpo e o espaço, e vice-versa. Ao conhecer diferentes pessoas, culturas e países, tanto em viagens como no meu período de mobilidade, percebi o enorme potencial de discussão que os espaços comuns podem gerar.

O espaço, como uma praça ou jardim[2], num meio cada vez mais urbanizado e edificado, tenho vindo cada vez mais valorizar enquanto espaço inclusivo, democrático e restaurador das consequências ambientais e limitadoras que a cidade implica, e percebi a importância destes lugares urbanos, tal como se verificou no contexto de pandemia COVID-19. Para além de que, a transversalidade etária dos utilizadores desses espaços, bem como a segurança e acessibilidade, são questões fundamentais no seu desenho como lugares sociais, económicos e culturais.

A vontade de compreender como, no contexto urbano, se estabelece a relação entre quem encomenda, quem projeta e quem utiliza o espaço, despertou um interesse especial. Quando o espaço urbano envolve a população — especialmente num contexto de comunidades culturais diversas — ele transforma-se, torna-se um espaço que potencia a cidade, como também numa mesa aberta de diálogo contínuo.

Como pessoa e arquiteta, acredito que hoje a intemporalidade é um elemento crucial no design dos espaços. Face às incertezas e instabilidades que afetam as cidades, sempre em constante transformação, é na aproximação aos utilizadores e na compreensão das suas vivências que, nós, enquanto arquitetos, conseguimos exercer de forma responsável e sustentável, a nossa disciplina.

2. Tais abordados nas disciplinas de arquitetura e arquitetura paisagista como "espaços verdes"

OBJETIVO

Considerando o papel do arquiteto como operativo e *“social de traduzir, transmitir e transformar a cultura”*[3], esta dissertação desenvolve-se consciente da complexidade de abordagem interdisciplinar que representa. *“Em arquitectura, visualidade e imagem, embora, dominantes, não são as únicas componentes. A arquitectura tem cheiro, gosto, tacto, ... A arquitectura condiciona a vida: pode estimular, ou pelo contrário, condicionar negativamente.”*[4]

Em resposta às preocupações manifestadas, o lançamento do concurso para a Requalificação da Praça Martim Moniz[5] surge como uma oportunidade para materializar reflexões centradas no seu contexto multicultural, no espaço público e na interação com a população envolvente. E, consequentemente, a explorar o potencial das dinâmicas que envolvem a participação da população em conjunto com as entidades responsáveis pelo concurso e as equipas técnicas envolvidas, destacando o papel interdisciplinar do arquiteto no processo de conceção e execução. As propostas de intervenção têm como premissa torná-la numa praça-jardim face às necessidades funcionais, sociais e culturais registadas pela comunidade. No entanto, pretende-se refletir sobre a eficácia da preparação deste concurso relativamente à sua recolha fundamentada das necessidades dos seus principais utilizadores, para que as propostas concorrentes e, por final, a vencedora, validem a urgente exigência de soluções para a desafiante e estigmatizada praça Martim Moniz.

Neste espaço ocidental e mediterrânico confrontam-se *“grupos sociais diferentes, [...] guiam-se por padrões completamente diferentes e são atuados por diferentes motivações”*[6]. Com estes confrontos sociais, também presentes na cidade de Lisboa, interessa perceber se esta instabilidade dificulta a sua integração no meio urbano, ou se, por outro lado, promove a sua inclusão, como uma estratégia que provoca a compreensão do funcionamento destas mesmas comunidades distintas, mas que partilham o mesmo espaço, e consequentemente, mitigando o chamado estigma.

O objetivo principal desta dissertação passa por entender como o espaço público se relaciona intrinsecamente com os diversos modos de ocupação, antecipando preventivamente zonas de conflito sociais e de resistência. Portanto, procura-se reafirmar um espaço público que aproxime a cidade e os residentes e gerações vindouras, através de uma abordagem refletiva sobre a escolha de estratégias para uma intervenção mais eficaz, através de uma ótica mais real e fidedigna, sendo possível verificar também uma diversidade de resposta, mas que pode ser determinada através da aproximação clara de todos os intervenientes.

3. AVERMAETE, Tom; ELEB, Monique (2006); pp.62-70

4. BYRNE, Gonçalo (2004) em “A Arquitectura está condenada a ser sempre contemporânea”; pp.10-21

5. Concurso para a Elaboração do Projeto de Requalificação da Praça do Martim Moniz pela Câmara Municipal de Lisboa em https://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/oBVUE1/requalificacao-da-praca-do-martim-moniz-lisboa

6. FILGUEIRAS, Octávio Lixa (1985) em “Prólogo”; p.21

METODOLOGIA

Esta dissertação começa por uma abordagem com base em pesquisa de arquivo e bibliografia de referência, do contexto geo-histórico da praça, da sua relação com a topografia, ligações urbanas, morfologia e dos vários processos de intervenção e de estudo feitos para a área da praça Martim Moniz, para uma melhor compreensão das decisões de planeamento urbano tomadas. Nesta primeira parte, é essencial caracterizar a realidade multicultural existente no lugar, as suas dinâmicas urbanas e socioeconómicas, e os modos de integração existentes no Martim Moniz.

Numa segunda parte, o estudo foca-se no concurso público para requalificação da praça Martim Moniz. Procura-se entender as abordagens estratégicas utilizadas na preparação do concurso, bem como na concretização do mesmo, e a consequência dos seus diversos procedimentos. Apresentam-se três fases: o processo participativo público, a organização programática lançada pelo município, e as propostas publicadas a concurso. Assim, todas estas fases são analisadas em confronto para entender momentos de convergência ou divergência, no que diz respeito ao desenho urbano da praça.

Dada a complexidade de leituras sobrepostas e culturas diversas, na terceira parte apresenta-se um ensaio reflexivo e sugestivo, com soluções associadas a determinadas culturas consideradas operativas para o trabalho, juntamente com bibliografia de referência considerada pertinente. De modo a dar uma perspetiva mais abrangente, foram realizadas algumas abordagens experimentais através de reconhecimento fotográfico de espaços públicos ou de atividades lúdicas noutras cidades, salientando a universalidade destas questões existirem futuramente em qualquer outro contexto urbano.

Nesta dissertação, para além dos anexos e apêndices, uma vez que se encontram temas de áreas que não são do domínio disciplinar da autora, optou-se por colocar em formato libreto[7] vários conteúdos de natureza sociocultural permitindo uma melhor compreensão do contexto multicultural que se identifica no Martim Moniz. Através de pesquisa interdisciplinar, juntamente com experiências laboratoriais noutras cidades, incluindo a realização de workshops em Guimarães ou percursos pelas praças e jardins no Porto, este volume complementa qualquer momento ao longo da dissertação para uma melhor fundamentação do posicionamento crítico ao longo da mesma.

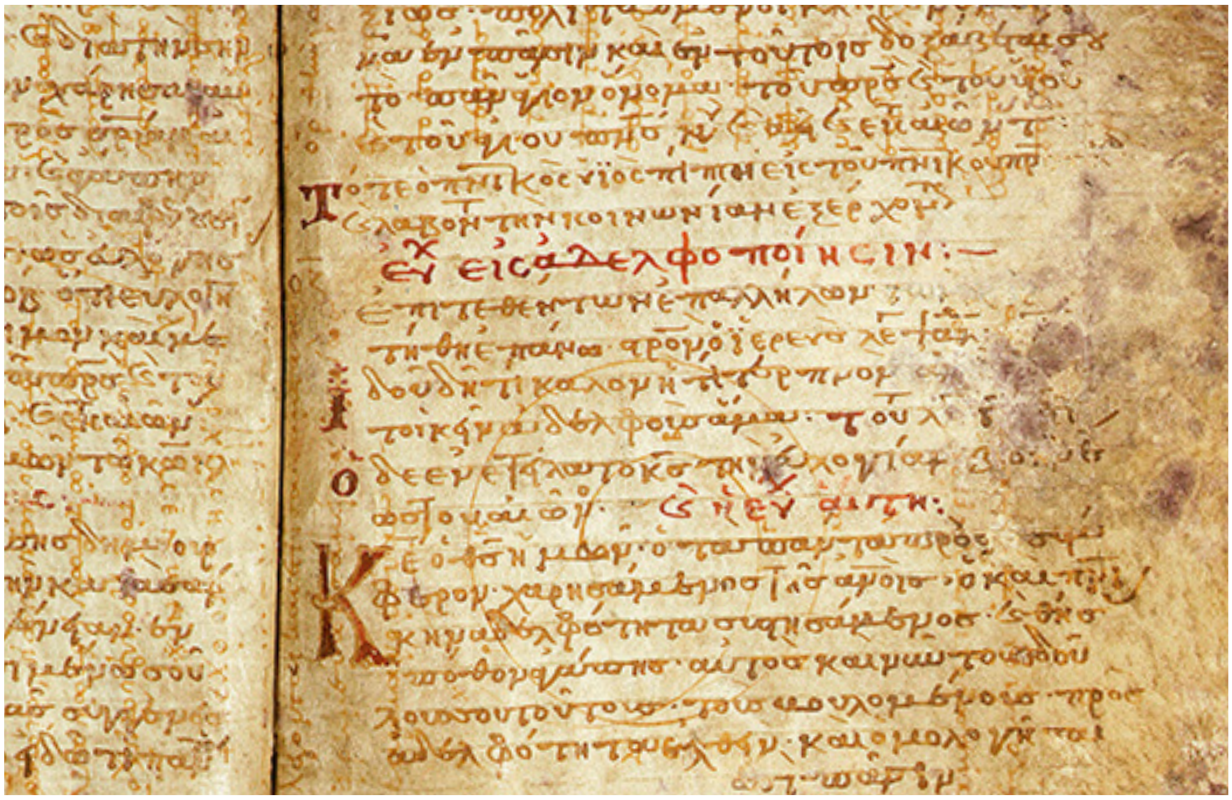
7. Importa referir que esta parte será inserida, em modelo digital, na primeira parte reforçando a componente multicultural existente in loco, e, em formato físico, será possível visitar em qualquer momento da dissertação num documento exterior ao volume principal da dissertação.

•**02.** Demolições no Martim Moniz (na página seguinte)



1.
CIDADE LEGADA

MEMÓRIA E ESTIGMAS



•**03.** Palimpsesto: Manuscrito medieval mas que é possível identificar registos do matemático de Siracusa Arquimedes

ESPAÇO HISTÓRICO E MULTICULTURAL COMO PALIMPSESTO

> *(Do lat. palimpsestus)*
> *Manuscrito em pergaminho cuja escrita primitiva foi apagada, através da raspagem dos caracteres ou descoloração por meios químicos, para se lhe sobrepor novos escritos.*[8]

8. Na Idade Média, a escassez e o elevado preço do pergaminho tornaram comum o uso dos palimpsestos. Um dos processos de utilizados para avivar a escrita descolorida dos palimpsestos são os raios ultravioletas. In Dicionário da Língua Portuguesa Contemporâneas da Academia das Ciências de Lisboa.

Esta dissertação começou por reconhecer este lugar como um palimpsesto, em que a praça é o *papiro*, onde ficam registadas as várias intermitências da sua existência, como a sua história, as suas gentes, os seus processos de evolução no território. Este território tanto representa uma carga de valor patrimonial, como também um incessante desfazer e fazer de novo.

Entende-se como um manifesto de um percurso temporal, tanto na evolução formal ou informal do desenho de uma praça como também na passagem de diferentes pessoas, atividades e quotidianos urbanos.

Na prática do urbanismo, *"ciência e teoria da localização humana"*[9], a grande dificuldade reside no pensar num espaço assumidamente flexível sem se definir a sua finalidade de apropriação. Esta flexibilidade do espaço, mesmo que seja aparente, disponibiliza-o a desafios e novidades, isto é, a possibilidades diferentes do uso do espaço.

9. CHOAY, Françoise (2000) p.2

André Corboz[10] refere-se ao território palimpsesto como um espaço sem forma nem escala ou textura. Um espaço, por negociação e relação, que está sempre subjugado à projeção, apropriação, interpretação e representação[11]. A pluralidade do território explicita-se numa:

> *"relação de apropriação (...) não é apenas de natureza básica, mas que, pelo contrário, envolve várias intenções, míticas ou políticas. Esta circunstância, que impede a definição de um território com base num único critério (...) indica que a noção não é 'objetiva'"*[12].

10. André Corboz (1928-2012) foi um historiador da arquitetura, urbanista e professor suíço, reconhecido por suas contribuições significativas nos campos da história urbana e da análise crítica do ambiente construído.

11. Exposição "Território como Palimpsest: O legado de André Corboz"em https://andrecorboz.usi.ch/exhibition

12. CORBOZ, André (2001) p. 213-214

Todas as intenções, todos os fenómenos que se vão desenrolando consoante os vários critérios expressando a *"sua extensão, [a] sua espessura e [a] sua metamorfose contínua"*[13] são camadas que fazem permanecer a substância do território.

13. CORBOZ, André (2001) p. 220

Cada lugar é único e quando existem zonas *“tratadas de forma demasiado brusca e inadequada, apresentam também buracos, como um pergaminho muito riscado: na linguagem do território, esses buracos chamam-se desertos”* [14].

Desta maneira, coincide-se um palimpsesto temporal, numa cidade física e histórica em Lisboa, os vestígios como qualquer cidade deixa escrito no solo ou nas fachadas de épocas anteriores, a chamada memória e a resistência característica da arquitetura.

Por outro lado, o cruzamento de ambientes sociais e de influências culturais reflete-se na psicogeografia complexa do lugar, juntamente com uma leitura de correlação dos seus relevos temporais e morfológicos.

> *“A compreensão da forma da cidade através da assimilação das suas virtudes e caraterísticas, bem como da deteção e atenuação das suas carências e defeitos, pode ser considerada uma definição mais profunda, e certamente mais geral, do conceito de ambiente.”*[15]

Assim, através das transparências destas camadas sobrepostas, ou por raspagem ou por descoloração, suscitar-se-ão novos cenários e contextos hipotéticos.

No entanto, questiona-se se, efetivamente, o fenómeno se representa como palimpsesto quando as dinâmicas urbanas, intervenções e demolições presentes acontecem a um ritmo muito mais acelerado, que não acompanha os tempos de transição e os seus registos, como antes se observava. De facto, nas cidades presentes, os processos de obra, as construções e as experiências de uso, talvez por facilidade tecnológica ou por outros motivos, como financeiros ou políticos, não são tão lineares e claros nos seus prazos, como se verificará ao longo desta dissertação. Enquanto que, anteriormente, quando se lia um palimpsesto, cada camada estava associada diretamente a um intervalo temporal mais definido ou mais longo.

> *“Uma política de conservação urbana, portanto, começa com conhecimento e compreensão. Para ser eficaz, deve estar baseada em valores culturais amplamente aceites sobre o “porquê” e o “para quem” da conservação. Somente quando os valores do núcleo histórico tiverem entrado na consciência popular será possível planear a sua restauração e esperar que os resultados sejam bem cuidados.”* [16]

São necessários estes períodos de transição, um período para ‘*raspar*’ meticulosamente.

14. CAPITEL, Antón (1988); p. 60

15. CORBOZ, André (2001); p. 228

16. CERVELLATI, Pier-Luigi, “Preservation with Participation” em *The Scope of Social Architecture* (1984); p.241

Atualmente, nas cidades contemporâneas, o que se sucede não é um palimpsesto no sentido etimológico da palavra, mas sim no seu carácter de coexistência. No contexto da praça Martim Moniz, o palimpsesto identifica-se como coexistência no sentido da prática do urbanismo cada vez mais interventiva e instável.

Posto isto, reparemos numa *"cidade* [efémera sem tempos de transição nem de reconhecimento] *fragmentada [que] tem a tendência a ser uma cidade fisicamente 'despilarradora' socialmente segregada, economicamente pouco produtiva, culturalmente miserável e politicamente ingovernável"* [17], principalmente quando se associa um conjunto de dificuldades sociais fomentadas por estigmas e medos sociais que se refletem na qualidade de vida urbana da cidade. Estas dificuldades representam perguntas, que por sua vez exigem respostas, eficazes ou não, consoante a circunstância.

17. BORJA Y MUXÍ (2003); p.29

•**04.** Montagem da autora recriando o palimpsesto presente no Martim Moniz



§

"Não é disto que é feita a cidade, mas sim das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do seu passado"

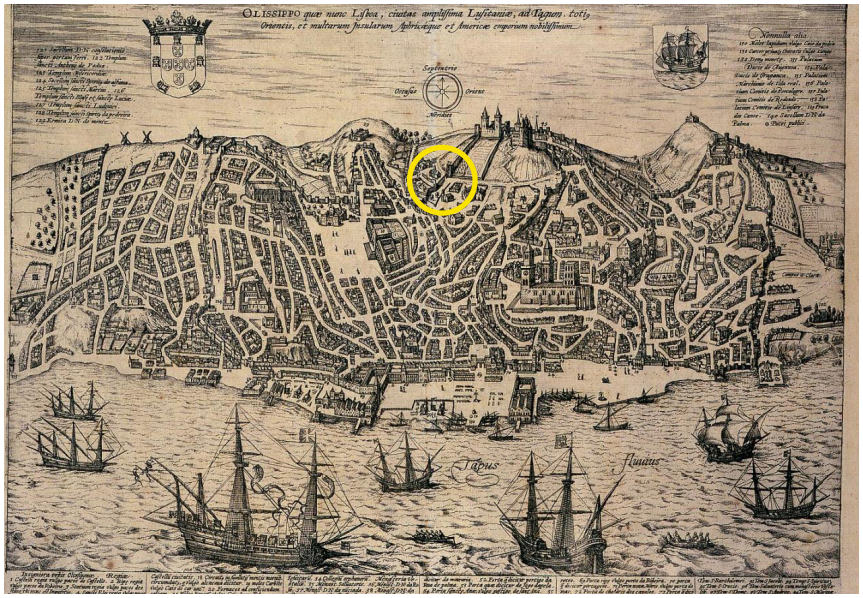
CALVINO, Italo (1993); p.14



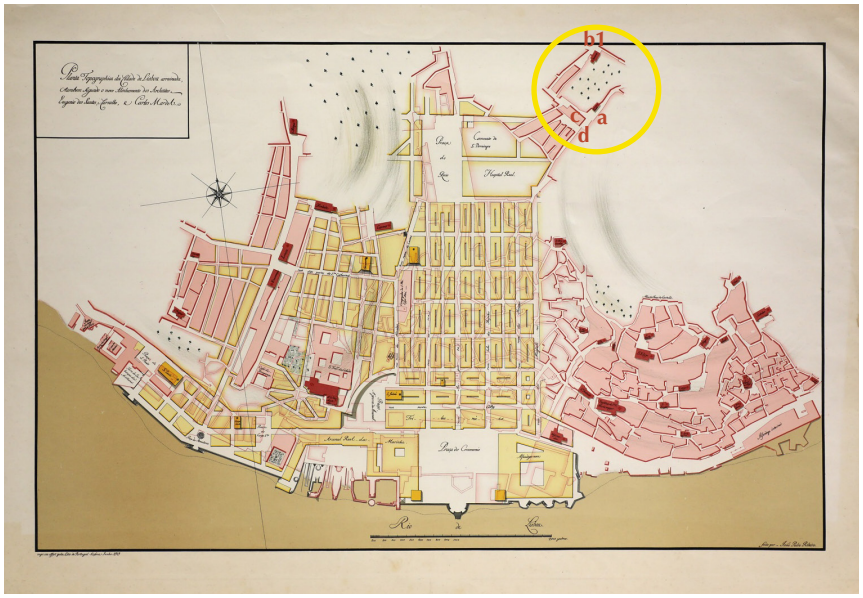
“Do mesmo modo, no que respeita aos edifícios, trata-se de retomar a vocação pública de alguns equipamentos que ainda persistem neste território, e de criar novos espaços associados a programas públicos em pontos-chave, que permitam não apenas criar dinâmicas locais, mas também incrementar fluxos e vivências deste território à escala da cidade.

Se a centralidade dada ao tema do espaço público é, neste contexto, mais do que pertinente, dadas as características específicas deste território que foram referidas, esta opção estratégica não deixa igualmente de refletir um ponto de vista sobre o modo de operar nas cidades. Trabalhar sobre a transformação do espaço público, na convicção de que este pode ser um motor para mudanças no tecido urbano e social, é uma linha de atuação defendida por algumas correntes do urbanismo e que tem norteado o delinear de políticas urbanas para as cidades nas últimas décadas”.[15]

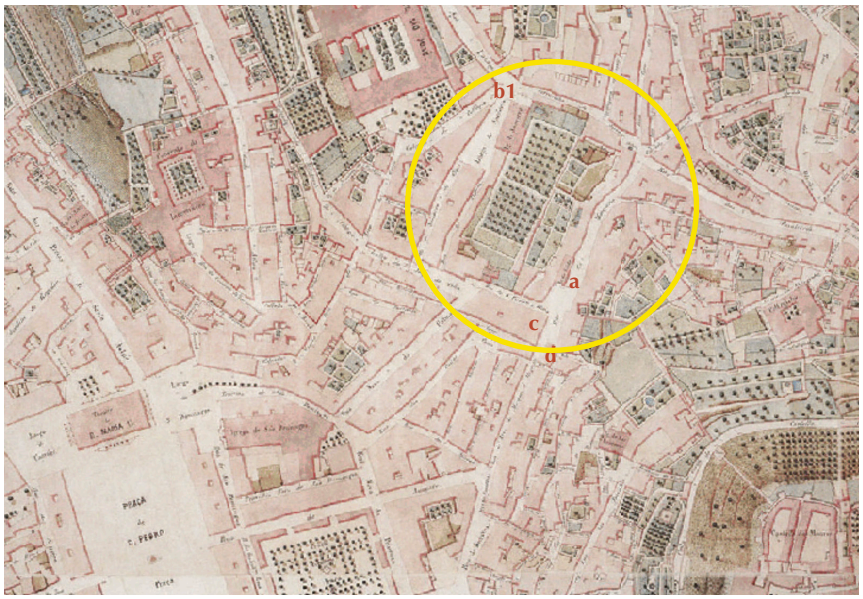
LOBO, Inês; VARELA, Júlia (2020) ATLAS ALMIRANTE REIS; p.16







•**05.** Demolições rua do teatro Apollo (na página anterior)



•**06 e 07.** Capela da Nossa Senhora da Saúde e a sua relação com a Muralha Fernandina e Porta da Mouraria no atual Martim Moniz.
a. Capela da Nª Sª da Saúde
Olissippo quae nunc Lisboa,civitates amplissima Lusitaniae, ad Taguma
Lisboa no século XVI

•**08.** Igreja do Socorro já construída e a Capela da Nossa Senhora da Saúde no atual Martim Moniz
Planta de Lisboa, 1758
a. Capela da Nª Sª da Saúde
b1. Igreja do Socorro
c. Palácio do Marquês do Alegrete
d. Arco do Palácio do Marquês do Alegrete

•**09.** Crescimento urbano, construção de novos edifícios, hortas e jardins
Planta Histórica de Lisboa de Filipe Folque, 1858
a. Capela da Nª Sª da Saúde.
b1. Igreja do Socorro.
c. Palácio do Marquês do Alegrete
d. Arco do Palácio do Marquês do Alegrete
Transformções melhor explícitas na p. 28

CONTEXTUALIZAÇÃO

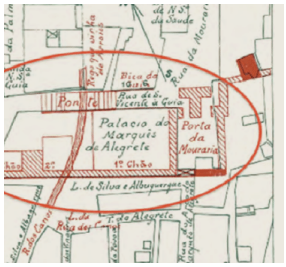
A *noção do espaço como um lugar arqueológico*[18] evidencia um passado que revela uma ocupação territorial. Apesar de acontecerem várias mutações urbanas consoante a sua evolução, reflete-se a constante consciência do arquiteto em estar atento à memória do lugar com vista a atender ao presente, não condicionando o futuro, e assim transmitir a sua história.

18. MARTI ARÍS, Carlos (1999); p.10

No contexto português, o país é fortemente influenciado pela sua proximidade com o continente africano, o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico, servindo como porta de entrada para comunidades estrangeiras, nomeadamente africanas e do Médio Oriente. Localizada num ponto estrategicamente acessível como um lugar de oportunidades, Lisboa tem vindo a atrair massas migratórias cada vez maiores em busca de melhores condições de vida. Com elas também chegam diferentes culturas e experiências, fenómeno que tem vindo a ser observado em outras cidades europeias.

Lisboa, no entanto, possui um passado de encontros multiétnicos reconhecido, dada a história das antigas colónias portuguesas[19] desde o séc. XVI, e, posteriormente, a sua permanência e crescimento das gerações resultantes. Como por exemplo, muitas das famílias de nacionalidade portuguesa, e com origens de países africanos, já existem e permanecem na luso-cultura estabilizadas com empregos e famílias. Posteriormente com a Muralha Fernandina, a entrada pela Porta da Mouraria determinava um espaço de transição: os que chegavam das embarcações e permaneciam intemporariamente nesses espaços de fronteira, de transição..

19. Territórios ocupados pelas antigas colónias portuguesas, como Barsil, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Goa, etc



•10. Porta da Mouraria e Muralha Fernandina, onde posteriormente se localiza o Arco do Palácio do Marquês do Alegrete

Contudo, devido a estes fluxos migratórios para países europeus, as cidades assistem a um fenómeno multicultural que exige uma urgente reformulação dos princípios urbanos. Também se assiste a este processo noutros setores, como na habitação, no seu desenho e uso. Esta realidade deve estar representada e disponível não só para uma integração urbana, mas também socioeconómica.

A PROPÓSITO DO MARTIM MONIZ: ALGUNS DEVANEIOS PELA HISTÓRIA E HISTÓRIAS

(Selecção de textos e imagens de J. M. Fernandes)

Prólogo: Ontem como Hoje...

«Oh! Cidade mártir entre as cidades do Orbe, mártir dum chão fendido e histérico, mártir dos homens, porém, muito mais que dos azares da natureza! Foi necessário que a mais absurda anarquia mental nos houvesse obliterado, não já o superior senso estético, mas o simples senso comum, para que esta capital, sublimada nas mãos de Deus Criador, que tão voluptuosa a ritmou de colinas e debruçou no Rio, tivesse descido até aos desconchavos, aos crimes, às idiotias da farça contemporânea, composta, por uma banda, de chiquezas horríveis, e, por outra, ansiosa em falsificar ou desonrar o que lhe resta de grandioso e urbano, e de demolir ou desprezar o que ainda guarda de tocante, amorável e lindo!

(...) Em-fim, a Lisboa que ainda guarda fisionomia própria, e a única que é capaz de cativar as pessoas para quem os Museus não sejam os Grandes Armazéns, ou Catedrais os Bancos de fachadas insolentíssimas.

(...) Atroz Lisboa, sob o azul mais lindo!...

(...) Nesta Lisboa mais moderna, a dos Bancos, dos Cafés politicos, das novidades torpes, simbólicos da vida e acção do Estado, e as quais, dos baixos da sua indiferença expatriada, a Nação vai contemplando (...).

(...) — nesta cidade bancária e andrajosa da lúgubre anarquia sob a luz mais decorativa da Terra — e a mais esforçada em recompensar o menor decorativo esforço! — restam-nos dois recursos, a-fim de consolarmos o singular desterro: — o Tejo e a Lisboa Velha.»



(Affonso Lopes Vieira, in «Lisboa Velha», 1925)

«A Lisboa do fim do século XIX, e especialmente a cidade baixa, caracterizadamente pombalina, apesar do seu fraco movimento e da monótona harmonia das suas construções, impressionaram o meu espirito de provinciano ingénuo, moço e ignorante, como a última palavra do urbanismo estonteante das capitaes.

(...) Breve, porém, essas ruas, e as do resto da cidade, passaram infelizmente pelas maiores e mais desconchavadas transformações, e, mais por perversão do gosto do que por necessidades de facto, foram as construções pombalinas e os seus lindos pormenores sendo substituidos pelas correntezas de banalissimos casarões de platibanda, cheios de reles exotismo, os quais, por minha desgraça e de alguns outros, que assim pensam, somos, quaes passageiros deste outro «Progresso», — obrigados, bem constrangidamente, a olhar todos os dias.»

(Roque Gameiro, in «Lisboa Velha», 1925)



Antes do concurso

Parte já periférica da Mouraria(1), horizontal e imbrincada que está numa área recente de expansão de Lisboa (o arranque da Av. Almirante Reis), o MM é bem o símbolo e o resultado de dois mundos diferentes dentro da mesma cidade: a malha orgânica, medieval e mourisca, lúmpem e proibida, confusa e fechada, e a urbe burguesa, arrumada e aberta, asseada e eficazmente comunicante da Avenida.

Demolida grande parte das edificações do MM, dentro de uma política camarária de «facilitação» do trânsito (2) no centro da cidade que foi dominante nas décadas do pós-guerra, e que, como Keil Amaral refere na «Lisboa Cidade em Transformação», tão criminosa se revelou no que respeita à sobrevivência de conjuntos urbanos de reconhecido significado e qualidade — e aqui, entre palácios, restos de muralha fernandina e vulgares prédios de habitação, apenas se salvou uma capela, ao que se diz por devoção presidencial —, era necessário reinventar e dar um sentido novo, que se pretendia também diferente, ao espaço «vazio» resultante: e a ideia de dar «dignidade urbana e arquitectónica» a uma área antes «popular e suja» estava na base dos conceitos aplicados no primeiro plano para o novo MM (3): em 1948, Faria da Costa propunha, com efeito, uma grande praça rectangular, que podemos, com certa liberdade de imaginação, adivinhar parecida com a do Areeiro — e que refazia a atribulada e confusa ligação entre a Almirante Reis/Rua da Palma e a Baixa/Praça da Figueira, em moldes de grandes edifícios modernos, de que apenas se executou o Hotel Mundial...

Optava-se pelo monumental, numa intervenção autoritária típica do Estado Novo, desprezava-se a tradição popular da Mouraria, empurrando a população desalojada pelo camartelo para Alvalade (4).

Compreensível à luz da época, a obra de demolição veio pôr, a partir de então (5), o problema grave de que não era fácil como parecia à primeira vista refazer um «pedaço» da cidade brutalmente anulado: de facto, as urbes vivem de uma teia complexa de relações humanas, físicas e ambientais consolidadas, que uma vez desfeitas não se reconstituem senão muito lentamente, e já com outro sentido; esta questão foi agravada ainda no caso concreto pela incapacidade de o Município conseguir ao longo dos decénios «sarar a ferida» aberta, pois nenhum dos planos previstos foram executados: em 67, o estudo do Plano Director de Lisboa «perspectiva» em monumento isolado uma construção sem escala e dimensão (6) para desempenhar esse papel; em 76, o estudo da EPUL «fotomonta» uma coexistência de estruturas modernas de espaço e forma com a encosta da cidade velha ao fundo, como que dois mundos de difícil diálogo... (7) actualmente, novos estudos foram executados por iniciativa camarária, repetir-se-á mais uma vez o falhanço de nada se conseguir construir apesar de?

(J. M. Fernandes, in dossier Mouraria, do Centro Nacional de Cultura, Maio de 81)

notas (de agora, pelo autor)

(1) Mas contendo apesar dessa periferia, e «alma central» da Mouraria que era o arco do Marquês do Alegrete...

(2) Seria também curioso averiguar da importância que teve na altura da demolição a ideia corrente de que as áreas antigas e velhas «são para demolir» e não há alternativa.

(3) Estudo integrado num plano de remodelação da área central da cidade, que incluía túneis rodoviários, e que fazia parte do Plano de Urbanização de Lisboa, de De Groer.

(4) A área mítica da «cidade nova» de então.

(5) Por azar (ou sorte?) para o Martim Moniz, a publicação do Plano de 48 vem coincidir com o fim da era das Grandes Obras Públicas, com todo o cortejo de cortes de verbas oficiais e de projectos engavetados — seria também interessante saber da relação entre este «espírito» da altura e o facto de o estudo de Faria da Costa não ter sido executado.

(6) A humilde capelinha da Senhora da Saúde.

(7) Como o Hotel Mundial é «resíduo» do plano gorado de 48, um pequeno troço de edifício junto ao antigo «Salão Lisboa» vai sê-lo do plano da EPUL de 75, já que se encontram actualmente em construção.

A PRAÇA MARTIM MONIZ

"o M[artim]M[oniz] é bem o símbolo e resultado de dois mundos diferentes dentro da mesma cidade: a malha orgânica, medieval e mourisca, lúmpem e proibida, confusa e fechada, e a urbe burguesa, arrumada e aberta, asseada e eficazmente comunicante da Avenida."[20]

20. LAMAS, José (1982); "Renovação Urbana do Martim Moniz"; p.28

A praça Martim Moniz pertence à freguesia de Santa Maria Maior, no município de Lisboa. Esta praça encontra-se fortemente relacionada à geografia e topografia da cidade, pois localiza-se no vale de Arroios, entre duas encostas, a da colina do Castelo de São Jorge e a da colina de Santana, a sua envolvente é composta por cinco bairros: Mouraria, Baixa Pombalina, Pena ou Santana, São Lázaro e Bairro da Rua da Palma, bairros estes com grande densidade populacional, principalmente o da Mouraria e o da Palma.

A "*cidade, que encontramos sempre no seu próprio lugar, acrescenta à sua condição intrínseca de mutabilidade*"[21], onde encontramos os seus pontos fixos, características geográfica e topográficas, mas também se acrescentam os edifícios e os seus vazios, capazes de alterar a cidade que conhecemos.

21. CAPITEL, Antón (1988); p.82

Relativamente à cidade de Lisboa, depois da Praça do Comércio, esta é a segunda maior praça no núcleo histórico e encontra-se muito próxima de duas praças muito percorridas, Praça da Figueira e Praça de D. Pedro IV (Rossio). A praça em estudo identifica-se como espaço de transição urbana, uma vez que a Baixa Pombalina, zona central histórica central da cidade, apresenta um desenho urbano homogéneo e regular, enquanto que a zona periférica cresceu ao longo do séc. XX, pelo eixo da Rua da Palma e Av. Almirante dos Reis, acompanhando várias fases urbanas.

Neste território existem registos de oito mil anos atrás como vestígios de povoados neolíticos situados neste vale, onde tinham contacto com o rio. Posteriormente, na Idade Média, com o atravessamento da Cerca Fernandina (1373-1375), a fixação humana tornou-se mais significativa. Em 1755, com o terramoto muitas construções sofreram danos graves, no entanto alguns resistiram, como a Capela de Nossa Senhora da Saúde e a Igreja do Socorro.

•11. Pensamentos sobre Martim Moniz
Revista *arquitectura* nº 146, maio, 1982 (à esquerda)







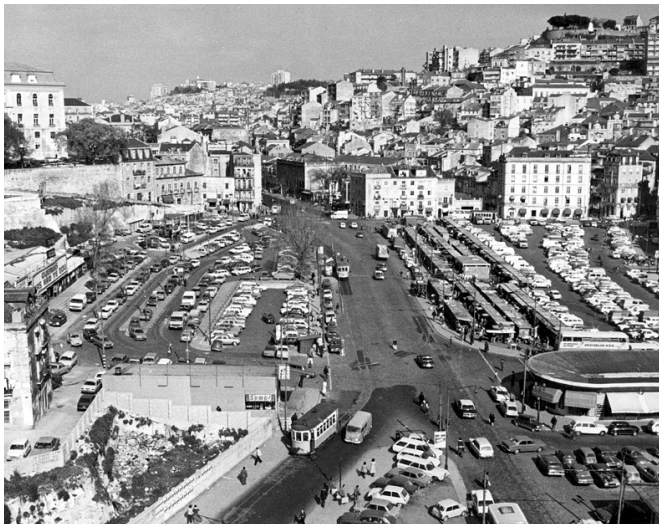


•12. Rua da Mouraria e Capela da Nossa Senhora da Saúde (a)

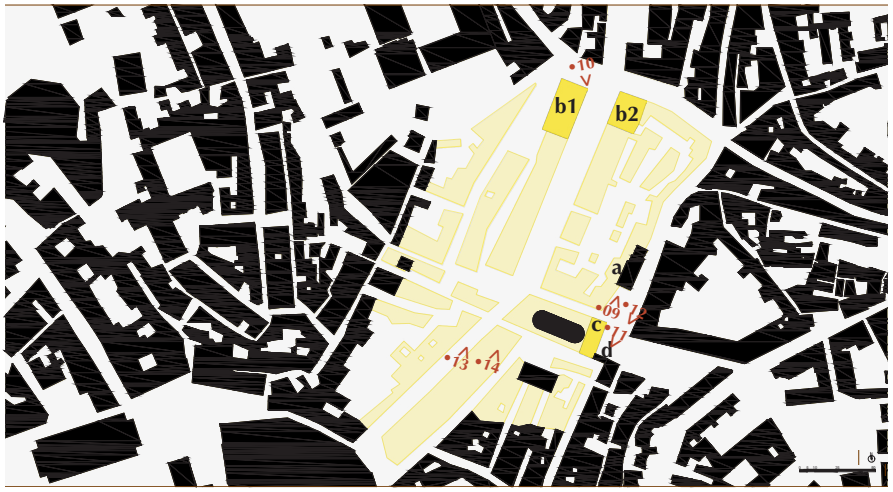
•13. Local onde existiu a Igreja do Socorro e ao lado do teatro Apollo (b1) (b2)

•14. Arco e Palácio do Marquês do Alegrete, 1900 (c)

•15. Arco e Palácio do Marquês do Alegrete, 19xx - demolições (d)







•16. Parque de estacionamento público na atual praça Martim Moniz, após todas as demolições, posterior a 1962

•17. Início do parque de estacionamento público, ainda existiam algumas construções, 1962

•18. Planta com localização histórica da praça. A preto representa os anos 60.

Esc.: 1:5000

Durante o pós-terramoto, a reconstrução da cidade deu "*uma nova configuração morfológica através de novos pensamentos iluministas de desenho urbano, que surgiam neste período, dos quais surgiram técnicas e sistemas construtivos inovadores a nível europeu"*.[22] Com a Revolução Industrial, que acontecia em toda a Europa, o acelerado crescimento urbano com o aumento de oferta de empregos só veio a acentuar os núcleos habitacionais no território, mais becos e largos que tanto se associam a cidade de Lisboa. E, seguidamente na segunda metade do séc. XIX e depois na Primeira República [23] até ao contexto ditatorial do Estado Novo (1933-1974), a preocupação com a população frágil e socialmente aí residente e a vontade de implementar princípios de higienização e embelezamento que o regime do momento defendia, levou a muitas demolições e ao desaparecimento de ruas e largos, e, com eles, a história do lugar.

O Martim Moniz encontra-se como o vazio que:

"*resulta na sua configuração actual de um conjunto de expropriações e demolições efectuadas pela Câmara de Lisboa a partir dos anos quarenta. (...)* [para] *promover uma política de renovação de uma área central que se considerava degradada, de acordo com as ideias urbanísticas dominantes na época do pós-guerra. Do tecido urbano popular e denso que ocupava o antigo vale nada ficou, exceto a Capela da Nossa Senhora da Saúde. Hoje recordamos por fotografias (...) esses conjuntos urbanos demolidos:* [como] *o Arco do Marquês do Alegrete, que emprestou nome à rua*"[24], o Palácio do Marquês de Alegrete, a Igreja do Socorro, o Teatro Apolo, com também habitações e restos da muralha fernandina. Estas demolições, assumidas como uma "*política de camarária de "facilitação" do trânsito* "[25] eram comuns numa época pós-guerra. Posteriormente o espaço é aproveitado através de pavilhões temporários de comércio e de serviços de transportes públicos, até ser objeto de variados programas camarários para intervenção.

22. NUNES, Flávio (2022) "Reconstruir cidades destruídas: As opções urbanísticas decisivas na Renovação de Lisboa após o Terramoto de 1755"; p.237

23. Após a implantação da República, em 5 de outubro de 1910, foi constituído um Governo Provisório e, em maio seguinte, eleita uma Assembleia Nacional Constituinte com o propósito de aprovar a nova Constituição. No dia 21 de agosto de 1911, foi aprovada a primeira Constituição da República Portuguesa e, na mesma ocasião, eleito o primeiro Presidente da República Portuguesa: Manuel de Arriaga.

24. LAMAS, José (1982); "Renovação Urbana do Martim Moniz"; p.26

25. LAMAS, José (1982) "seria também curioso averiguar da importância que teve na altura dademolição a ideia corrente de que as áreas antigas velhas 'são para demolir' e não há alternativa" nota em "Renovação Urbana do Martim Moniz"; p.28





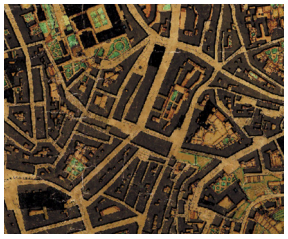
•**19.** Interpretação da Planta Histórica de Guilherme Menezes de 1761 - da da direita - com o quarteirão definido pelos dois edifícios religiosos e com a presença da Muralha Fernandina a atravessar a cidade.





•**20.** Interpretação da Planta Histórica de Filipe Folque de 1858 - da da direita - com o quarteirão com começos de desfragmentação urbana para novas construções no contexto do séc.XIX com Revolução Industrial.





•**21.** Interpretação da Planta Histórica de Silva Pinto de 1911 - da direita - na qual se verifica a zona do Martim Moniz densamente ocupada com a formação de novos quarteirões bem como edifícios de carácter público.



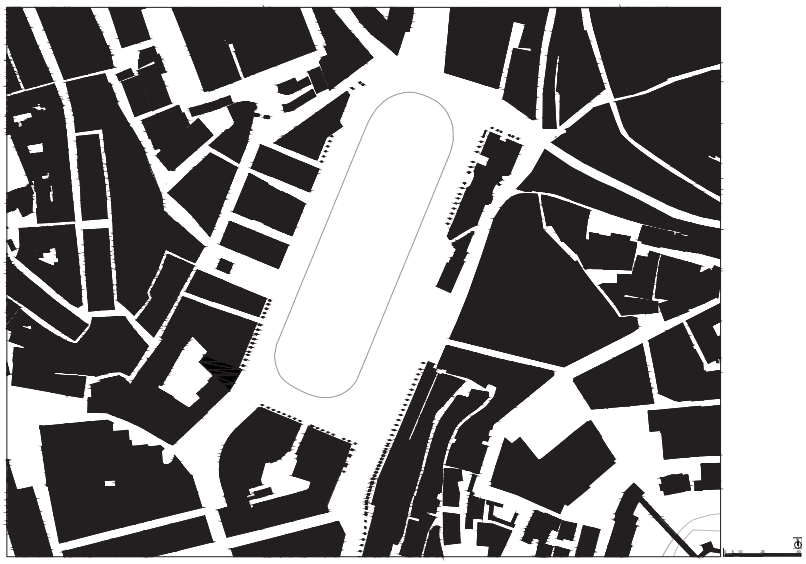
• **22.** Planta da zona do Martim Moniz em 1950 aproximadamente. Alguns edifícios como a Igreja do Socorro e outros quarteirões são demolidos.
Desenho feito com base em fotografias visitadas no Arquivo Municipal de Lisboa Online e com recurso às plantas históricas anteriores.



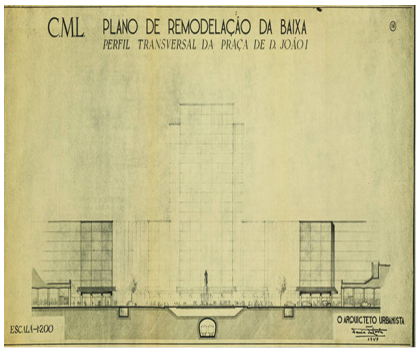
• **23.** Planta da zona do Martim Moniz, a partir de 1960 aproximadamente. Representando as contínuas demolições, sobrando o edifício resistente a capela da Nª Sª da Saúde, e o vazio urbano onde se procederam as seguintes intervenções urbanas.

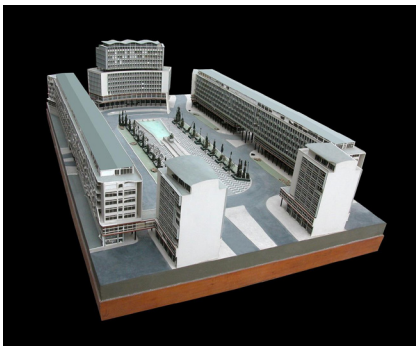


•**24.** Planta atual da praça Martim Moniz de 2024. Como um resultado, após 20 anos com vários projetos pensados, de uma combinação de projetos urbanos diferentes.



Plantas à esc: 1:5000

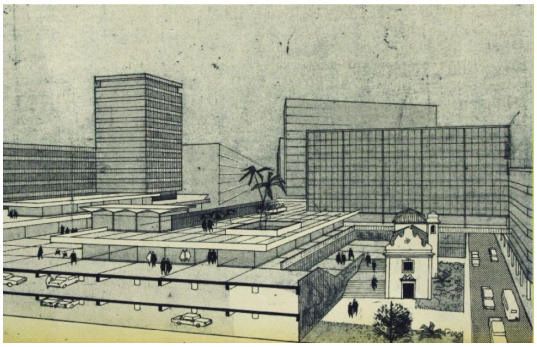




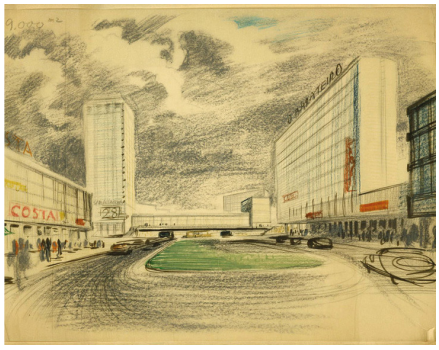
•25. 1949-1950 - Plano de Remodelação da Baixa - João Faria da Costa e Jorge Costa Maia; Desenho em corte com plano da linha de metro já presente e perspetiva da Rua da Palma

•26. Maquete da Praça Martim Moniz com o Hotel Mundial no fundo; de António Martins Sampaio, 1948





•27. 1965 - Estudo de Conjunto Martim Moniz - Gabinete do Plano Diretor da Cidade de Lisboa - equipa de arquiteto Meyer Heine; Desenho com vista para o castelo de São Jorge
•28. Desenho de Integração da Capela da Nossa Senhora da Saúde no estudo urbano



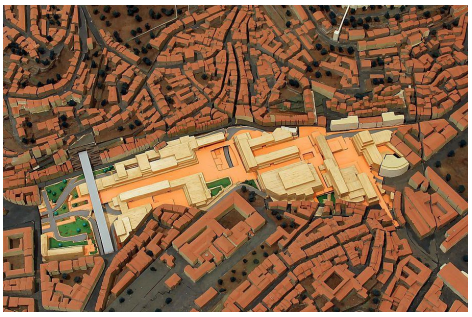


•29. e 30. 1967 - Plano Diretor de Urbanização de Lisboa, Gabinete do Martim Moniz;
Desenhos do pintor Jaime Barata





•31. e 32 1972 - o Plano de Renovação do Martim Moniz pela EPUL;
Maquete de Armando Serôdio



•33. 1975 - “A equipa era constituída pelso arquitetos Filipe Lopes e Leopoldo Criner, entre outros. Deste estudo apenas um edificio na Rua do Arco do Marquês do Alegrete foi construído (1982), tendo a conjuntura económica e política após 1975 inviabilizado a sua concretização.”

Ao longo de 40 anos, como refere José Lamas,

"*planos e projetos que, para além da tentativa de resolução dos variados e complexos problemas existentes nesta zona da cidade – e também criados pela operação de renovação urbana – são também o testemunho de épocas de pensamento urbanístico nacional que, logicamente, segue as ideias europeias, [...] que se verifica através da documentação entre desenhos e maquetes*."[26]

Em 1948, surge o primeiro estudo de Faria da Costa, que propõe uma grande praça retangular e *"grandes construções num espaço que se pretende monumental do qual apenas se concretizou o troço do Hotel Mundial"* [27]. Não sendo possível a sua continuidade para o Município, a praça permanece como vazio anteriormente apresentado.

Já nos anos sessenta, surgem os primeiros estudos urbanos sobre a cidade dirigidos pela equipa do arquiteto Meyer-Heine[28]. O Plano Diretor da cidade de Lisboa inclui a área do Martim Moniz, considerando as consequências da intervenção de Faria da Costa, e pretende articular com a evolução urbanística proposta para à restante cidade. *"É de notar que se passava uma dúzia de anos e que os modelos de intervenção urbana orientam as propostas noutro sentido."*[29]

Em 1965, "*Para a concretização e execução final dos estudos do Martim Moniz o plano definitivo é confiado ao atelier dos arquitectos Eduardo Paiva Lopes e A. Barros da Fonseca*"[30], estes desenvolvem alguns estudos prévios, mas com a criação do Gabinete Martim Moniz pela Câmara, nenhuma parte chega a ser construída. Os modelos de referência que serviram as várias propostas acompanhavam operações de renovação urbana europeias como "*forte incidência dos esquemas de tráfego (...) e a inserção de uma estrutura urbana descontínua em relação á cidade envolvente*"[31]. Repare-se que "*ainda não havia crise energética e as cidades adaptavam-se (destruindo-se) à voracidade espacial da circulação automóvel*"[32], tema que o autor já apresentava uma preocupação ecológica em 1982 e que permanece urgente atualmente.

Em 1972, com a mudança de presidência municipal, o Gabinete Martim Moniz é encerrado e a operação urbana é entregue à EPUL[33], esta mantém os pressupostos urbanísticos, como o esquema viário e segregação do tráfego peões-automóveis e os espaços são propostos com escalas mais reduzidas[34]. Entretanto, em 1975, a conjuntura instável política e económica traduziu-se na impossibilidade de concretizar este plano.

26. LAMAS, José (1982) em "Renovação Urbana do Martim Moniz"; p.26

27. Idem, Ibidem

28. "A equipa do Plano Diretor de Urbanização de Lisboa, dirigida pelo arquiteto Meyer-Heine, inicia os primeiros estudos sobre a cidade e suspende o Plano de remodelação da Baixa. Dentro da equipa surge um conjunto de novos estudos para o Martim Moniz. As propostas seguiam as ideias europeias sa época apresentando grandes ruturas com o tecido urbano existente, grandes edifícios, rompimento e alargamento de ruas para melhor circulação de veículos, construção de grandes rotundas e enormes espaços pedonais." em "Praça Martim Moniz, Da memória ao futuro"; https://informacao.lisboa.pt/

29. LAMAS, José (1982) em "Renovação Urbana do Martim Moniz"; p.26

30. Idem, Ibidem

31. Idem, Ibidem

32. Idem, Ibidem

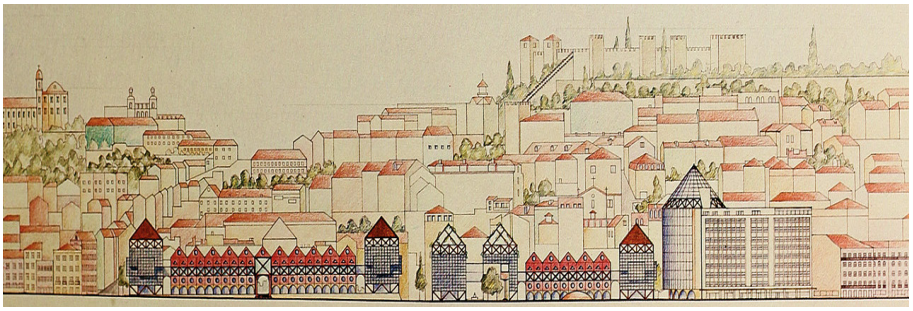
33. EPUL - Empresa Pública de Urbanização de Lisboa; "criada pelo Governo em 1971 para controlar a especulação imobiliária e a construção privada e desregrada nas áreas suburbanas. Parte doS terrenos municipais foram transferidos para a EPUL e anexados a outros terrenos do Estado."; em "Praça Martim Moniz, Da memória ao futuro"; https://informacao.lisboa.pt/fileadmin/informacao/dossies/

34. LAMAS, José (1982) em "Renovação Urbana do Martim Moniz"; p.26

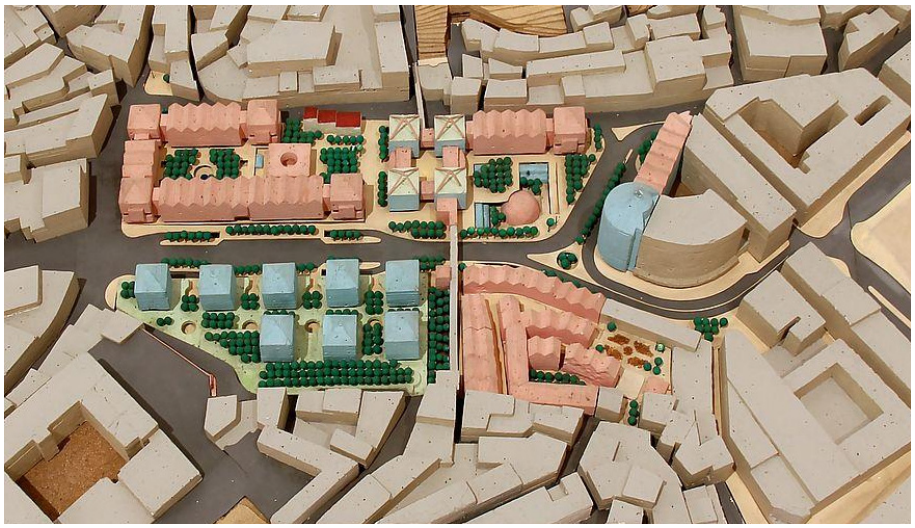




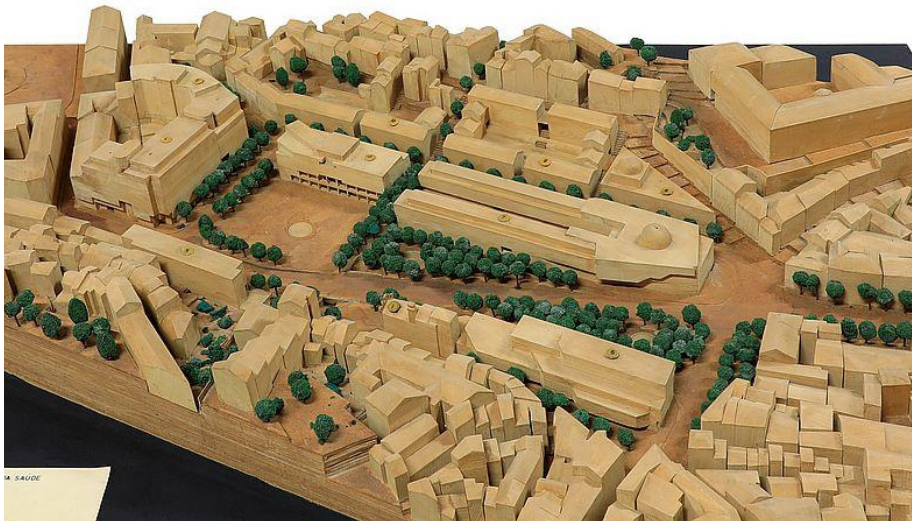
•34. 1980 - Proposta da equipa do arquiteto Francisco Silva Dias; Desenho do autor
•35. Maquete da proposta



•36. 1980 - Proposta da equipa dos arquitetos Tomás Taveira e Troufa Real; Desenho do alçado poente do autor;



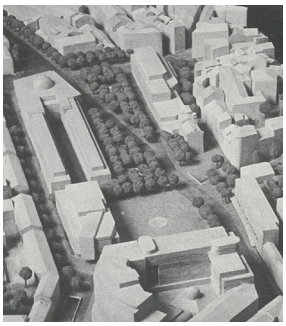
•37. 1980 - Maquete da proposta



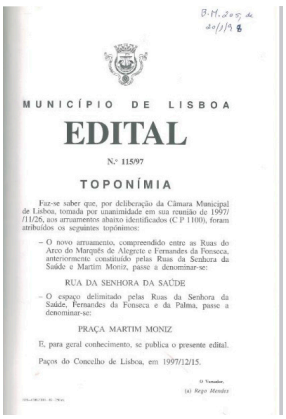
•38. 1982 - Proposta vencedora da equipa dos arquitetos Carlos Duarte e José Lamas; Maquete da proposta completa, em que os dois edificios no interior da atual praça não foram construídos

35. idem, ibidem

36. idem, ibidem



•**39.** Maquete da proposta vencedora:
"O vencedor do concurso lançado em 1982 pelo Gabinete Público de Urbanismo de Lisboa, o projeto foi concebido para preencher o grande vazio criado pelas demolições dos anos 50 no centro histórico, entre a baixa pombalina, os edifícios antigos e mais ou menos degradados das encostas da alta e um dos eixos de expansão do início do século. A solução proposta remete para o tecido envolvente, uma diagonal que prolonga o eixo da rua e o espaço público central que acolhe um equipamento cultural."
em (1992) *Portugal Architecture 1965-1990*; p.43



MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL

Nº 115/97

TOPONÍMIA

Faz-se saber que, por deliberação da Câmara Municipal de Lisboa, tomada por unanimidade em sua reunião de 1997/11/26, aos arruamentos abaixo identificados (C.P 1100), foram atribuídos os seguintes topónimos:

– O novo arruamento, compreendido entre as Ruas do Arco do Marquês de Alegrete e Fernandes da Fonseca, anteriormente constituído pelas Ruas da Senhora da Saúde e Martim Moniz, passe a denominar-se:

RUA DA SENHORA DA SAÚDE

– O espaço delimitado pelas Ruas da Senhora da Saúde, Fernandes da Fonseca e da Palma, passe a denominar-se:

PRAÇA MARTIM MONIZ

E, para geral conhecimento, se publica o presente edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1997/12/15.

•**40.** Edital da Toponímia da Praça Martim Moniz e da Rua da Senhora da Saúde, Edital nº115/1997

Em 1976, "*o estudo da EPUL 'fotomonta' uma coexistência de estruturas modernas de espaço e forma com a encosta da cidade velha ao fundo, como que os dois mundos de difícil diálogo*"[35] como o Hotel Mundial de 1948 e o edifício "Salão Lisboa" da EPUL que já estava em construção.

Posteriormente, em 1980, a EPUL lança um "*concurso público para a elaboração do Plano de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz para uma zona limitada a demolições, sensivelmente metade da dos estudos anteriores.*"[36] No concurso concorreram 63 equipas, sendo 27 aprovadas e apenas 3 passaram à fase final para desenvolvimento e formalização das suas propostas de projeto. As propostas finais foram das equipas seguintes: do arquiteto Francisco Silva Dias, dos arquitetos Tomás Taveira e Troufa Real e dos arquitetos Carlos Duarte e José Lamas, sendo a última a proposta vencedora.

A proposta vencedora não é construída na sua totalidade, em 1982, apenas alguns edifícios de carácter público são implementados na envolvente, como o edifício do Centro Comercial do Martim Moniz, como também o da Mouraria e seu anexo à capela, um edifício de escritórios próximo do Salão de Lisboa e Hotel Mundial, a extensão do Hotel Mundial e a calçada artística no largo da capela e na Rua da Mouraria.

Em 1994, o Plano Diretor Municipal (PDM94) de Lisboa propõe ao Martim Moniz uma Unidade Operativa de Planeamento e Gestão (UOPG). O projeto concretiza os objetivos da UOPG do PDM94. Em 1997, a praça é requalificada pelos arquitetos Daniela Ermano, João Paulo Bessa e Gonçalo Ribeiro Telles e engenheiro Segadães Tavares. Estes desenham uma praça central, organizada em três espaços distintos, com sistema viário circular e com parque de estacionamento subterrâneo. No mesmo ano, a praça é oficializada como Praça Martim Moniz (•40).



•**41.** Praça Martim Moniz atual

1. Fonte Rosa dos Ventos: os jogos de água formam motivos escultóricos através do movimento em espiral.

2. Fonte Eixo Central: “a água lançada dos repuxos de um caneiro central que acentua simetria dos espaço, trará, nos quentes fins-de-tarde de verão, uma frescura convidativa ao sabor de quem esra ...” 1998 arquiteto João Paulo Bessa

3. A sul duas fontes: Muralha e Machado: “Um muro-muralha, vaga iimpressão fernandina e onde guerreiros e bandeiras colocadas ao alto e engalanados de romãnticas plumas ao vento” 1998, arquiteto João Paulo Bessa

4. A envolvente de árvores e arbustos dando o conforto, a proteção e a intimidade a este espaço-ilha.

5. Anfiteatro: com espaço verde marcado por carvalhos “... uma praça espaço de paragem, de lazer, feita de percursos com lembranças à frescura das árvores e do correr da água. Um espaço de divertimento.” 1998, arquiteto João Paulo Bessa

6. Parque de estacionamento: com dois pisos, cuja estrutura foi calculada para suportar o peso que cada uma das árvores plantadas atingiria em adulto e todas as cargas associadas ao uso da praça.

em “Praça Martim Moniz, Da memória ao futuro”; p.15
https://informacao.lisboa.pt/fileadmin/informacao/dossies/mmoniz_requalif/exposicao/Exposicao.pdf; p.15

Entre 2004 e 2014 completa-se a frente urbana do lado poente da praça, os edifícios da EPUL como também o Quartel dos Bombeiros. Em 2012 retiram-se vários quiosques e cria-se o Mercado de Fusão. Em 2018, nasce uma ligação pedonal entre o Martim Moniz e o Castelo de S. Jorge, as Escadinhas da Saúde.

Em 2017, a CML elaborou um programa preliminar propondo a requalificação do espaço público da praça uma vez que se enfrentava uma degradação do espaço. Convidou três equipas a apresentar proposta, sendo que das duas propostas recebidas, o estudo apresentado pela equipa José Adrião Arquitetos cumpria melhor os requisitos do programa. Contudo, após anúncio do atual concurso público para a praça, rescindiu-se o contrato. Foi também proposto à Câmara a exploração da praça como Martim Moniz Market, mas devido ao descontentamento da população, pois pediam por um Jardim e não mais uma praça, a CML abre um concurso público para requalificar a praça como um jardim. E, assim, em 2018, a CML abriu um processo participativo para conhecer melhor as vontades da população.



•**42.** Vista aérea com fotomontagem da proposta do Martim Moniz Market. 2018, Broadway

Esta praça, mesmo desvalorizada, é muito impulsionada pela memória cultural e palco de muitos acontecimentos organizados pelo município, como também informais organizados pela população. Hoje é lugar de cruzamento de mundos, novos usos e vivências que apresentam novas e peculiares apropriações urbanas relativamente à restante cidade de Lisboa, para além da sua identidade histórica.

O espaço público que se conhece no Martim Moniz é relativamente recente, após longos processos de intervenções e intervenções incompletas.

> "*A conservação da cidade histórica tem necessariamente de se confrontar com as suas caraterísticas e contradições: a sua falta de unidade, a sua condição de composta por pedaços, elementos e partes, e a sua inexorável natureza mutável ao longo do tempo.*"[37]

37. CAPITEL, Antón (1988), p. 82

Num lugar de fixação humana secular, estas mudanças constantes, entre novidades culturais e estadias temporárias, contribuem para uma constante mutação do sentido e valor do lugar, *"os habitantes de um território não param de apagar e reescrever o antigo livro dos solos"*[38], é esta atualização que persiste e que acompanha as diferentes épocas das cidades.

38. CORBOZ, André (2001), p. 213

Historicamente, considera-se a área do Martim Moniz como *"vítima do faz e desfaz"*[39] como refere José Fernandes, por outro lado,

> *"defende-se que uma possibilidade de intervenção neste território pode passar precisamente por uma reflexão centrada no seu espaço público, entendido como o conjunto formado pelos espaços abertos e equipamentos, propondo estratégias que passem por continuar a desenhar aquele que já existe"*[40] .

39. FERNANDES, José (2023), p. 8

40. LOBO, Inês; VARELA, Júlia (2020), p.16

> "*Os "buracos urbanos" motivados por erro de cálculo nesse desfazer, ou pelo sobreestimar da capacidade de intervenção seguinte, aí estão a prová-lo, de Paris a Lisboa, dos Halles ao Martim Moniz. Isso pertence à história, embora recente, as cidades e a lição não necessita, certamente de lembrança.*"[41]

41. FERNANDES, José Manuel (1982) em "Em defesa da fachada", editorial em revista bienal Arquitectura, Planeamento, Design Construção, Equipamento.







•**43, 44 e 45.** Venda de comida na praça Martim Moniz

A MULTICULTURALIDADE NO MARTIM MONIZ

"A diversidade da experiência urbana num mundo multicultural foi finalmente reconhecida pela ciência social, desqualificando a teoria etnocêntrica da modernização como ocidentalização."[42] pois a diversidade e a novidade, indubitavelmente, implicam desafios.

O tecido urbano e social de Martim Moniz é reconfigurado pela fixação de comunidades migrantes de cunho internacional, principalmente vindos da Índia, do Nepal, da China e do Bangladesh. *"A instalação de pequenos comércios por parte de populações migrantes altera a "escala de contacto" e permite clarificar os efeitos urbanos das migrações, das disparidades e da multiculturalidade"* [43]. Segundo o Diagnóstico da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, 15% dos residentes são estrangeiros, sendo que apenas na Mouraria são aproximadamente 23%, quase um quarto da população total residente, tendo em consideração uma densidade de 11 350 hab/km2 [44]. Esta diversidade exige a existência de espaços sensíveis e disponíveis para apropriações sociais bem distintas.

A conjuntura destas apropriações distintas gera mecanismos que atomizam o contexto urbano do Martim Moniz. Suzanne Hall argumenta que *"estas ruas podem ser entendidas com fronteiras urbanas [urban frontiers]"* [45]. A sua pesquisa sugere que se tratam de espaços de inclusão e de exclusão, de movimento e de contenção, de formalidade e informalidade, de proximidade física e de distância social, mas igualmente de lugares onde populações migrantes organizam as suas vidas e os seus meios de vida, recriam variadas competências e refazem redes sociais e contactos - em suma, e segundo a autora, espaços que suscitam observação e análise sociológica de *"experiências aparentemente efémeras de chegada, descoberta e mudança"* [46].

Este espaço urbano, perante um fenómeno de *migrant urbanism*[47] e instalação destas comunidades, por forma de organização sociocultural em busca de estabilidade financeira e familiar, tem como protagonistas as trocas, materiais e imateriais, interculturais em plena cidade de Lisboa. Existe uma dificuldade de abertura e compreensão destes processos, que são cada vez mais frequentes com a globalização económica e facilidade da imigração,

42. SUSSER, Ida (2002); p.391

43. NUNES, João Pedro; BAPTISTA, Luís (2020); "Divisões socioespaciais, coexistências e (in) visibilidades urbanas" em *Atlas Almirante Reis*, p.136

44. Dados socio-demográficos remetentes à área selecionada para as propostas a concurso, em Termos de Referência: Anexo I.II – Caracterização.

45. "estas ruas" – refere-se a várias pesquisas realizadas sobre a instalação de pequenos comerciantes estrangeiros nas ruas de londres – (HALL, 2012: 33) em NUNES, João Pedro; BAPTISTA, Luís (2020) p.136

46. Idem, Ibidem

47. HALL, Suzanne (2015) p. 853-869
Suzanne Hall é etnógrafa urbana, professora e investigadora na LSE Cities (London School of Economics and Political Science, Reino Unido). Os seus interesses de investigação e ensino centram-se nas expressões locais da urbanização global, particularmente nas formas sociais e espaciais de inclusão e exclusão, na multicultura urbana, no desenho da cidade, na etnografia e nos métodos visuais. Recebeu a Bolsa de Roma em Arquitetura (1998-1999) e o Prémio Robert McKenzie da LSE para investigação de doutoramento excecional (2010).









•**46 e 47:** Comércio na Rua Benformoso

•**48 e 49**: Práticas no interior da Praça Martim Moniz

levando à estagnação ou desvalorização do espaço urbano. E quando estas comunidades se fecham às dinâmicas urbanas, "*os movimentos sociais urbanos podem contribuir para uma maior fragmentação espacial, conduzindo, em última análise, à desagregação da sociedade.*"[48]

48. SUSSER, Ida (2002) em "A New Urban World"; p.396

Deste modo, é urgente apresentar e esclarecer a realidade presente e transmitir segurança e conforto aos cidadãos que recebem os imigrantes e aos imigrantes que buscam por melhores condições de vida ou um recomeço. Contudo, quando se fala em culturas, fala-se no seu modo de habitar, e questionam-se as perspetivas de pensar o lugar com apropriações distintas.

"Em certa medida, o silêncio que parte dos proprietários migrantes exprime uma modalidade de gerir a distância social e comercial." [49]

49. NUNES, João Pedro; BAPTISTA, Luís (2020) em "Divisões socioespaciais, coexistências e (in) visibilidades urbanas" em Atlas Almirante Reis; p.138

Outros exemplos, que se relacionam com a mesma multiculturalidade e que se associam ao Martim Moniz, são processos como o do Largo do Intendente, cuja requalificação foi muito bem-sucedida graças ao movimento de várias ordens do setor terciário, como usos comerciais, associativos, lúdicos ou artísticos, bem como a deslocação do gabinete da presidência do município da cidade [50].

50. FERNANDES, José (2023); p. 26-27

Outro caso foi o projeto coordenado pela arquiteta Inês Lobo, a Praça-Mouraria[51] , cuja proposta incide num quarteirão, sensivelmente equidistande entre a praça Martim Moniz e o Largo do Intendente, e tem como programa juntar uma praça e uma mesquita em resposta à falta de espaços culturais e religiosos para comunidades que vivem nesta área. No entanto, este projeto, de 2013, após ser aprovado pela CML, continua parado devido aos procedimentos de desalojamentos dos proprietários no espaço destinado ao projeto. Este exemplo é uma estratégia de fixação estável cultural e uma oportunidade de promover a coesão urbana e multicultural.

51. Projeto de uma praça e mesquita num lote próximo ao Arquivo Municipal de Lisboa que conecta a rua Bemformoso com a Avenida Almirante Reis

"A reocupação dos espaços por parte de utilizadores, visitantes, turistas e habitantes contribui não só para a criação de um novo código dominante no uso do espaço, como também para o estabelecimento de novas formas de interação, de troca e de controlo social." [52]

52. NUNES, João Pedro; BAPTISTA, Luís (2020) em "Divisões socioespaciais, coexistências e (in) visibilidades urbanas" em Atlas Almirante Reis; p.140

"(...) nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. E contudo entre eles há uma relação"[53]

53. CALVINO, Ítalo (1993) em "As cidades e os sinais"; p.63

•**50.** Loja na Rua Benformoso (na página seguinte)


TOWN
HALAL
বাংলা টাউন
15
TALHO HALAL
TALHO HALAL
TALHO HALAL

LIisboa, "palimpsesto" cultural
Princípios de Intervenção Urbana Inclusiva e Participativa na Praça Martim Moniz

Aproximações ao contexto multicultural

estudos ; workshops ; percurso

NACIONALIDADE, ETNICIDADE, CULTURA

Para uma desenvolver um pensamento considerando especificidades culturais e suas dinâmicas das populações em estudo na área do Martim Moniz é necessário esclarecer de que se trata quando se indica um determinado grupo de certa nacionalidade ou determinada etnia ou cultura. Frequentemente surgem em contextos cruzados ou representam a mesma comunidade, contudo tem significados distintos.

Primeiramente, vejamos que a nacionalidade, num ponto de vista tático, a origem de um individuo, onde nasceu e onde se registou, no entanto não implica diretamente que siga o estilo de vida de acordo com a nacionalidade, como acontece com as comunidades emigrantes. Por outro lado, quando se refere a grupos por caracterização étnica, de acordo com Abner Cohen[1], a etnicidade pode ser definida através de diversas maneiras consoante a disciplina. Esta flexibilidade não questiona qual a mais válida, mas sim a mais útil.

1. Abner Cohen (1921-2001) Antropólogo britânico e Professor Doutor de Antropologia na School of Oriental and African Studies (SOAS), University of London

Quando se trata de um grupo étnico, isto é uma coletividade que segue um determinado padrão de comportamentos normativos.[2]

2. COHEN, Abner (1974) p. ix

A questão é que, por apenas estas condições que generalizam o conceito, não representam fielmente o seu significado, ou seja, o

> *"termo etnicidade será de pouca utilidade se for alargado para denotar diferenças culturais entre sociedades isoladas, regiões autónomas ou grupos independentes de populações, tais como nações dentro das suas próprias fronteiras nacionais. As diferenças entre os chineses e os indianos, consideradas dentro dos seus respetivos países, são diferenças nacionais e não étnicas. Mas quando grupos de imigrantes chineses e indianos interagem num país estrangeiro como chineses e indianos, podem então ser referidos como grupos étnicos. A etnia é essencialmente uma forma de interação entre grupos culturais que operam em contextos sociais comuns"*[3],

sendo, obviamente, mais acentuadas nos destinos de oportunidades.

3. COHEN, Abner (1974) p. ix

Todavia, é visível, principalmente em contextos de migração, que estas novas adaptações inevitavelmente se traduzem em modificações na identidade cultural, ou se misturam com os costumes do local de receção ou por outro lado reorganizam os seus próprios costumes tradicionais ou desenvolvem novos e atualizados costumes através dos seus símbolos e ideologias tradicionais, o que reflete uma visão contemporânea.

Em suma, é percetível que uma etnia implique uma nacionalidade como também constitui uma cultura. O fator empírico garante a subjetividade da etnicidade, ao passo que os símbolos e formas representam a componente objetiva que se reflete na cultura. A cultura surge a partir destes símbolos que surgem os costumes e atividades que incentivam à vida social de uma localidade ou cidade, dentro e entre comunidades.

Contexto Social Indiano

Um ponto crucial a destacar sobre o contexto social indiano, que impacta as dinâmicas territoriais, é a sua estrutura social organizada em castas. Esta organização é responsável pela flexibilidade intrínseca na informalidade do espaço indiano, para além das suas divisões regionais e linguísticas. Define-se uma casta indiana por "*um grupo de pessoas que se tornam membros do grupo no nascimento por descendência biológica de outros membros que compartilham um nome comum para o grupo, e que geralmente não se casam fora do grupo.*"[4]

4. GMELCH, George; ZENNER, Walter P. (1996)

A 'importância' que é conferida a cada classe oscila consoante o seu prestígio, poder e pureza ritual. Esta organização social condiciona o modo de habitar como também nas suas participações políticas, quando se assume a chamada 'discriminação', ao afirmar superioridade hierárquica entre castas, e, ao mesmo tempo, igualdade presente num Estado democrático.

No caso de Mumbai, uma megacidade, onde existe um maior fluxo de migrações o que pressupõe uma

> "*"mistura" de castas na mesma cidade, e por outro lado a política tem maior peso na decisão governamentais e deste modo, os partidos políticos substituem automaticamente a organização por castas. Portanto, nesta realidade existem castas, mas não existe um sistema de castas*" [5],

5. GMELCH, George; ZENNER, Walter P. (1996)

assim pode questionar a sua reorganização mesmo que seja pelo sistema político, pois continua a haver a não mistura entre castas, mas a interação que há é através de princípios políticos e "*competitivos*" [6] pela sua casta como vencedora.

6. GMELCH, George; ZENNER, Walter P. (1996)







•**01.** Celebrações Islâmicas na Praça Martim Moniz: Eid al-Fitr, Celebração do Fim do Ramadão, maio de 2021.

•**02.** Celebrações Islâmicas na Praça Martim Moniz: Eid al-Fitr, Celebração do Fim do Ramadão, novembro de 2015.

•**03.**Celebrações culturais na Praça Martim Moniz: Holli Indiano. Festividades do Mercado de Fusão

RELIGIÃO

"As religiões estão sempre em movimento, e este movimento é quase sempre de crescimento, e numa invenção imprevisível." [7]

7. ADRIANI, Maurilio (1997) p. 120

Quando se fala de uma cultura, é inevitável associá-la a uma religião. Através da organização e participação em um workshop com a associação de apoio à comunidade imigrante na cidade de Guimarães, Guimarães [IN]Volve [8] , foi possível discutir muitos temas relacionados à semântica da migração, como fronteiras, barreiras, espaço comum, entre outros. A religião foi um assunto constantemente presente nas conversas dos fóruns, sempre apoiada por fotografias, livros, desenhos e experiências, para sustentar melhor os diversos pensamentos revelados.

8. Workshop Guimarães [IN]Volve
Consultar em apêndices pp.192-194

Portanto é importante compreender a dimensão da prática religiosa e seus efeitos.

> *"Religião ou religiões tem uma dupla dificuldade e diversidade: pois considera-se um facto religioso tão notável como a sua universalidade, a sua diversidade deve-se ao seu ponto de partida variado, quer seja por definir as suas vantagens sociais e políticas da sua prática, quer seja para apreender a natureza profunda de cada religião, já em dimensões sociológicas e psicológicas."* [9]

9. AUGÉ, M. Religião (1994) em Enciclopédia EINAUDI, p.177

Mesmo que a religião não defina culturalmente uma comunidade, acontece um fenómeno de forma naturalmente onde se associa uma *"persistência religiosa-nacional"*[10]. As chamadas *"religiões étnicas"* surgem quando se dá uma fusão entre os universalismos de matriz profética juntamente como constatação bastante elementar [11].

10. ADRIANI, Maurilio (1997) p. 117

11. ADRIANI, Maurilio (1997) p. 117

Esses confrontos resultam em múltiplos e indefinidos desfechos. Em alguns casos, ocorre a coexistência das religiões, que frequentemente levanta diversos problemas socioculturais.

Expresso

Marcha extremista marcada para o Martim Moniz preocupa imigrantes: “Não queremos lutar contra eles"



Num barbeiro no centro da Mouraria, os imigrantes cortam o cabelo a preços baixos. No bairro sentem-se sempre seguros

Expresso

Grupo anti-racista marcou protesto a poucos metros da marcha da extrema-direita. “Não passarão, nunca passarão.”



A zona do Intendente em Lisboa Nuno Botelho

Expresso

Coletivos anti-racistas preparam manifestação de “pessoas de todas as cores” em reação a marcha de neonazis no Martim Moniz



Imigrantes na Rua do Bem Formoso, no Martim Moniz. Nuno Fox

•**04, 05 e 06**: Marchas Extremistas no Martim Moniz, 2024

Em outros, há a afirmação distinta de cada religião, o que clarifica as suas respetivas aspirações religiosas. Isso, por vezes, exige atualizações contemporâneas das próprias religiões. A Parábola dos Três Anéis [12] ilustra esse constante impasse inter-religioso.

A partilha de um espaço comum entre diferentes religiões inevitavelmente gera conflitos morais devido à incompatibilidade de certos costumes. Isso destaca a necessidade de criar um ambiente de paz. Isto é, "*averiguar a conveniência da necessidade espiritual e o ideal da harmonia e da concórdia inter-religiosas, invocando o conceito comum a todas*" [13] , um espaço ecuménico.

13. ADRIANI, Maurilio (1997) p. 135

O termo do ecumenismo antecipa várias interpretações devido à sua génese, deste modo, é necessária uma breve explicitação. Primeiramente pela origem grega, significava "*terra habitada*" como um povo civilizado que remetia para uma cultura aberta, desta forma apresentava uma perspetiva geográfica e cultural. Posteriormente, com o domínio romano, o termo acresce uma perspetiva política, tendo em consideração o alargamento das fronteiras políticas. Com a afirmação da religião cristã, o termo ecuménico toma uma vertente espiritual, assim passa a significar uma perspetiva geográfica, cultural, política e espiritual, e assim significava "*Casa da Família Humana*". Com o desenvolvimento das religiões e com a criação do Conselho Mundial das Igrejas (CMI) este vocábulo assume a vontade de comunhão das diferentes vertentes dentro da própria religião cristã [14] . Atualmente associa-se um significado de comunhão entre diferentes perspetivas, convergência de múltiplas ideologias com o objetivo principal de entendimento e tolerância.

14. COSTA OLIVEIRA (2005) pp.143-144

12. A famosa "Parábola dos Três Anéis" que representa o confronto constante entre as diversas religiões; Mário penna, la parabola dei tre anelli e la tolleranza nel Medioevo, Turim, 1952, pp. 34-35"
p.133-135

"A parábola dos três anéis, como se lê na versão mais acreditada (por exemplo, mo Decamerone de Boccacio, 3º conto do I dia) refere-se à pergunta feita por Soldano ao sábio e rico judeu Melquisedeque: qual destas três religiões era a verdadeira: a da tradição bíblica judaica, a cristã, ou a islâmica? A resposta encontra-se no famoso apólogo do anel precioso, o único, na posse do pai dos três filhos desejosos pela herança, isto é no estratagema levado a cabo pelo pai que mandou fazer duas réplicas do anel, não ficando nenhum deles a saber quem era o detentor da verdadeira peça preciosa. Com as religiões acontece a mesma coisa que com os anéis: empiricamente são mais de uma, mas só é uma é verdadeira; e aquilo que é desconhecido pelos homens não o é por Deus. A este propósito, falou-se de "indeferentismo" religioso; mas trata-se antes de "equivalência" das várias fés, no sentido da "tolerância" religiosa. É claro que o apólogo-resposta do Judeu torna inútil a tentativa tendenciosa do Sultão.
Interessante e significativa da migração desta mesma lenda, é a "história" do nome Josafáte. É a denominação terminal, no Ocidente, da palavra Bodhisattva, traduzindo para o árabe Budasaf (além do georgiano Yusdaf) até ao Judasaph de que derivam tanto o grego Josaph como o latino Josaphat. É evidente que também é histórico o facto linguístico da passagem gradual do léxico budista para o cristão, ou seja, a transposição da lenda do Buda para a hagiografia cristã."

Para complementar o trabalho teórico desenvolvido, através do workshop realizado em Guimarães e através de um levantamento fotográfico em espaços públicos na cidade do Porto, pertende-se compreender as mesmas questões, em cidades distintas, como um olhar exploratório que visa enriquecer a compreensão da complexidade do tema, embora sem uma leitura sistematizada.

Workshop Guimarães (IN)Volve
21 de novembro de 2023 e 26 de março de 2024

Uma vez que considerando um espaço disponível para todos, não implica necessariamente que a investigação se relacione diretamente com a amostra diretamente relacionada com a área do Martim Moniz. Deste modo, através de uma associação de apoio ao imigrante da cidade de Guimarães, denominada Guimarães [IN]volve, desenvolveram se duas sessões de discussão abordando temas relacionados com as migrações numa perspetiva aproximada à experiência dos vários participantes, temas estes como fronteira, partilha de espaço públicos e integração sociocultural numa região delimitada, sempre com o urbanismo, arquitetura e compreensão do território como base para uma melhor extração de informação a partir de atividades empíricas de carácter social.





•**07-11** Fotografias do segundo workshop.







Workshop com a Associação Guimarães [IN]Volve

15. Consultar em Anexos p. ,o registo das atividades juntamente com os seus contributos, desenhos, fotografias dos participantes. ealizado com a Associação Guimarães [IN]Volve

Numa das atividades[15] realizadas foi proposto pensar sobre um espaço comum sem fronteiras, uma praça "ideal" para uma diversidade sociocultural. O ponto que se focou não foi uma praça específica, mas sim em questões práticas de segurança pública e de acessibilidade.

Observou-se que o uso do espaço na sua totalidade não permite o uso para todos e que as fronteiras se devem ao desconhecimento entre as pessoas. Partilharam naturalmente que as crenças religiosas afetam diretamente as relações interculturais, principalmente quando se é proposto o encontro ou a partilha do mesmo espaço.

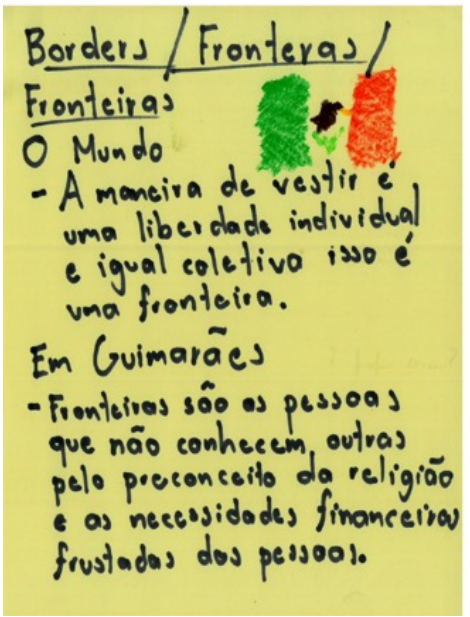
•91 - •95. Workshop realizado com a Associação Guimarães [IN]Volve através de conversas e desenhos (na página anterior)

A realização de hábitos culturais ou costumes tradicionais dos seus países de origem, mesmo tendo noção do diferente contexto social, político e cultural, foi explicada que, mesmo não sendo necessários, fazem parte do seu modo de viver, do seu quotidiano do que acreditam.

A partir de uma breve explicação do contexto multicultural presente no Martim Moniz e de conceitos sobre o espaço público enquanto espaço desenhado e pensado através de princípios e vontades, levantou-se a questão de novo e realizou-se um exercício através de uma maquete juntamente com conversas e partilha de ideias de projeto.

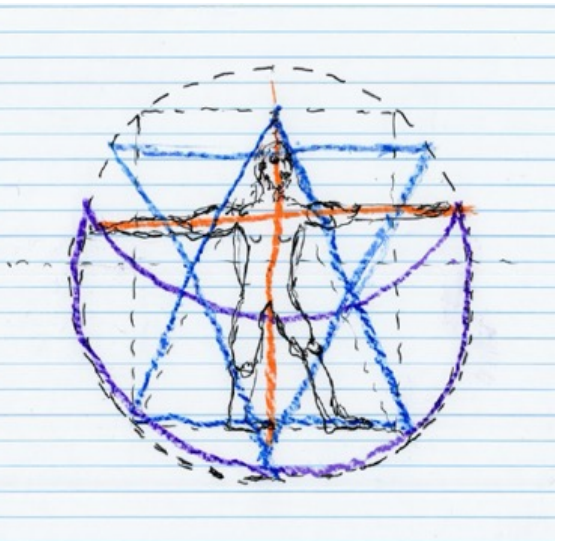
Com esta atividade em que a voz dos participantes foi fundamental, pretendeu-se compreender as dificuldades e as vontades que estes sentem quando saem de suas casas, do seu espaço privado e procuram o mesmo nos espaços públicos. Verificaram-se dificuldades na tradução dos conceitos associados a espaços urbanos e arquitetônico, e consequentemente na sua discussão através do desenho da praça. Contudo, é importante concluir que são as suas manifestações e percepções explicadas que são necessárias para que o arquiteto, enquanto responsável disciplinar, possa traduzir em princípios e concretizar proposta urbanas e arquitetónicas.

Em suma, mesmo sendo uma experiência com uma amostra reduzida, tais limitações não interferiram com os objetivos deste workshop. Foi possível discutir abertamente, clarificar dúvidas associadas às suas religiões e culturas, como também, num espaço seguro, foi possível aproximar enquanto pessoas e cidadãos, na mesma mesa, e criar 'espaços mentais' intermediários para que toda a discussão fosse possível, como se criasse um espaço publico, mas através da voz e não do desenho da praça.


Borders / Fronteras /
Fronteiras
O Mundo
- A maneira de vestir é uma liberdade individual e igual coletivo isso é uma fronteira.
Em Guimarães
- Fronteiras são as pessoas que não conhecem outras pelo preconceito da religião e as necessidades financeiras frustadas dos pessoas.

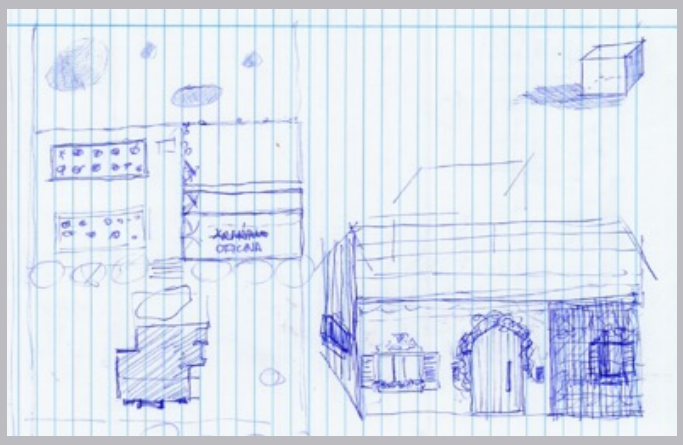


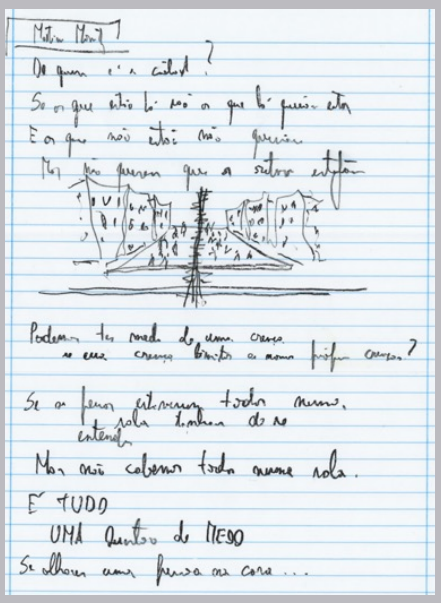

United in Diversity

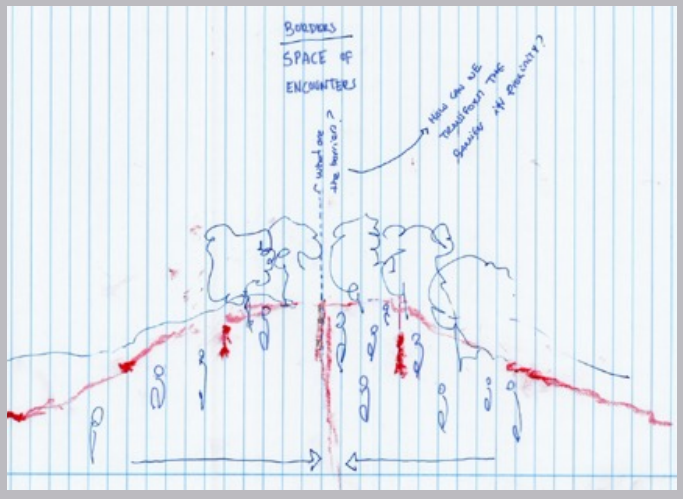









É TUDO
UMA Quantos de MEDO


BORDERS
SPACE OF ENCOUNTERS


Fronteiras Financeiras
"Meu desconto de Pingo Doce :C
"São 30 euros :C"
"Não consigo aonde morar" :C
Foda-se o Chega







•**24.** Jardim da Quinta do Covelo



•**25.** Jardim da Quinta do Covelo



•**26.** Jardim da Quinta do Covelo



•**27.** Jardim de São Lázaro



•**28.** Praça da República



•**29.** Praça do Poveiros

Percurso pelos jardins e praças do Porto

Outro exercício experimental, realizado na cidade do Porto — vista como uma cidade comparável a Lisboa, sujeita às mesmas questões urbanas —, teve como objetivo observar os jardins e praças, tanto no centro como na periferia, em termos de funcionalidade, uso e estado enquanto espaços públicos. A questão do jardim ou espaço verde como solução ecológica para mitigar os efeitos poluentes das cidades foi recorrente em quase todos os locais visitados.

Foram observados o Jardim da Quinta do Covelo, o Jardim de São Lázaro, a Praça da República, a Praça dos Poveiros e a Praça da Batalha, bem como algumas ruas, como a Rua do Cimo da Vila e a Rua do Loureiro. Estas últimas apresentaram várias semelhanças com a Rua Benformoso, em Lisboa, especialmente pela presença de estabelecimentos comerciais geridos predominantemente por imigrantes.

Nos Jardins de São Lázaro e na Quinta do Covelo, observou-se um aumento significativo no número de pessoas, principalmente devido aos espaços de descanso sombreados, que incentivam o convívio. Na Quinta do Covelo, os vários espaços infantis atraem famílias com crianças, estabelecendo uma ligação com o café-quiosque e as esplanadas. A arborização equilibrada, apesar das variações no nível do solo, favorece a visibilidade e cria ambientes agradáveis para o descanso. (•72, •73 e •74) Estes jardins, bem cuidados e seguros, são espaços fechados, através de vedações, e protegidos, sem a necessidade de se relacionarem com o exterior, alinhando-se ao conceito de "jardim murado" discutido anteriormente.

Por outro lado, no centro da cidade, espaços como a Praça da República e a Praça da Batalha apresentam características distintas. A Praça da República, de natureza verde, e a Praça da Batalha, pavimentada, têm em comum a presença de sem-abrigo e toxicodependentes, além de um maior fluxo constante de pessoas, o que as aproxima de realidades como a da Praça Martim Moniz.












23
25
Le Frenchy


20
HALAL
BANGLA SUPER SHOP
TELF: 920 107 452


40 BANGLA BAZER
INDIAN
CASH & CARRY
8


MANECAS
king
jeans
ria

Na Praça da Batalha, bem como nas ruas anteriormente mencionadas, foi possível observar uma realidade multicultural semelhante à de Lisboa, mas ainda sem a mesma escala descontrolada. No Porto, essa realidade ainda pode ser gerida de forma preventiva, evitando os desafios enfrentados na capital. Uma abordagem seria desenvolver uma estrutura que acompanhe a evolução das comunidades imigrantes instaladas nesta área urbana, juntamente com o apoio das associações existentes na zona, como o exemplo da Associação da Comunidade do Bangladesh do Porto, instalada na Batalha.

Observa-se que vários estabelecimentos comerciais, que vão desde salões de estética a lojas de alimentação, vestuário e utensílios, refletem a crescente autonomia e autossuficiência destas famílias. Esse conforto, aliado à menor necessidade de certos serviços, acaba por reforçar as barreiras sociais e culturais que ja existem, limitando a cooperação entre os diferentes residentes da zona [16].

Este cenário serve como reflexão e alerta, destacando a importância de conhecer e dar a conhecer para depois intervir de forma proativa de modo a evitar problemas futuros.

16. Em conversa com um senhor de uma loja da Rua do Loureiro, Sr. Kuma, este referiu vir do Martim Moniz e também ser imigrante, mas que é imigrante diferente dos de hoje. E o próprio afirma que a situação descontrolada existente no Martim Moniz já não tem volta, enquanto não houver controlo estremos por parte do Estado.
Consultar em apêndice na p.196

- **30.** Praça da Batalha
- **31.** Rua Santo Ildefonso
- **32** Rua de Cimo de Vila
- **33.** Rua do Loureiro
- **34-38.** Rua de Cimo de Vila

2.
CIDADE EMERGENTE

DESAFIOS E OPORTUNIDADES DE INTERVENÇÃO


روز عیش و طرب بستانست
روز بازار گل و ریحانست
تودهٔ خاک عبیرآمیزست
دامن باد عبیرافشانست

O JARDIM

•**51.** Jardim Indiano "It's the Day for the Garden" (na página anterior)

O jardim, enquanto espaço de vida natural, caracteriza-se por ser um lugar orgânico e disponível,é uma apropriação adaptada ao ambiente, ou onde o próprio espaço natural se molda facilmente ao nosso modo de estar. Hoje, ao desenharmos e estudarmos os jardins ou espaços verdes urbanos, percebemos que:

> *"olhamos, sentimos e compreendemos este espaço de uma outra forma, não deixando de ser emotiva, porque é essa a reação que um jardim sempre nos pede. Vemo-lo como espaço de experimentação, como espaço de conhecimento e de aprendizagem do desenho da paisagem.»*[54]

54. CARAPINHA, Aurora, TREIB, Marc (1991) em "Introdução"; p.12

Embora o espaço verde exista em qualquer parte do mundo, cada cultura desenha-o e vive-o de maneira diferente, torna-se um espaço verde humanizado, como se fosse uma linguagem adicional à língua nativa, muitas vezes relacionada com simbologias ou crenças. Espécies autóctones e plantas associadas a climas específicos criam uma linguagem que representa uma cultura particular. Segundo Ribeiro Telles, ao desenhar um jardim, é fundamental considerar dois temas:

> *"*[o] *contexto morfológico do espaço em que o jardim se inscreve* [e] *o outro refere-se ao contexto temporal cultural e estético que o enquadra. (...) O segundo é aquele que é fugaz, é o devir que umas vezes acrescenta ou retira matéria. É o escultor que inscreve no espaço matricial o espírito do tempo.»* [55]

55. CARAPINHA, Aurora, TREIB, Marc (1991) em "Do Caráter do lugar"; p.16

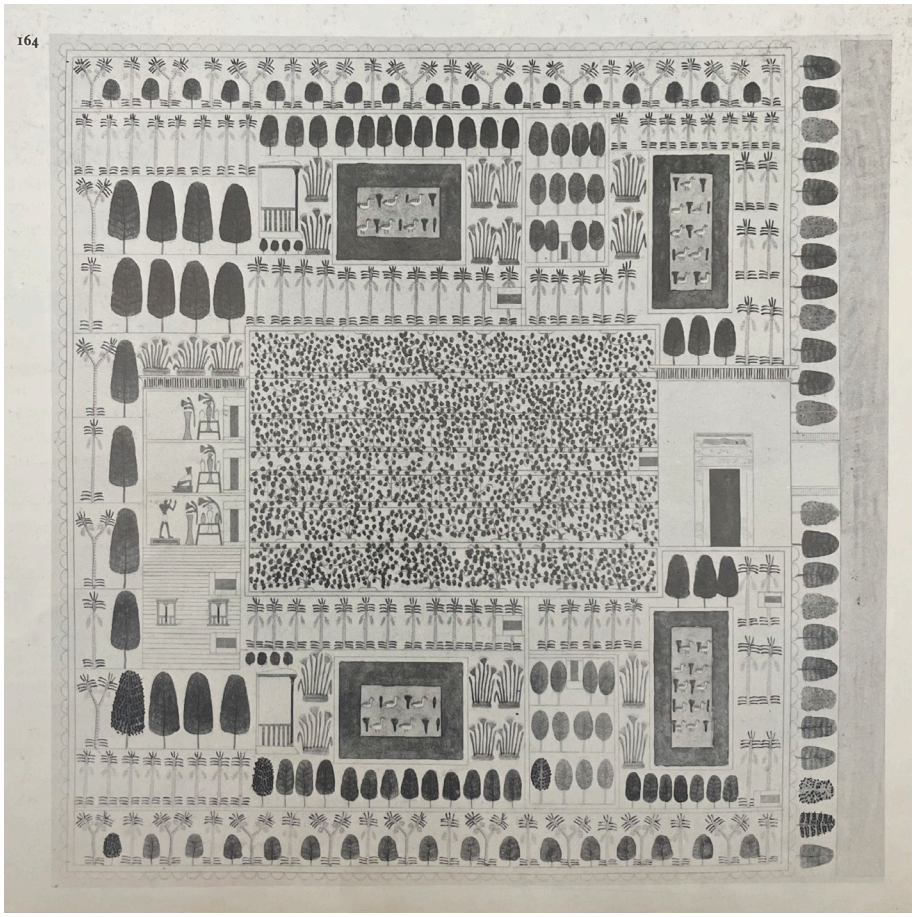
Além da representação temporal, o jardim permite expandir o espírito dos lugares, transcendendo fronteiras ao basear-se em elementos universais, como a água e as árvores, comuns a qualquer comunidade. Assim, *"existe uma componente fitosociológica de um chamado jardim ecótono ter um papel fulcral na integração de diferentes comunidades numa cidade."* [56]

56. CARAPINHA, Aurora; Aula aberta da unidade curricular Seminário de Investigação 2-B : 'Da paisagem ao Jardim ou do Jardim à paisagem?'; no dia 22 de março, às 9h00, na casa Cor de Rosa 0.1; FAUP

Aurora Carapinha é arquiteta paisagista, doutorada em Artes e Técnicas da Paisagem pela Universidade de Évora, onde é professora no Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento. É também investigadora do Centro de História de Arte de Investigação Artística e foi distinguida com o Prémio Gonçalo Ribeiro Telles.

Como se pode observar nas imagens, os diferentes jardins apresentam características que os definem como distintos tipos de jardim. No contexto cultural islâmico, os jardins são projetados para promover paz e tranquilidade, sendo *"um lugar de contemplação e de conversa, onde o corpo e o espírito estavam em repouso e o pensamento liberto das percepções"*[57]. Esses espaços possuem traços de simetria e divisões equilibradas, muitas vezes organizados em quatro partes, representando os quatro elementos da natureza. Já na cultura chinesa e nos conhecidos jardins japoneses, bem como em outras culturas asiáticas, o foco está na harmonia e na organicidade entre a natureza e o ser humano.

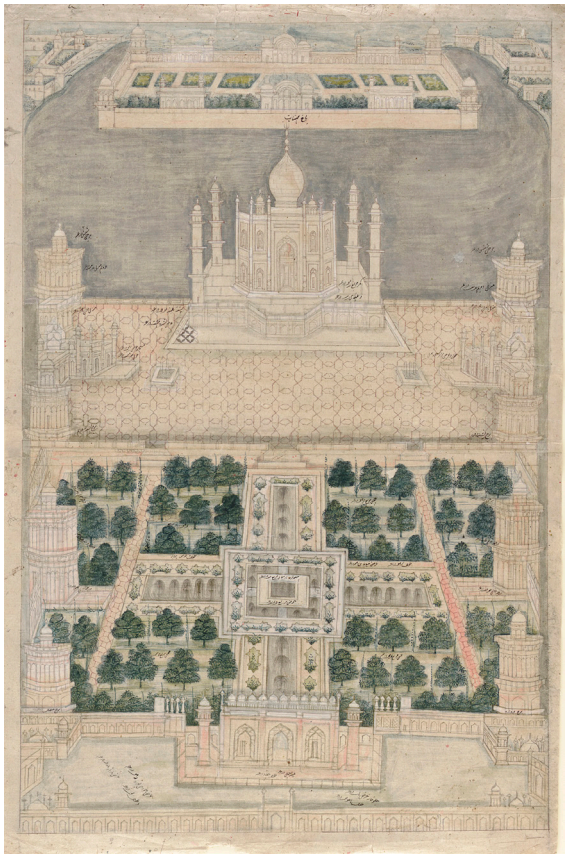
57. JELLICOE, Geoffrey and Susan (1991) em "Islam: Western Asia"; p.33



•52. Jardim Egípcio
Formas regulares e cultivados com aproveitamento notável do solo disponível

•53. Jardim Indiano
Bird’s Eye View of the Taj Mahal at Agra

•54. Jardim Chinês
Atividades dos Doze Meses Lunares (O Nono Mês)





Esses jardins destacam-se pela presença marcante da paisagem natural, com um caráter contemplativo, promovendo uma integração fluida e harmoniosa entre o ambiente natural e o Homem.

Os jardins hindus são considerados espaços sagrados, dedicados à meditação e orações, frequentemente adornados com simbolismos representados por formas geométricas como *"circulares, octogonais ou quadrados"* [58] , além de uma flora específica, criando um ambiente espiritualmente enriquecedor. Já os jardins africanos, influenciados por diversas características geográficas, exibem uma grande variedade de estilos tendo a água como elemento central e organizador do espaço. Estes *"recintos geométricos altamente cultivados, constituíam apenas uma pequena parte do padrão linear brilhantemente colorido da agricultura irrigada"* [59], aproveitando ao máximo os solos férteis em regiões de clima mais árido.

> *"Não constitui apenas um espaço arquitetónico como um hortus cercado ou murado; deve ser considerado como arquitetura em virtude da sua elaboração espacial deliberada, que pode assumir a forma da natureza idealizada do jardim paisagístico e do seu potencial cénico."* [60]

Essas abordagens ilustram como o jardim no Martim Moniz pode ser adaptado e enriquecido pela diversidade cultural, onde cada estilo contribui com uma estética e funcionalidade únicas.

> *"O espaço do jardim é também definido como um lugar ao ar livre, em contraste com os interiores das casa.* [..., enquanto espaços de recuperação ecológica urbana.] *Mas, precisamente, como forma do espaço exterior, mais uma vez, conta como uma peça de arquitetura."*[61]

A necessidade de um jardim por parte da população foi o ponto de partida para o processo de requalificação da praça. A área disponível para intervenção, em comparação com outros espaços públicos do centro da cidade, faz desta praça o local mais intuitivo e adequado para a criação de um jardim. Analisando as suas condições morfológicas e geográficas, bem como a ausência de espaços semelhantes nas proximidades, é evidente que a instalação de um jardim traria mais benefícios do que desvantagens.

O jardim, enquanto *"resultado da domesticação"*[62], facilitará a integração da nova proposta, nomeadamente neste contexto com ambientes culturais tão distantes e características específicas, em que o jardim surge na melhor medida, pois promove a ecumenicidade no mesmo espaço[63]. Para além de que, o espaço verde sendo naturalmente mais acolhedor, incentiva os habitantes a cuidar e apreciar o ambiente, ao contrário de uma praça árida, sem sombras de qualidade.

58. JELLICOE, Geoffrey and Susan (1991) em "The Eastern Expansion of Islam: Mughul India"; p.49

59. JELLICOE, Geoffrey and Susan (1991) em "Egypt"; p.109

60. JANSON, Alban; TIGGES, Florian (2014) em "Garden"; p.135

61. JANSON, Alban; TIGGES, Florian (2014) em "Garden"; p.136

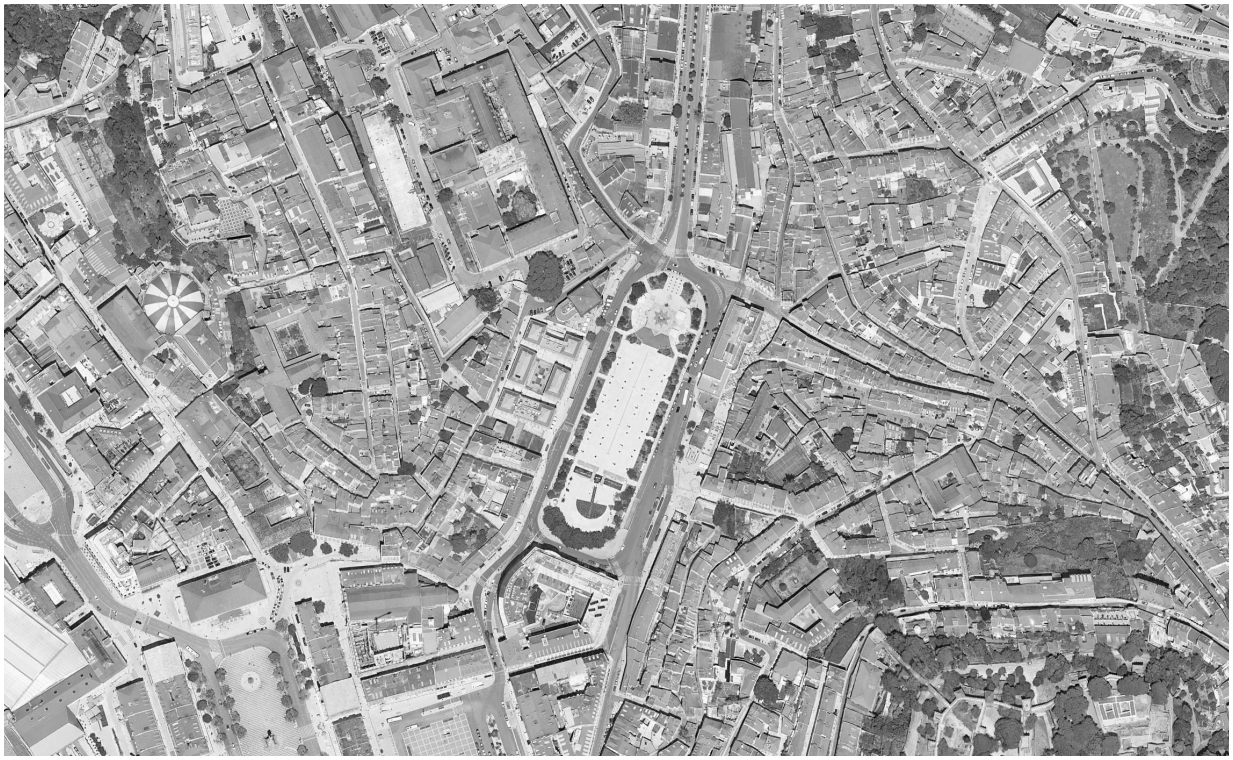
62. JANSON, Alban; TIGGES, Florian (2014) em "Garden"; p.135

63. Considerando a relevância da diferenciação entre o Jardim Inglês e Jardim Francês num contexto europeu.

"Marco entra numa cidade; vê alguém numa praça a viver uma vida ou instante que poderiam ser seus; no lugar daquele homem agora poderia estar ele se tivesse parado no tempo muito tempo antes, ou se muito tempo antes numa encruzilhada em vez de tomar uma estrada tivesse tomada a aposta e ao cabo de uma longa volta viesse encontrar-se no lugar daquele homem naquela praça."

Calvino (1993):30-31





•**55.** Vista panorâmica da Praça Martim Moniz (página anterior)

•***56.*** Vista aérea da Praça Martim Moniz e sua envolvente

CONCURSO PARA REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA MARTIM MONIZ

O plano de renovação do contrato de concessão da utilização do espaço da praça, previsto para 2018 por parte da Câmara Municipal de Lisboa (CML), implicava a requalificação dos acessos condicionados em termos de acessibilidade e de segurança. Em 2019, surgiu uma petição pelo movimento ‘Por um Jardim no Martim Moniz’. A Assembleia Municipal deu suporte para uma melhor compreensão das necessidades da população e, assim, avançou com a divulgação de informação e disponibilização de estruturas para participação pública, para população direta e indiretamente afetadas, possibilitando espaço para discussão pública e concurso de ideias para a intervenção na mesma.

Este processo de participação pública foi iniciado a 28 de novembro de 2019 e a 13 de maio de 2021 é aprovado o relatório final com as propostas de objetivos e programa como orientações para o novo concurso de requalificação, cujos pré-requisitos e termos de referência partiram de audiências públicas, realizadas online e presencialmente, através de inquéritos e encontros ‘*focus group*’ [64].
A 6 de março de 2023 [65] o concuro é anunciado ao público juntamente com as peças auxiliares nas plataformas disponibilizadas pela CML.

64. Termos de referência – Caracterização: Concurso para a requalificação da praça Martim Moniz

65. Anúncio de procedimento n.o 3325/2023; Município de Lisboa; Modelo de anúncio do Concurso de Conceção

LUGAR

Com particular atenção às fragilidades exponenciadas devido à realidade multicultural da praça, todo o processo de preparação do concurso teve como objetivo entender a relação dos residentes e trabalhadores com a praça com este espaço público e recolher o máximo de ideias para a sua requalificação.

Em termos demográficos e numa envolvente de 500m de raio a partir da praça, em 2011 verificou-se uma densidade de 11350 hab/km^2 numa área de 120 hectares, praticamente o dobro da média da cidade de Lisboa, com cerca de 56,2% da população ativa e cerca de 56,8% com escolaridade inferior ao ensino secundário.[66] Numa perspetiva comercial, esta área caracteriza-se por um cruzamento significativo de etnias e um elevado fluxo de comércio. Existe uma grande quantidade de pontos de revenda, tanto nas ruas como na praça, o que contribui para uma intensa circulação de peões e veículos. Além disso, verifica-se um movimento constante de cargas e descargas.

A elevada atração turística, impulsionada pela diversidade cultural, reflete-se igualmente na presença significativa de hotéis e alojamentos locais nos quarteirões circundantes. Neste contexto, a Câmara Municipal de Lisboa (CML) tem como objetivo minimizar o impacto desta confluência urbana e promover uma utilização qualificada do espaço público.

No que diz respeito à segurança, o relatório aponta a existência de espaços com diferentes morfologias que favorecem a ocorrência de pequenos delitos e crimes menores, destacando, assim, a necessidade de mitigar essas situações. Relativamente à acessibilidade, verifica-se o incumprimento das normas associadas às políticas de mobilidade reduzida.[67] Estas questões impactam o valor do lugar, pois, como mencionado, "*quanto mais elevado for o valor das pessoas e dos lugares, mais estes se ligam às redes interactivas. Quanto menor for o seu valor, menor será a sua ligação.*"[68]

No que concerne às características formais e ao desenho da praça atual, considerando o elemento da água como um símbolo importante, o qual se pretende preservar e valorizar, aproveitando a sua localização num vale. O sistema de vistas também é considerado, visando a preservação do património paisagístico, dado tratar-se de um local com um vasto domínio visual sobre as diversas colinas que caracterizam Lisboa e as suas relações territoriais com a cidade.

66. AnexoI.II.V_Caracterização Socio-demográfica no Programa do Concurso disponibilizado pela Câmara Municipal de Lisboa; pp. 2-3

67. AnexoI.I_Programa de Intervenção dos Termos de Referência no Programa do Concurso disponibilizado pela Câmara Municipal de Lisboa; p.3

68. SUSSER, Ida (2002); p.395

De acordo com o relatório do processo participativo realizado, vários pontos fracos foram revelados, dos quais se salientaram: o intenso tráfego rodoviário; a insegurança e a difícil acessibilidade pedonal no atravessamento da praça; zonas pedonais com elementos desordenados e larguras reduzidas; espaço pouco ensombrado; poucas zonas de descanso e de encontro na zona central da praça; reduzida oferta de equipamentos de lazer e desportivos; sobrecarga de zona de interface de transportes públicos; poluição sonora com níveis de ruído urbano elevados e degradação da zona envolvente da Igreja de S. Domingos.

Dos pontos necessários a abordar destacou-se: a criação de um espaço de atração central com repuxos ou quiosques; uma abordagem histórica de valorização dos vestígios existentes da Muralha Fernandina e o repensar na mancha verde da praça.

PROCESSO PARTICIPATIVO

Para sintetizar a informação necessária à caracterização do lugar anteriormente apresentada, essa informação foi obtida através de um procedimento de participação pública realizado previamente.

O processo elaborado para participação da população num futuro da praça foi organizado e promovido pela CML, começou a 14 de dezembro de 2020 e terminou a 15 de janeiro de 2021. [69]

Como método, foi disponibilizado um inquérito presencialmente na praça e online através do site ‘Lisboa Participa’, no qual participaram espontaneamente 1009 pessoas. Paralelamente, foram realizados 11 ‘*focus groups*’ [70], envolvendo um total de 74 participantes, selecionados através de entidades locais ou atividades da freguesia. Além dessas duas vertentes, houve também uma abordagem mais lúdica e educativa nas escolas de Jardim de Infância e 1º Ciclo, onde cerca de 73 crianças expressaram as suas opiniões e desejos para a praça através de desenhos.[71]

O objetivo principal foi envolver os cidadãos no sentido de “*criar um espaço inclusivo e integrador da multiculturalidade da zona, e, desta forma, garantir a qualidade da decisão política sobre o futuro desta requalificação, tendo em conta a criação do valor gerado pela participação dos cidadãos*” [72].

69. Relatório dos resultados da 1a fase do processo de participação pública da Praça do Martim Moniz

70. Sessões de discussão com duração de 60 minutos), com o objetivo de recolher contributos de cidadãos que, habitualmente, não participam nestas iniciativas (p.ex. comunidade internacional, idosos, jovens), procurando, assim, garantir a inclusão dos diversos grupos sociodemográficos. Os dados foram analisados recorrendo ao mapeamento de expressões e ideias agrupadas por temas e registo da respetiva frequência (número de pessoas que referiram as expressões ou ideias); consultar em https://oidp.net/pt/practice.php?id=1373 (OIDP)

71. Presente nos gráficos disponibilizados pela CML em anexos na p.129

72. Observatório Internacional da Democracia Participativa (OIDP) https://oidp.net/pt/practice.php?id=1373





•**57.** Participações das 73 crianças nas escolas. Ilustrações do que eles gostavam de fazer ou ter na praça Martim Moniz

•**58.** Disponibilização de monitores para participação nos inquéritos públicos na Praça Martim Moniz

Os dados recolhidos foram analisados através do método quantitativo, com o recurso ao software estatístico SPSS[73] para análise de respostas fechadas e relações entre variáveis. A pergunta aberta do questionário foi abordada por agrupamentos de acordo com *'clusters'* (agrupamentos) de palavras, enquanto as evidências recolhidas dos *'focus groups'* tiveram como metodologia a análise qualitativa.

Quanto à metodologia, contemplaram-se:

"*- Publicitação de projeto de relatório com o resultado da participação, incluindo um período para eventuais propostas de melhorias ao documento ou reclamações;*

- Apresentação em reunião de Câmara das conclusões da participação pública e proposta de programa preliminar do projeto de alteração da Praça do Martim Moniz;

- Participação técnica e especializada, aberta e plural, para o desenvolvimento de propostas espaciais (desenho de propostas que concretizem os resultados da participação pública);

- Aprovação, em reunião de Câmara, do programa base para concurso público internacional do projeto de execução da Praça Martim Moniz;

- Envolvimento dos parceiros no terreno, nomeadamente, organizações, associações, parceiros institucionais (junta de freguesia) e redes do território." [74]

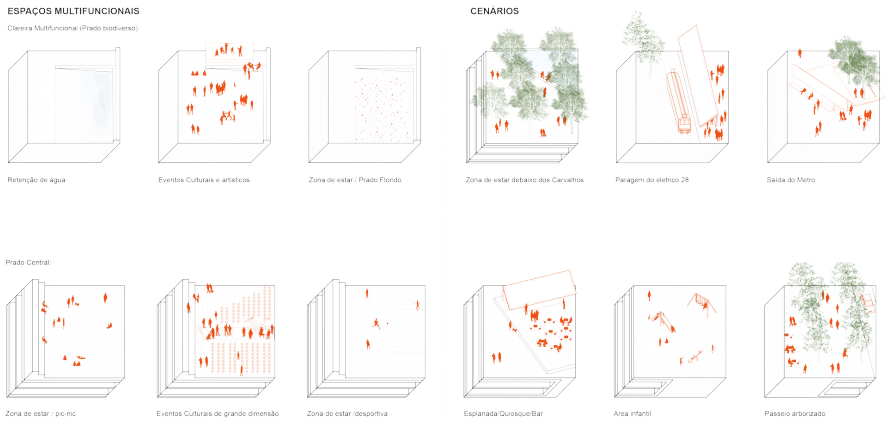
Contudo, apesar de se descrever a participação de inúmeras entidades, questiona-se adiante a efetividade e a organização desta metodologia.

73. SPSS (Statistical Package for the Social Science)

74. Observatório Internacional da Democracia Participativa (OIDP)



•**59.** Proposta de Cossement - Cardoso, TC 7



•**60.** Proposta de Sara Maduro, TC3



01 ANONIMO, MADONNA E SANTI NEL GIARDINO DEL PARADISO.1410 CIRCA

02 O JARDIM DAS DELÍCIAS TERRENAS, HIERONYMUS BOSCH, 1504. MUSEU DO PRADO,

•**61** Conceito de jardim apresentados pela proposta de Hand Metric System, TC5

esq. Anónimo, Madonna e Santi Nel Giardino del Paradiso.1410 CIRCA
dir. O Jardim das Delícias Terrenas, Hieronymus Bosch, 1504. Museu do Prado



•**62.** Visualização da elementos naturais, pavimentação e sombra da proposta de Global, TC20

PROPOSTAS A CONCURSO

Foram submetidos a concurso 21 trabalhos, dos quais 20 foram admitidos e 1 excluído por entrega fora do prazo. Dos 20 admitidos, 3 foram posteriormente excluídos devido a irregularidades no processo de entrega ou por comprometerem o anonimato durante a avaliação do júri.[75] A abertura da avaliação de todos os trabalhos decorreu no dia 14 de junho de 2023 nas instalações do Departamento de Espaço Público da CML.

> "*No decorrer das várias sessões privadas, o Júri procedeu à análise individual e em grupo dos Trabalhos de Conceção admitidos. Houve troca de opiniões e amplo debate entre os membros do Júri, os quais manifestaram o seu entendimento sobre as soluções apresentadas, em função da sua própria experiência profissional e formação específica*."[76]

75. Relatório Final do Júri; p.6

76. Idem, Ibidem p.7

A autoria das 17 propostas a concurso foram as seguintes (por ordem da lista de admissão, no entanto 16 foram analisadas uma vez que uma proposta foi submetida duas vezes):

* TC 3 | Sara Maduro Unipessoal Lda, Giani Cinquegrana;
* TC 4 | Magdalena Czapluck, Elza Borbowska, João Morais Cardoso, Márcio Filipe, Paulo de Campos;
* TC 5 | Metric Hand System, Urbanismo, Arquitetura e design, Lda;
* TC 6 | Atelier BAUM Arquitetura Paisagista;
* TC 7 | Gil Meneses Cardoso Unipessoal, Lda, Charles Cossement Architecte, SRL, NIEL – ARQUITECTURA, Lda, Basílio&Barros, Lda;
* TC 8 | ACB A Castel-Branco Arquitectura Paisagista, Lda;
* TC 11 | Filipa Cardoso de Meneses & Catarina Assis Pacheco – Arquitectura Paisagista, Lda;
* TC 12 | Vazio Arquitectura e Urbanismo Unipessoal, Lda;
* TC 13 | Leonor Miguéis – Materia;
* TC 14 | Oh! Land Studio, Lda, Masslab, Lda, Karres en Brands;
* TC 15 | Caldeira Cabral e Elsa Severino, Gabinete de Arquitetura Paisagista, Lda;
* TC 16 | Eliseu Pinto de Almeida
* TC 17 | Atelier Verónica Mota e Diamantino Oliveira, Arquitectura Paisagista, Lda;
* TC 18 | PROAP – Estudos e Projetos de Arquitectura Paisagista, Lda;
* TC 19 | Focus Group – Design & Consulting, lda;
* TC 20 | Global – Arquitectura paisagista, Lda.[77]

77. Anexo do Relatório Final do Júri; p.3



•**63.** TC 3



•**64.** TC 4



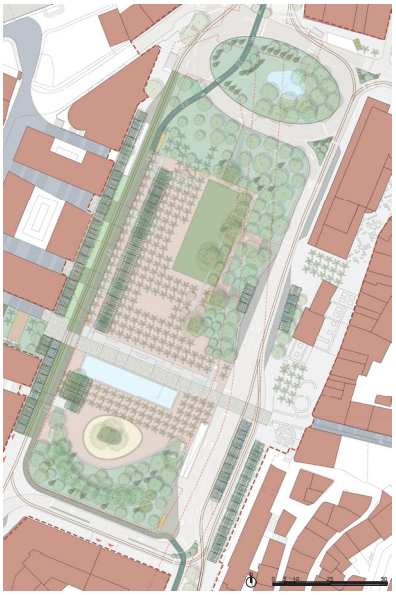
•**65.** TC 5



•**66** TC 6



•**67.** TC 7



•**68.** TC 8



•**69.** TC 11 - proposta vencedora



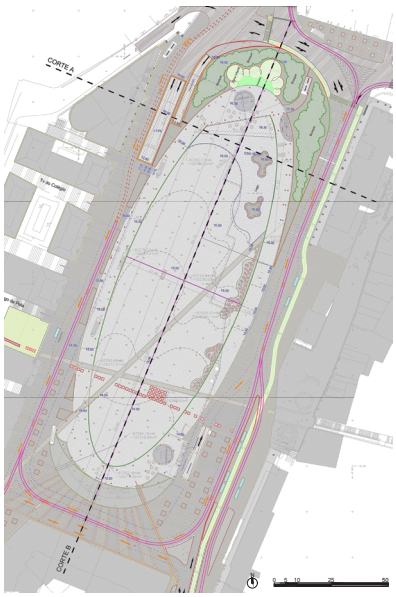
•**70.** TC 12



•71. TC 13



•72. TC 14



•73. TC 15



•74. TC 16



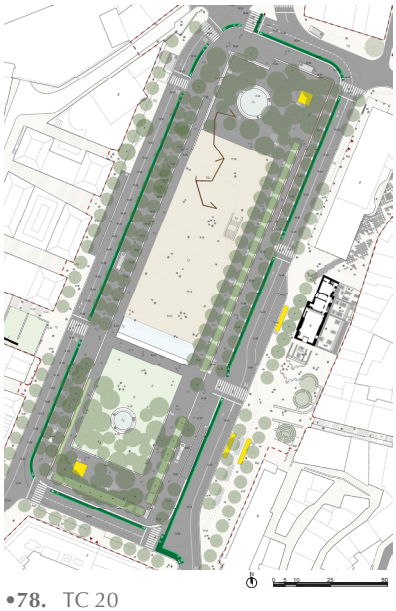
•75. TC 17



•76. TC 18



•77. TC19



•78. TC 20

Em anexo, encontram-se disponibilizadas as 16 propostas apresentadas a concurso, bem como as suas explicações dos projetos, segundo uma seleção da autora dos seus cadernos de trabalhos de conceção e memórias descritivas.

AVALIAÇÃO DAS PROPOSTAS

Os trabalhos foram classificados consoante quatro critérios: Adequação formal e programática (40%); Integração da solução proposta no contexto urbano envolvente (25%); Dimensão inovadora da solução proposta (25%); Exequibilidade técnica e racionalidade económica da solução proposta (10%).

O projeto que obteve maior classificação foi elaborado pelas arquitetas paisagistas Filipa Cardoso Menezes e Catarina Assis Pacheco. Segundo o relatório do júri, destacou-se pela sua coerência conceptual, dada a sua clareza e consistência formal, um trabalho que *“aprofunda a identidade cultural e social do lugar* [e] *convoca as preocupações ambientais através de uma proposta artística didática ligada às alterações climáticas”*[78]. Também é referida a sua clareza na formalização da memória do traçado da antiga Muralha Fernandina e pela criação de um elemento que separa a praça central do espaço destinado para os transportes públicos da praça central.

78. Observatório Internacional da Democracia Participativa (OIDP)





•**79.** Proposta vencedora: Programa no interior da praça com café-restaurante e esplanada com sombreamento

•**80.** Proposta vencedora: Valorização do Largo da capela da Nª Sª da Saúde como um espaço polivalente pavimentado



•**81.** Júri avaliando em conjunto as diferentes propostas concorrentes: júri designado pela CML presidido pela arquiteta Sílvia Cláudia Rodrigues Benedito e composto pelos arquitetos e arquitetos paisagistas: Rosário Salema; Helena Barros Gomes; Jorge Bonito; Helena Palma; Conceição Candeias; Luis Valente; Gonçalo Duarte Gomes; e engenheira civil Célia Mota

Na avaliação pelo júri foi salientado positivamente o uso das técnicas e métodos de processos participativos em conjunto com a importância da intervenção numa das praças emblemáticas da cidade. Foi referido também a sua excelente articulação intra-municipal, com a junta de freguesia e consultores no desenvolvimento do concurso, e a clara abertura pública do projeto e esforço pela sua divulgação.[79] No entanto, o júri alertou para o contexto pandémico que marcou o decorrer do concurso, o que representou uma barreira à troca fluida e espontânea de ideias entre as diferentes comunidades. Além disso, o júri expressou preocupação quanto à capacidade do município para concretizar as exigências da proposta vencedora, dado que o impacto positivo esperado depende diretamente dessa execução. [80]

79. Na plataforma do Processo Participativo do Martim Moniz https://oidp.net/pt/practice.php?id=1373

80. Idem, Ibidem

Sendo estas as primeiras experiências de concursos públicos municipais baseados num processo de participação pública, o Departamento do Espaço Público da CML valorizou a resposta da população em relação à nova intervenção, bem como a colaboração entre os vários serviços municipais, nomeadamente a Secção Regional de Lisboa e Vale do Tejo da Ordem dos Arquitectos e a Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas. Por fim, o júri considerou que a decisão da CML de abrir o concurso a nível internacional demonstra um compromisso com a *"justeza e pertinência"*, visando a obtenção de uma maior diversidade nas propostas concorrentes.[81]

81. Em "Considerações Finais" do Júri, no Relatório Final do Júri do concurso Público de Conceção para Elaboração do Projeto de Requalificação da Praça do


REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO MARTIM MONIZ
PRAÇA ATRAVESSADA
um novo jardim para as pess
FORMALIZAÇÃO DA PROPOSTA
CONCURSO PÚBLICO DE CONCEÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO MARTIM
ROTUNDA

CONSIDERAÇÕES
SOBRE O PROCEDIMENTO DO CONCURSO

Através dos cadernos de trabalhos de conceção e dos painéis das apresentações das propostas a concurso, e com o intuito de compreender cada proposta concorrente, foi possível criar uma análise sistemática abordando os vários elementos que um espaço público implica, juntamente com as características do contexto específico deste lugar. As propostas foram analisadas em parâmetros que correspondem à funcionalidade programática, à forma do desenho do espaço, ao carácter lúdico, desportivo e cultural, sem deixar de parte o contexto simbólico e histórico particular da praça, como a sua realidade multicultural e histórica.

•**82.** Mural de estudo e análise das propostas concorrentes desenvolvidas pela autora (à esquerda) Consultar em apêndice p.173

Estes parâmetros decorrem sintetizando e traduzindo princípios e elementos sólidos de cada proposta em pontos-chave, optou-se por uma análise qualitativa como a mais operativa e mais aproximada ao contexto.[82] É importante, também, referir que para esta análise não é relevante a classificação de cada 'Proposta de Intervenção' bem como a sua autoria, mas sim o processo e o resultado e a forma como a informação obtida através do 'Processo Participativo' se interliga com os 'Termos de Referência'.

82. Consultar tabelas de análise individual de cada proposta disponíveis no apêndice pp.174-209

A estratégia de análise e inventário parte da vontade de comparar as constantes observadas entre propostas para entender, através de parâmetros, momentos de convergência ou de divergência. Segundo Habraken, *"padrão representa uma continuidade: a aplicação deliberada de algo já feito. No entanto, cada instância do padrão pode envolver uma decisão, um agente, um lugar ou um tempo diferentes."*[83] Assim estes parâmetros funcionam como padrões, que organizados possibilitam uma leitura como um todo das várias propostas com princípios distintos.

83. HABRAKEN, John (1998) p.238

Esta observação de constantes permite perceber a ideia principal da atenção do arquiteto quando desenha espaços e que princípios o fazem decidir o espaço público da cidade são o encontro, o percurso, as vistas, o convívio entre a população, os equipamentos urbanos, como quiosques, cafés, esplanadas ou espaços de água, que conferem o ambiente e motivo para pertencer ao lugar.

Através destas constantes, foi possível elaborar um gráfico de bolas – variável consoante a sua adesão de abordagem – e através de uma tabela de, primeiro, dupla, e, depois, tripla entrada, nas quais cada lado corresponde a uma fase do concurso. A organização dos gráficos seguintes, relaciona os diferentes temas com os parâmetros mais específicos.

Com base no trabalho de Christopher Alexander, foi possível estruturar diversos parâmetros que representam padrões. A relação entre esses padrões permite criar uma narrativa para cada proposta, utilizando a chamada *“linguagem de padrões”*. Segundo o autor,

> *“Cada padrão descreve um problema que surge repetidamente no nosso ambiente e, em seguida, explica o núcleo da solução para esse problema de tal forma que é possível utilizar essa solução mais de um milhão de vezes sem nunca ter de a repetir exatamente.” [84]*

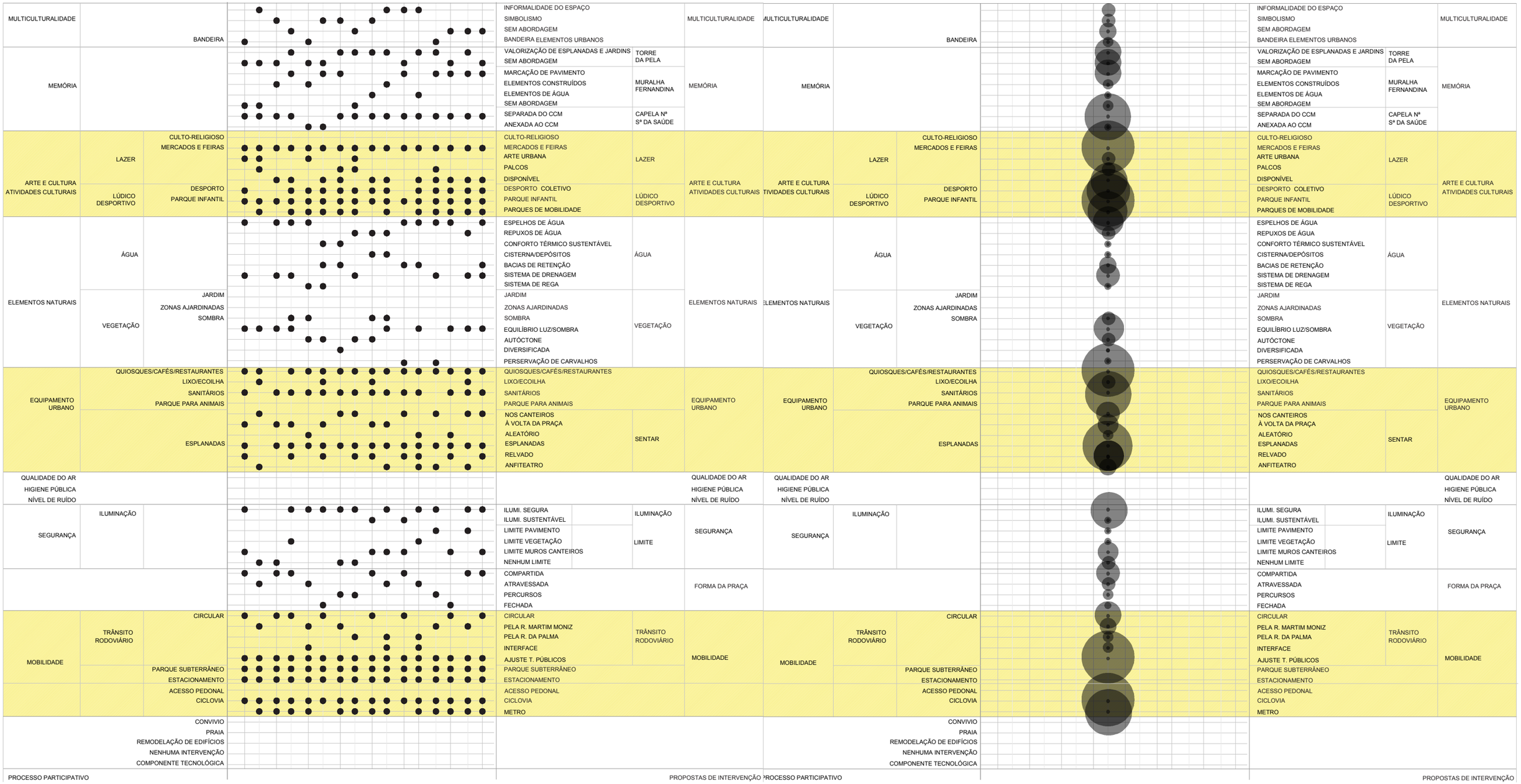
84. ALEXANDER, Christopher (1980); p.9

Cada padrão está relacionado com o anterior e o seguinte, formando uma linguagem hierárquica em que todos dependem dos seus predecessores.

Esta organização de constantes reforça a ideia principal da atenção do arquiteto quando pensa em organizar a disposição dos espaços e que princípios o fazem decidir o espaço público da cidade: se são o encontro, o percurso, as vistas, o convívio entre a população, os equipamentos urbanos, como quiosques, cafés, esplanadas ou espaços de água, que conferem o ambiente e motivo para pertencer ao lugar.

> *“Para um inquérito que se centra no reconhecimento da estrutura ambiental, a discussão sobre se a forma é boa ou má tem pouco sentido. No entanto, para Alexander e outros defensores que tentam deliberadamente transformar o ambiente construído, esta continua a ser a questão central. Onde procuramos compreender como os actores transformam a forma e, através da forma, agem uns sobre os outros.”[85]*

85. HABRAKEN, John (1998); pp.237-238

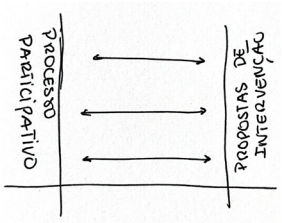


•83. Gráfico: Confronto das respostas de cada Proposta de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo

•84. Gráfico: Confronto das respostas das Propostas de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo - síntese

63

Nos gráficos presentes, a informação obtida organiza-se entre duas colunas, sendo que a da esquerda corresponde aos dados obtidos a partir do relatório dos resultados do ‘Processo Participativo’ público, e a da direita corresponde à análise desenvolvida nesta dissertação sobre as ‘Propostas a Concurso’. Cada linha corresponde a cada parâmetro e, no gráfico •83, cada ponto representa uma proposta do concurso, com o intuito de verificar a que parâmetros foi dada maior importância.[86]



•85. Ideia base dos gráficos •83 e •84.

86. Ver gráfico **•83**, cada coluna de pontos corresponde a uma proposta. Não estão identificadas pois não se considera pertinente para a discussão.

Vejamos no caso de:

No tema de ‘Equipamento Urbano’, tanto no parâmetro de ‘Esplanadas’ como de ‘Quiosques’, cerca de 15 propostas demonstraram interesse em desenvolver projetos. Neste contexto, é notória uma forte adesão, refletida na maior abundância de pontos identificados.

Relativamente aos ‘Elementos Naturais’, tendo em conta o desejo generalizado da população por um espaço verde na praça, as propostas mostram equilíbrio e diversidade de opções. No que diz respeito ao tema da ‘Água’, as respostas variam entre ‘Espelhos de Água’, ‘Repuxos de Água’ e ‘Conforto Térmico e Sustentável’. No entanto, observa-se maior preocupação com o ‘Sistema de Drenagem’, devido à realidade topográfica da área e ao histórico de cheias causadas por chuvas intensas.

Nos temas ligados à ‘Multiculturalidade’ e ‘Memória’, que não estão diretamente relacionados com a forma física do espaço, há uma adesão mais forte e diversificada. Em relação à Capela de Nossa Senhora da Saúde, fortemente associada à praça e à Rua da Mouraria, apenas duas propostas sugerem mantê-la ligada ao centro comercial.

Questões como ‘Qualidade do Ar’, ‘Higiene Pública’ e ‘Nível de Ruído’ foram abordadas, embora não se tenham materializado de forma evidente nas propostas. Considera-se que estes aspetos dependem mais das entidades gestoras do espaço do que do próprio desenho. No entanto, de forma geral, estavam implícitos nas sugestões das propostas analisadas.

É importante destacar o desfasamento entre os parâmetros abordados no 'Processo Participativo' e nas 'Propostas de Intervenção'. Tendo o estudo início na última fase, com um olhar de arquiteto, através do desenho permitiu-se identificar de forma mais rápida os princípios e objetivos da proposta. Em contraste, as informações recolhidas de um público generalizado resultam em respostas mais superficiais, que, numa análise mais aprofundada, não conseguem alcançar a mesma eficácia.

No gráfico •84, a informação é sintetizada num único círculo, cuja dimensão varia de acordo com o grau de adesão. Em ambos os gráficos, os temas a que todas, ou quase todas, as propostas dedicaram especial atenção no desenho e projeto da praça estão destacados com uma mancha amarela. Curiosamente, os três temas mais destacados em termos de adesão são também aqueles em que existe maior proximidade entre o 'Processo Participativo' e as 'Propostas de Intervenção'.

***

Desta forma, foi possível identificar picos de preocupação que refletem os aspetos em que as propostas estão em concordância. Por outro lado, decisões mais equilibradas, como o desenho da forma da praça, mostram-se menos urgentes ou resultado de opiniões divergentes.

Temas como 'Arte e Cultura', 'Equipamento Urbano' e 'Mobilidade' foram abordados de forma unânime, tanto pelas equipas de projeto como pelas manifestações da população, revelando uma sintonia entre esta e os arquitetos. Dentro desses temas, parâmetros como a existência de 'Ciclovia', o 'reajuste das paragens de transportes públicos', e o espaço disponível para 'mercados' ou 'parques infantis' refletem uma carência de equipamentos programáticos e lúdicos na praça, reconhecida de forma unânime.

Estas atividades estão intimamente ligadas à praça, seja como ponto de ligação para diferentes partes da cidade, seja pelas características únicas da população que a rodeia, como o elevado número de crianças ou as práticas de comércio informal que distinguem o local, pois “mostra que os mercados podem potenciar a integração social, tanto para populações mais velhas, como para populações com fracos recursos económicos ou para populações emigrantes (Watson, 2009).”[87] [88]

A atenção especial dada à falta de equipamentos, como ‘sanitários’, ‘quiosques’, ‘cafés’ e ‘esplanadas’, reforça o desejo de revitalizar este espaço público e incentivar o seu reuso. As práticas quotidianas neste espaço, enquanto lugar comum e democrático, ajudam a reduzir a segregação entre comunidades, etnias, culturas e religiões, promovendo o convívio e a troca de experiências interculturais.

***

Nos seguintes gráficos, introduz-se uma fase intermédia, obtida pelo tratamento de dados do processo de participação pública, os temas lançados como pré-requisitos do concurso surgem como ‘Termos de Referência’. Estes foram lançados no programa preliminar apresentado após a primeira fase do processo participativo, ou seja, a primeira reflexão sobre as participações públicas, de abril de 2021.[89]

No gráfico •87, as três fases – ‘Processo Participativo’, ‘Termos de Referência’ e ‘Propostas de Intervenção’ – já são organizadas com o objetivo de localizar que parâmetros foram abordados em continuidade.

Reparemos quanto a ‘Vegetação’, no parâmetro que remete para a sua diversidade, poucas propostas sugeriram a diversidade de flora, que pelos ‘Termos de Referência’, foi também um pré-requisito dentro do tema de ‘Espaço Verde’, quando pediram por ‘plantas de várias partes do mundo’. No entanto, esta especificidade não se obtém nas manifestações da população, que apenas solicitou um jardim. Por isso, este círculo não está destacado nas suas conexões com os três lados da tabela

Em relação à ‘Mobilidade’, a intenção da câmara de reduzir o tráfego rodoviário em torno da praça foi concretizada em muitas propostas, através de uma ‘Interface’ que visa diminuir o fluxo de veículos e melhorar a segurança do espaço pedonal

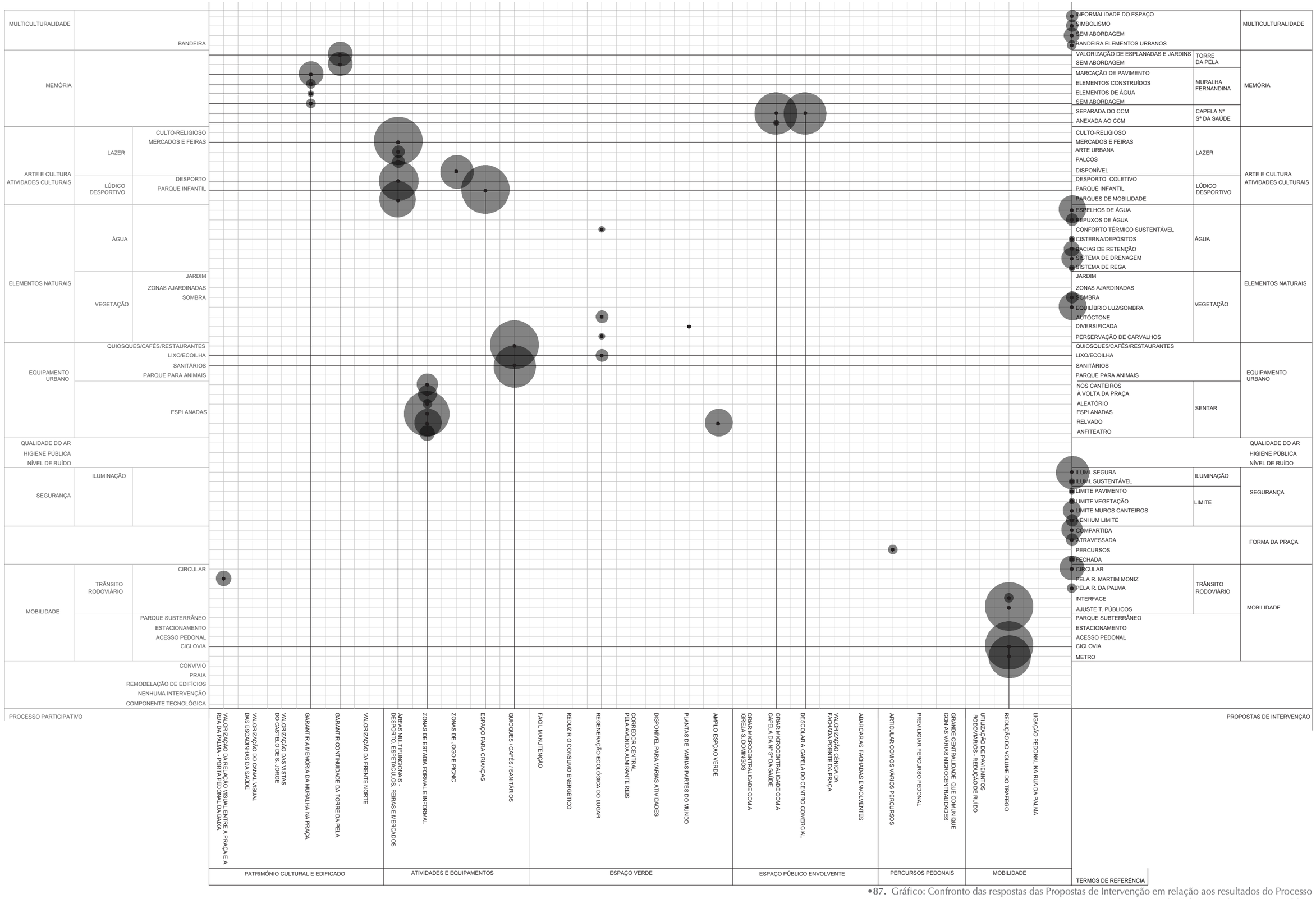
87. NUNES, João Pedro; BAPTISTA, Luís (2020) Divisões socioespaciais, coexistências e (in) visibilidades urbanas em Atlas Almirante Reis; p.143

88. Através de uma expriência da autora in loco *“É interessantes de como esta citação se torna real. Durante uma das várias visitas à praça, admito que sentí uma grande barreira linguística e cultural para que me aproximasse deles e os interpelasse. Na verdade foi atratvés de uma entrada num mercado de proprietários indianos que me foi facilitado conversar com o trabalhador que se encontrava na caixa. De uma forma natural, através das trocas comerciais, também troquei conversas e assim foi me possível perceber de onde eram, à quanto tempo se encontravam a viver e a trabalhar no Martim Moniz, se gostavam ,... entre outras coisas, que só numa conversa rápida mas respeitosa pude me aproximar mais daquela pessoa. E a comunicação foi possivel porque ambos falámos inglés (o que me fez pensar que neste caso, a lingua não foi uma barreira)”* Consultar “Visita de Campo” em apêndice p.186 e em “Conversas...” em p.196

89. Consultar Cronologia presente no apêndice juntamente com as datas das fases do concurso na pp.170-171



•86. Tríade: Processo Participativo; Termos de Referência e Propostas de Interveção

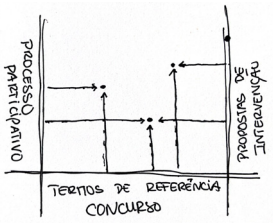


•**87.** Gráfico: Confronto das respostas das Propostas de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo e aos pre-requisitos dos Termos de Referência do Concurso Público

67

Neste gráfico, os parâmetros que estão presentes nas três fases do processo do concurso são assinalados pelas linhas mais destacadas na grelha.

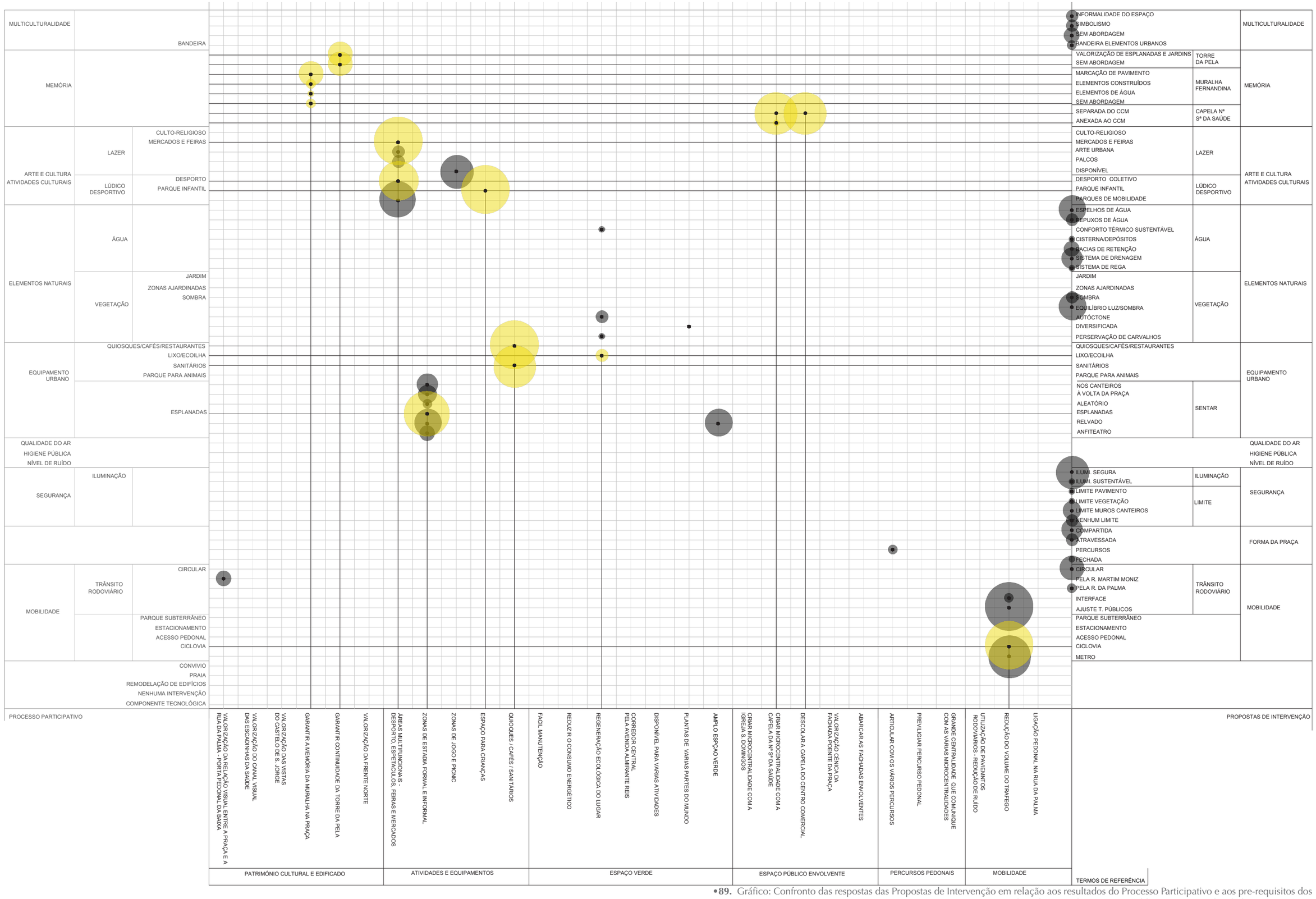
Os círculos observados na extremidade direita representam os parâmetros que só foram abordados com maior clareza na fase final, ou seja, materializados apenas nas propostas de intervenção, ou que têm alguma ligação com o processo participativo. Esta situação pode ser observada na leitura do gráfico, como por exemplo, o caso da ‘Bandeira/Elementos Urbanos’, aspeto que esteve presente na primeira e na terceira fase, mas não foi suficientemente destacado no programa preliminar do concurso.



•**88.** Ideia-base dos gráficos •87, •89 e •90.

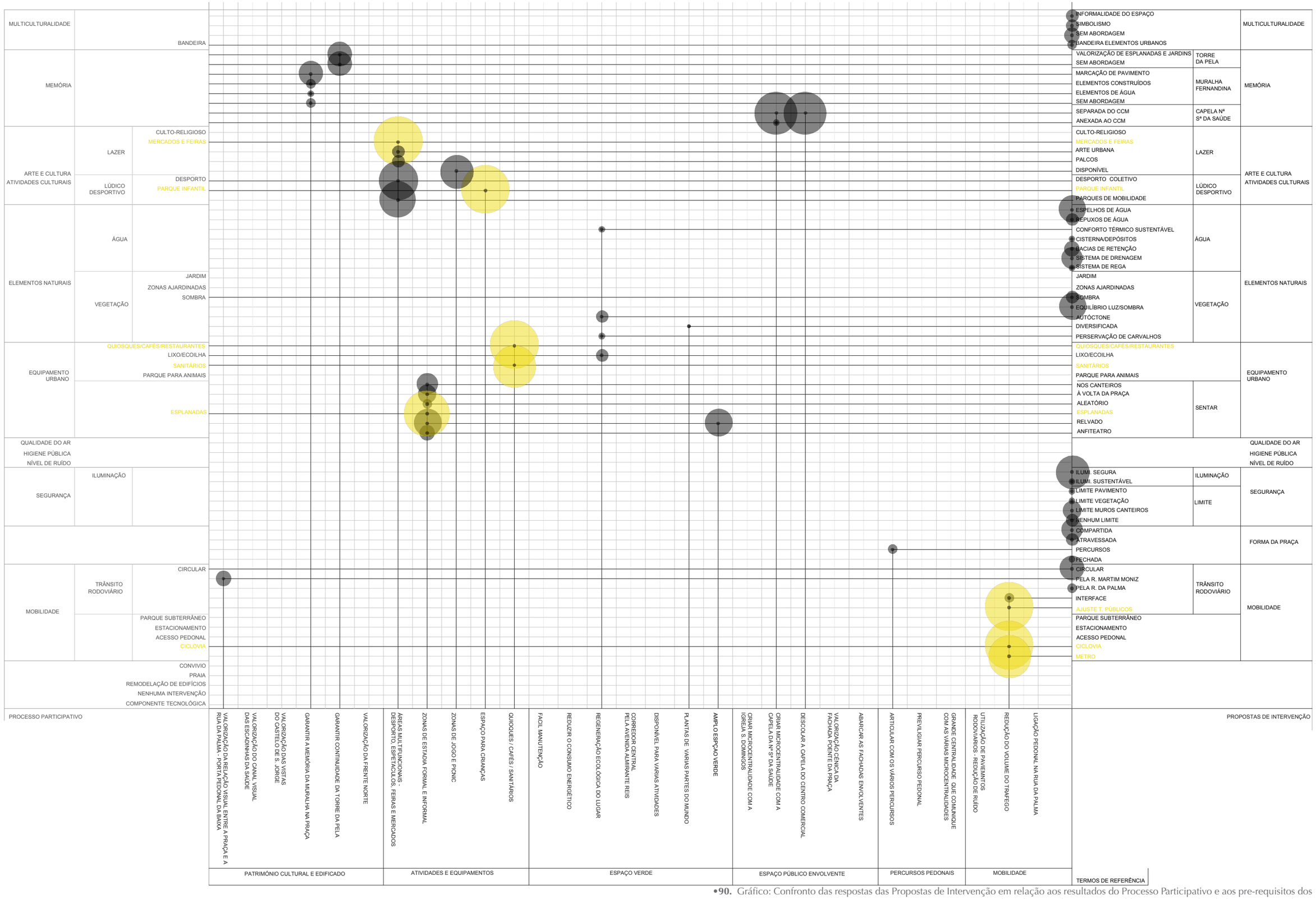
No gráfico •89, destacam-se a amarelo os círculos que são comuns às três fases do estudo. Pode-se observar que 16 dos 57 elementos analisados, ou seja, cerca de 28%, estão em conformidade, onde os parâmetros associados a ‘Memória’, ‘Arte e Cultura’ e ‘Equipamento Urbano’ são evidenciados como comunicantes entre as três entidades participantes.

Por sua vez, no gráfico •90, os elementos destacados a amarelo correspondem àqueles que estão presentes nas três fases e que demonstraram maior adesão. Estes são representados pelos círculos de maior área que, tendo adesão unânime, também são os comuns às três fases. Exemplos como ‘Mercados e Feiras’, ‘Parque Infantil’, ‘Quiosques/Cafés/Restaurantes’, ‘Esplanadas’ e ‘Ciclovia’ evidenciam a vontade e a necessidade de um desenho e uso mais eficaz do espaço urbano existente no Martim Moniz.



•89. Gráfico: Confronto das respostas das Propostas de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo e aos pre-requisitos dos Termos de Referência do Concurso Público - os temas abordados em coerência

69



•90. Gráfico: Confronto das respostas das Propostas de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo e aos pre-requisitos dos Termos de Referência do Concurso Público - os temas abordados com mais adesão

70

REFLEXÕES

"Os concursos públicos de arquitectura, sujeitos a uma legislação genérica que não tem em linha de conta a sua especificidade, solicitam ao concorrente uma enorme quantidade de documentos que têm, em trabalho e preocupação, um peso enorme em relação ao que se dispende na elaboração da proposta projetual. Além dos que se solicitam a entidades ou que se elaboram de forma quantitativa, pedem-nos reflexões críticas e metodológicas para além da clássica memória descritiva onde nunca sabemos bem equilibrar, num texto elaborado para um júri desconhecido e naturalmente heterodoxo, a clarificação do conceito de pura descrição do que pode ser lido nos desenhos ou ainda não está lá porque seria, normalmente, objeto de decisão posterior acompanhando o desenvolvimento do projecto."[90]

90. ALVES COSTA, Alexandre (2004) em "Revolução ou Concursos" em *Jornal Arquitectos* (2004); p.3

Os concursos públicos enfrentam dificuldades devido à complexidade dos vários agentes envolvidos — responsável pela obra, cliente/população e arquiteto. A exigência de uma quantidade excessiva de documentação e reflexões não condiz com a especificidade do trabalho arquitetónico, o que dificulta a comunicação eficaz da proposta, especialmente para um júri desconhecido que pode ter critérios variados. Essas dificuldades podem resultar em incongruências nas classificações finais. No caso deste concurso, por exemplo, algumas das melhores classificações não respeitaram totalmente os pré-requisitos presentes nos Termos de Referência[91] , enquanto propostas que seguiram as orientações de forma rigorosa não foram tão bem classificadas. Essas incongruências geram contrassensos e indignação entre arquitetos e a população envolvida, levantando questões sobre a validade dos procedimentos dos concursos públicos.

91. Um exemplo da exigência de tornar a Rua da Palma pedonal e permitir o trânsito rodoviário apenas pela Rua Martim Moniz. No entanto, muitas propostas, incluindo a vencedora, seguiram uma abordagem inversa àquela solicitada.

Essas dificuldades acentuam-se ainda mais quando a população participa, seja voluntariamente ou guiada, no processo. No caso em estudo, o processo de participação pública não se traduz de forma clara e consequente no desenvolvimento do concurso, especialmente quando a participação da população não representa as particularidades distintas dos modos de habitar.

Através desta análise, é possível aproximar em que sentido as entidades governativas e a população se aproximaram mais, e posteriormente as equipas de arquitetura, e em que sentido os resultados da participação pública foram devidamente considerados no lançamento do programa preliminar e nas propostas consequentes.

Tendo em conta os temas que permaneceram na coluna direita respetiva, alguns consideravelmente importantes, tais como a segurança ou higiene pública, que são a base dos problemas que incentivam a degradação e abandono do espaço público, não foram considerados com a mesma importância como a construção de infraestruturas. A manutenção que é exigida nestes tópicos, não vai ser resolvida apenas pela implementação de novos projetos de arquitetura e de urbanismo. Considerando o histórico interventivo constante, principalmente entre os anos 50 e 60 abordados anteriormente, identifica-se um défice sempre presente. *“A transformação espacial deve ser entendida no contexto mais amplo da transformação social: o espaço não reflete a sociedade, exprime-a, é uma dimensão fundamental da sociedade”*[92]. Neste sentido, outro dos temas abordados anteriormente no capítulo “Praça Martim Moniz”, nesta análise não se verifica com tanta veemência a realidade intercultural que tanto caracteriza esta praça.

O tratamento dos resultados deste processo participativo e sua plausibilidade como palavras de ordem no programa, propositadamente ou não, foi o momento de expressão social que Susser refere, contudo implica uma seleção objetiva de informações consoante a sua pertinência e objetivos políticos. Da mesma forma, que Cervellati[93] diz:

> *“Os erros, e houve erros, podem sempre ser atribuídos a esforços de interferência, precisamente para manipular a participação. Nada pode ter piores consequências do que uma participação fictícia, e a administração e os dirigentes do partido em Bolonha sabem-no muito bem.”*

Por vezes, são deixados de lado aspetos que, na prática formal de um concurso público de urbanismo, arquitetura ou arquitetura paisagista, não são considerados tão necessários. No entanto, para garantir uma boa integração urbana do projeto com as dinâmicas socio-urbanas de um conjunto diversificado de comunidades, é essencial incluir temas como a multiculturalidade e a memória do lugar.

92. SUSSER, Ida (2002); p.393

93. CERVELLATI, Peter-Luigi (1984) em “Preservation with participation” in *The Scope of Social Architecture*; p.242

Peter Luigi Cervellati, chefe do planeamento urbano da cidade cde Bolonha, na década 70 aquando da transformação a cidade sofreu também por muitas demolições e reconstruções devido às mesmas causas identificadas no Martim moniz associadas à gentrificação. Nos procedimentos de planeamento urbano, a participação pública também gerou controvérisa, mas acredita no poder da participação como prioridade das necessidades dos bairros sobre as necessidades do partido.

Para uma melhor compreensão da realidade participativa, é importante prestar atenção aos resultados dos procedimentos participativos. Observa-se que apenas 11% dos participantes que se manifestaram não são portugueses[94]. A comunidade residente e trabalhadora na área, especialmente no comércio e na restauração, é maioritariamente composta por estrangeiros, que utilizam a praça com frequência. Adicionalmente, a ocupação urbana na zona não se limita a edifícios devolutos; também se verifica uma crescente instalação de alojamentos locais, que promovem o turismo na área.

No universo das 1009 participações do inquérito, verificamos que cerca de 23% dos participantes passam pela praça diariamente, posicionando-se na segunda menor parcela do gráfico indicado[95]. Relativamente à residência, apenas 14% dos participantes habitam na freguesia correspondente à praça[96]. Quanto ao modo de passagem, a maioria das pessoas reconhece que percorre a área a pé[97].

Assim, no caso do Martim Moniz[98] , o 'verdadeiro' usuário não participa em massa, seja na sua preparação, na discussão, na decisão ou na realização do projeto. Isto levanta questões sobre a eficácia de uma arquitetura de participação genuína.

> *"A ampla aceitação do princípio da participação dos usuários na habitação e no desenvolvimento urbano é a maior conquista da arquitetura social no passado recente. Como resultado, a arquitetura livrou-se do dogma das normas universais e começou a refletir a diversidade de indivíduos e aspirações em uma sociedade plural."* [99]

Mesmo assim, a questão da participação é um ponto sensível, nomeadamente neste concurso, uma vez que as metodologias de participação pública não são muito recorrentes e consolidadas nas instituições municipais portuguesas.

94. Consultar G.4 interpretado pela autora nos anexos, p. 129

95. Consultar G.11 interpretado pela autora nos anexos, p. 131

96. Consultar G.10 interpretado pela autora nos anexos, p. 131

97. Consultar G.13 interpretado pela autora nos anexos, p. 131

98. Importa, também, ressaltar que os dados sociodemográficos disponibilizados pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) não refletem a totalidade da comunidade residente, devido a fatores como migrações ilegais e longos processos burocráticos de legalização

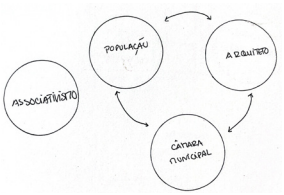
99. HATCH, Richard (1984) "Introduction" in *The Scope of Social Architecture*; p.7

SOBRE O PROCEDIMENTO DA PARTICIPAÇÃO PÚBLICA

O movimento “Juntos por um Jardim”[99] impulsionou este concurso, recolhendo contributos das pessoas interessadas na requalificação da praça, com o objetivo de criar um novo tipo de espaço urbano. O poder do localismo reflete-se na colaboração transparente entre o Estado e a população, como se observa noutros contextos de urbanismo e arquitetura, tais como os programas de patrimonialização de aldeias valorizadas. O associativismo e o localismo, a população, e o diálogo com organizações suportadas pelo conhecimento técnico, de arquitetos e não só, capacita e agiliza a intervenção - como são exemplo os processos de regulamentação para migrantes.

No entanto, o verdadeiro desafio dos procedimentos participativos reside na procura de um equilíbrio entre os três principais intervenientes – Estado, População e Técnicos – de forma a harmonizar as suas competências e responsabilidades distintas.

99. Responsáveis por petição com 1600 assinaturas entregue à Assembleia Municipal, no dia 30 de abril de 2019, primeira manifestação pública por parte da população do Martim Moniz e que deu início ao processo de auscultação para depois realizar uma requalificação da praça.



•91. Tríade: População (Associativismo); Arquiteto e Câmara Municipal

* Quem são as partes envolvidas na participação?

Assim, com base numa manifestação organizada e de acordo com as necessidades identificadas, a recolha e o tratamento dessas informações requerem um método de controlo eficaz. Desta forma, garante-se que a abertura e a disponibilização dos dados seja direcionada à comunidade: os utilizadores que frequentam diariamente a praça.

Considerando os dados anteriormente apresentados: 11% de participações voluntárias no inquérito, num total de 1009 respostas; 29% de participações nas discussões de *‘focus group*’, num universo de 74 participantes, pertencentes a outras nacionalidades que não a portuguesa; é evidente a discrepância nas participações. Esta disparidade revela a falibilidade do processo, especialmente sabendo que as comunidades estrangeiras são, de facto, os utilizadores mais frequentes da praça, tanto para lazer como parafonte de rendimento.

* Como devem ser envolvidas?

Por outro lado, importa saber se os métodos participativos são mantidos ao longo de todas as fases, para além da fase de preparação, a par da participação técnica, e do próprio cliente - preocupação comum em processos de participação pública. Esta situação é muito comum em projetos que se baseiam na participação pública.

Como afirmou João Seixas numa discussão pública no espaço da Ordem dos Arquitetos, a propósito do concurso público para a requalificação da praça, a "*"auscultação"* [o que aconteceu até agora] *é diferente de "participação" ("participação é sentarmo-nos à mesa, arregaçar as mangas e discutir, combinando eficiência com participação")"*[100].

100. Conversas entre os presentes no Ciclo de Sessões Públicas #02 Projeto de Requaliificação da Praça Martim Moniz.

Esta distância entre a simples auscultação e a participação efetiva pode ser superado através do processamento de informação, permitindo que a participação pública acompanhe todas as etapas. Desta forma, poder-se-á desenvolver uma metodologia mais intuitiva e deontologicamente correta para uma arquitetura verdadeiramente participativa.

Relativamente aos processos de participação pública, para a recolha de informações, existem estudos que os estruturam de acordo com os seus graus de participação e a efetividade dos resultados obtidos.

ARQUITETURA DE PARTICIPAÇÃO

A arquitetura, através de métodos de participação, também pode organizar o seu ponto de partida: pela população, pelas entidades técnicas ou governativas.

Quando a manifestação por uma intervenção surge do público, nos moldes de protesto, consequentes de injustiças sociais, é na **reinvindicação** do seu espaço em prol das suas necessidades que se enquadra o movimento “Juntos por um Jardim” anteriormente abordado. Por outro lado, quando a arquitetura de participação parte do arquiteto, surge como **sensibilização**, na função de mediador entre o projeto e o usuário, ou como **ajuda**, nos mesmos moldes de mediador, mas solicitado pela comunidade.[101] A possível aproximação é pela **instrução**, quando surgem oportunidades de investigação sobre determinadas problemáticas aliadas às instituições académicas, que, frequentemente em escalas reduzidas como um bairro, por exemplo, indiretamente promovem o reconhecimento da população, das suas necessidades e direitos.

Um exemplo em Portugal, o programa SAAL, enquadrando-se na forma de apoio, foi um procedimento que partiu pela arquitetura após a Revolução de Abril de 1974 [102] com o objetivo de introduzir novas políticas de habitação, novas relações de trabalho entre os vários agentes atuantes em todos os processos e suas construções, tendo em consideração projetos finais diferentes do que se construía até então e respetivamente seus sistemas de gestão. [103]

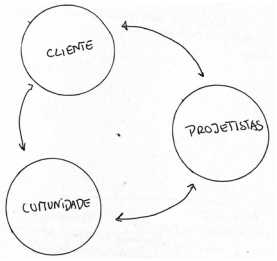
“A Brigada não adopta uma posição elementar - aprender com o povo - ou ensinar o povo. Entra com a sua formação real, aceitando e criticando as circunstâncias dessa formação, e com a sua total adesão a um objectivo: o controle das populações sobre as zonas degradadas em que habitam e sobre a diretrizes da sua apropriação e recuperação, controle esse que necessariamente tem de ser, à partida, alargado à própria cidade e não só.”[104]

Este tipo de intervenção, de ajuda à população, também foi inovador, no âmbito de participação pública, colocando “cara-a-cara desde o início os habitantes e os projetistas”[105] e assim constituir um conhecimento estatístico através de inquéritos sobre as características socioeconómicas dos futuros usuários.

101. TEIXEIRA DE SÁ, Ana Luísa (2002); pp.150-165 Apresenta exemplos de cooperação entre os arquitetos e o público e estrutura quando acontece e em que medida.

102. Também no Martim Moniz dse observavam várias intervenções de onde rsultaram diversos projetos inacabados.

103. PORTAS, Nuno, “SAAL and the Urban Revolution in Portugal” em *The Scope of Social Architecture*; p.259



•92. Tríade: Cliente; Projetistas e Comunidade

104. AAVV (2019) *Cidade Participada : Arquitectura e Democracia. Operações SAAL - S. Victor*; p.56

105. PORTAS, Nuno, “SAAL and the Urban Revolution in Portugal” em *The Scope of Social Architecture*; p.263

Ana Luísa Teixeira de Sá apoia a capacidade resolutiva da participação na arquitetura.

> *"O principal argumento de defesa desta corrente ideológica aponta que, com a participação direta do destinatário, a arquitetura adequar-se-á de forma mais correcta a cada indivíduo, grupo ou família. Na participação há o reconhecimento de cada pessoa, qualquer que seja a sua posição ou função [...], é um 'actor' na construção da cidade* [..., onde é possível o ...] *estabelecimento de uma aliança flexível, mas forte, entre todos os 'actores' [...] A participação acaba por consolidar a coesão da cidade"* [106].

106. TEIXEIRA DE SÁ, Ana Luísa (2002); p.143

Neste sentido, o papel do arquiteto vem reforçar ainda mais esta coesão, principalmente quando integra nestes processos de participação pública, considerando que esta aproximação bidirecional, entre a população e os técnicos, promoverá mais consciência entre estas duas partes integrantes. Por outro lado, quando se assiste às inúmeras participações torna-se difícil integrar as suas decisões finais, pois quanto maior é amplitude de manifestações, mais difícil se torna tomar decisões cruciais e necessárias, mais ainda a uma escala não só de uma pessoa/grupo/família, mas sim de convivência de várias. Por vezes, este papel acaba por ser posto em causa, não pela desvalorização da sua prática, mas sim na sua reformulação, como no exemplo dos vários processos não finalizados que contribuem para a describilização dos técnicos e dos cidadãos.



•93. Trad. "Poster de um aluno francês, Eu participo; tu participas; ele participa; nós participamos; vós participeis ... Eles lucram)"

John Habraken, defensor da participação pública na prática da arquitetura e urbanismo, tem como ponto de partida "a convicção de que a responsabilidade individual de cada um, pelo seu próprio espaço representa uma pré-condição essencial para a salubridade do nosso meio"[107], ou seja, assim é possível que a participação pública na arquitetura seja também como uma estratégia de garantia da responsabilidade do cidadão enquanto cuidador do espaço. E enquanto se assume "participação como veículo válido pelo qual se pode devolver a liberdade ao destinatário, [...] o arquitecto passa a desempenhar novas funções distintas das mais usuais."[108]

107. HABRAKEN, John (1998) *The Structure of the Ordinary*; p. xvi e xvii

108. TEIXEIRA DE SÁ, Ana Luísa (2002); p.146

O autor atribui ao arquiteto a responsabilidade de criar um sistema eficaz de debate, desenho e produção de arquitetura que possibilite e promova a autodeterminação individual. Pois "vê o arquitecto como a única pessoa no processo que pode preencher o gap entre as necessidades humanas e as possibilidades técnicas, e como aquele que deverá tomar a iniciativa de abrir novas possibilidades para o futuro envolvimento do usuário."[109]

109. WASSERMAN, Joseph (1984) "Commentary on SAR" em *The Scope of Social Architecture*; p.91

Ao apelar à iniciativa da população, como no caso do SAR (Stichting Architecten Research) [10], cujo grande objetivo era “apurar se o cidadão comum reconhece (depois de envolvido no processo participativo) a interferência nos processos de autoria”[111] , a atuação do arquiteto como mediador, mesmo que esteja numa posição difícil, exposto às opiniões do público, e ainda que essa exposição possa tornar mais desafiador manter o discernimento e o rigor técnico na sua proposta disciplinar, será sempre vantajosa para a concretização do projeto em conjunto.

110. O SAR desenvolveu, com base nos fundamentos teóricos de Habraken, uma técnica de produção modular para habitações. Esta técnica assenta na construção de uma estrutura de suporte, que estabelece uma linha de continuidade e impõe algumas diretrizes sobre a forma e dimensão das Unidades Destacáveis. Supõe-se que essa estrutura modular proporciona uma certa margem de liberdade na configuração das habitações. Nos primeiros anos, a ênfase da SAR foi colocada no desenho de componentes pré-fabricados de Infill e nas novas formas de estruturas residenciais de alta densidade que os aceitariam nas infinitas variações necessárias para satisfazer uma população heterogénea” em *The Scope of Social Architecture*; p.22

111. TEIXEIRA DE SÁ, Ana Luísa (2002); p.157

TIPOS E FASES DE PARTICIPAÇÃO

Alguns temas são comuns ao trabalho de Henry Sanoff, que posteriormente desenvolveu. Este organiza a participação por tipos , para além da sua separaçõa entre participação passiva e ativa:

> Por ‘Participação Indireta’, cujo método utiliza questionários anónimos, focando-se na maioria, mas é considerado simplista e suscetível a manipulações; Por ‘Consulta’, um modelo de participação que promove conversas informais entre arquiteto e utilizador, permitindo troca de ideias, as decisões finais estão a cargo do arquiteto; e a ‘Defesa’, que é uma resposta contra decisões urbanísticas, nomeadamente defendendo grupos desfavorecidos e luta pela preservação das características locais;
>
> A ‘Colaboração’, que envolve os cidadãos desde o início do projeto garante um método equilibrado, com diversas alternativas para escolha; e a ‘Autodeterminação’ quando o arquiteto influencia um grupo pequeno, com a decisão final cabendo aos usuários. Enquanto a sua função é garantir as condições do projeto, estes dois últimos enumerados são tipos de participação ativa. Neste último caso, quando se valoriza o poder do cidadão, enquanto comunidades, “surge a problemática da responsabilização do cidadão relativamente às suas decisões.”[112]

112. *“No entanto, é possível mesmo assim o poder da comunidade seja ilusório, podendo a manipulação estar encoberta por publicidade enganosa ou informações subjetivas.”*
COUTO, Alexandra Martins (2012); p.27

Considerando os tipos que Hanoff apresenta, também distingue os diferentes momentos nos quais são pedidos diferentes tipos de participação pública. Hanoff divide este processo em quatro momentos – 'Consciência', 'Determinação', 'Programação', 'Implementação'. No primeiro, a fase de descoberta, recolhem-se e partilham-se informações; no segundo, define-se o problema e estabelecem-se os objetivos e expectativas do processo; no terceiro, numa fase de formulação de soluções, profissionais desenvolvem propostas influenciadas pelos conhecimentos e desejos da comunidade, procurando opções e apresentando uma conclusão final. Essa fase é mais flexível, permitindo revisitar etapas conforme necessário; e, por fim, no quarto, na fase de concretização do projeto, a comunidade geralmente se afasta do processo, mas isso é um erro; é crucial que permaneça envolvida durante toda a execução.[113]

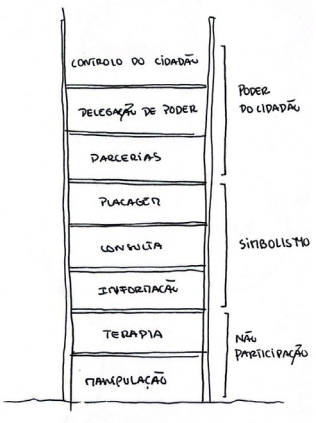
113. COUTO, Alexandra Martins (2012); p.32
A autora cita texto de Henry Sanoff, no livro *Programming and Participation in Architectural Design*, em "Forms of Participations"; p.60

THE LADDER OF CITIZEN PARTICIPATION [O ESCADOTE DA PARTICIPAÇÃO DO CIDADÃO]

Sherry Arnstein, através da metáfora de um escadote, representa a participação segundo várias aproximações graduais, entre a população e o Estado. Refere que a participação é diretamente proporcional ao poder do indivíduo e é "concebida para ser provocadora, é organizada em forma de escadote, com cada degrau correspondente ao nível de poder dos cidadãos na determinação do plano e/ou programa."[114]

O 'escadote' divide-se em três grupos: a 'Não participação'; o 'Simbolismo' e o 'Poder do Cidadão'. O grupo da 'Não participação', com dois níveis, corresponde à base onde a participação é subvertida ou reduzida. No grupo do Simbolismo, com três níveis, estes correspondem uma participação passiva, em que é possível ser informado, discutir e sugerir ideias. No grupo superior, assente numa participação ativa por parte dos cidadãos, estes têm um papel forte e decisivo nos momentos de concretização.

114. Arnstein, Sherry . R. (1969) "A Ladder Of Citizen Participation" em *Journal of the American Institute of Planners*; p.216



•94. Oito níveis do 'escadote' da participação pública de Sherry Arnstein:
Não-participação:
1-Manipulação; 2-Terapia;
Níveis do simbolismo:
3- Informação; 4-Consulta;
5-Placagem
Níveis de poder do cidadão:
6-Parcerias; 7-Delegação de poder; 8-Controlo do cidadão"

REFLEXÕES

Ao longo do estudo das fases de preparação do concurso, a participação e a voz da população foram evoluindo. Os dois primeiros níveis de participação costumam coexistir nesses processos de concursos públicos. A ideia de “Terapia” surge quando se organizam atividades abertas ao público, que, além de informar sobre os problemas sentidos, visam incentivar a reflexão sobre possíveis soluções. No entanto, esse enfoque pode ser contraproducente, pois não aborda as causas subjacentes, especialmente quando estas decorrem das responsabilidades das instituições do Estado, como a manutenção e a higienização dos espaços. Nesse contexto, é importante questionar como foram realizados os ‘*focus groups*’ e de que forma se desenrolaram as discussões.

Ana Jara[115] , na mesma discussão em que participou João Seixas, reforça que, mesmo sendo vereadora na CML, a participação pública poderia ter sido muito mais abrangente e que muitas das comunidades que contribuíram para o lançamento deste concurso ficaram de parte nos termos de referência e claramente nos momentos de discussão e de decisão. Acrescenta ainda que, enquanto intervenientes *“não podemos ficar reféns dos processos burocráticos nem delegar totalmente nos júris, por mais qualificados que sejam”* [116] o que, de acordo com Arnstein, se enquadra no patamar de ‘Placagem’, uma vez que

> *“os cidadãos são apenas envolvidos caso demonstrem que estão envolvidos ou através de associações, educação ou comissões policiais ou autoridades locais e residenciais [e não sendo parte dos que têm poder nas decisões] não são considerados para votos e são colocados de parte.”*[117]

A opção pelo procedimento de um concurso público, tem como consequência uma multiplicidade de opções e fisicamente afastadas do lugar, o que implica uma dificuldade quando se pretende abordar como arquitetura de participação. Contudo, mesmo seguindo este procedimento, o momento de discussão e de decisão implica a presença dos três intervenientes para que a decisão final seja ajustada aos três intervenientes e assim as três entidades tem voto e responsabilidade pela implementação do novo projeto, ao que se corresponde a um tipo de participação ativa, mais especificamente ‘Colaboração’, como Sanoff aborda.

115. Ana Jara, arquiteta e vereadora da Câmara Municipal de Lisboa. Nos seus trabalhos, investiga a partir da antropologia urbana, sobre a integração e implicações da visão micro-local do fenómeno urbano nas políticas urbanas, nos instrumentos de planeamento

116. Conversas entre os presentes no Ciclo de Sessões Públicas #02 Projeto de Re-qualiiificação da Praça Martim Moniz.

117. Arnstein, Sherry . R. (1969) “A Ladder Of Citizen Participation” em *Journal of the American Institute of Planners*; p.220

Quando a responsabilidade de decidir o futuro da praça recai exclusivamente sobre entidades que menos tendem a usá-la, como os técnicos e responsáveis – sendo a CML o cliente, dono da obra e a entidade que autoriza a intervenção – e não se responsabilizam também aqueles que mais interagem com o espaço, ou seja, a população que o vive diariamente, corre-se o risco de falhar na sua 'Implementação'. Este cenário compromete a vertente participativa e a integração urbana, uma vez que é a comunidade local quem possui o conhecimento e a estrutura necessária para garantir que o espaço, enquanto espaço social e urbano, tem um desempenho ativo e funcional.

BREVES CONCLUSÕES

Quanto mais pessoas estiverem envolvidas numa transformação espacial, seja ela física ou não, de um espaço comum, mais fácil se torna o processo, e o espaço passa a ter mais cuidadores, o que significa melhor futuro.

A abertura democrática nas intervenções urbanas, dado que se trata de espaços que servem diversas famílias e comunidades, aproxima a população dos responsáveis técnicos, como os arquitetos ou engenheiros. Além disso, garante o sentido de pertença, pois a população tem a oportunidade de se expressar, participar e ver resultados concretos dessa participação.

A avaliação dos processos participativos não deve ser feita de forma apressada. Como se tem verificado, há uma multiplicidade de intervenientes e uma diversidade de métodos que devem ser aplicados conforme as circunstâncias e os objetivos a atingir.

A desvalorização do potencial dos processos de participação pública — seja por uma execução deficiente, por insucesso, ou pela tensão entre a formação académica e o investimento profissional face às discussões públicas — não deve ser motivo de preocupação. Cabe às entidades técnicas assegurar, desde o início, a clareza das metodologias aplicadas na gestão desses processos participativos. Além disso, é indiscutível que a "arquitetura da participação" corrige alguns dos problemas associados à não concretização dos projetos ou à descrença e gestão de espetativas da população nas entidades responsáveis. Através da comunicação e do envolvimento de todos os intervenientes, é possível evitar intervenções inadequadas e desajustadas às necessidades do público em questão.

•**95.** Refeições no Martim Moniz (página seguinte)



3.
CIDADE CONTÍNUA

Ensaio

"com uma ideia pode-se apagar um estigma – ou, pelo menos, diminuí-lo – e restaurar uma praça, como aconteceu no Intendente"

José Fernandes (2023); p.26

"O corpo não é a sua essência biológica, mas sim uma corporeidade situada."

Cristina Bianchetti (2024) EURAU24

"Que os novos arquitectos se lembrem de responsabilidade enorme que abraçam. Os monumentos apagam-se com o tempo, mas a beleza perdura na atitude que cala fundo no coração de todo o Homem."

Lixa Filgueiras (1985); p.108

"Não, não é com a arquitetura ou o planeamento urbano que se resolvem os problemas sociais (...), mas é com uma compreensão dos problemas sociais que se deve abordar o processo de conceção da cidade moderna, tanto como entidade cultural como económica."

Peter- Luigi Cervellati (1984) em The Scope of Social Architecture; p.252

ESPAÇOS DE NEGOCIAÇÃO: ABORDAGENS E ESPAÇOS PÚBLICOS PLURAIS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Nos capítulos anteriores, procurou-se explorar a identidade do espaço, as suas características históricas e contemporâneas, bem como os processos evolutivos e o seu potencial dentro das metodologias aplicadas.

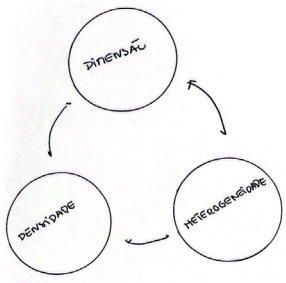
Esta parte da dissertação visa uma reflexão aprofundada sobre diversas ideias e exemplos relacionadas com as transformações urbanas que, atualmente, exercem pressão sobre as cidades, considerando a multiplicidade e instabilidade como realidades presentes.

Nos anos 40, o sociólogo norte-americano Louis Wirth[118] propôs que o urbanismo resulta de três fatores condicionantes da vida cultural e urbana: dimensão, densidade e heterogeneidade. Na época, a proposta teve uma receção significativa, mas também gerou muitas críticas, que ainda hoje são relevantes. As objeções focaram-se na falta de clareza quanto ao papel determinante do espaço, investigações empíricas que evidenciaram a existência de comunidades nas cidades e conflitos nas zonas rurais, enquanto a diversidade cultural questionou a ideia de um estilo de vida predominantes, tais temas refletem-se no Martim Moniz.

Neste sentido, embora os parâmetros quantitativos anteriormente enumerados, fortemente ligados à forma e ao domínio do arquiteto, sejam relevantes para a disciplina, o espaço público não pode ser definido apenas por estes. É essencial complementá-los com parâmetros qualitativos, que assegurem a diversidade dos modos de vida urbana. Estes podem ser aplicados a diferentes tipos de espaços públicos, como praças, parques, jardins e avenidas, de acordo com as suas finalidades e relações de proximidade dentro da cidade. " *Os espaços públicos, enquanto locais de interação social espontânea, são os dispositivos de comunicação da nossa sociedade"* [119], o que sublinha ainda mais a dimensão inquantificável que o espaço público envolve.

118. Louis Wirth, sociólogo norte-americano e membro da escola de sociologia de Chicago, desenvolveu o seu estudo sobre sociologia urbana.
Este escreveu um ensaio "Urbanism as a Way of Life", publicado em 1938, em que escrevia sobre o modo de vida urbano ideal, com foco nos grupos minoritários e mais pobres, mas que foi alvo de muitas repercurssões pela sua abordagem incompleta da sociedade da época. Posteriormente, alguns críticos, partiram da mesma apresentando temas em falta. Estes tema em falta enquadram-se no seguimento desta dissertação.

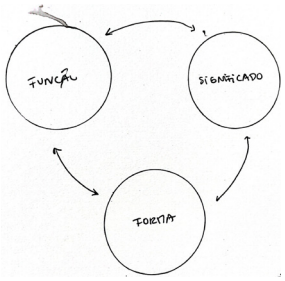
SAVAGE, Mike; WARDE, Alan (1993) em "Perspectivas sobre a Cultura Urbana"; p.102



•96. Condicionantes do espaço urbano

119. SUSSER, Ida (2002) p.398

Até ao momento, verificou-se que *“os elementos-chave da mudança socioespacial [podem] ser organizad[os] em torno de três eixos: o primeiro relaciona-se com a função, o segundo com o significado e o terceiro com a forma.”*[120] Quanto à forma e à função, observou-se que as *“cidades são estruturadas e reestruturadas simultaneamente pelas lógicas concorrentes do espaço dos fluxos e do espaço dos lugares”*[121], que resultam em intervenções inacabadas e instáveis. No entanto, o significado representa uma importância especial neste trabalho:



•**97.** Elementos-chave socioespaciais

> *“Observo, na fase de formação da sociedade em rede, a tensão e a distância crescentes entre a personalidade e a cultura, entre os indivíduos e as comunidades. Porque as cidades são grandes agregados de indivíduos, forçados a coexistir, e o assentamento para a maioria das comunidades, a cisão entre personalidade e comunalidade, traz uma tensão extraordinária sobre o sistema social das cidades como dispositivo comunicativo e institucionalizador.”*[122]

A existência da diversidade cultural e étnica contribui potencialmente para o desenvolvimento sustentável da cidade na medida que incentiva e promove os diferentes modos de viver, também com atividades informais, considerando a existência de choques e de confrontos. Sobre esta negociação e conflito permanente, refere a autora que:

> *“uma dimensão social especial que não sendo uma força de resistência, é um catalisador do desenvolvimento e transformação produtiva tanto nas escalas locais e urbanas, como também internacionalmente. Essa diversidade pressupõe a existência de espaços sensíveis, com valores materiais e imateriais e de complexidade extrema e muitas particularidades na sua forma de habitar. [...] A dicotomia entre a habitação e empregos com o espaço social acentua diariamente os seus desafios e dependendo da variabilidade de tolerância dentro de cada cultura, o espaço é sempre condicionado”.* [123]

Refletir sobre as necessidades primárias de cada grupo etnocultural levanta várias questões, entre as quais: ‘Como podemos conceber um desenho urbano que as represente?’ Para além das componentes individuais e comunitárias, surge uma terceira dimensão, resultante da intersecção das duas anteriores, dado que estas comunidades possuem características específicas, distintas das comunidades do contexto ocidental. Relativamente à participação pública, Habraken reflete na escala individual e comunitária, que *“não é clara a delimitação entre estas duas esferas*

120. SUSSER, Ida (2002) p.396

121. Idem, Ibidem; p.397

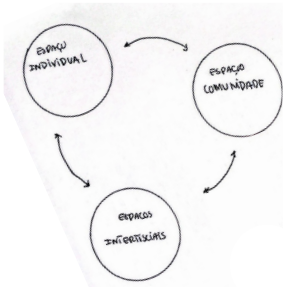
122. Idem, Ibidem; p.397 quando remete para a Era da Informação que se tem vindo assistir a crescer em pleno metade do séc.XXI)

123. Artigo publicado no EURAU 2024; Consultar artigo disponibilizado em apêndice p. 202

[e defende] que esta fronteira entre o individual e o coletivo não deve ser traçada aprioristicamente, que deve antes ser 'fruto de negociação'"[124], o mesmo se traduz no desenho do espaço.

124. TEIXEIRA DE SÁ, Ana Luísa (2002); p.147

Considera-se, assim, o desenho do espaço público como um encontro entre microesferas individualizadas, de atividades comuns, conduzindo a intervenções que abordam as necessidades de cada grupo. O objetivo não é promover a segregação derivadas a incompatibilidades culturais, mas sim permitir formas de autossegregação, resultantes da organização interna das próprias comunidades.



•98. Tipo e Relação entre espaços

Esta abordagem cria espaços intersticiais, que sendo objeto de conflito e profunda divergência, ao mesmo tempo apresentam-se como fator positivo, gerando focos de oportunidade de cooperação e integração cívica e urbana. Contudo, importa ainda referir que esta ambiguidade assume a oportunidade de gerar um espaço destinado a todos, mas que, no pior cenário, não se destina a ninguém.

> *"As cidades foram redefinidas como pontos de contradição e conflito entre a acumulação de capital e a redistribuição social, entre o controlo estatal e a autonomia das pessoas. Em torno destas questões, novos movimentos sociais urbanos - isto é, movimentos centrados tanto no controlo da vida comunitária como nas exigências do consumo coletivo - emergiram como novos actores de conflitos sociais e de poder político."*[125]

125. SUSSER, Ida (2002) p.392

As relações que interessa destacar não estão no funcionamento interno destas comunidades, mas sim na interface entre as mesmas. Tendo em conta as diferenças multiculturais, o foco assenta na capacidade do espaço público, ao aumentar a superfície desta interface, promover as relações interculturais e como estas se modificam em relação ao espaço, correndo o risco, mas também de integração[126].

126. Sendo condição, muitas vezes, os direitos humanos são postos em causa.

Esses indivíduos ou comunidades ocupam efetivamente a vida quotidiana urbana de várias maneiras, impactando a qualidade dos serviços. O uso da rua, e neste caso da praça, relaciona o cidadão com a cidade e vice-versa. Suzanne Hall foca-se na:

> *"intimidade da vida local na rua para explorar uma escala de contacto a partir da qual se podem considerar os efeitos urbanos da imigração, da disparidade e da multicultura."*[127] *"Face à fluidez das pessoas, das economias e dos objetos num mundo global, juntamente com as crescentes associações em rede através do espaço, permanece*

127. HALL, Suzanne (2012) "As Políticas de Proximidade" Estuda a Walworth Road, em Londres, que se assemelha com a Avenida Almirante Reis e a Rua Benformoso, no Martim Moniz.

a questão de saber se o contacto local é importante quando se aprende a viver com a diferença e a mudança."[128]

128. Idem, ibidem

O espaço público adquire uma certa determinação como um espaço de negociação, e também de conflito; mas é o espaço necessário para que todas as comunidades sejam integradas no processo de reconhecimento da diferença e da transformação como algo favorável.

As várias visitas ao local confirmaram a importância das atividades comerciais e a intenção de estabelecer contacto direto com os proprietários e residentes. É no espaço 'rua' e nos serviços económicos que se observa mais rapidamente o benefício mútuo dessas interações, revelando um claro sentido de pertença das comunidades ao lugar.

***

No contexto do subcontinente indiano existem espaços específicos para atividades culturais, que podem ser desportivas, sociais ou religiosas, denominados como '*maidans*'. Estes surgiram durante o período de colonização britânica e eram destinados principalmente à prática do críquete, desporto característico da cultura indiana, mas que tem origem europeia. Com o passar do tempo, à medida que os habitantes locais se apropriaram destes espaços e o país alcançou a independência, os '*maidans*' transformaram-se em locais de convívio que ajudaram a moldar a sua identidade local. Considerando que a *"sociedade indiana é dividida ao longo de linhas regionais, linguísticas, sectárias e de castas"*[129] e através destas diferenciações são definidos vários estratos sociais, os espaços ao ar livre, embora delimitados, tornaram-se plataformas de mobilidade social através das diversas atividades mencionadas.

129. LYNCH, Owen M. (1996) "A South Indian Caste in a Bombay Slum" em *Urban Life;* p.432

Nas cidades indianas, enfrenta-se uma crise urbana relacionada com o planeamento do espaço público. Esta situação deve-se à presença constante de elementos informais, que estão culturalmente enraizados nos espaços comuns das megacidades em crescimento. Se esta *"informalidade é observada como sinal de pobreza, também é analisada como solução através das suas ambiguidades e exceções"*[130] que, ao fim ao cabo, satisfazem um maior número de pessoas, e, tendo em consideração o alto nível de densidade populacional nestas cidades e sua dificuldade de gestão.

130. ROY, Ananya (2009) p.76

Segundo Ananya Roy, nas cidades indianas, face aos fracassos urbanos, a informalidade vincula-se a respostas via

desmapeamento e desregulamentação do espaço, que, mesmo não sendo genuinamente espontâneas nem orgânicas, são a estratégia racional de sustentar uma fronteira, em que o método expõe uma espontaneidade, tanto por parte do Estado, como também da população nas suas dinâmicas territoriais. Esta flexibilidade implícita no território, com cedência e novas ocupações, impossibilita que as cidades sejam planeadas e projetadas. Esta *"informalidade está inscrita na relação em constante mudança entre o que é legal e ilegal, legítimo e ilegítimo, autorizado e não autorizado."*[131] Portanto o espaço é garantido sempre como instável. Pois:

> *"o significado urbano atenta ao papel que é conferido à cidade em diferentes períodos históricos, papel que é disputado por grupos dominantes e dominados. Esta concepção permite uma flexibilidade muito maior na interpretação daquilo que está em jogo no protesto urbano, uma vez que as pessoas podem querer da cidade coisas muito diferentes."*[132]

> *"O conceito de sociedade perfeita varia conforme os cenários culturais em que surge, apresentando, no entanto, características comuns, presentes implicitamente no seu significado. Independentemente do seu aspeto formal, a utopia social é invariavelmente uma tentativa de representação de harmonia, do equilíbrio e da perfeição [conceitos esses que variam de cultura para cultura, e mesmo dentro de uma mesma cultura]. Sendo assim, todas estas formulações de utopia são formalmente diferentes entre si, refletindo, no entanto, uma mesma ideia base."*[133]

O sentido utópico abre a discussão de questionar a *"desconstrução ou reformulação"*[134] do conceito com o objetivo de representar o espaço público, tendo como regra primordial o ecumenismo, mas não só. Existem outros pontos que se consideram fundamentais na relação com o espaço, como o sentido de simultaneidade, reciprocidade e pluralismo.

Paula Montero aborda a questão do pluralismo e confronto com a multiculturalidade, no sentido em que *"o pluralismo busca assegurar o nível de assimilação necessário para promover a integração, enquanto o multiculturalismo encontra virtudes políticas na própria produção das diferenças"*[135]. No contexto político brasileiro, o impacto das diversas fronteiras de difícil controlo e os fluxos turísticos

131. ROY, Ananya (2009); p.80

132. SAVAGE, Mike; WARDE, Alan (1993) em "Participação Urbana e Ordem social"; p.189

133. TEIXEIRA DE SÁ, Ana Luísa (2002); p.131

134. RIAZ, Ali (2013); p.310

Ali Riaz é cientista, político e professor no Departamento de Política e Governo da Universidade Estadual de Illinois, EUA, e presidente do Instituto Americano de Estudos de Bangladesh. O autor abre a discussão sobre oportunidades de submeter o Islão ao diálogo e ao debate civil, porque não é apenas o papel das mulheres que está a ser discutido nestes grupos, mas também outras práticas sociais. O que também se reflete no uso espacial.

135. MONTERO, Paula (2012) pp. 89-90

geram um debate contínuo sobre multiculturalismo. A autora destaca que existem *“grupos ‘oprimidos’ por não serem ‘reconhecidos’”*[136], que lutam para afirmar a sua identidade étnica. Essa reivindicação revela que suas culturas estão em risco de extinção no próprio território. Sem uma estrutura de suporte para a integração urbana, esses grupos enfrentam desafios significativos, mas essa situação também pode abrir novas oportunidades para mudanças e atualizações sociais.

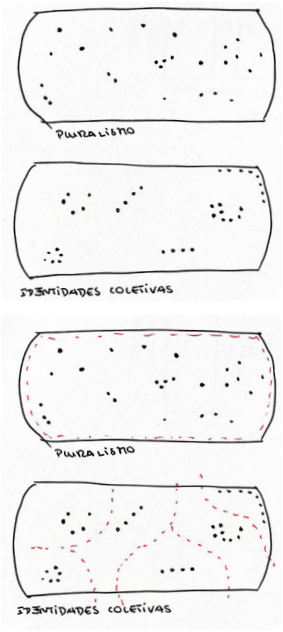
Traduzindo esta realidade para o panorama do Martim Moniz, não é que estas comunidades estejam *“em vias de extinção”*, mas necessitam de representação como estereótipo cultural com o seu *“figurino identitário”* porque, na verdade, são parte da identidade do Martim Moniz. Mas, por outro lado, os processos de reconhecimento legal e dos seus direitos também são procedimentos muito lentos e insuficientes, sabendo que têm um papel determinante na estabilização e compreensão das diferentes identidades étnicas. Por vezes esta *“construção de identidades coletivas acaba sempre levando a algum tipo de essencialização e, por via de consequência, engendrando novos mecanismos de exclusão”*[137].

***

A essência das identidades étnicas cria as diferentes esferas presentes no uso da praça, influenciando tanto o pensamento do desenho, como também o futuro uso do espaço público. Permanece a mesma questão: estas microesferas presentes em simultâneo fazem com que o espaço seja usado por coletividades que incentivam a organização espacial segregativa? Os grupos organizados consoante as suas etnias e religiões indubitavelmente vão ocupar os espaços públicos da forma que mais convier, no entanto, não é o espaço que deve incitar essa organização por coletividades, apenas estar disponível como um espaço único e comum.

Quando se questiona a razão de redesenho de um vazio urbano, tal como os vários processos de intervenção urbana ou concursos públicos para a área do Martim Moniz, num espaço público que tem os seus usos estabelecidos e que, porventura, não correspondem diretamente aos objetivos para o qual a praça foi desenhada, parte da população manifestar o seu desagrado e questionar o que está em falta.

136. Idem, Ibidem



•**99.** Distribuição informal dos corpos pelo espaço plural

137. Idem, Ibidem; como Paula Montero cita Sérgio Costa na p.94

***

Quanto ao espaço público, que elementos fundamentais são necessários? Para que o seu uso seja flexível, implica que seja iluminado, promovendo a segurança dos cidadãos e evitando pequenos delitos previsíveis, implica que promova a manutenção, higienizado por razões de saúde pública e que permaneça em condições de uso, e que seja acessível em termos de mobilidade intergeracional. Estes pilares garantem que o espaço público funcione como uma unidade autónoma e disponível dentro da cidade, estabelecendo uma relação positiva entre a praça, o corpo e o ambiente urbano.

> *"O espaço público, que educa os indivíduos para a representação, é associado aos corpos dos bons cidadãos; o espaço degradado, perigoso, não facilmente legível, associa-se a um estigma e, através dele, os corpos dos maus cidadãos."*[138]

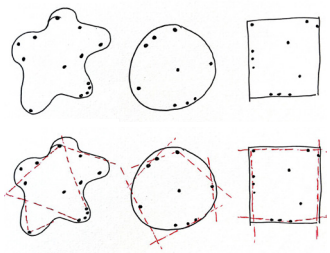
Se as pessoas em processo de integração se movimentarem por espaços degradados, a associação entre a má qualidade do ambiente e a vulnerabilidade dos indivíduos torna-se um estigma. Por outro lado, se essas comunidades estiverem presentes em espaços qualificados e pedagógicos, aumenta a probabilidade de se sentirem motivadas por propósitos de integração e ecumenismo. Essa diferença de contextos pode influenciar a percepção pública e as oportunidades de interação social.

A relação entre o espaço e o corpo é explorada por Cristina Bianchetti[139], que questiona se o entrelaçamento constitutivo de corpos e espaços, bem como o seu papel político, pode ser considerado o núcleo de uma teoria no campo urbano. Partindo da premissa da simultaneidade, no sentido de projeção dupla, argumenta que o *"espaço assemelha-se os corpos ao mesmo tempo que os corpos moldam o espaço"*[140]. Contudo, essa relação não se desenvolve de forma linear, o que dificulta uma leitura e um pensamento de projeto simples. Na verdade, *"na base da coligação de corpos e espaços está um princípio de simultaneidade e reciprocidade"*[141].

Bianchetti compara com a época em que o design moderno abordou *"sociedades caracterizadas por agrupamentos compactos"*[142], que se organizavam em blocos com lógicas próprias, refletidas no espaço. Nesse contexto, *"desenhou o espaço com a ideia de construir uma pedagogia da convivência"*[143], onde o espaço público atuava como um mecanismo pedagógico essencial.

138. Conferência de Cristina Bianchetti, EURAU24 no Politécnico de Milano; Consultar conferência assistida e registada pela autora em apêndice na p.204

139. CRISTINA BIANCHETTI: arquiteta, doutorada em Urbanismo. Ensina Planeamento Urbano na Universidade Politécnica de Turim, onde também foi vice-reitora. O seu trabalho centra-se em temas relacionados com os espaços habitacionais e a crítica dos projectos urbanísticos contemporâneos. A sua presença na esfera cultural é evidenciada pela sua participação e coordenação de numerosos projectos de investigação e pelos seus muitos escritos.

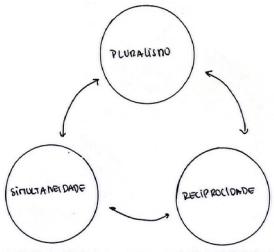


•**100.** Capacidade do espaço enquanto molde dos corpos

140. Idem, Ibidem; Consultar em apêndice na p. 205

141. Idem, Ibidem;

142. Idem, Ibidem;



•**101.** Príncipios de espaços comuns

143. Idem, Ibidem;

No entanto, ao tentar observar esses agrupamentos sem a organização separativa, e ao assumir a pluralidade dos diversos corpos que utilizam o mesmo espaço, surgem várias questões, entre espaços mais dinâmicos e inclusivos, mas também conflituosos. Essa complexidade exige uma abordagem mais flexível e adaptativa no design.

Bianchetti refere a desdiferenciação do espaço como uma possível atitude resolutiva, ao contrário do passado, pois que quanto mais o espaço *“é diferenciado, reconhecível, identificável, mais difícil é encontrar respostas para diferentes necessidades, e fazer as coisas à sua maneira, de acordo com os seus desejos ou possibilidades”*[144]. Portanto, revela uma estratégia para quebrar estruturas sociais e políticas impostas.

144. Idem, Ibidem; Consultar em apêndice na p.206

Outra atitude que nos conta é a afirmação do espaço como distância, distância entre coisas, um espaço vazio para o qual somos atirados e que é possível habitar e usar como instrumento de resolução urbana.

Estas duas abordagens positivas evidenciam a sua potencialidade na implementação de projetos. Por um lado, ambas favorecem uma liberdade no discurso de projeto e uma multiplicidade de modos de estar. Por outro, permitem a transformação física dos espaços, sem a necessidade de criar novos programas, mas sim reconhecendo o que já existe e associando-o às diversas comunidades que habitam a área. No entanto, é importante lembrar que esses processos são lentos, especialmente quando envolvem um conjunto significativo de culturas diferentes.

A reformulação que Riaz aborda vai de encontro a Bianchetti quando hipoteticamente fala sobre um desvio da tradição do planeamento urbano e arquitetónico e quando afirma a opção de raciocinar em pluralidade e não em coletividade, não atendendo a um conjunto de populações, mas sim a uma toda e única população. Considera-se uma possibilidade quando se trata de escalas superiores, que não conseguem atuar em comunidades específicas, mas sim com uma rede de atuação mais complementada e interdisplinar.

***

A interdisciplinaridade do pensamento urbano envolve o domínio das áreas política, económica, sociológica e antropológica. Um exemplo desse pensamento interdisciplinar pode ser observado no trabalho da arquiteta Anna Heringer. Nos seus projetos de caráter coletivo e público na cidade de Rudrapur, no Bangladesh [145], Heringer desenvolveu um sistema autónomo que promove a sustentabilidade, respeitando as características e modos de vida locais. Embora esses projetos se insiram num contexto específico, o trabalho de Heringer acompanha as diferentes fases do processo, demonstrando uma abordagem interdisciplinar eficaz. *"A solução de design pode não ser replicável em outras partes, mas permite que novas soluções de design surjam de um conhecimento aprofundado do contexto local e formas de construção"*[146].

A participação da população também tem um forte impacto, desde a fase de projeto até à sua execução, onde a transparência interdisciplinar entre a equipa de arquitetos e urbanistas com os trabalhadores e residentes locais beneficia de um intercâmbio que atravessa culturas distintas.

Na cultura bangladeshiana, sendo uma das mais estabilizadas na área em estudo, tal como a indiana, interessa-nos uma abordagem pertinente quanto ao seu uso espacial e como modificam os seus espaços para seu uso. Pois, nas suas cidades, caracterizadas por uma densidade populacional e construtiva extremas, a disponibilidade de espaços públicos é muito limitada. Quando surgem, geralmente são iniciativas particulares e de curta duração, usualmente destinadas a atividades económicas, sociais ou religiosas, por vezes com controlo de acesso, revelando algum caráter cultural de natureza social segregativa.

É comum que esses espaços públicos não sejam acessíveis a todos e em todos os momentos. Quanto à sua informalidade, diferentes grupos sociais reivindicam o espaço de acordo com as suas classes sociais. Kirsten Hackenbroch tenta compreender "como a acessibilidade e os direitos de uso do espaço público são estabelecidos" na megacidade de Dhaka, no Bangladesh e procura entender "a informalidade urbana como uma *"lógica organizadora"* [que] *resulta num modo específico de produção do espaço e, assim, em espacialidades de poder continuamente em mudança."*[147]

145. Bangladesh é um país de potência na produção de têxteis e, portanto, usando isso como fonte de rendimento, Heringer faz gerar uma economia que sustem o investimento em escolas, que por sua vez confere instrução de qualidade às gerações mais jovens e para, assim, dar continuidade aos investimentos económicos e assim gera-se um sistema contínuo em conjunto com a participação da comunidade.

146. Júri do Prêmio Aga Khan de Arquitetura 10o Círculo em https://www.anna-heringer.com/projects/meti-school-bangladesh/

147. HACKENBROCH, Kirsten (2011) p.60

Enquanto Ananya Roy argumenta que a informalidade e a formalidade no contexto urbano operam numa dicotomia que conecta diferentes economias e espaços reivindicados, numa relação híbrida que varia conforme a conveniência, Kirsten define uma tríade funcional que dinamiza o espaço, organizando-o por: espaço negociado, espaço informal e espaço estatutário[148]. O espaço estatutário refere-se ao espaço decidido por meio de regras ou regulamentações estatais, enquanto o espaço informal é determinado por organizações sociais ou outras instituições. O espaço negociado é a ponte que conecta o estatutário ao informal, criando assim uma coexistência sempre numa condição temporária e dependente das duas outras dimensões do espaço [149].

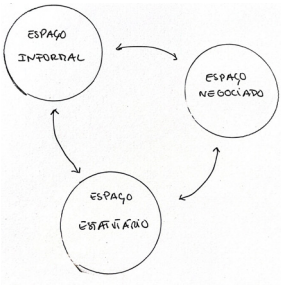
Essa relação codependente justifica a persistência da ocupação e negociação do espaço nas cidades deste território. O espaço informal manifesta-se na prática através da apropriação espacial obtida por meio de atividades quotidianas. Um exemplo dado por Kirsten seria a utilização de uma margem ao longo de um dique para jardins, a construção de uma mesquita temporária, ou o uso do local para lavagem e secagem de materiais usados[150]. Essas práticas são frequentes e caracterizam a cultura local.

Estas negociações representam um espaço efémero e instável, que pode ser *“experimentado hoje - mas que pode ser completamente diferente amanhã, devido à natureza contínua dos processos de negociação e das estruturas de poder em constante mudança”*[151], com o constante ‘vai-e-vem’ implícito nas negociações, Kirsten destaca que esta política protege fundamentalmente as minorias urbanas, pois é através da informalidade espacial que os “pobres urbanos” podem reivindicar o seu direito à cidade. Enquanto o planeamento urbano e infraestrutural se concentra na resolução funcional, é apenas através do espaço negociado das estruturas e usos que o uso comum se estabelece.[152] Neste contexto, é a comunidade que faz a conexão entre o espaço estatutário e o espaço informal, integrando as três dimensões essenciais.

A leitura e compreensão dos espaços urbanos devem passar pelo reconhecimento do seu funcionamento genuíno, sem forçar mudanças, mas garantindo a sua integração e convivência harmoniosa. Assim, este capítulo final apresenta pensamentos urgentes que o arquiteto, enquanto profissional interdisciplinar, deve reformular continuamente no seu modo de atuar.

148. Idem, Ibidem

149. Idem, Ibidem

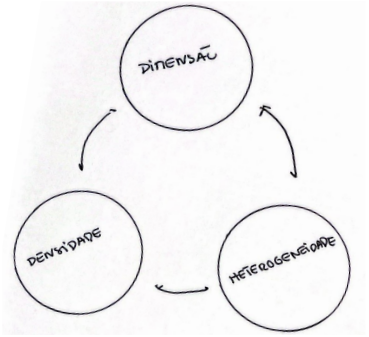


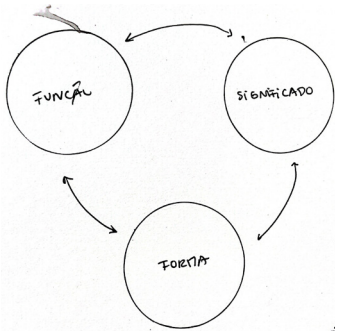
•**102.** Relações dentro do espaço: Espaço Informal; Espaço Estatutário e Espaço Negociado

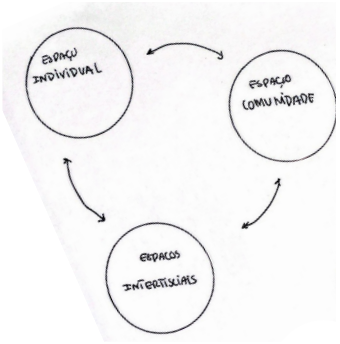
150. HACKENBROCH, Kirsten (2011); p.62

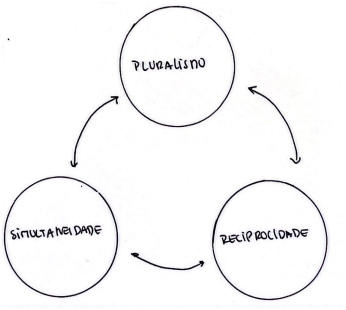
151. HACKENBROCH, Kirsten (2011); p.67

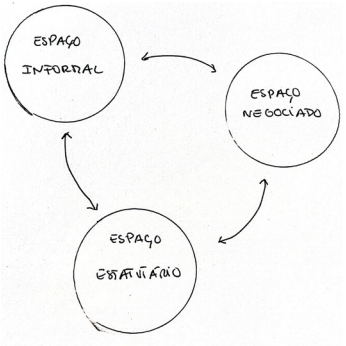
152. Idem, Ibidem

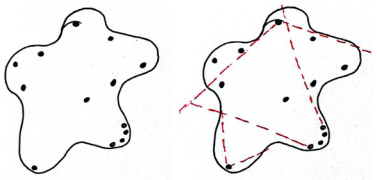


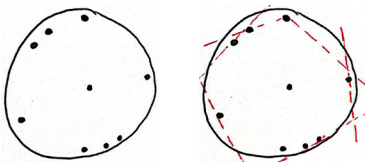


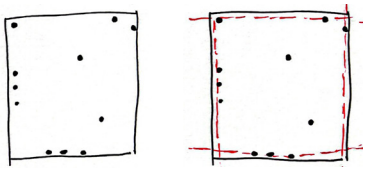


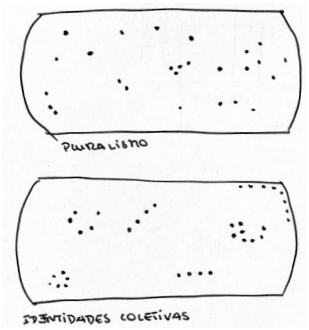


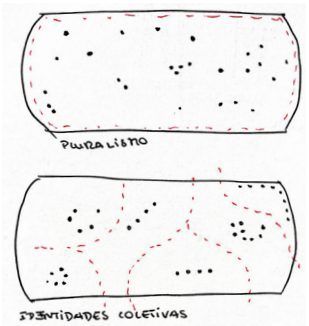












•**104.** Refeições no Martim Moniz (página seguinte)

•**103.** Espaços de Negociação: abordagens sobre espaços públicos plurais na Cidade Contemporânea



CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito da componente social que o urbanismo alcança, nesta dissertação procurámos compreender as transformações que o espaço público sofre ao longo do tempo, especialmente quando oscilam entre individuais e comunidades com características específicas, pois esta relação de paridade transforma significativamente a cidade, uma vez que "aquilo que faz de uma cidade boa para se viver envolve uma multidão de interesses em conflito." [153] Considerámos que não existe uma resposta predeterminada, pelo que recorrentemente foram apresentadas várias possibilidades, tendo em conta o contexto característico e complexo do Martim Moniz.

153. SAVAGE, Mike; WARDE, Alan (1993) em "Participação Urbana e Ordem social"; p.189

***

Historicamente, o palimpsesto surgiu por razões práticas, como a gestão de recursos materiais e a reciclagem de documentos, sem grande preocupação com o conteúdo anterior. No entanto, atualmente, este conceito é valorizado como uma fonte de informação e compreensão. De maneira paradoxal, recorre-se ao passado não apenas para preservá-lo, mas também para o desconstruir ou o construir simultaneamente para contextos diferentes. Este fenómeno palimpséstico torna-se, assim, um contributo na arquitetura, auxiliando os processos de elaboração de um projeto, quer este se situe num território classificado como património ou não.

A instabilidade da configuração morfológica da Praça Martim Moniz também se alimenta deste palimpsesto, pois são as mudanças culturais e políticas, assim como os fluxos humanos, fatores determinantes e pilares interdisciplinares cruciais, que causam essa instabilidade. O poder das camadas sociais que vivenciam o lugar, impregnado de memória e tradição, é tão significativo que resulta num ciclo contínuo de demolição e reconstrução.

A noção de palimpsesto é tão relevante que a própria estruturação desta dissertação estabelece simbolicamente uma relação com este conceito. A dissertação é composta por uma sobreposição de camadas temporais e culturais sobre o mesmo território, sendo que os

três capítulos se referem a três momentos distintos da cidade — legada, emergente e contínua —, que, hoje, permitem uma leitura do território como se fosse um único tempo.

Por outro lado, a sobreposição de camadas aplica-se à leitura transversal a várias disciplinas. Neste trabalho, constatámos que os recursos bibliográficos indicam que, embora existam estudos sobre urbanismo no campo social, estes são menos considerados em comparação com os estudos de sociologia. Esta realidade reflete um enfoque tradicional do urbanismo, que, até recentemente, se limitava a abordagens mais convencionais, centradas em questões formais e de desenho. Em contrapartida, sociólogos e antropólogos frequentemente investigam e revelam o potencial das suas respostas inovadoras aos novos desafios urbanos. A atitude de ler sob diferentes perspectivas disciplinares em torno do mesmo espaço contribuiu significativamente para a procura de referências e no desenvolvimento do trabalho.

As problemáticas que o espaço social atualmente apresenta não são tão lineares. Por isso, essa realidade não linear deve ser mais bem documentada, enriquecendo ainda mais a arquitetura através do diálogo com outras disciplinas.

***

Para mitigar o afastamento entre o arquiteto e o público, percebeu-se que as variações de abordagens são cruciais e promovem a compreensão próxima e fidedigna das necessidades das comunidades. A forma como o sistema político e económico se encontram organizados, muitas vezes, leva-o a não resolver questões sociais complexas, especialmente as que envolvem minorias, que, em conjunto, representam uma maioria invisibilizada.

Assim, é fundamental criar espaços de experimentação e expressão para acelerar a resolução destes problemas cujas estruturas maiores formais, governativas ou institucionais, não conseguem abordar profundamente. Através de associações, o localismo, o associativismo e o papel do arquiteto como intermediários entre o espaço social e o Estado são essenciais para garantir uma ligação eficaz entre o público e o espaço urbano. Estas associações são intervenientes mediadoras indispensáveis no trabalho desafiante do arquiteto e fornecem informações úteis para reajustar o ambiente urbano de forma inclusiva e sustentável.

Com o estudo do concurso para a requalificação da Praça Martim Moniz e das suas várias fases de concretização, foi possível identificar em que medidas a atenção do arquiteto — neste caso, o departamento de

arquitetura e urbanismo da CML — se concentrou. As principais prioridades foram a promoção da participação da população, a criação de um novo espaço urbano mais inclusivo através do conceito de jardim, e a valorização do património da área, incluindo a Capela da Nossa Senhora da Saúde e os vestígios da antiga Muralha Fernandina, como a Torre da Pela.

Considerando o estudo prévio, identificámos momentos em que os procedimentos de participação pública não corresponderam satisfatoriamente às necessidades reais. Embora os princípios integrativos tenham sido incluídos nas fases iniciais do processo, a falta de consistência dos resultados do processo participativo juntamente com a participação da população ao longo de todo o processo – desde a preparação até à decisão final – poderá vir a resultar numa desconexão com os verdadeiros utilizadores.

Importa salientar que o processo deste concurso decorreu durante e no pós-pandemia da COVID-19, o que teve um impacto significativo nas formas de participação pública. Apesar das restrições impostas pela pandemia, este estudo permanece como um exercício necessário e urgente, tanto para a consolidação das metodologias utilizadas quanto para o futuro dos espaços urbanos.

Reconhecemos também que o processo de participação pública não é imediato, mas que se vai ajustando conforme a eficácia dos resultados, sendo por vezes necessárias várias estratégias de trabalho e certificação das fontes de participação. Aspeto este que considerámos uma das falhas deste processo discutido, pois a maioria dos participantes que acederam ao inquérito não tem relação direta com a praça em questão. Por outro lado, a tentativa positiva de registar várias participações, através de vários procedimentos, como questionários, reuniões de discussão como também através espaço aberto para partilha de esquissos com ideias de propostas para a praça Martim Moniz possibilita uma amostra, que tendo maior abrangência de resultados, torna-se complexo de traduzir em necessidades indispensáveis para um novo projeto – considerações concluídas através dos workshops realizados.

No entanto, a questão da participação não foi efetuada de forma contínua como seria desejável, de modo a garantir que o processo participativo se traduzisse consequentemente na concretização do novo espaço. Da mesma maneira que as associações tiveram o papel de apresentar as suas necessidades, o que posteriormente desencadeou o concurso, estas mesmas entidades poderiam estar presentes no momento de decisão. Assim, a proposta vencedora do concurso seria um reflexo de parceria entre

a população, a câmara municipal e a equipa de arquitetos vencedores do concurso, e refletir-se-ia intrinsecamente com o sentimento de pertença do lugar por parte destas três entidades presentes nos momentos de decisão.

Caso este panorama se repetisse, e hipoteticamente não se tratasse da necessidade de transformar a praça num espaço diferente, como um jardim, mas sim de requalificar uma área considerada à margem da cidade, devido ao estigma associado às comunidades de várias nacionalidades ou à instabilidade constante dos usos da praça, um concurso aberto publicamente não seria suficiente para resolver as questões sociais relacionadas com o uso do espaço. Fatores como a manutenção dos espaços de sombra, o funcionamento de elementos de água para refrigeração da praça e a limpeza do equipamento urbano são fundamentais para promover um ambiente seguro, tanto durante o dia como à noite. Estas responsabilidades deveriam ser assumidas pelas entidades competentes, como a CML, outras instituições e associações, ou até mesmo pela própria população.

O fato de estas preocupações não terem sido inicialmente atendidas revela que a praça — um espaço público — é esquecida pelas entidades responsáveis. Para resolver estas questões, que um novo projeto de requalificação poderia abordar, seria essencial, antes, garantir os cuidados básicos de manutenção dos espaços urbanos e, em conjunto com as associações e movimentos locais, manter o espaço dinâmico e disponível para todos.[154]

Por outro lado, considerámos pertinente este concurso para a requalificação da praça e a criação de um ‘Jardim do Mundo’[155] , uma vez que a conceção de um espaço coletivo como jardim reforça a componente cultural, esta abordagem pode servir como uma estratégia de integração multicultural, incorporando diversos elementos naturais, como água, luz, flora e fauna, num contexto altamente urbanizado. Além disso, promove ideais que incentivam o uso do espaço público e que visam resolver problemas que o design urbano tradicional não consegue abordar, como ser fundamental ter em conta que o cidadão tende a preferir a sombra, uma leve brisa e os pontos de luz que apenas uma árvore pode proporcionar.

Adicionalmente, o jardim tem um forte impacto na absorção de ruído e no equilíbrio da qualidade do ar, especialmente face às alterações climáticas, das quais as cidades são uma das principais causas.

154. Vejamos por exemplo o caso do Jardim da Quinta do Covelo, sendo um espaço cuidado e fechado, considera-se como positivo pela preocupação por parte da Câmara.

155. *“Um Jardim do Mundo que proporcione um chão comum a todas as culturas.”* em Termos de Referência Anexo I.I - Progama de Intervenção; p.5

***

Procurando soluções inovadoras para os desafios contemporâneos, para além das necessidades materiais, construtivas e estruturais, o espaço público representa uma oportunidade tangível para melhorar a qualidade de vida tanto da sociedade como da cidade. Nós, como arquitetos, devemos ter em consideração tanto o espaço físico quanto o espaço social, sempre que refletimos sobre o espaço público. Este deve ser concebido de maneira a responder transversalmente às múltiplas disciplinas que nele convergem, desde as socioculturais até às políticas e económicas.

Este estudo teve sempre a intenção de refutar o preconceito e o estigma, preconizar o encontro da multiplicidade, assumir as diferenças tais como existem e tirar o melhor proveito para a criação de uma cidade íntegra e inclusiva. Acreditamos que se trata de uma questão urgente que merece reflexão e cuidado, promovendo o encontro e a inclusão social, especialmente num contexto em que as comunidades se tornam cada vez mais individualistas e autónomas – é a perda gradual de valores culturais e de bem-estar coletivo que contribui para o surgimento dos chamados 'vazios urbanos'.

E, se pensarmos num espaço com uma identidade muito específica atribuída, mesmo que não seja reconhecida por todos, e tal como Bianchetti refere, se assumirmos o espaço como indiferenciado, este torna-se num espaço livre e disponível para as distintas comunidades usufruidoras e para as pessoas que percorrem a cidade . Atendendo ao contexto do centro histórico da cidade de Lisboa, talvez seja necessário a existência deste vazio, mas não um 'vazio urbano', mas sim um vazio disponível. Para além de um grande espaço verde que é muito necessário na cidade, um espaço democrático, em que o seu carácter identitário é a sua multiplicidade, a sua simultaneidade, podendo assim responder a necessidades de natureza distintas, como um 'espaço de resolução urbana'.

Esta dissertação termina realçando a importância da análise de concursos e propostas, bem como as atividades desenvolvidas ao longo do estudo, constituíram estratégias que considerámos de grande relevância e operatividade.



BIBLIOGRAFIA

- Academia das Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian (2001); Dicionário da Língua Portuguesa Contemporâneas; Lisboa; Editorial Verbo;
- ADRIANI, Maurilio (1997) História das Religiões, trd. João Gama , Lisboa. Edições 70; ISBN: 972-44-0752-7;
- Akademie de Kunste (2016) DEMO : POLIS – The Right to Public Space; Berlim; Edition Barbara Hoidn; ISBN: 978-3-03860-005-3;
- ALEXANDER, Christopher (1976) Urbanismo y participación. El caso de la Universidad de Oregón; Barcelona; Gustavo Gil;
- ALEXANDER, Christopher (1980) A pattern language : ciudades : edificios : construcciones; Barcelona; Gustavo Gil; ISBN: 84-252-0985-4;
- AAVV (2019) Cidade Participada : Arquitectura e Democracia. Operações SAAL - S. Victor, Lisboa. Tinta da China; ISBN : 978-989-671-470-3;
- BARIDON, Michel (2008) Los Jardines Paisajistas Jardineros Poetas; Madrid; ABADA Editores; ISBN: 978-84-96775-36-7;
- BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida (2003) El Espacio publico: ciudad y ciudadania, Barcelona, Grupo Editorial Electa, ISBN: 84-8156-343-9;
- BRANZI, Andrea (2006) Weak and Diffuse Modernity; The World of Projects at the beginning of the 21s Century, Milão; SKIRA Editore; ISBN: 13-978-88-7624-651-7;
- CALVINO, Ítalo (2006) As Cidades Invisíveis; Lisboa; Editorial Teorema; ISBN: 972-695-171-2; trad. de José Colaço Barreiros;
- CAPITEL, Antón (2009) Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración, Madrid, Alianza Editorial, 2ª edição (1ª:1988); ISBN: 978-84-206-5360-0;
- COHEN, Abner (1974) Urban Ethnicity; Londres; Association of Social Anthropologists of the Oommonwealth; ISBN: 422 74080 2; (This volume derives from material presented at a conference on 'Urban Ethnicity', sponsored by the Association ofSocial Anthro- pologists of the Commonwealth, held in London, 31 march to 3 April 1971);
- CORBOZ, André (2001) Le territoire comme palimpseste et autres essais; Besançon; Les Éd. de L'Imprimeur; ISBN: 2-910735-36-2;
- CHILLIDA, Eduardo (2022) Escritos, La Fabrica, Madrid, La Fábrica, ISBN: 978-84-18934-1-5;
- CHOAY, Françoise (2000) O URBANISMO: UTOPIAS E REALIDADE UMA ANTOLOGIA, Editora perspectiva (5a edição), ISBN: 85-273-0163-6, (edição original Editions du Seuil, 1965);

- FERNANDES, José (2023) Martim Moniz - Como o desentalar e passar a admirar. Lisboa, Editora Fundação Francisco Manuel dos Santos, ISBN: 978-989-9153-25-7;
- FERNANDES, JANEIRO, MILHEIRO, José Manuel, Maria de Lurdes, Ana Vaz (2014) Cabo Verde - cidades, território e arquitecturas; Lisboa; CIAUD; ISBN: 978-989-97013-5-9
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa (1985) da Função Social do Arquiteto para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada, Porto, Edições do Curso de A Besançon rquitetura da E.S.B.A.P., 2a edição, (1a edição Liv. Sousa &Almeida, Lda, 1962);
- FLANAGAN, William G. (1995) Urban sociology: images and structure; Boston; Allyn and Bacon; ISBN: 0-205-15461-1; (um capitulo apenas p.75);
- Fundação Calouste Gulbenkian (2006) O Jardim; Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian Serviços Centrais; ISBN: 972-98728-4-8;
- GEHL, Jan (2005) La humanización del Espacio Urbano – La vida social entre los edifícios, Barcelona, Editorial Reverté, S.A., 84-291-2109-9;
- GIROT, Christopher (2013); TOPOLOGY, Berlim: Jovis Verlag GmbH, , 2013, ISBN 978-3-86859-212-2;
- GMELCH, George; ZENNER, Walter P. (1996) URBAN LIFE, Readings in Urban Antropology; Illinois; Waveland Press (3a edição); 0-88133-860-5;
- HABRAKEN, John (1998) The Structure of the Ordinary; Cambridge, The MIT Press; ISBN: 0-262-08260-8;
- HALL, Suzanne (2012) City, Street and Citizen The measure of the ordinary; Oxon, Routledge Publisher; ISBN: 978-0-415-68865-9;
- HATCH, Richard (1984) The Scope of Social Architecture; Nova Iorque; Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold Company; ISBN: 0-442-26153-5;
- JANSON, Alban; TIGGES, Florian (1991) Fundamental concepts of architecture the vocabulary of spatial situations; Basileia, BIRKHAUSER Press; ISBN: 978-3034612616;
- JELLICOE, Geoffrey; JELLICOE, Susan (1991) The Landscape of Man : Shaping the Environment from Prehistory to the Present day; Londres, Thames and Hudson Press; ISBN: 0-500-27431-2;
- LOBO, Inês (2020); ATLAS ALMIRANTE REIS; Lisboa; Gráfica Maiadouro; ISBN: 978-989-671-560-1;
- MARTÍ ARÍS, Carlos (1999); Silencios Elocuentes; Barcelona, Edicions UPC; ISBN: 84-8301-640-0;
- MENDES, Manuel; PORTAS, Nuno (1992) Portugal Architecture 1965-1990; Paris; Editions du Moniteur; ISBN: 2-281-15134-4;
- SAVAGE, Mike; WARDE, Alan (1993) Urban Sociology, Capitalism and Modernity; edição portuguesa (2002) Oeiras, Celta Editora, ISBN 972-774-152-5;

- SEQUEIRA, Marta (2023) CCB, MONADE, dinamia'CET-ISCTE, HABITAR LISBOA: Uma perspetiva arquitetónica sobre uma crise contemporânea; Lisboa; Monade Books; ISBN: 978-989-5370-55-9;
- SUSSER, Ida (2002) The Castells Reader on Cities and Social Theory; Oxford, Blackwell Publisher; ISBN 0-631-21933-1;
- PEREC, George (1974); Espécies de Espaços; Paris; Éditions Galilée;
- ROMANO, Rogério (1994);, Religião – Rito; ENCICLOPÉDIA EINAUDI, vol.30, Edição Portuguesa, Maia, Imprensa Nacional - Casa da Moeda; ISBN: 972-27-0717-5;
- WHYTE, William H. (1980); The Social Life of Small Urban Spaces. Nova Iorque, Edition Project for public spaces, ISBN: 0-9766324-1-x;

DISSERTAÇÕES

- ANTUNES, Mariana (2022) Lugar Comum: habitar (n)a cidade do Porto. Princípios de intervenção para uma área de habitação municipal. Dissertação de Mestrado Integrado, Porto; FAUP;
- BRANDÃO, Ana e Pedro (2019) O LUGAR DE TODOS, Interpretar e espaço público urbano, IST- ID, Associação do Instituto Superior Técnico para a investigação e Desenvolvimento;
- CALDAS, Matilde (2014) Usos da cultura em projetos de regeneração urbana: O caso da Praça do Martim Moniz; Dissertação de Mestrado Integrado Estudos de Cultura, Lisboa, UCP;
- COUTO, Alexandra Martins (2012) Participação pública: processo participativo na arquitectura e no urbanismo da Suiça; Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura; Porto; FAUP;
- CUNHA, Maria Inês (2007) Participação pública : via de aproximação entre projectistas e cidadãos : contextualizando no programa Polis, Viana do Castelo, Beja e Costa da Caparica; Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura; Porto; FAUP;
- De SÁ, Ana luísa Teixeira (2002) UTOPIA SOCIAL = DISTOPIA REAL Participação e outras alternativas para a redução do gap existente entre a arquitetura e o público. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura; Porto; FAUP;
- RODRIGUES, Nuno (2014) Praça do Martim Moniz. Entre a intervenção e a revitalização; Dissertação de Mestrado em Estudos Urbanos; Lisboa; ISCTE-IUL;
- VARAJÃO, Joana Margarida Amorim (2013) Espaço social : reflexão, representação, transformação; Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura;

ARTIGOS

- ARNSTEIN, Sherry R. (1969); A Ladder Of Citizen Participation, em Journal of the American Institute of Planners, Vol. 35:4, p.216-224; https://doi.org/10.1080/01944366908977225;
- AVERMAETE, Tom (2006); “The Spaces of Everyday” A Dialogue Between Monique Eleb and Jean- Philippe Vassal, em revista OASE69: Positions, Shared Territories in Historiography & Practice; p.62-70; NAi Publishers, ISNN: 90-5662-486-5;
- FERNANDES, José Manuel (1982); “Em defesa da fachada”, em revista Arquitectura, Arquitectura, Planeamento, Design, Construção, Equipamento, Lisboa; Casa Viva editora Lda; Vol.146:4, mai. 1982; p.24-25;
- Jornal Arquitectos (2004); Jornal Arquitectos 216 OS CAVALOS TAMBÉM DE ABATEM, em revista trimestral; Portugal; Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos;
- HACKENBROCH, Kirsten (2011); Urban Informality and Negotiated Space, Negotiations of Access to Public Space in Dhaka, Bangladesh, em revista disP - The Planning Review, Vol 47:187, p.59-69; https://doi.org/10.1080/02513625.2011.1065401;
- HALL, Suzanne (2015); Migrant Urbanisms: Ordinary Cities and Everyday Resistance; em revista Sociologia Vol. 49:5, out. 2015, p.853-869; https://doi.org/10.1177/0038038515586680;
- LAMAS, José (1982); “Renovação Urbana do Martim Moniz”, em revista Arquitectura, Arquitectura, Planeamento, Design, Construção, Equipamento, Lisboa; Casa Viva editora Lda; Vol.146:4, mai. 1982;p.26-57;
- MENEZES, Marluci (2012); Mouraria: entre o mito de severa e o Martim Moniz, em Atas 2as Jornadas de Investigação e Inovação – Cidades e Desenvolvimento, LNEC, jun. 2012, p.235-236;
- MONTERO, Paula (2012); MULTICULTURALISMO, IDENTIDADES DISCURSIVAS E ESPAÇO PÚBLICO; em revista Sociologia&Antropologia, Vol. 2:4; out. dez 2012; p. 81-101; https://doi.org/10.1590/2238-38752012v245;
- NUNES, Flávio (2022); Reconstruir cidades destruídas: As opções urbanísticas decisivas na Renovação de Lisboa após o Terramoto de 1755, em revista Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. 27:1, mar. 2023, p.235-256;
- RIAZ, Ali (2013); The new Islamist public sphere in Bangladesh, em revista Global Change, Peace & Security; Illinois State University US, Vol. 25:3, p.299-312; http://dx.doi.org/10.1080/14781158.2013.806453;
- ROY, Ananya (2009); WHY INDIA CANNOT PLAN ITS CITIES: INFORMALITY, INSURGENCE AND THE IDIOM OF URBANIZATION, em revista Planning Theory; University of California, Berkeley, USA, SAGE Publications, Vol. 8:1, p.76–87;

FONTE BIBLIOGRÁFICA WEB

- Diário da República, (2023), Anúncio de procedimento n.º 3325/2023. Disponível em: https://files.diariodarepublica.pt/cp_hora/2023/03/046/416197411.pdf
- Diário de Notícias,(2023), Câmara de Lisboa recebeu 21 propostas para requalificação do Martim Moniz. Disponível em: https://www.dn.pt/local/camara-de-lisboa-recebeu-21-propostas-para-requalificacao-do-martim-moniz-16615735.html [30/jun/23]
- Diário de Notícias,(2023), Em 15 anos, a Mouraria passou de um "quase gueto" a "um bairro vazio". Disponível em: https://www.dn.pt/local/em-15-anos-a-mouraria-passou-de-um-quase-gueto-a-um-bairro-vazio-16310279.html [13/jun/23]
- Expresso, (2015), Martim Moniz, um bairro que é uma grande viagem. Disponível em :https://expresso.pt/sociedade/2015-11-14-Martim-Moniz-um-bairro-que-e-uma-grande-viagem-
- Expresso, (2024), Coletivos anti-racistas preparam manifestação de "pessoas de todas as cores" em reação a marcha de neonazis no Martim Moniz. Disponível em:https://expresso.pt/sociedade/justica/2024-01-22-Coletivos-anti-racistas-preparam-manifestacao-de-pessoas-de-todas-as-cores-em-reacao-a-marcha-de-neonazis-no-Martim-Moniz-c2ddee05 [22/jan/24]
- Expresso, (2024), Grupo anti-racista marcou protesto a poucos metros da marcha da extrema-direita. "Não passarão, nunca passarão". Disponível em: https://expresso.pt/sociedade/seguranca/2024-01-25-Grupo-anti-racista-marcou-protesto-a-poucos-metros-da-marcha-da-extrema-direita.-Nao-passarao-nunca-passarao-6b26ddde [25/jan/24]
- Expresso, (2024), Grupo de extrema-direita coloca cartazes anti-Islão em várias cidades do país. Disponível em: https://expresso.pt/sociedade/seguranca/2024-01-23-Grupo-de-extrema-direita-coloca-cartazes-anti-Islao-em-varias-cidades-do-pais-f91a5a3f [23/jan/24]
- Expresso, (2024), Manifestação anti-imigrantes em Lisboa deve ser proibida, diz Comissão de Direitos Humanos dos Advogados. Disponível em: https://expresso.pt/sociedade/2024-01-24-Manifestacao-anti-imigrantes-em-Lisboa-deve-ser-proibida-diz-Comissao-de-Direitos-Humanos-dos-Advogados-ffb1e634 [24/jan/24]
- Expresso, (2024), Marcha extremista marcada para o Martim Moniz preocupa imigrantes: "Não queremos lutar contra eles". Disponível em: https://expresso.pt/sociedade/2024-01-21-Marcha-extremista-marcada-para-o-Martim-Moniz-preocupa-imigrantes-Nao-queremos-lutar-contra-eles-17dd1498 [21/jan/24]
- Facebook, (2023). Disponivel em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10227439277000579&set=a.10200578393295274 [04/nov/23]
- Lisboa Camâra Municipal, (1996), Praça Martim Moniz. Disponível em: https://revelar.lisboa.pt/explorar/toponimia/detalhe?tx_toponimia_pi1%5Baction%5D=show&tx_toponimia_pi1%5Bcontroller%5D=Toponimia&tx_toponimia_pi1%5Btopid%5D=634

- Lisboa Camâra Municipal, (2021), Como está a acontecer o processo participativo. Disponivel em: https://informacao.lisboa.pt/dossies-tematicos/martim-moniz/processo-participativo
- Lisboa Camâra Municipal, (2023), Praça Martim Moniz. Disponível em: https://informacao.lisboa.pt/dossies-tematicos/martim-moniz/concurso
- Lisboa Camâra Municipal. Disponível em: https://www.lisboa.pt/fileadmin/special_areas/praca_martim_moniz/Exposicao.pdf
- Lisboa para Pessoas, (2023), Assim vai ser a futura Praça do Martim Moniz. Disponível em: https://lisboaparapessoas.pt/2023/11/08/martim-moniz-futura-praca-projecto/ [08/nov/23].
- Mensagem, (2022), “Martim Moniz tem de ser um jardim”. Junta de Santa Maria Maior entra no debate e apresenta proposta. Disponível em: https://amensagem.pt/2022/04/19/martim-moniz-jardim-junta-de-santa-maria-proposta/ [19/abr/22]
- Mensagem, (2023), A história do Martim Moniz em livro: Como o Desentalar e Passar a Admirar, de Ferreira Fernandes. Disponível em: https://amensagem.pt/2023/10/17/martim-moniz-como-desentalar-novo-livro-ferreira-fernandes/ [17/out/23]
- Mensagem, (2023), “É a oportunidade para resgatar o significado do Martim Moniz”. Um passeio com as arquitetas que darão nova vida à praça. Disponível em: https://amensagem.pt/2023/11/22/oportunidade-resgatar-significado-martim-moniz-passeio-arquitetas/ [22/nov/23]
- Mensagem, (2023), Rana Taslim Uddin: “People used to be afraid of Martim Moniz, there were drugs and prostitution. Now, it attracts tourists and Lisbon locals”. Disponível em: https://amensagem.pt/2024/02/05/rana-taslim-uddin-interview-martim-moniz-bangladeshi/ [20/mar/24]
- Obeservador, (2023), Projeto vencedor para requalificar Martim Moniz em Lisboa prevê “novo jardim para as pessoas”. Disponível em: https://observador.pt/2023/11/08/projeto-vencedor-para-requalificar-martim-moniz-em-lisboa-preve-novo-jardim-para-as-pessoas/ [08/nov/23]
- Ordem dos Arquitectos Secção Regional LVT, (2023), Ciclo de Sessões Públicas #02 | Projeto de Requalificação da Praça do Martim Moniz: https://www.ordemdosarquitectos.org/sr_lvt/noticias/DIR_MM_sessao2?utm_source=brevo&utm_campaign=Newsletter_maro&utm_medium=email [27/fev/24]
- Ordem dos Arquitectos Secção Regional LVT, (2023), Concurso Público De Concepção Para A Elaboração Do Projecto De Requalificação Da Praça Do Martim Moniz. Disponível em: https://ordemdosarquitectos.org/sr_lvt/noticias/noticia-7 [16/nov/23]
- Ordem dos Arquitectos Secção Regional Sul, (2024), Encomenda. Disponível em: https://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/oBVUE1/requalificacao-da-praca-do-martim-moniz-lisboa [07/jun/23]
- Público, (2003), Martim Moniz: Sampaio visita maior centro comercial inter-étnico. Disponível em: https://www.publico.pt/2003/03/15/politica/noticia/martim-moniz-sampaio-visita-maior-centro-comercial-interetnico-285075
- TVI, (2024), Grupos de extrema-direita organizam manifestação anti-imigração no Martim Moniz. Antifascistas vão responder com contraprotesto. Disponível em: https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-nacional/63e6588b0cf2665294d4f012/video/65b030d70cf23250d71b1e1d

FONTE DE IMAGENS

• 1. Jardim Anvari Entertains in a Summer House, manuscrito de Divan de Anvari, 1588, Período Mughal, cultura indiana . Disponível em https://harvardartmuseums.org/collections/object/144281

• 2. A praça Martim Moniz depois das demolições. Judah Benoliel, 195-. Disponível em https://arquivomunicipal3.cmlisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=262150&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1

• 3. Palimpsesto de Arquimedes. Fotografia de Christie's Images/Corbis. Disponível em https://www.nationalgeographic.pt/ciencia/como-um-manuscrito-medieval-escondeu-um-texto-arquimedes_1089

• 4. Montagem da autora recriando o palimpsesto presente no Martim Moniz

• 5. Demolições rua do teatro Apollo. Rua da Palma entre a praça Martim Moniz e a rua Fernandes da Fonseca, Judah Benoliel, 195-. Disponível em https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/

• 6. Capela da Nossa Senhora da Saúde e a sua relação com a Muralha Fernandina e Porta da Mouraria no atual Martim Moniz. Olissippo quae nunc Lisboa,civitates amplissima Lusitaniae, ad Taguma , Lisboa no século XVI Disponível em http://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?sugestao=1&ns=216000&id=16019#

• 7. Aproximação de pormenor da imagem anterior •6

• 8. Igreja do Socorro já construída e a Capela da Nossa Senhora da Saúde no atual Martim Moniz ta de Planta de Lisboa, 1758 Disponível em

• 9. Crescimento urbano, construção de novos edifícios, hortas e jardins. Planta de lisboa de Filipe Folque, 1858 Disponível em https://geodadoscml.hub.arcgis.com/maps/61fbeae852a64bfe90b3fead5ae3d339/explore´

• 10. Porta da Mouraria e Muralha Fernandina, onde posteriormente se localiza o Arco do Palácio do Marquês do Alegrete. Troço da muralha fernandina onde se situava os chãos da família Telles da Silva (in SILVA, A. Vieira -A cerca fernandina de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal, 1987. vol. I, mapa II). (marcação nossa do sítio do palácio). Disponível em https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Troco-da-muralha-fernandina-onde-se-situava-os-chaos-da-familia-Telles-da-Silva_fig2_308972521

• 11. Pensamentos sobre Martim Moniz. "A propósito do Martim Moniz: Alguns Devaneios pela História e Histórias" Disponível em Revista arquitectura nº 146; p.28

• 12. Rua da Mouraria e Capela da Nossa Senhora da Saúde Rua da Mouraria, Eduardo Portugal, 1950. Disponível em https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/

• 13. Local onde existiu a Igreja do Socorro Local onde existiu a Igreja do Socorro, Judah Benoliel, 195-. Disponível em https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/

• 14. Arco e Palácio do Marquês do Alegrete, 1900. Armazém de sola e cabedais

• 15. Arco e Palácio do Marquês do Alegrete, 19xx – demolições. Martim Moniz e arco do Marquês de Alegrete, Judah Benoliel, 195-. Disponível em https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/

• 16. Parque de estacionamento público na atual praça Martim Moniz, após todas as demolições, posterior a 1962. (procurar)

• 17. Início do parque de estacionamento público, ainda existiam algumas construções, 1962. Martim Moniz, 1962. Judah Benoliel. PT-AMLSB-CMLSBAH-P-CSP-004-JBN-005036. Disponível em https://informacao.lisboa.pt/dossies-tematicos/martim-moniz/sobre-a-praca#fancybox-237-776-10

• 18. Planta com localização histórica da praça. A mancha a preto representa os anos 60. Desenhado pela autora da planta a escala 1:5000m

• 19. Interpretação da Planta Histórica de Guilherme Menezes de 1761 - da da direita - com o quarteirão definido pelos dois edifícios religiosos e com a presença da Muralha Fernandina a atravessar a cidade. Desenho pela autora.

• 20. Interpretação da Planta Histórica de Filipe Folque de 1858 - da da direita - com o quarteirão com começos de desfragmentação urbana para novas construções no contexto do séc.XIX coma Revolução Industrial.

• 21. Interpretação da Planta Histórica de Silva Pinto de 1911 - da da direita - na qual se verifica zona do Martim Moniz densamente ocupada com a formação de novos quarteirões bem como edifícios de carácter público.

• 22 Planta da zona do Martim Moniz, 1950 aproximadamente. Alguns edifícios como a Igreja do Socorro e outros quarteirões são demolidos. Desenho feito com base na planta cartográfica visitada no livro O Jardim, (2006) da Fundação Calouste Gulbenkian, p.53

• 23. Planta da zona do Martim Moniz, a partir de 1960 aproximadamente. Representando as contínuas demolições, sobrando o edifício resistente a capela da Nª Sª da Saúde, e o vazio urbano que deu onde se procederam as seguintes intervenções urbanas. Desenho feito com base em fotografias visitadas no Arquivo Municipal de Lisboa Online e com recurso às plantas históricas anteriores.

• 24. Planta atual da praça Martim Moniz de 2024. Como um resultado, após 20 anos com vários projetos pensados, de uma combinação de projetos urbanos diferentes.

• 25. 1949-1950 - Plano de Remodelação da Baixa - João Faria da Costa e Jorge Costa Maia; Desenho em corte com plano da linha de metro já presente e perspetiva da Rua da Palma. Disponível em CML/AML/PT/AMLSB/CMLSBAH/PURB/002/05319

• 26. Maquete da Praça Martim Moniz com o Hotel Mundial no fundo; de António Martins Sampaio, 1948

• 27. 1965 - Estudo de Conjunto Martim Moniz - Gabinete do Plano Diretor da Cidade de Lisboa- equipa de arquiteto Meyer Heine; Desenho com vista para o castelo de São Jorge

• 28. Desenho Integração da Capela da Nossa Senhora da Saúde no estudo urbano Disponível em CML/AML/PT/AMLSB/

• 29 1967- Plano Diretor de Urbanização de Lisboa, Gabinete do Martim Moniz; Desenhos do pintor Jaime Barata Disponível em CML/AML/PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/036, p.6

• 30. Plano Diretor de Urbanização de Lisboa, Gabinete do Martim Moniz; Desenhos do pintor Jaime Barata. Disponível em CML/AML/PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/036; p.7

• 31. 1972 - Plano de Renovação do Martim Moniz pela EPUL; Maquete de Armando Serôdio. Disponível em CML/AML/PT/AMLSB/

• 32. 1972 - Plano de Renovação do Martim Moniz pela EPUL; Maquete de Armando Serôdio. Disponível em CML/AML/PT/AMLSB/

• 33. 1975- Maquete do Plano de Renovação do Martim Moniz, EPUL. Disponível em http://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?id=55908&ns=216000&Lang=PO&museu=2&c=inicio&IPR=1865

• 34. Proposta da equipa do arquiteto Francisco Silva Dias; Desenho do autor

• 35. Maquete da proposta Disponível em disponibilizados pela filha do arquiteto doc lisboa participa

• 36. Proposta da equipa dos arquitetos Tomás Taveira e Troufa Real; Desenho do alçado poente do autor. Disponível em lisboa participa

• 37. Maquete da proposta, autor desconhecido. Disponível em http://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?id=55903&ns=216000&Lang=po&museu=2&c=inicio&IPR=1865

• 38 Proposta vencedora da equipa dos arquitetos Carlos Duarte e José Lamas; Maquete da proposta completa, em que os dois edifícios no interior da atual praça não forma construídos. Disponível em http://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?id=55902&ns=216000&Lang=PO&museu=2&c=inicio&IPR=1865

• 39. Maquete da proposta vencedora: “O vencedor do concurso lançado em 1982 pelo Gabinete Público de Urbanismo de Lisboa, o projeto foi concebido para preencher o grande vazio criado pelas demolições dos anos 50 no centro histórico, entre a baixa pombalina, os edifícios antigos e mais ou menos degradados das encostas da alta e um dos eixos de expansão do início do século. A solução proposta remete para o tecido envolvente, uma diagonal que prolonga o eixo da rua e o espaço público central que acolhe um equipamento cultural.” Disponível em (1992) Portugal Architecture 1965-1990 (1992); p.43

• 40. Edital da praça Martim Moniz, Edital nº115/1997 Disponível em https://revelar.lisboa.pt/explorar/toponimia/detalhe?tx_toponimia_pi1%5Baction%5D=show&tx_toponimia_pi1%5Bcontroller%5D=Toponimia&tx_toponimia_pi1%5Btopid%5D=634#gallery-1

• 41. Praça Martim Moniz atual. Imagem retirada do Google Earth Pro

• 42. Vista aérea com fotomontagem da proposta do Martim Moniz Market. 2018, Broadway em “Praça Martim Moniz, Da memória ao futuro” p.13. Disponível em https://informacao.lisboa.pt/fileadmin/informacao/dossies/mmoniz_requalif/exposicao/Exposicao.pdf

• 43. Venda de comida na praça Martim Moniz. O jhalmuri, uma comida tradicional do Bangladesh e da Índia, Inês Leote, 2022 Disponível em https://amensagem.pt/2022/12/28/uma-casa-nos-sabores-do-martim-moniz-mundo-cidade-lisboa-porto-cronica-ana-da-cunha/

• 44. Venda de comida na praça Martim Moniz. O jhalmuri, uma comida tradicional do Bangladesh e da Índia, Inês Leote, 2022. Disponível em https://amensagem.pt/2022/12/28/uma-casa-nos-sabores-do-martim-moniz-mundo-cidade-lisboa-porto-cronica-ana-da-cunha/

• 45. Venda de comida na praça Martim Moniz. O jhalmuri, uma comida tradicional do Bangladesh e da Índia, Inês Leote, 2022. Disponível em https://amensagem.pt/2022/12/28/uma-casa-nos-sabores-do-martim-moniz-mundo-cidade-lisboa-porto-cronica-ana-da-cunha/

• 46. Comércio na Rua Benformoso. Fotografia da autora, janeiro de 2024

• 47. Comércio na Rua Benformoso. Fotografia da autora, janeiro de 2024

• 48. Práticas no interior da praça Martim Moniz. Fotografia da autora, março de 2023

• 49. Práticas no interior da praça Martim Moniz. Fotografia da autora, março de 2023

• 50. Loja na Rua Benformoso. Inês Leote, 2024 Disponível em FERNANDES, José (2023) Martim Moniz - Como o desentalar e passar a admirar

• 51. Jardim Indiano. It’s the Day for the Garden, manuscrito de Divan de Anvari, 1588, Período Mughal, cultura indiana. Disponível em https://harvardartmuseums.org/collections/object/199102

• 52. Jardim Egípcio Formas regulares e cultivados com aproveitamento notável do solo Disponível em JELLICOE, Geoffrey; JELLICOE, Susan (1991) The Landscape of Man: Shaping the Environment from Prehistory to the Present day; p.113

• 53. Jardim Indiano: Bird’s Eye View of the Taj Mahal at Agra: Índia, 1790-1810. Disponível em https://sq.m.wikipedia.org/wiki/Skeda:Bird%27s_Eye_View_of_the_Taj_Mahal_at_Agra.jpg

• 54. Jardim Chinês Atividades dos Doze Meses Lunares (O Nono Mês). Disponível em https://theme.npm.edu.tw/exh106/npm_anime/TwelveMonths/en/index.html

• 55. Vista panorâmica da Praça Martim Moniz (página anterior). Disponível nos ficheiros disponibilizados pela Câmara Municipal de Lisboa para o concurso de requalificação de projeto

• 56. Praça Martim Moniz e sua envolvente. Imagem retirada dos Google Earth Pro, 2024

• 57. Participações das 73 crianças nas escolas. Ilustrações do que eles gostavam de fazer ou ter na praça Martim Moniz. Disponível no Relatório dos Resultados da 1a Fase do Processo de Participação Pública da Praça Martim Moniz 1 de abril de 2021

• 58. Disponibilização de monitores para participação os inquéritos públicos na Praça Martim Moniz. Disponível em: https://oidp.net/pt/practice.php?id=1373

• 59. Proposta de Cossement - Cardoso, TC 7 Presente no caderno de trabalho de conceção de Gil Menezes Cardoso Unipessoal, Lda.; Charles Cossement Architecte, SRL; NIEL – ARQUITECTURA, Lda.; Basílio & Barros, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 60. Proposta de Sara Maduro, TC3 Presente no caderno de trabalho de conceção de Sara Maduro Unipessoal Lda e Giani Cinquegrana. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 61. Referências de conceito de jardim: esq. Anónimo, Madonna e Santi nel Giardino del Paradiso.1410 CIRCA; dir. O Jardim das Delícias Terrenas, Hieronymus Bosch, 1504. Museu do Prado Proposta de Hand Metric System, TC5 Presente no caderno de trabalho de conceção de Metric Hand System, Urbanismo, Arquitectura e Design, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 62. Visualização da elementos naturais, pavimentação e sombra da proposta de Global, TC20 Presente no caderno de trabalho de conceção de Global – Arquitectura Paisagista, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 63. TC3 Presente no caderno de trabalho de conceção de Sara Maduro Unipessoal Lda e Giani Cinquegrana. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 64. TC4 Presente no caderno de trabalho de conceção de Magdalena Czapluk; Elza Borbowska; João Morais Cardoso; Márcio Filipe Paulo de Campos. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 65. TC5 Presente no caderno de trabalho de conceção de Metric Hand System, Urbanismo, Arquitectura e Design, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 66. TC6 Presente no caderno de trabalho de conceção de Atelier BAUM Arquitetura Paisagista. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 67. TC7 Presente no caderno de trabalho de conceção de Gil Menezes Cardoso Unipessoal, Lda.; Charles Cossement Architecte, SRL; NIEL – ARQUITECTURA, Lda.; Basílio & Barros, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 68. TC8 Presente no caderno de trabalho de conceção de ACB A Castel-Branco Arquitectura Paisagista, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 69. TC11 Presente no caderno de trabalho de conceção de Filipa Cardoso de Menezes & Catarina Assis Pacheco – Arquitectura Paisagista, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 70. TC12 Presente no caderno de trabalho de conceção de Vazio Arquitectura e Urbanismo Unipessoal, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 71. TC13 Presente no caderno de trabalho de conceção de Leonor Migueis – Materia. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 72. TC14 Presente no caderno de trabalho de conceção de Oh!land Studio, Lda.; Masslab, Lda.; Karres en Brands. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 73. TC15 Presente no caderno de trabalho de conceção de Caldeira Cabral e Elsa Severino, Gabinete de Arquitetura Paisagista, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 74. TC16 Presente no caderno de trabalho de conceção de Eliseu Pinto de Almeida. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 75. TC17 Presente no caderno de trabalho de conceção de Atelier Verónica Mota e Diamantino Oliveira, Arquitectura Paisagista, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 76. TC18 Presente no caderno de trabalho de conceção de PROAP – Estudos e Projectos de Arquitectura Paisagista, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 77. TC19 Presente no caderno de trabalho de conceção de Focus Group – Design & Consultancy, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 78. TC20 Presente no caderno de trabalho de conceção de Global – Arquitectura Paisagista, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 79. Proposta vencedora para o programa no interior da praça com café-restaurante e esplanada com sombreamento. Presente no caderno de trabalho de conceção de Filipa Cardoso de Menezes & Catarina Assis Pacheco – Arquitectura Paisagista, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 80. Proposta vencedora para valorização do Largo da Capela da Nª Sª da Saúde como um espaço polivalente pavimentado Presente no caderno de trabalho de conceção de Filipa Cardoso de Menezes & Catarina Assis Pacheco – Arquitectura Paisagista, Lda. Disponível em https://www.lisboa.pt/martim-moniz/concurso

• 81. Júri avaliando em conjunto as diferentes propostas concorrentes. Júri designado pela CML presidido pela arquiteta Sílvia Cláudia Rodrigues Benedito e composto pelos arquitetos e arquitetos paisagistas: Rosário Salema; Helena Barros Gomes; Jorge Bonito; Helena Palma; Conceição Candeias; Luís Valente; Gonçalo Duarte Gomes; e engenheira civil Célia Mota. Disponível no Relatório dos Resultados da 1a Fase do Processo de Participação Pública da Praça Martim Moniz 1 de abril de 2021: https://encomenda.oasrs.org/media/2023/11/relatorio-final-e-anexo.pdf

• 82. Mural de estudo e análise das propostas concorrentes desenvolvido pela autora (à esquerda). Realizado pela autora

• 83. Gráfico: Confronto das respostas de cada Proposta de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo. Realizado pela autora.

• 84. Gráfico: Confronto das respostas das Propostas de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo – síntese. Realizado pela autora

• 85. Ideia-base dos gráficos • 83 e • 84. Desenho da autora

• 86. Tríade: Processo Participativo; Termos de Referência; Proposta de Intervenção. Desenho da autora

• 87. Gráfico: Confronto das respostas das Propostas de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo e aos pre-requisitos dos Termos de Referência do Concurso Público. Realizado pela autora

• 88. Ideia-base dos gráficos • 87, • 89 e • 90. Desenho da autora

• 89. Gráfico: Confronto das respostas das Propostas de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo e aos pre-requisitos dos Termos de Referência do Concurso Público - os temas abordados em coerência. Realizado pela autora

• 90. Gráfico: Confronto das respostas das Propostas de Intervenção em relação aos resultados do Processo Participativo e aos pre-requisitos dos Termos de Referência do Concurso Público - os temas abordados com mais adesão. Realizado pela autora

• 91. Tríade: População (associativismo); Arquiteto; Câmara Municipal. Desenho da autora

• 92. Tríade: Cliente; Projetista; Comunidade. Desenho da autora

• 93. "Poster de um aluno francês, Eu participo; tu participas; ele participa; nós participamos; vós participeis ... Eles lucram)" Disponível no artigo ARNSTEIN, Sherry R. (1969) A Ladder Of Citizen Participation, no Journal of the American Institute of Planners; p.216

• 94. "Oito níveis da escada da participação dos cidadãos: Não-participação: 1-Manipulação; 2-Terapia; Níveis do simbolismo: 3- Informação; 4-Consulta; 5-Placagem; Níveis de poder do cidadão: 6-Parcerias; 7-Delegação de poder; 8-Controlo do cidadão". Desenho da autora

• 95. Refeições no Martim Moniz (página seguinte) Inês Leote, 2022 Disponível em https://amensagem.pt/2022/12/28/uma-casa-nos-sabores-do-martim-moniz-mundo-cidade-lisboa-porto-cronica-ana-da-cunha/

• 96. Condicionantes do espaço urbano. Desenho da autora

• 97. Elementos-chave socioespaciais. Desenho da autora

• 98. Tipo e relação entre espaços. Desenho da autora

• 99. Distribuição informal dos corpos pelo espaço plural. Desenho da autora

• 100. Espaço enquanto molde dos corpos. Desenho da autora

• 101. Princípios de espaços comuns. Desenho da autora

• 102. Relações dentro do espaço: espaço informal, espaço estatutário e espaço negociado. Desenho da autora

• 103. Espaços de negociação: abordagens e espaços público e plurais na cidade contemporânea. Desenhos da autora

• 104. Refeições no Martim Moniz (página seguinte) Inês Leote, 2022 Disponível em https://amensagem.pt/2022/12/28/uma-casa-nos-sabores-do-martim-moniz-mundo-cidade-lisboa-porto-cronica-ana-da-cunha/

FONTE DE IMAGENS - LIBRETO

• 01. Celebrações Islâmicas na Praça Martim Moniz: Eid al-Fitr, Celebração do Fim do Ramadão, maio de 2021. Disponível em https://bomdia.eu/alemanha/fim-do-ramadao-este-ano-coincidiu-com-o-13-de-maio/

• 02. Celebrações Islâmicas na Praça Martim Moniz: Eid al-Fitr, Celebração do Fim do Ramadão, novembro de 2015 Disponível em Disponivel em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10227439277000579&set=a.10200578393295274

• 03. Celebrações culturais na Praça Martim Moniz. Festividades do Mercado de Fusão

• 04. Marchas Extremistas no Martim Moniz, 2024. https://expresso.pt/sociedade/2024-01-21-Marcha-extremista-marcada-para-o-Martim-Moniz-preocupa-imigrantes--Nao-queremos-lutar-contra-eles-17dd1498

• 05. Marchas Extremistas no Martim Moniz, 2024. Disponível em https://expresso.pt/sociedade/seguranca/2024-01-25-Grupo-anti-racista-marcou-protesto-a--poucos-metros-da-marcha-da-extrema-direita.-Nao-passarao-nunca-passarao-6b26d-dde

• 06. Marchas Extremistas no Martim Moniz, 2024. Disponível em https://expresso.pt/sociedade/justica/2024-01-22-Coletivos-anti-racistas-preparam-manifestacao-de-pessoas-de-todas-as-cores-em-reacao-a-marcha-de-neonazis-no-Martim-Moniz-c2dd-ee05

• 07. Fotografias do segundo workshop. Workshop realizado com a Associação Guimarães [IN]Volve através de conversas e desenhos. Fotografia de Ana Alves, 2024

• 08. Fotografias do segundo workshop. Workshop realizado com a Associação Guimarães [IN]Volve através de conversas e desenhos. Fotografia de Ana Alves, 2024

• 09. Fotografias do segundo workshop. Workshop realizado com a Associação Guimarães [IN]Volve através de conversas e desenhos. Fotografia de Ana Alves, 2024

• 10. Fotografias do segundo workshop. Workshop realizado com a Associação Guimarães [IN]Volve através de conversas e desenhos. Fotografia de Ana Alves, 2024

• 11. Fotografias do segundo workshop. Workshop realizado com a Associação Guimarães [IN]Volve através de conversas e desenhos. Fotografia de Ana Alves, 2024

• 12-19. contribuições dos participante Workshop realizado com a Associação Guimarães [IN]Volve. Desenhos de vários autores

• 20-21. Fotografias do primeiro workshop. Workshop realizado com a Associação Guimarães [IN]Volve através de conversas e desenhos. Fotografia de Ana Alves, 2023

• 22-23. Fotografias do segundo workshop. Workshop realizado com a Associação Guimarães [IN]Volve através de conversas e desenhos. Fotografia de Ana Alves, 2024

• 24-26.Jardim da Quinta do Covelo. Fotografia da autora, 2024

• 27. Jardim de São Lázaro. Fotografia da autora, 2024

• 28. Praça da República. Fotografia da autora, 2024

• 29. Praça dos Poveiros. Fotografia da autora, 2024

• 30. Praça da Batalha. Fotografia da autora, 2024

• 31. Rua Santo Ildefonso. Fotografia da autora, 2024

• 32. Rua de Cimo de Vila. Fotografia da autora, 2024

• 33. Rua do Loureiro. Fotografia da autora, 2024

• 34-38. Rua de Cimo de Vila. Fotografia da autora, 2024

Lisboa, 'palimpsesto' cultural
Princípios de Intervenção Urbana Inclusiva e Participativa
na Praça Martim Moniz

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada
à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
no dia 14 de novembro de 2024 pelas 11h

Autoria de Margarida Martins Pinhal
Orientação de Professora Doutora Filipa de Castro Guerreiro
Coorientação de Professora Doutora Carla Garrido de Oliveira
Arguência de Doutora Ana Luísa da Silva Fernandes
Presidência de Professor Doutor Ricardo Jorge Basto Pereira Leite

O júri atribuiu a classificação final de dezanove (19) valores

ANEXOS e APÊNDICES

ÍNDICE DE ANEXOS

129 1 | GRÁFICOS DOS RESULTADOS DA 1ª FASE DO PROCESSO PARTICIPATIVO

O conjunto de gráficos em anexo encontram-se disponibilizados no Relatório dos Resultados da 1ª Fase do Processo de Participação Pública da Praça Martim Moniz publicado a 1 de abril de 2021, disponiblizadas pelo Departamento de Relação com o Munícipe e Participação em https://informacao.lisboa.pt/dossies-tematicos/martim-moniz/sobre-a-praca
Nota: para uma melhor leitura, foram realizadas algumas alterações aos gráficos originais.

134 2 | PLANTAS DAS PROPOSTAS DO CONCURSO

Em anexo encontram-se as 16 propostas de intervenção aceites a concurso, através de uma seleção vários elementos gráficos correspondentes a cada proposta. Encontram-se disponíveis no Câmara Municipal de Lisboa Online, em https://informacao.lisboa.pt/dossies-tematicos/martim-moniz/concurso
Nota: Os únicos ajustes necessários foram a alteração das suas escalas e montagem da folha relativamente às suas apresentações originais, mas as plantas de todas as propostas encontram-se a escala 1:1000

ÍNDICE DE APÊNDICE

166 3 | LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DE VISITAS
Todas as fotografias em apêndice foram tiradas pela autora.

168 4 | VISITA DE CAMPO
Mapa de registos de imagens, desenhos conversas e itinerário após uma das visitas da autora ao local em estudo.

170 5 | CRONOLOGIA

173 6 | TABELAS DE ANÁLISE DAS PROPOSTAS
Conjunto de tabelas de análise de cada oroposta concorrente do concurso público, atráves das leituras dos seus cadernos de memória descritiva e suas apresentações finais de proposta de intervenção. As tabelas foram definidas pela autora em conjunto com a orientação, ajustada às questões necessárias a abordar na dissertação.

190 7 | ANÁLISE SÍNTESE DAS PROPOSTAS

192 8 | WORKSHOP I COM ASSOCIAÇÃO GUIMARÃES [IN]VOLVE

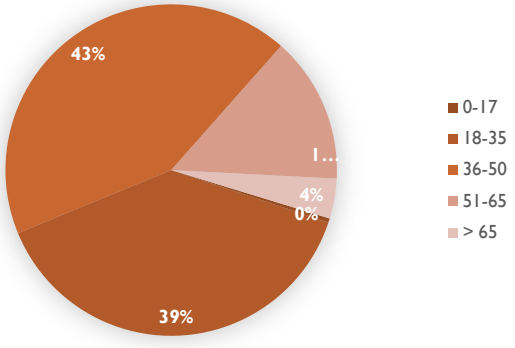
194 9 | WORKSHOP II COM ASSOCIAÇÃO GUIMARÃES [IN]VOLVE

196 10 | CONVERSAS...

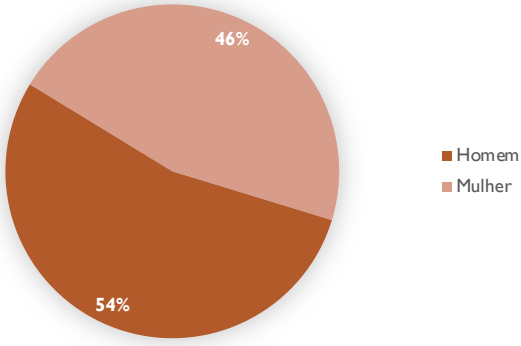
199 11 | ARTIGO EM24
Artigo publicado e apresentado no EURAU2024 em Milão nos dias 19-22 de ju nho, numa conferência europeia sobre arquitetura e urbanismo, onde o tema era “IN-PRE SENCE / THE BODY AND SPACE The role of corporeity in the era of virtualization” e foi apre sentado o tema da multiculturalidade presente no Martim Moniz.

204 12 | APRESENTAÇÃO EM24 CRISTINA BIANCHETTI
Apresentação registada numa confereência assistida no EURAU24. Tradução realizada pela autora.

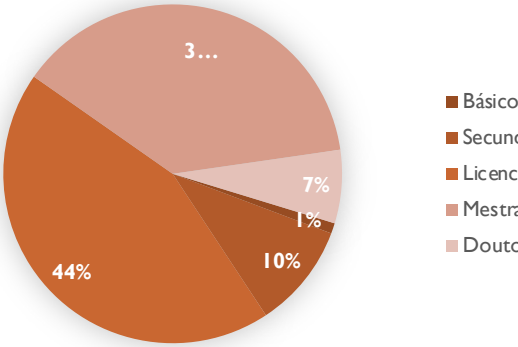
Dados socio-demográficos do inquérito - 1009 participantes



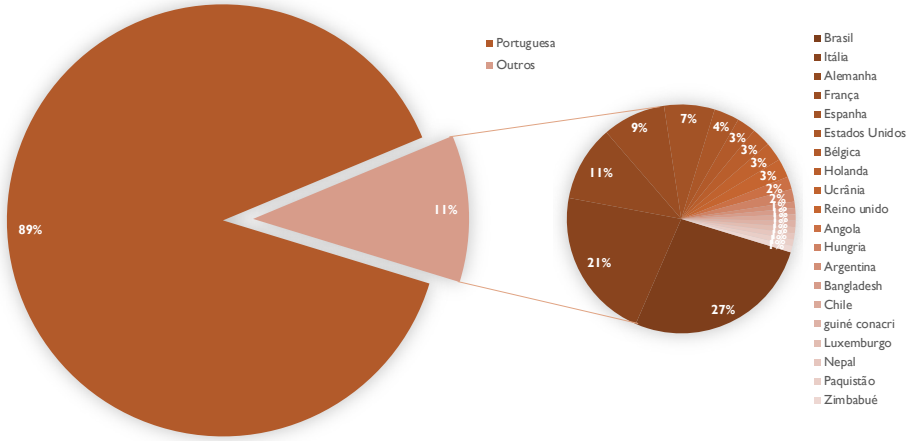
G.1
Idade dos participantes



G.2
Género dos participantes

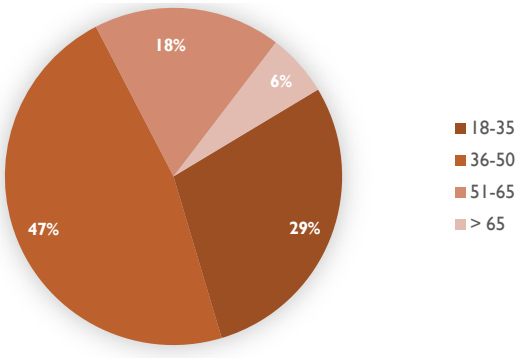


G.3
Habilitações literárias dos participantes

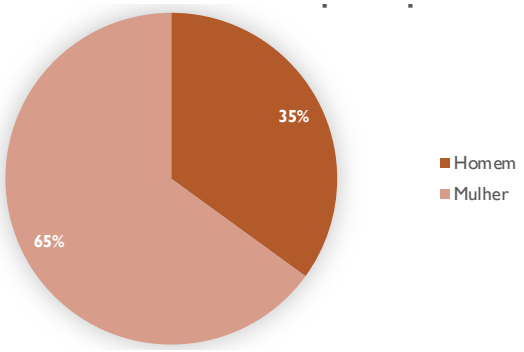


G.4
Nacionalidade dos participantes

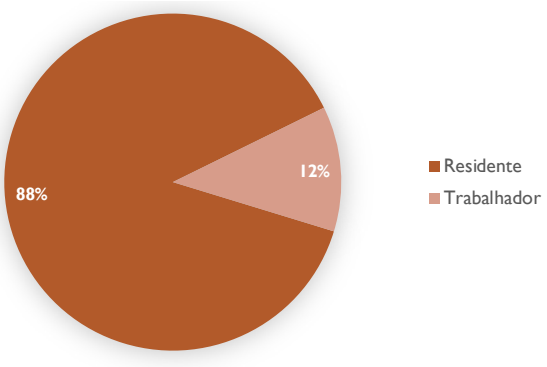
Dados socio-demográficos do Focus Group - 17 participantes



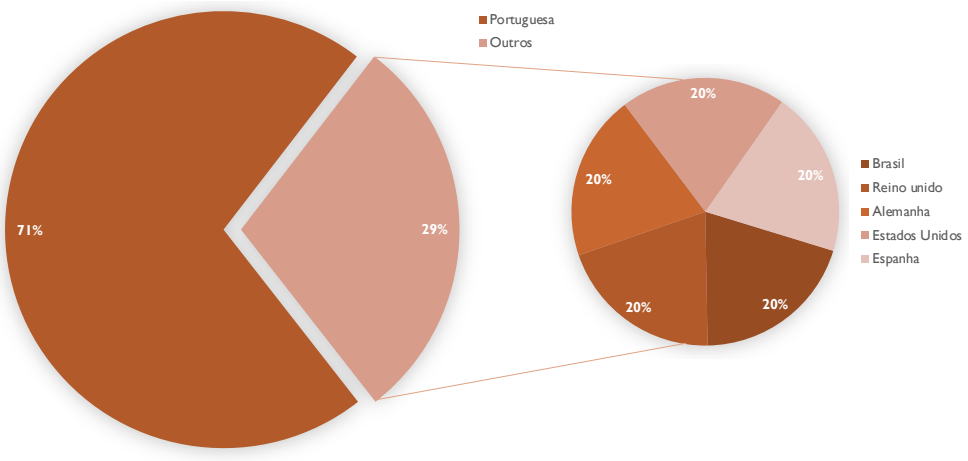
G.5
Idade dos participantes



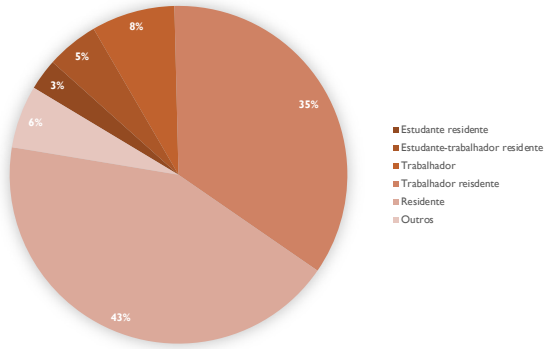
G.6
Género dos participantes



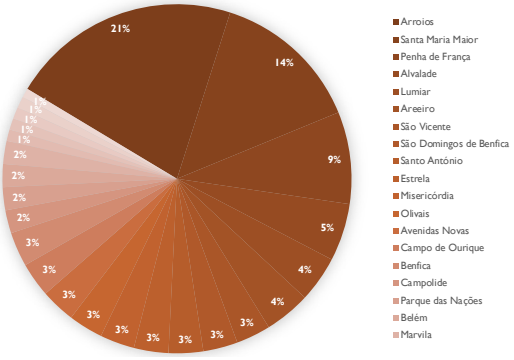
G.7
Estado dos participantes



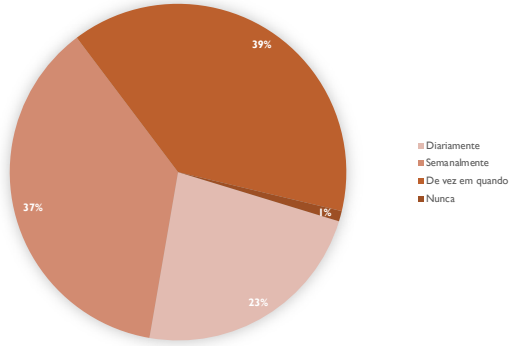
G.8
Nacionalidade dos participantes



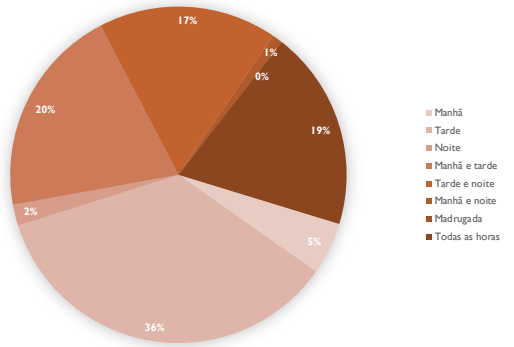
G.9
Relação dos Participantes com a cidade de Lisboa:
Relação com Lisboa



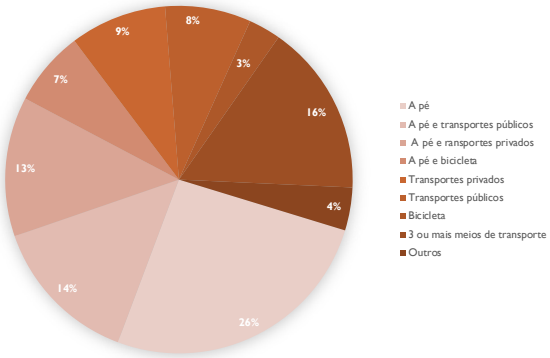
G.10
Relação dos Participantes com a cidade de Lisboa:
Freguesia de residência na cidade de Lisboa



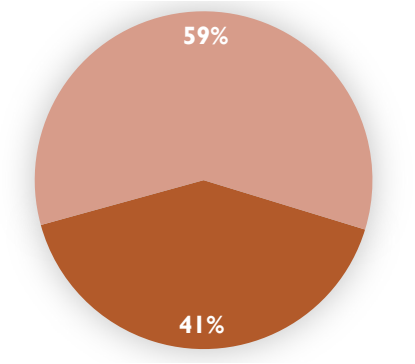
G.11
Relação dos Participantes com a cidade de Lisboa:
Passagem pela praça (frequência)



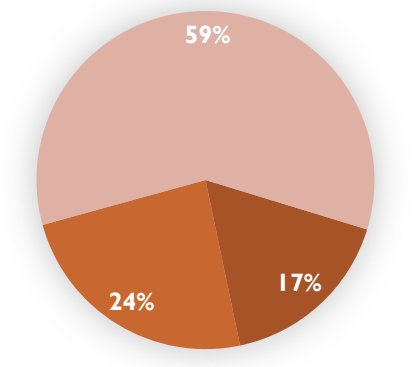
G.12
Relação dos Participantes com a cidade de Lisboa:
Passagem pela praça (horário)



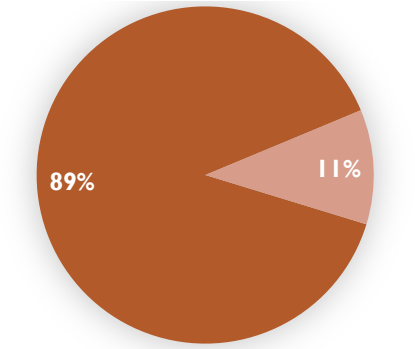
G.13
Relação dos Participantes com a cidade de Lisboa:
Passagem pela praça (meio de transporte)



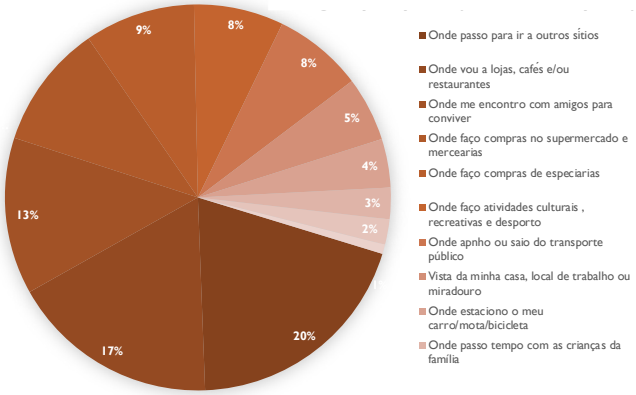
G.14
Exposição sobre o Martim Moniz
Se a visitou:



G.15
Exposição sobre o Martim Moniz
Se sim, onde::

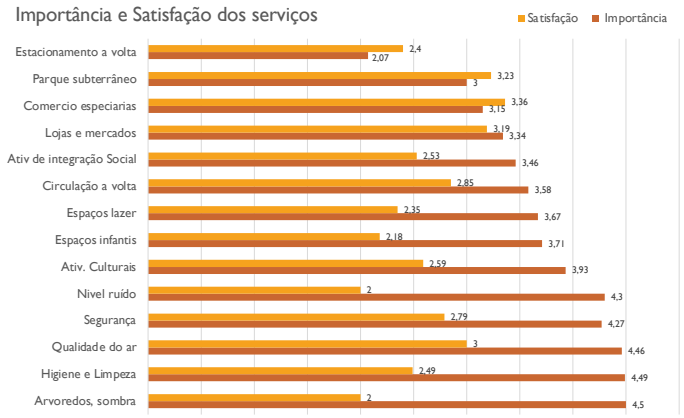


G.16
Exposição sobre o Martim Moniz
Se não, tenciona visitar:



G.17
Pensando na experiência com a Praça Martim Moniz, assinale as 3 rases com que mais se identifica? A praça, bem como a sua zona envolvente, é um sítio:

Qual é o grau de importância / Satisfação para si dos seguintes itens relativos à Praça Martim Moniz? Classifique-os numa escala de 1 a 5, onde 1 é nada importante, 2 é pouco importante, 3 é nem pouco nem muito importante, 4 é muito importante, e 5 é totalmente importante)

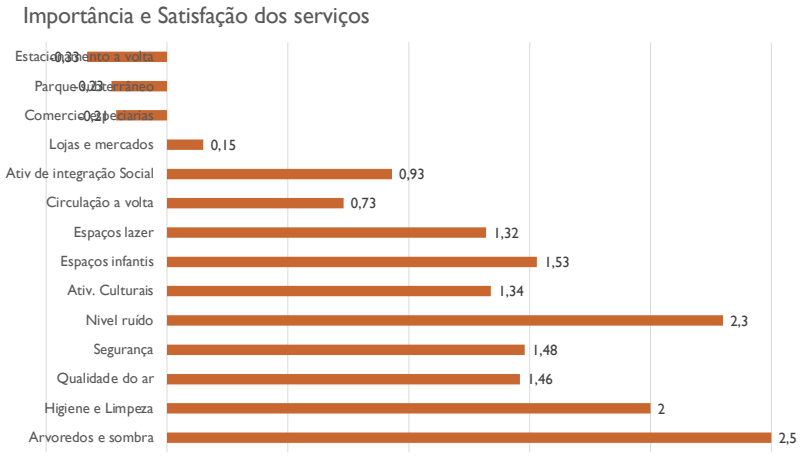


Top 3 de Importância: Arvoredo e Zonas de Sombras , Higiene, Limpeza e Recolha Lixo Qualidade do Ar
Top 3 de Satisfação: Comércio de Especiarias Parque Subterrâneo, Lojas, Mercados, Restaurantes

G.18

Consoante a importaância e satisfação, selecionar por ordem de valor os parametros apresentados.

Ratio = Média de Importância – Média Satisfação
Quanto maior o valor, maior é o desalinhamento entre aquilo que é mais importante e o que menos satisfaz



Arvoredos e Zonas de Sombra, o Nível de Ruído e a Higiene e a Limpeza da Praça surgem como temas críticos para os participantes

G.19

Análise da diferença entre a importância e a sua satisfação para compreender o que se encontra em mais desacordo.

TC 3 | Sara Maduro Unipessoal Lda, Giani Cinquegrana;

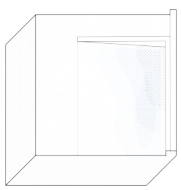




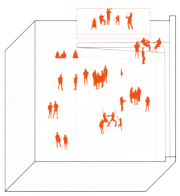


ESPAÇOS MULTIFUNCIONAIS

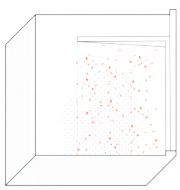
Clareira Multifuncional (Prado biodiverso):



Retenção de água

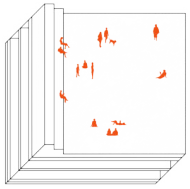


Eventos Culturais e artisticos

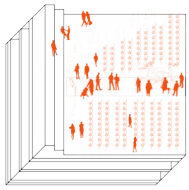


Zona de estar / Prado Florido

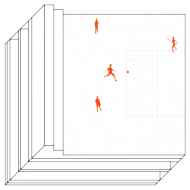
Prado Central:



Zona de estar / pic-nic

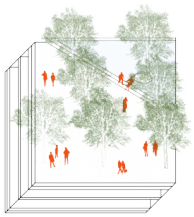


Eventos Culturais de grande dimensão

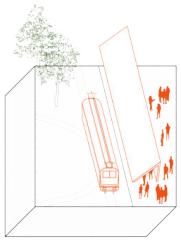


Zona de estar /desportiva

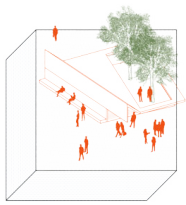
CENÁRIOS



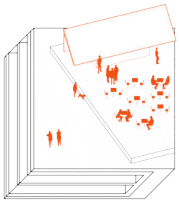
Zona de estar debaixo dos Carvalhos



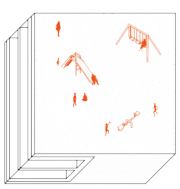
Paragem do eletrico 28



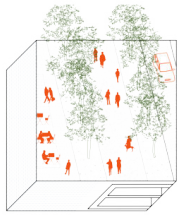
Saída do Metro



Esplanada/Quiosque/Bar



Área infantil



Passeio arborizado

TC 3 | Sara Maduro Unipessoal Lda, Giani Cinquegrana;



TC 4 | KEMA Arquitectura

FORMA URBANA
CONECTIVIDADE + SENTIDO DE LUGAR



Diagrama conceptual
Forma urbana

A forma urbana resultou do entendimento do complexo contexto local e permitiu celebrar as virtudes espaciais e as características urbanas pré-existentes que, com o seu carácter identitário histórico e patrimonial, resultaram num novo sentido de lugar, tendo como prioridade a criação de um amplo espaço verde. O efectivo envolvimento da comunidade no processo de requalificação da Praça do Martim Moniz reflectiu os padrões de qualidade ambicionados.
O conceito de urbanidade estará, assim, associado à ideia de lugar, distinta da de espaço de fluxos existente, representado pelo papel do espaço público como elemento integrador da centralidade que caracteriza a praça do Martim Moniz, as microcentralidades periféricas que integram a proposta e a sua conectividade.

MULTIDIMENSIONALIDADE FUNCIONAL URBANA
DIVERSIDADE PROGRAMÁTICA + ATRACTIVIDADE



Diagrama conceptual
Zonamento programático

Atendendo à acessibilidade ao longo da área de intervenção e à conectividade à envolvente próxima, o carácter de sentido de comunidade que se pretende evidenciar, resulta, também, da conjugação de usos e actividades complementares e flexíveis e da imagem e estética do conjunto que se apresenta como uma unidade e com um novo significado de urbanidade.

Esta atractividade resulta da diversidade programática (espaços de lazer, recreativos, de desporto, culturais, religiosos, de estadia e contemplação) que promoverá diferentes dinâmicas sócio-urbanas e uma maior diversidade de formas de utilização e apropriação desses espaços e originará diferentes interações entre grupos e indivíduos de todas as gerações e culturas.

CONECTIVIDADE ECOLÓGICA
SERVIÇOS DE ECOSSISTEMAS



Diagrama conceptual
Conectividade ecológica

Os sistemas naturais são colocados em evidência em prol de um ambiente urbano qualificado e regenerado, contribuindo para uma multiplicidade de benefícios para a comunidade nas dimensões ambiental, social e económica.

A articulação de áreas verdes com a envolvente construída e com os espaços de coexistência (circulação viária e pedonal) permitirá reduzir a poluição do ar, promover o arrefecimento natural ao longo de todo o eixo da área de intervenção, aumentar a capacidade de bio-retenção de águas da chuva, aumentar o carácter recreativo e de lazer dos espaços exteriores, promover a biodiversidade e a reconstituição de *habitats* a partir de serviços ecosistémicos (regulação, provisão, suporte e cultural).

MULTIFUNCIONALIDADE DA PRAÇA CENTRAL
DIVERSIDADE DE EVENTOS E ACONTECIMENTOS

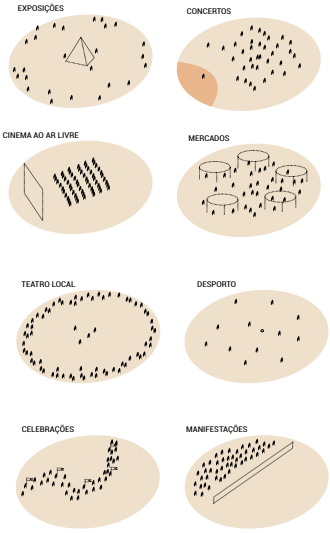
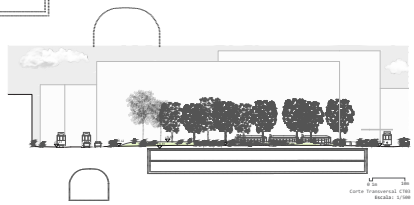


Diagrama conceptual
Multifuncionalidade da praça central e diversidade de eventos



Figura 39: Corte Transversal CT02
Escala: 1/1000











TC 4 | KEMA Arquitectura



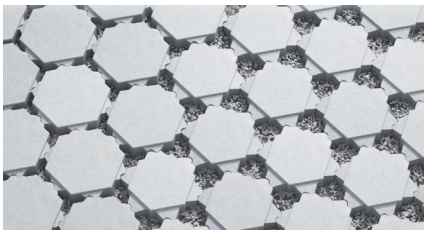
TC 5 | Metric Hand System, Urbanismo, Arquitetura e design, Lda

PROGRAMA

Um perímetro poroso que suporta o interior da praça da sua envolvente e juntamente proporciona abrigo aos diferentes programas, quiosques, apoios de manutenção, I.S. e Apoio desportivos, alem de suporte para os acrescentos de extrato vegetal aos arvoredos do perímetro. Um certo "Hortus Inconclusus", que caracteriza e cria atmosferas variadas em pontos de interesse. Em toda a superfície do espaço marcado da praça apresenta um particular pavimento hexagonal poroso, chamado "Flyt permeable system" desenvolvido pela empresa norueguesa Asak.no , que faz a captação das águas da chuva e permite com que a vegetação cresça através das juntas, proporcionando certo movimento e fluidez no decorrer da superfície pavimentada. Na extremidade norte localiza-se a zona desportiva, com espaço para o Cricket e **recinto desportivo polivalente. No ponto central do espaço pontua uma mancha de arvoredo, que evita a condicionante estrutura presente no relatório estrutural do parking, onde apresenta a carga limite atual, na linha de pilares «F», e que recebe extrato vegetal em forma orgânica e sem desenho de uma forma específica.**



19 IMAGEM REFERÊNCIA DO PAVIMENTO APLICADO NORUEGA, 2021.



20 IMAGEM DA MONTAGEM DO PAVIMENTO FLYT

pavimento **FLYT**

Com o aumento das condições climatéricas extremas, a procura de soluções novas e inovadoras de gestão da água para espaços exteriores é crucial. A solução para recolher água da chuva e gerir em bolsas inferiores é o pavimento FLYT - um novo sistema de cobertura exterior permeável. O FLYT consiste em três pedras hexagonais interligadas que podem ser combinadas para criar transições perfeitas ao conceber e programar espaços exteriores. O sistema flexível, que permite a passagem de água até 28% por metro quadrado, oferece uma ferramenta poderosa para a gestão da água com base na natureza. A proposta consiste em proporcionar flexibilidade na gestão dos recurso utilizando a natureza. Com baixo custo de manutenção consegue prover da captação das águas recursos para os arvoredos e jardins do espaço proposto.



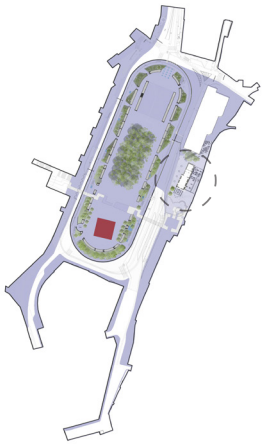
21 PORMENOR DO PAVIMENTO PAVER FLYT



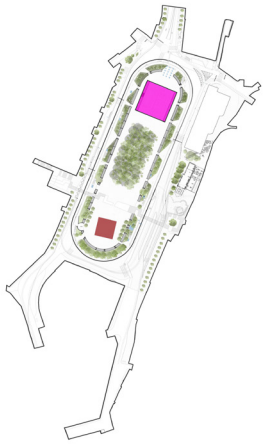
22 APLICAÇÃO DO PAVIMENTO PAVER FLYT



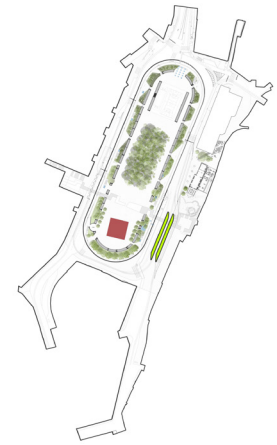
13 CIRCULAÇÃO DE ACESSOS EXSTENTES PRESERVADA



16 PAVIMENTO FLYT E NOVA CENTRALIDADE 15 800m²



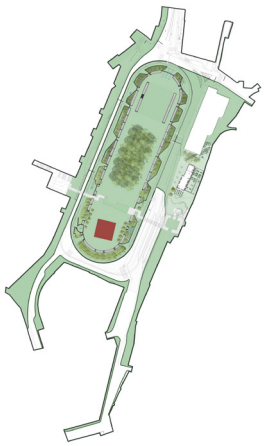
15 DESPORTO 1 110m²



14 DUPLICAÇÃO DA PLATAFORMA DO ELÉTRICO



17 CILOCVIA 750m



2 PAVIMENTO PERMEÁVEL 25 000m²



23 VISTA DA ESTRUTURA VERDE E SOMBRAS



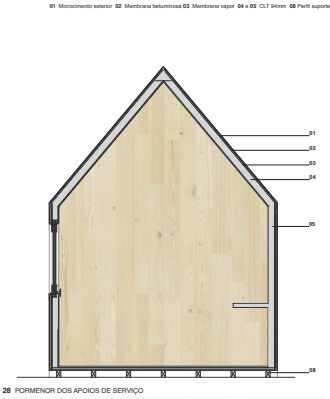
26 VISTA DO ESPAÇO DE DESPORTO A NORTE



24 VISTA DO ESPELHO D'AGUA A SUL



27 VISTA DOS APOIOS DE SERVIÇO E CORREDORES PERIMETRAL



01 Microcimento exterior **02** Membrana betuminosa **03** Membrana vapor **04 e 05** CLT 94mm **06** Perfil suporte

28 PORMENOR DOS APOIOS DE SERVIÇO



25 CORTE NORTE SUL 1:500

TC 5 | Metric Hand System, Urbanismo, Arquitetura e design, Lda



TC 6 | Atelier BAUM Arquitetura Paisagista



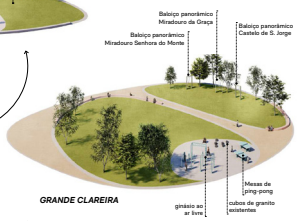
NOVA CENTRALIDADE: QUIOSQUE DO MARTIM MONIZ



PARQUE INFANTIL

CONTINUUM NATURALE

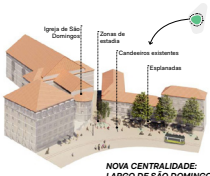
O novo Jardim do Martim Moniz prevê também zonas com vegetação de vários estratos promovendo um ambiente natural capaz de fazer a continuação ecológica com os diversos corredores verdes da cidade de Lisboa. Estas zonas são complementadas com espaços de lazer como um parque infantil, uma zona de ginásio ao ar livre, mesas de ping-pong, zonas de picnic e grandes prados para usufruto diário.



GRANDE CLAREIRA



NOVA CENTRALIDADE: PRAÇA DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE



NOVA CENTRALIDADE: LARGO DE SÃO DOMINGOS

PRAÇA MULTIFUNCIONAL

Considerando a necessidade de um espaço versátil e dinâmico propõe-se uma praça Multifuncional capaz de absorver, mercados pontuais, festividades religiosas como o Ano Novo Chinês, o Ramadão, as festas de Santo António, jogos informais como críquete ou eventos desportivos de pequena escala. Nos períodos intercalares pretende-se que funcione como um espelho de água que consiga refletir os vários miradouros mas que nos meses de mais calor ofereça vários jogos de água que consigam refrescar os seus utilizadores.





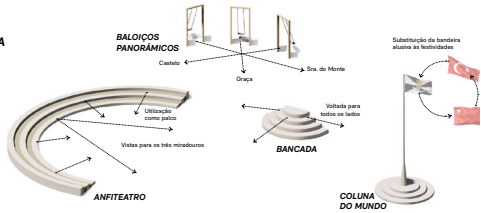
TRÊS NOVAS CENTRALIDADES

O projecto visa dinamizar os padrões sociais que habitam no Martim Moniz dando destaque a três grandes catalisadores: a nova praceta do quiosque do Martim Moniz destacando-se como o ponto central do novo jardim, a praça na Capela da Nossa senhora da Saúde e a sua relação com as escadinhas da Saúde e por fim, o Largo de São Domingos articulando o Martim Moniz, a Praça da Figueira e o Rossio.



MOBILIÁRIO DE GRANDE ESCALA

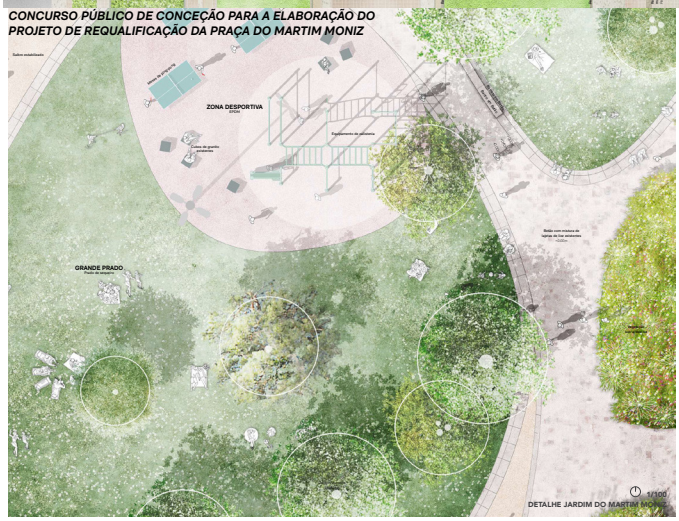
No intuito de garantir um espaço comunitário propõe-se mobiliário de grande escala que agregue todo o tipo de público. A localização destes objetos foi pensada sempre de modo a criar relações visuais não só para com os miradouros envolventes mas também, para que através da sua escala, estes objetos marcantes consigam ser identificados de vários pontos da cidade.



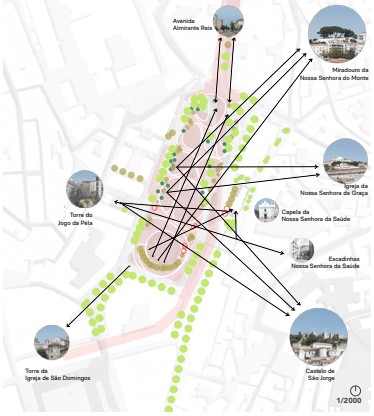


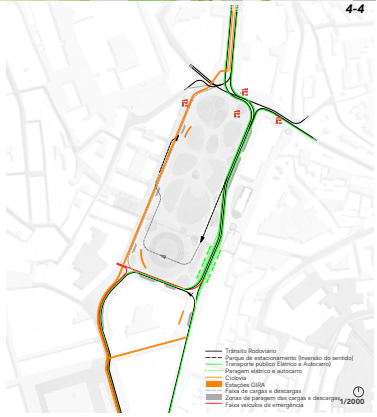


CONCURSO PÚBLICO DE CONCEÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO MARTIM MONIZ



DETALHE JARDIM DO MARTIM MONIZ





COMPOSIÇÃO ARBÓREA E ENCENAÇÃO PAISAGÍSTICA

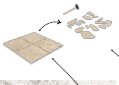
Considerando as limitações de plantação resultantes das várias estruturas subterrâneas, procurou-se uma disposição do coberto vegetal que consiga evoluir com vigor mas que também consiga respeitar e fortalecer os eixos visuais existentes para o Castelo de São Jorge, Miradouro da Nossa Senhora do Monte,capela da Nossa Senhora da Saúde, Torre da Pela e também da Igreja da Graça.

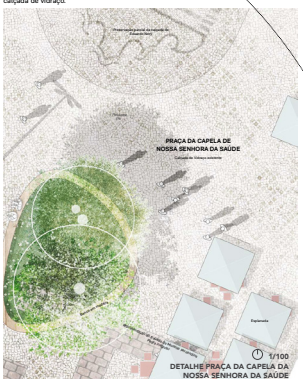
MOBILIDADE

A nova disposição do tráfego a nascente prevê uma redução do trânsito na baixa e uma mais eficiente concentração das paragens de transportes públicos no Martim Moniz. Para isto sugere-se, (embora não mandatório) a inversão do sentido da marcha no parque de estacionamento. Esta proposta pode porém absorver um perfil viário com quatro faixas se assim se justificar.

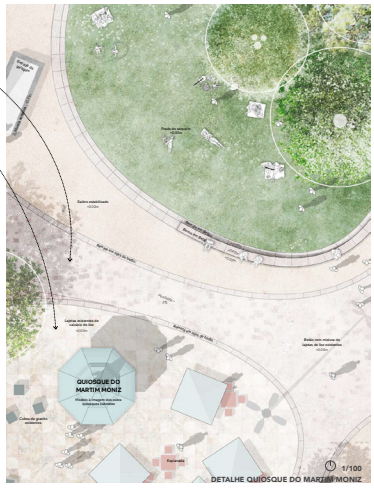
PAVIMENTOS

Procura-se aproveitar o máximo possível dos pavimentos existentes. Aproximadamente 35% das lajes de Lioz serão reaproveitadas para a praça Multifuncional, Praceta do Quiosque e a praça de recepção a norte. As lajes sobrantes serão utilizadas numa mistura de betão criando um material original que unifica o espaço em cor e textura. As zonas pedonais tanto a nascente como a poente serão em calçada de vidraço.





DETALHE PRAÇA DA CAPELA DA NOSSA SENHORA DA SAÚDE



DETALHE QUIOSQUE DO MARTIM MONIZ



TC 6 | Atelier BAUM Arquitetura Paisagista



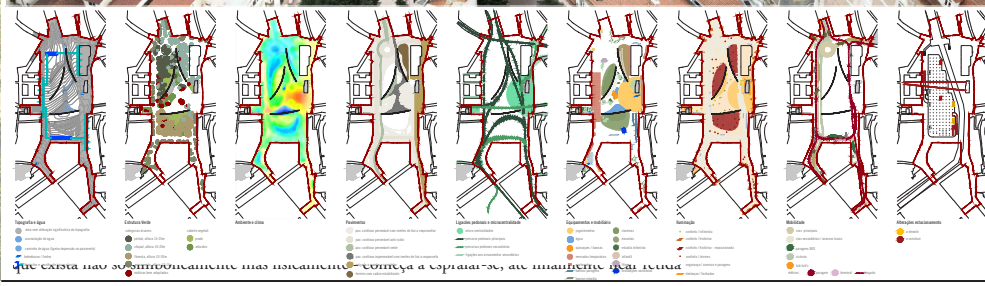






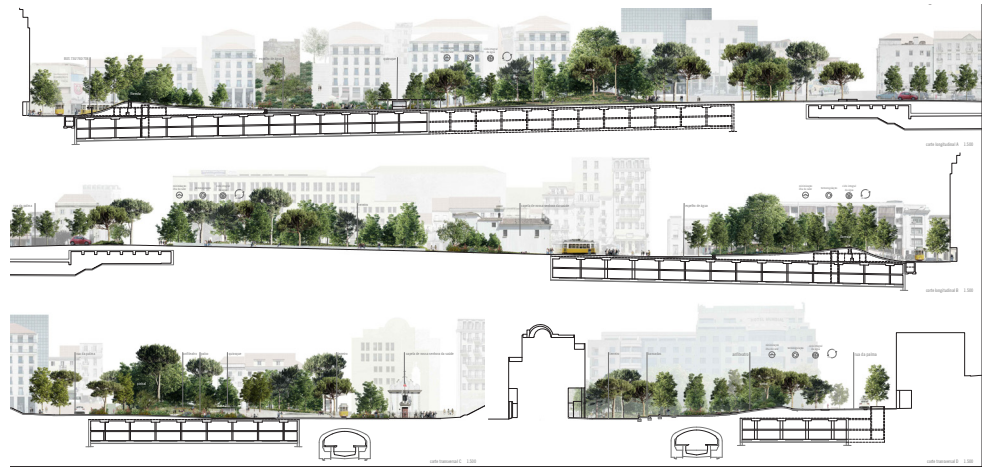






no terceiro rasgo: uma linha transversal, que forma uma suave "barragem", onde esta se acumula, originando um espelho que reflecte a cidade. Este momento ganha um caráter particularmente simbólico: por um lado, enuncia a memória da desaparecida Cerca Fernandina e, por outro, através da presença da água, evidencia esta área do jardim como uma centralidade de convergência. A composição destas três manipulações topográficas criadas neste plano térreo permite destacar uma das intenções chave da proposta: **criar uma porta de entrada nobre para a Mouraria**, celebrando a sua história e as suas gentes. Este amplo espaço - apropriado para os eventos multiculturais - terá como cenário o movimento dos eléctricos e, em grande destaque, a Capela isolada, com a colina da Mouraria e o Castelo de São Jorge como pano de fundo.

Para além desta centralidade que as linhas de força sugerem, cada uma delas está associada à criação de topografias e ambientes naturais distintos. A primeira, a poente, cria um anfiteatro natural, em prado, virado de frente para o sol de sul e nascente, protegido dos ventos dominantes e do nó viário do final da Rua da Palma por um pinhal denso. **Este anfiteatro natural vira-se para o Castelo**, abrindo uma vista privilegiada para toda a sua colina. A segunda linha, a nascente, origina uma suave topografia descendente, formalizada através de uma bancada embutida na terra, que se abre



TC 7 | Cossement-Cardoso



TC 8 | ACB A Castel-Branco Arquitectura Paisagista, Lda



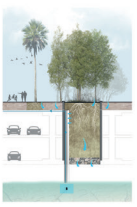
IMPLANTAÇÃO GERAL | INTEGRAÇÃO CONTEXTUAL | 1:2000

ASPECTOS FUNDAMENAIS DA PROPOSTA



i - TOPOLOGIA E FUNCIONALIDADE
Conectar encosta poente, de Santana com a praça criando unidade continua, ligando visualmente ao Castelo, dotando-a de uma orientação e rompendo com a infeliz topologia "insular". Dois corredores pedonais longitudinais - Rua da Mouraria e novo canal poente. Concretização expressiva do eixo transversal: ligação Torre da Pêla <> Escadinhas da Saúde.





iii – RETENÇÃO DE ÁGUA E AUTO-SUFICIÊNCIA HÍDRICA.
Instalar um sistema de poços drenantes e de captação de água, complementado com reservatórios – cisternas subterrâneas e um tratamento de superfícies orientado para a retenção e a infiltração. Os grandes poços drenantes ■ são conectores funzionais e simbólicos entre a superfície e o substrato natural do sítio – poderosos vectores de re-naturalização.



ii – IMAGEM E CARÁCTER
Estabelecer uma potente matriz vegetal de palmeiral, criando uma imagem icónica de celebração do exotismo centenário da Cidade e de evocação da ascendência norte-africana do sítio da Mouraria. Grande espaço aberto a todas as apropriações da vivência do quotidiano e às manifestações de massas dos vários calendários religiosos e etnográficos presentes.

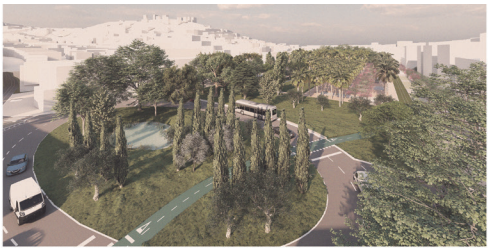






iv - REGULAÇÃO MICROCLIMÁTICA E AUTO-SUFICIÊNCIA ENERGÉTICA.
A intervenção dará protagonismo a um novo elemento estruturador e multifuncional – pérgulas reinventadas - enquanto peça fundamental da história dos jardins, actuam como corredores de frescura e sombra, como abrigo de chuva, integração de instalações e equipamentos, mediadores arquitectónicos e, ainda, suporte de painéis fotovoltaicos.





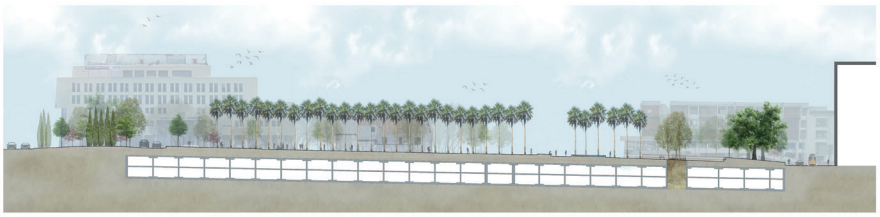
Nova rotunda - bacia de apanhamento e retenção com superfície alagada; ilustração do traçado da ciclovia neste ponto.



Relvado com grande capacidade de carga e canal de ligação entre peças hidráulicas.



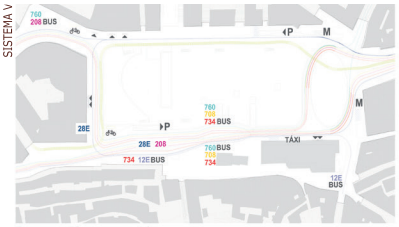
Perfil transversal | poente - nascente | 1:500



Perfil longitudinal | norte - sul | 1:500

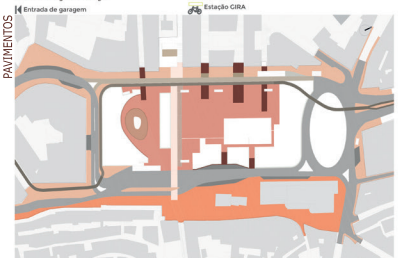


SISTEMA V



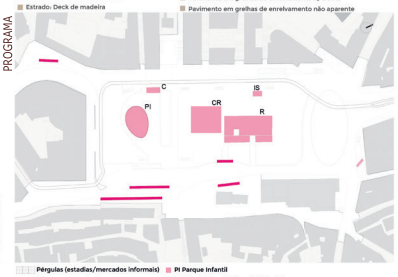
Transportes públicos: autocarros e eléctricos
BUS Paragem de autocarro/ eléctrico
Ciclovia
Área de cargas e descargas
Entrada de garagem
M Acesso ao Metro
P Acesso ao Parque de estacionamento subterrâneo
TÁXI Táxis
Estação CIRA

PAVIMENTOS



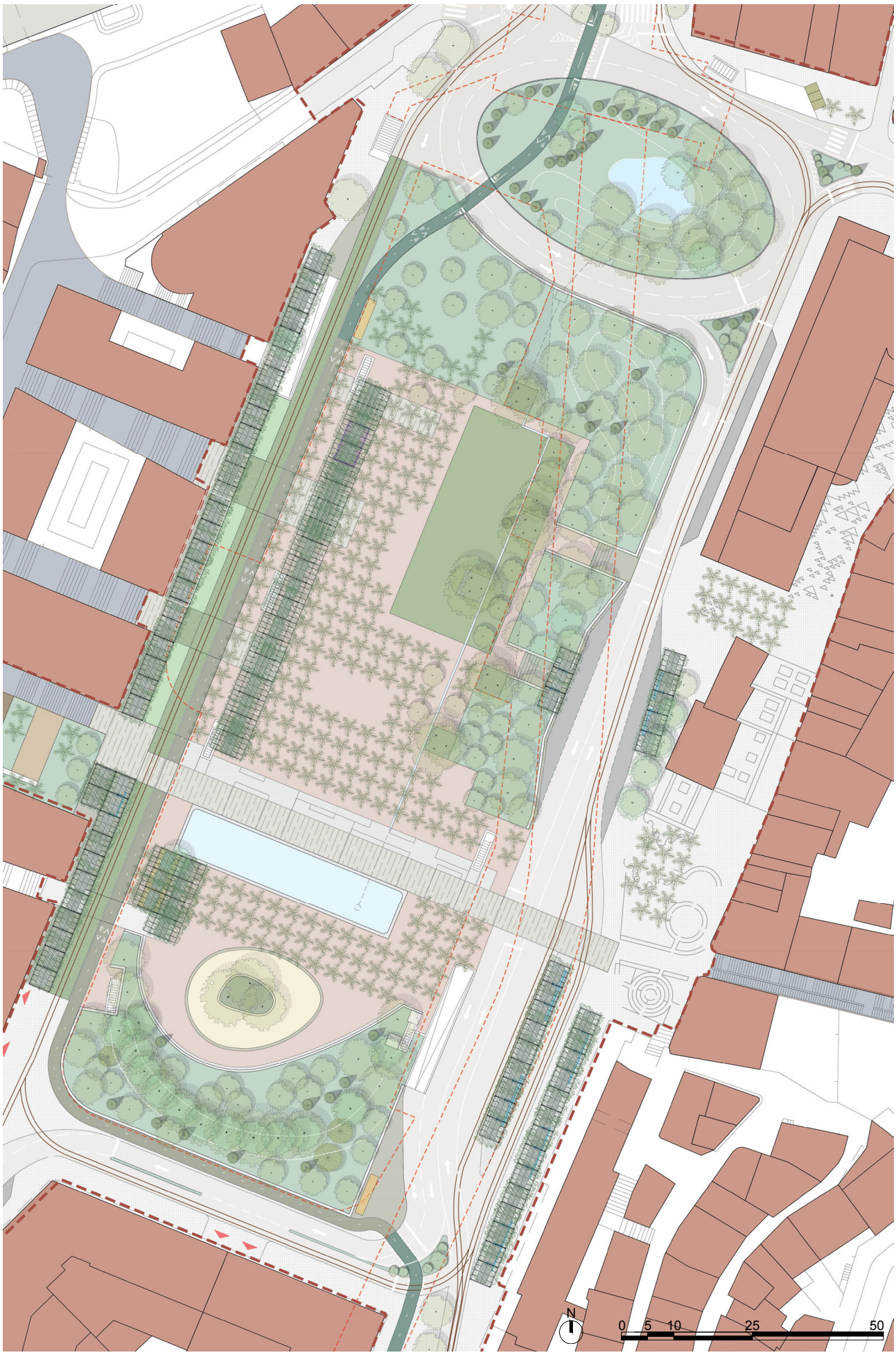
Pavimento em betão poroso
Pavimento amortecedor contínuo
Pavimento em calçada à portuguesa cor escura
Pavimento eixo - lajetas de lioz reaproveitadas
"Maciço" do eixo - lajetas de lioz reaproveitadas
Recuperação - calçada à portuguesa
Recuperação - calçada artística
Estrado: Deck de madeira
Muros de transição - lajetas de lioz reaproveitadas
Murete-banco - lajetas de lioz reaproveitadas
Pavimento rodoviário em betuminoso asfáltico com ligante sintéctico incolor, fonoabsorventes
Pavimento de ciclovia em betão poroso cor verde
Pavimento de ciclovia em lajetas de lioz reaproveitadas
Pavimento em greihas de enrelvamento aparente
Pavimento em greihas de enrelvamento não aparente

PROGRAMA



Pérgulas (estadias/mercados informais)
Paragens sob pérgulas
C Cafetaria e Instalações Sanitárias
IS Instalações Sanitárias
PI Parque Infantil
R Relvado (jogos informais/pic-nic)
Criquete
Eco Ilha

TC 8 | ACB A Castel-Branco Arquitectura Paisagista, Lda



TC 11 | Filipa Cardoso de Meneses & Catarina Assis Pacheco – Arquitectura Paisagista, Lda

revelar a história, resgatar o vale



uma linha antiga

Conjugado com a vocação de grande vitalidade e de espaço amplo aberto à cidade e aos seus moradores, o Martim Moniz apresenta um património histórico extraordinário. Através desta praça, e alargando-se a toda a área de intervenção, é possível identificar a muralha fernandina e uma Lisboa medieval da qual nos restam, ainda, alguns vestígios arquitetónicos, como a Torre do Jogo da Pela, parte integrante da Cerca Fernandina. Visível em várias plantas históricas, a linha da antiga muralha que atravessa a praça do Martim Moniz é uma memória que importa preservar, identificar e reapresentar à população. Do outro lado da colina de Santana, no lanço da muralha fernandina que dela descia e atravessava o vale a leste, é de destacar a existência, no passado, da Porta da Mouraria, uma das portas de entrada para a cidade medieval. Entre as colinas, no vale da Mouraria, subsiste até hoje a Capela de Nossa Senhora da Saúde, uma construção quinhentista encostada à rua da Mouraria.

Lisboa mais resiliente

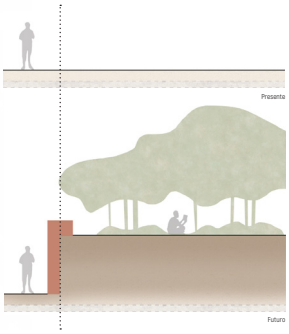
Tendo como objeto de investigação e fascínio este inigualável polo cosmopolita, apresenta-se um projeto que pretende contribuir para preparar o futuro tendencialmente pedonal do centro da cidade, concorrendo para transformar Lisboa numa cidade mais resiliente e com menos carros e oferecendo aos seus habitantes um espaço público confortável, versátil e adaptado aos desafios da nossa sociedade. Assim, tomámos como ponto de partida essa linha antiga, que nos oferece uma leitura histórica da cidade, para reestabelecer ligações desde há muito dificultadas e reintegrar a praça no tecido da envolvente.

recuperar o vale fértil

A proposta de intervenção vai, então, no sentido de criar neste *locus deserturn* um amplo espaço verde, que virá recuperar a vocação produtiva que já ali existiu – quando uma grande parte da praça estava preenchida com terrenos agrícolas. Propor um novo jardim e desfazer a "ilha" árida nasce com o desenhar de um muro de contenção, fundado na laje de estacionamento subterrâneo existente. A esta "antiga-nova" muralha será atribuída uma função contemporânea, muito para lá do evidenciar do património histórico: será o elemento que permite elevar o terreno e sustentar uma larga e profunda plataforma de solo vivo, capaz de criar um novo espaço bioclimático que servirá a cidade.

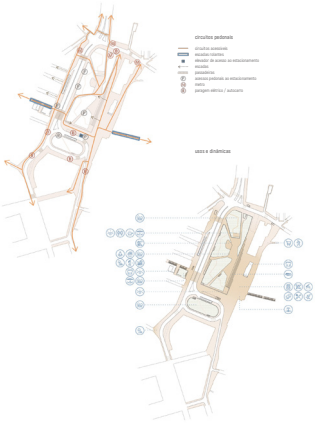
revelar e transformar

O revelar deste traçado oferece, então, as condições para uma grande transformação da praça do Martim Moniz, e, por consequência, de todo o espaço envolvente. Cria-se um generoso espaço verde público, com lugar para a natureza e para todas as pessoas, onde cabe a diversidade do mundo.



fundado num solo do mundo





o mundo inteiro cabe aqui

Sendo um dos polos agregadores do centro de Lisboa, a Praça do Martim Moniz é um lugar único pela forma singular como junta e cruza muita gente e usos diversos. Quem a utiliza com maior intensidade são os moradores dos bairros que circundam a praça – uma população culturalmente diversa e de origens variadas. Mas muitas outras pessoas, vindas de outras áreas da cidade, a cruzam também regularmente. Seja por motivos comerciais, sociais, cívicos ou culturais, ou simplesmente porque procuram um lugar para se sentarem a descansar, muitos são aqueles que a vivem e que compõem a sua identidade cultural múltipla.

solos do mundo

Há muitos solos no mundo e há muitas regiões do mundo no Martim Moniz. É partindo desta ideia que propomos pensar o solo como ponto de partida, numa estratégia conceptual e biológica singular que sustenta o desenho do novo jardim. Com profundidades diferentes e composição diversificada, é possível transformar e definir a paisagem de baixo para cima, fazendo um zonamento a partir da base, que se reflete imediatamente no zonamento (visível) da estrutura verde – refletindo, deste modo, a multiculturalidade dos moradores da envolvente e dos utilizadores, provenientes de diferentes áreas do globo. Desta forma, procurar-se-á, através da seleção de tipos de solo e de espécies, contribuir para o sentimento de pertença a este espaço e à cidade.

multiculturalidade, microcentralidade, versatilidade

O caráter polivalente, aberto e inclusivo é uma qualidade intrínseca da atual praça do Martim Moniz e é prioritário mantê-lo e potenciá-lo. Em geral, a proposta de requalificação visa tornar toda a área de intervenção mais acessível e preservar os usos e dinâmicas já existentes, potenciando novos usos e assegurar o mais possível o conforto de toda a gente. Assim, criando um espaço público verdejante e resistente, com lugar para a natureza e para as pessoas, a proposta desenha e prevê diferentes atmosferas que visam respeitar diferentes utilizadores e tipos de experiência.

A nova praça, junto à capela da Nossa Senhora da Saúde, abre-se a usos distintos, preexistentes e novos, e ao papel cívico desempenhado pelo e no espaço público, na linha do que vem sendo o Martim Moniz ao longo dos tempos. Haverá áreas livres para jogo [por exemplo, para prática de críquete, que já se faz no atual Martim Moniz] e poderão ser montados mercados de levante, espetáculos, sessões de cinema [com o anfiteatro a servir de plateia] e eventos diversos – como acontecimentos culturais, religiosos, políticos, ou desportivos, entre outros. Urge desenhar um espaço que ofereça maior qualidade de vida à população. Um espaço onde se possa conviver de forma mais confortável, onde se possa brincar de forma livre e segura e onde se possa descansar.





TC 11 | Filipa Cardoso de Meneses & Catarina Assis Pacheco – Arquitectura Paisagista, Lda

em cada sentido, delimitadas por separador central;
létrico]; o passeio poente é alargado e são criadas
s, melhorando-se a circulação pedonal.

S ROLANTES
e beneficiação das áreas verdes integrando bancadas pontuais
stido de ligação à Rua do Arco da Graça e colina de Santana,
teriores.

dina e fundado no parque de estacionamento
ofunda plataforma de solo vivo, capaz de criar
bioclimático promotor de biodiversidade.

uma zona exclusivamente pedonal, ampla, versátil
o de utilização do espaço, com plantação
s embutidos no pavimento).

com integração de lances de escadas confortáveis
oso anfiteatro virado para a colina da Mouraria.

ido da cidade - o novo jardim do centro histórico
aria; a rede de percursos desenha-se abrangente
consistente, alternando momentos
bientes diversificados.

essível e estimulante,
das crianças, no seu desenho
ibutos da população residente.

viço a partir
enhado, encaixado
ra desafogada.

douro sobre o jardim
ge em pano de fundo.

olha e reaproveitamento
onamento subterrâneo;
a desenvolver

Av. Almirante Reis.

Mouraria,

ntrada

Palma;
a
de.

culação,
Mundial.



1-4

PLANO GERAL
(à direita)
escala 1:2000

PRAÇA
1. Esplanada diagonal
2. Bosque húmido
3. Largo da Muralha

ENVOLVENTE
4. Edifícios da EPUL
5. Torre da Pêla
6. Largo São Domingos
7. Praça da Figueira
8. Praça do Rossio
9. Largo da Capela
10. Jardim da Graça
11. Castelo de São Jorge
12. Av. da Liberdade
- - - Centralidades urbanas
—— Ligações pedonais / corredores verdes

CONCURSO PÚBLICO DE CONCEÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE **REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO MARTIM MONIZ**





Diagonal Martim Moniz, um articulador polivalente

O principal elemento do desenho do Martim Moniz é uma **linha diagonal que une os dois troços da rua da Palma longitudinalmente.** A diagonal é uma linha que articula e pondera uma série de questões da envolvente:

01. Anuncia um reforço visual do Corredor Verde Central, unindo o troço sul da Rua da Palma à Av. Almirante Reis, e inaugurando uma perspectiva visual que religa o sul ao norte;

02. Privilegia a continuidade pedonal da Rua da Palma ao longo da frente poente;

03. Integra também o eixo do Corredor Verde de Monsanto, reforçando a ligação da Praça com a R. Dom Duarte, que é o principal articulador entre o Martim Moniz, a Praça da Figueira e a Praça do Rossio, e a Av. da Liberdade;

04. Remete-nos ao antigo traçado em diagonal da Rua da Palma que antes passava pelo local, aludindo a um palimpsesto histórico e surgindo como uma mediadora do passado e do futuro;

05. Desenha a esplanada da Praça, que é uma área para eventos cívicos voltada a poente, integrando-se à zona de acalmia;

06. Exalta a Torre da Pêla, já que a esplanada funciona como um grande adro da torre da Muralha Fernandina;

07. Arranja os usos da Praça, definindo uma área seca a poente e uma área ajardinada a nascente;

08. Ordena usos conflitantes e simultâneos nestas duas áreas, como jogos de críquete x parque infantil, áreas de sol x áreas de sombra, áreas ativas x áreas de contemplação e descanso;

09. A diagonal permite uma ligação visual perpendicular (em sentido leste-oeste) **ao definir um largo que marca a passagem da muralha fernandina pela Praça**, marcando um eixo de passagem da Torre da Pêla às Escadinhas da Saúde;

10. Valoriza também o largo da Capela Nossa Sra. da Saúde, ao definir um campo relvado em frente ao largo da Capela;

11. Funciona, ao designar a área ajardinada a nascente, como um mitigador das frentes urbanas nascente e sul. Por sua arquitetura carente de unidade, ambas podem ser visualmente amortecidas pela vegetação proposta;

12. A mesma área ajardinada ainda amortece a importância do Edifício de Escritórios e Comércio, que é hoje o principal edifício da Praça para quem transita pelo eixo visual da Av. Almirante Reis;

13. Analogamente, **a diagonal e a esplanada valorizam e abrem-se para a frente edificada consolidada formada pelos cinco edifícios da EPUL**, a poente;

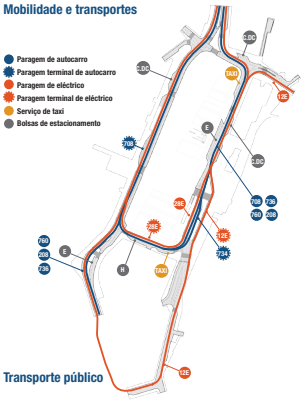
14. A área ajardinada respeita o sistema de vistas do Castelo São Jorge e da Igreja Nossa Sra. do Monte ao especificar espécies arbóreas de porte médio, que provêm sombra em copas que não ultrapassam os 12 metros de altura;

15. Para os usuários da Praça, **a área ajardinada também é um atenuante que amortece o ruído dos carros, autocarros e elétricos** que circulam pela via a nascente, que é o segmento com trânsito mais intenso da Praça (segundo o Mapa de Ruído da Cidade de Lisboa).



Mobilidade e transportes

- Paragem de autocarro
- Paragem terminal de autocarro
- Paragem de eléctrico
- Paragem terminal de eléctrico
- Serviço de taxi
- Bolsas de estacionamento



Transporte público

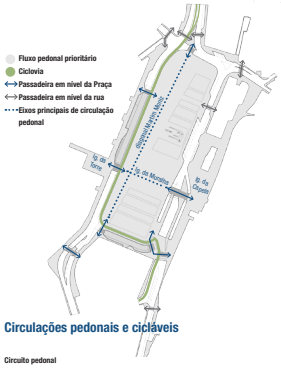
Paragens e paradas de autocarros e eléctricos

Eléctricos:

- A paragem terminal do eléctrico 12E permite a acostagem de 2 eléctricos em linha e será na calçada em frente ao Edifício de Escritórios e Comércio. A parada do 12E será na Rua do Arco do Marques do Alegrete.
- A paragem terminal do eléctrico 28E será no lado sul da placa, com desembarque de nível na Praça do Martim Moniz, e permite a acostagem de 3 eléctricos. A parada do 28E também será na Praça, ao lado da rampa a nascente do estacionamento subterrâneo. Desta forma, a fila de embarque será no passeio da Praça sob os novos abrigos. Caso estes abrigos não sejam o suficiente, a fila prolongar-se-á por entre os canteiros assombreados dos bosques húmidos. Esta ripagem do 28E não passa sobre o parque de estacionamento subterrâneo e evita a ligação ferroviária em X.
- A ligação em X é igualmente compatível com nossa proposta, mas a solução apresentada nos parece mais eficiente.

Autocarros:

- A parada em frente à Capela de Nossa Sra. da Saúde concentra os autocarros 760, 734, 708 e 208 e terá novos abrigos para estas linhas.
- A paragem terminal do autocarro 734 a nascente está na ilha em frente ao Edifício de Escritórios e Comércio.
- A paragem terminal do autocarro 708 a poente foi ligeiramente deslocada à norte para desobstruir, visualmente, o eixo Torre da Pêla - Escadinhas da Saúde.
- A via segregada BUS para os autocarros que vem da Rua do Arco do Marques do Alegrete foi mantida, assim como as faixas BUS das outras vias.



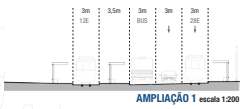
Circulações pedonais e cicláveis

Circuito pedonal
A Praça terá nove passadeiras largas, sendo seis em nível, o que facilitará a integração entre as calçadas da envolvente e a placa central. O troço entre as duas passadeiras da via a poente poderá ser todo em nível, assim configurando-se como uma extensa zona de acalmia adjacente aos edifícios da EPUL.

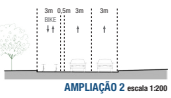
O desenho da nova placa infiltra-se pelas calçadas adjacentes, conecta-se com os espaços públicos da envolvente, e estabelece um circuito pedonal muito mais fluido e seguro. Ou seja, não há mais o conceito de uma placa central isolada: há uma Praça interconectada que articula diversos circuitos.

Ciclovia
A ciclovia teve seu traçado deslocado para o poente, assim desafogando o fluxo de veículos motorizados que trafegam pela via a nascente.

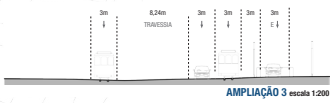




AMPLIAÇÃO 1 escala 1:200



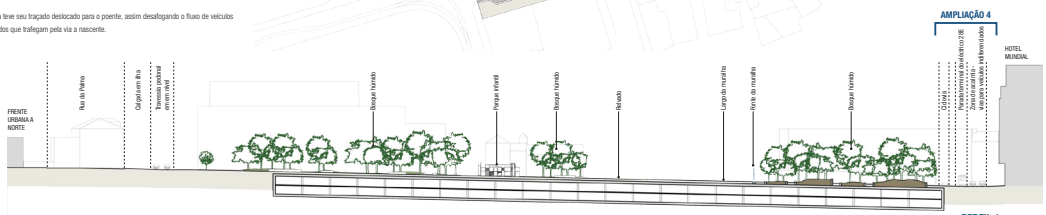
AMPLIAÇÃO 2 escala 1:200



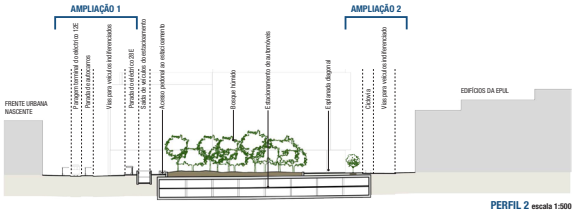
AMPLIAÇÃO 3 escala 1:200



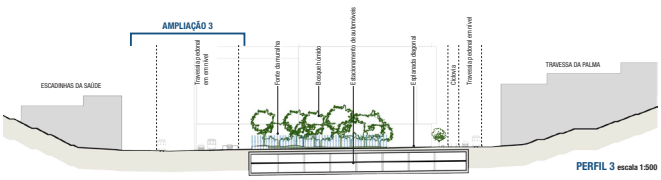
AMPLIAÇÃO 4 escala 1:200



PERFIL 1 escala 1:500



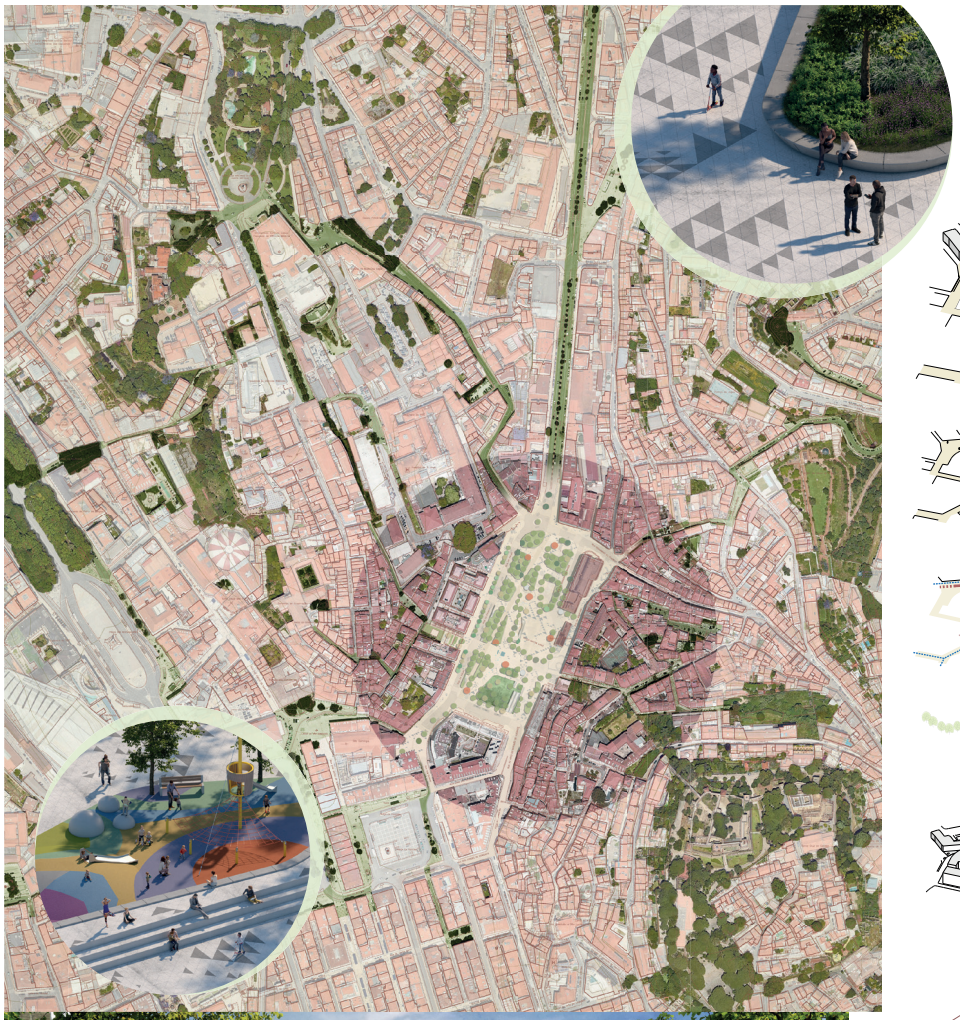
PERFIL 2 escala 1:500



PERFIL 3 escala 1:500

TC 12 | Vazio Arquitectura e Urbanismo Unipessoal, Lda





PLATEIA VERDE
um jardim do mundo

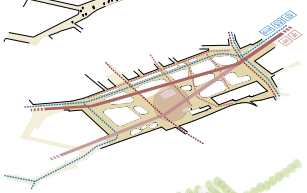
PLATEIA VERDE
uma plateia é um grupo de pessoas reunidas para assistir e participar de um evento ao vivo…
E verde porque esse era o desejo de todos.



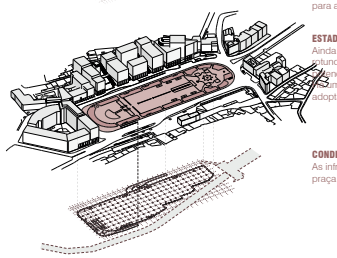
JARDIM PRAÇA um lugar onde cabem TODOS
Uma cidade centrada nas pessoas, valoriza os seus espaços públicos para melhorar a qualidade de vida de todos.
Cuidar a riqueza multicultural deste lugar é projectar os vazios que deixam espaço aos moradores, flexibilizando e oxigenando o tecido urbano com áreas verdes de confort. Conceber um jardim e ao mesmo tempo um centro dinâmico e aberto.



LINHAS DE FORÇA
O projecto visa favorecer esses eixos que se impõem de forma natural neste que é um talvegue urbano. Com intenção clara de projectar uma cidade orientada ao pedonal, facilitando a circulação suave e acessível a mobilidades condicionadas em deterimento da circulação viária.



ESTRUCTURA VERDE
Encher o Martim Moniz de árvores - impossível? E se entendermos os pilares subterraneos como continuação dos troncos das árvores.
Numa primeira fase a distribuição quadricular das árvores segue a distribuição dos pilares do parquing subterrâneo. Numa segunda fase vamos retirando desta quadrícula linhas, pontos e manchas de árvores para abrir espaço para a praça, para os passeios, para os descansos, para o desporto, para o ócio, para as pessoas enfim, para a vida.



ESTADO ACTUAL
Ainda que se tenha transformado numa ilha rotunda de carros, é evidente o seu imenso potencial.
Uma vontade colectiva da cidadania em adoptar este espaço público.

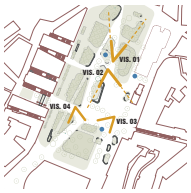
CONDICIONANTES
As infraestructuras sobre as quais assenta a praça e que influenciam o projecto.

1-4

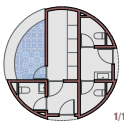
um jardim do mundo

A Praça Jardim do Martim Moniz.

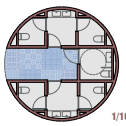
Um lugar com a plasticidade e adaptabilidade necessárias para cuidar e promover a sua riqueza multicultural, ao mesmo tempo que proporciona atmosferas variadas rodeadas de verde e históriaS....



EQUIPAMENTOS
QUIOSQUE



EQUIPAMENTOS
SANITARIOS












A RUA DA PALMA
O JARDIM
PRAÇA AJARDINADA À VONTADE
PIC NIC SEGUIDO DE UMA SESTA NA RELVA
PARA ALÉM DA PRAÇA
0 5 10 25 50

TC 14 | Oh! Land Studio, Lda, Masslab, Lda, Karres en Brands



PRAÇA MARTIM MONIZ

A proposta para o Martim Moniz, pretender dar resposta contemporânea na revitalização de uma zona central de Lisboa, tendo como base as premissas programáticas do concurso, e assente em princípios ecológicos e ambientais, com o objetivo principal de criar um espaço público inclusivo, diversificado e sustentável, que celebre a natureza e as diferentes culturas presentes na cidade.

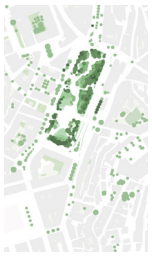
Transformar uma praça convencional, com forte domínio da zona pavimentada, num jardim inspirado no conceito de ecótono é uma proposta excitante e desafiadora. Os jardins são expressões da relação entre o ser humano e a natureza, e suas formas e significados podem variar amplamente dependendo das tradições culturais, crenças e valores, pelo que a proposta apresentada é o resultado de uma reflexão sobre a história, desenho e elementos que caracterizam um jardim, do ponto de vista de várias culturas.

Na transformação urbana, está também assente uma estratégia para a mobilidade futura, para a estrutura verde, e para a drenagem das águas pluviais, assente em soluções baseadas na natureza.

Ao transformar do ponto de vista urbano, ambiental e social, o Martim Moniz será um tecido vivo e vibrante na cidade.



CONTEXTO GERAL (SEM ESCALA)



ESTRUTURA VERDE
MANCHAS VEGETAÇÃO



DRENAGEM ECOLÓGICA
INFILTRAÇÃO E REUTILIZAÇÃO DA ÁGUA



MOBILIDADE PEDONAL E FLUXOS

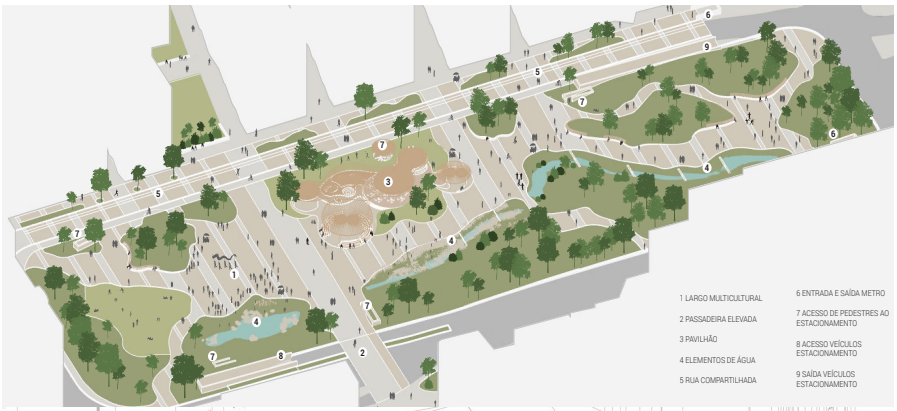


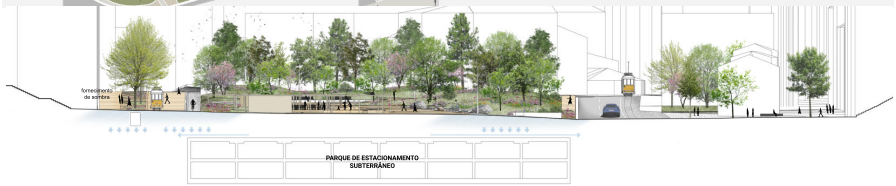
PROGRAMA DE INTERVENÇÃO



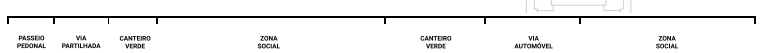
CORTE LONGITUDINAL 1:500

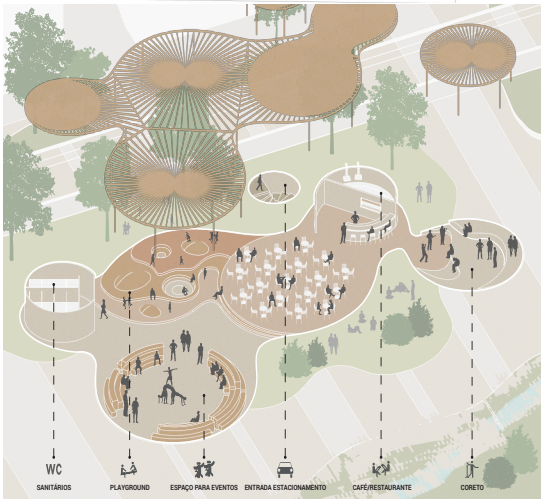






CORTE 1:500







LARGO MULTICULTURAL



RUA COMPARTILHADA

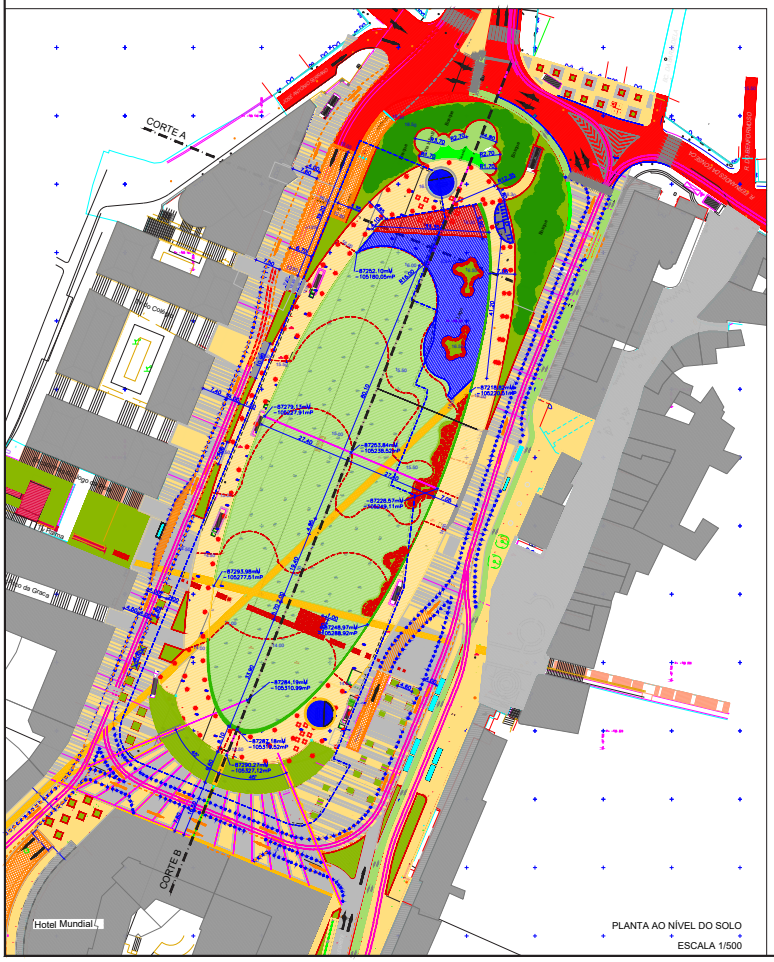
TC 14 | Oh! Land Studio, Lda, Masslab, Lda, Karres en Brands



TC 15 | Caldeira Cabral e Elsa severino, Gabinete de Arquitetura Paisagista, Lda

2-4

REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO MARTIM MONIZ

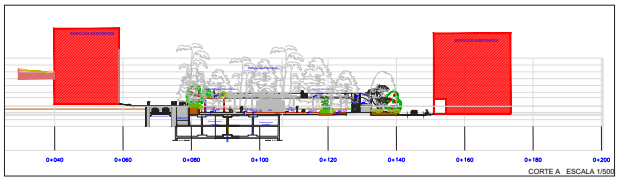


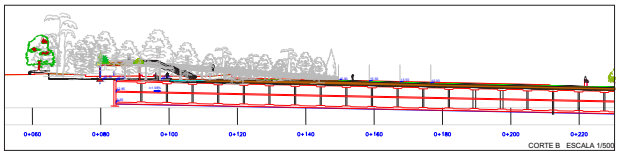


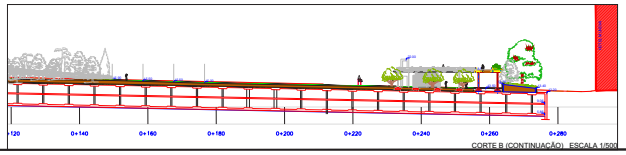


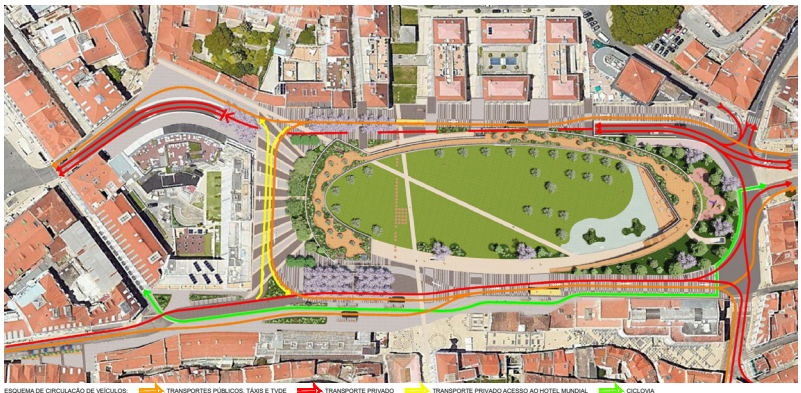




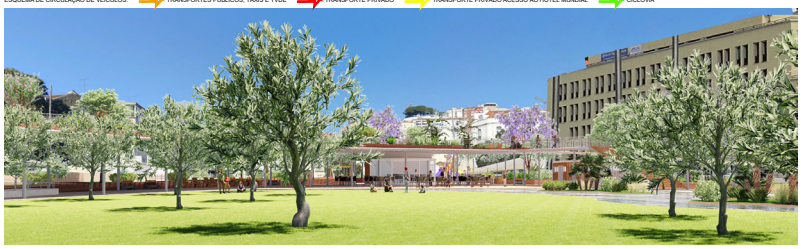




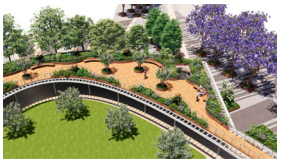










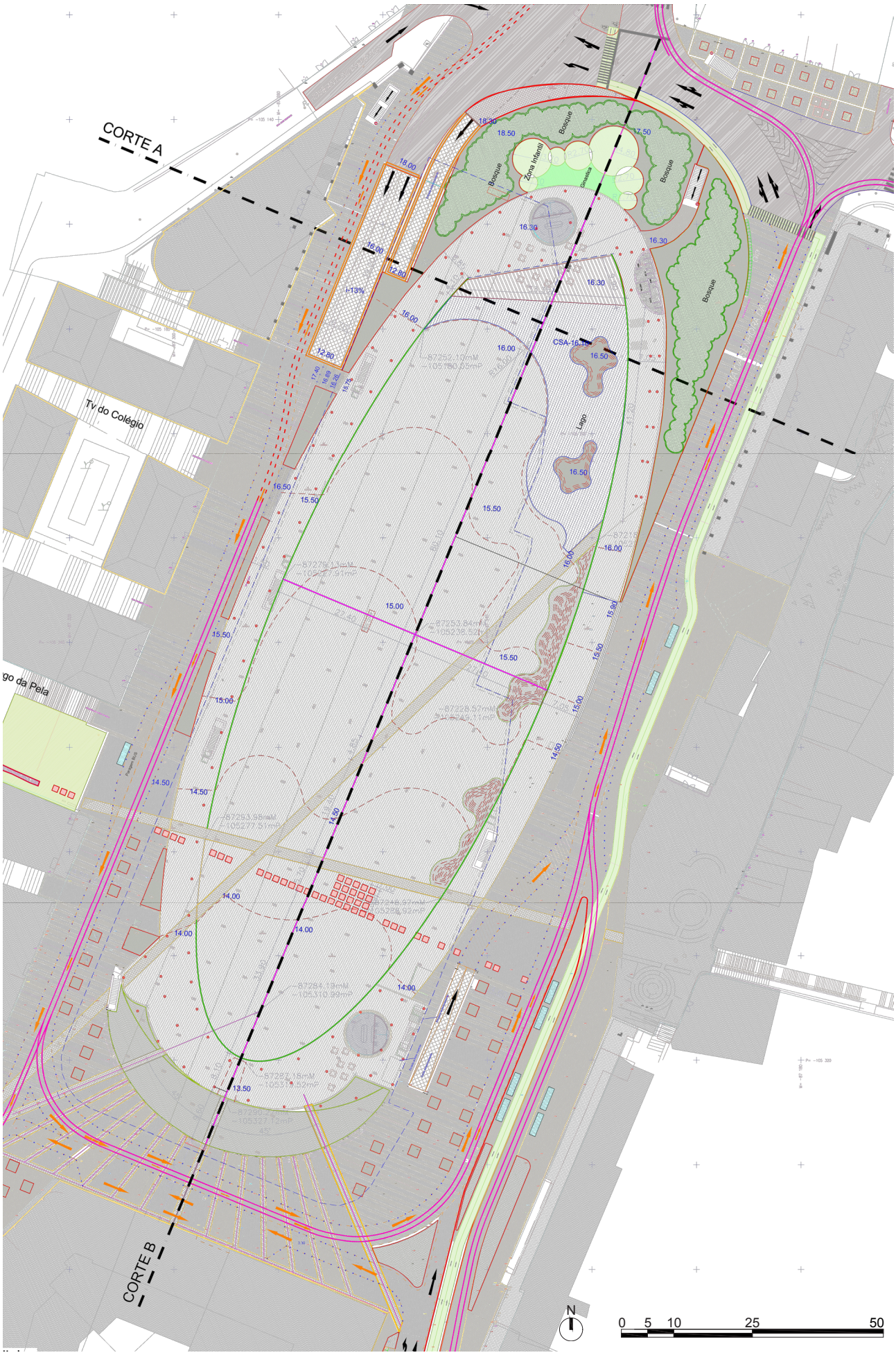








TC 15 | Caldeira Cabral e Elsa severino, Gabinete de Arquitetura Paisagista, Lda



PROJETO de REQUALIFICAÇÃO da PRAÇA do MARTIM MONIZ









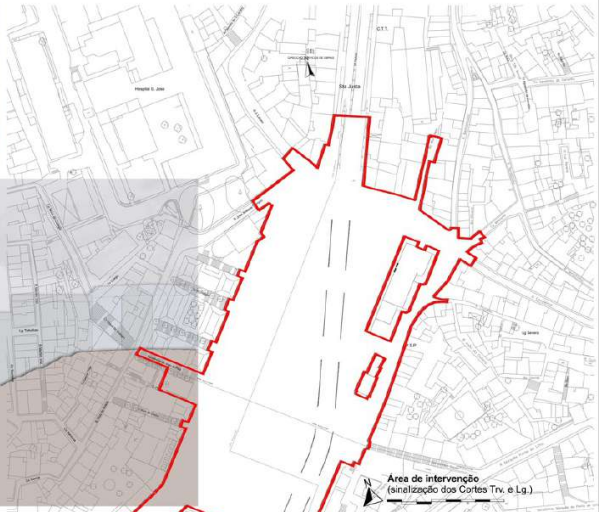










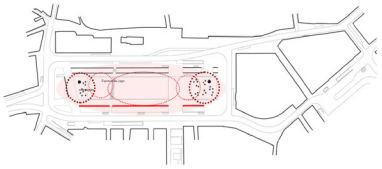




TC 16 | Eliseu Pinto Almeida

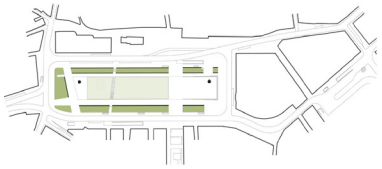


TC 17 | Atelier Verónica Mota e Diamantino Oliveira, Arquitectura Paisagista, Lda



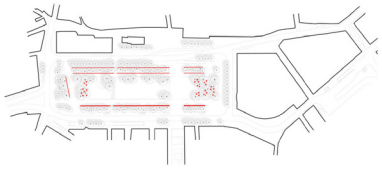
VIVÊNCIA URBANA

O espaço do jardim-praça é desenhado de forma a promover o agregação e interação. A grande forma de estar é o estadio colletivo num grande banco com costas orientado para as colinas a nascente. O espaço de jardim é também animado pelo agregação e sobreposição de diferentes espaços, usos e actividades - os pracas de sombra com mesas e café em ambos os topos, o clareira relvado, os jogos de água e o brinquedo-escultura. Pretende-se promover um conjunto alargado de vivências, integrado num espaço comum, aberto e inclusivo, onde se pode estar em grupo entre amigos ou desconhecidos, mas nunca sozinho.



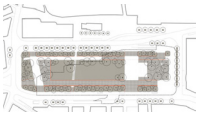
ESTRUTURA E LIMITE

O espaço de jardim é definido pela estrutura de muretes-banco, banco com costas e canteiros, criando a sensação de interioridade, sem perder a visualização de fachada a fachada, definindo um único espaço amplo. A estrutura é interrompida pelo percurso da muralha Fernandina, promovendo a ligação visual e física nascente-poente. O limite sul é aberto, promovendo a visualização do interior do jardim e a abertura e entrada pelos percursos longitudinais. A praça de sombra sul é desconectada do rua por uma pequena escadaria, de forma a permitir o estadio protegido e a altura de solo para arborização. Este escadario será em si mesmo mais um espaço de relação da praça com a rua.



ESTADIA E SOMBRA

A estadio é acompanhado pelo produção de sombra, proporcionando o conforto microclimático necessário para transformar a praça numa sala de estar da cidade.



Solo contínuo e arborização

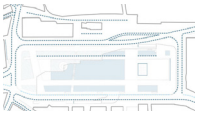
A lógica da existente do cria da de uma pavimentação contínua é a chave da operação de requalificação do espaço público. Através da criação de uma nova forma pavimento e desenvolvimento arbóreo, através da disponibilização do volume de solo em continuidade lateral, em detrimento da profundidade, diminuindo o esforço criado sobre a laje existente.



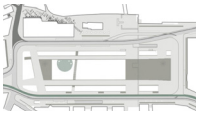
Estrutura arbórea



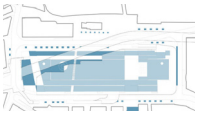
Estrutura arbustiva e herbácea



Sistema de drenagem



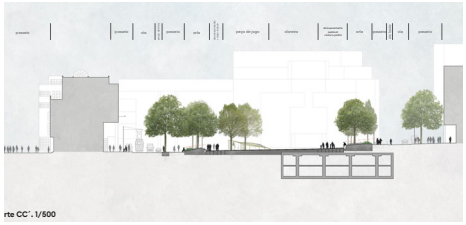
Pavimentos



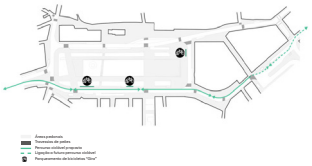
Permeabilidade



Vista da praça de sombra sul e jardim-praça

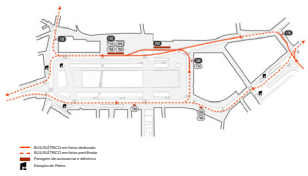


rte CC´. 1/500



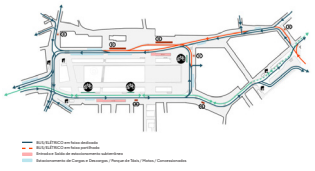
Modos Suaves

O Jardim-Praça promove e facilita a mobilidade suave e integra-se na rede de mobilidade suave da cidade. No contexto de praça, são promovidos e facilitadas os atravessamento pedonais, quer por aproximação de vias quer por criação de plataformas e chegado. Da articulação entre pedonalidade e sistema viário propõe-se o presente traçado da ciclovia, minorando cruzamentos e estabelecendo uma ligação mais directa ao futuro traçado proposto pela CML.



Transportes Públicos

O Jardim-Praça promove e facilita o transporte colletivo, a praça central é lugar de interface de transportes, reorganizando-os em torno da praça, por forma a melhorar as condições necessárias às estações terminais de eléctricos, à fluidez dos mesmos. Da articulação com a proposta de sistema viário é possível a existência de fases dedicadas em alguns traços. A redefinição do traçado do eléctrico permite a nova geometria da praça e com a articulação das catenárias permite melhorar as condições de arborização urbana.



Circulação Viária

Redefine-se a circulação viária reduzindo o número de faixas no lado poente da praça, dando lugar à ciclovia. No lado nascente reduz-se para uma faixa permitindo ter traços de faixas dedicadas aos transportes públicos. Estabelece-se novas condições para uma praça de táxis e prevê-se a manutenção de lugares para cargas e descargas à superfície. O parqueamento de bicicletas localiza-se no lado poente ao longo da ciclovia.

APROXIMAR E CENTRAR

Procurou-se diminuir a distância entre a praça e o espaço envolvente, pela diminuição do número e largura de faixas de circulação, retirando o efeito de ilha da praça e promovendo a aproximação e circulação pedonal. A forma da praça é excentrada no limite sul, promovendo o sua continuidade com o malha urbana adjacente.

ARBORIZAÇÃO E FORMA URBANA

A arborização externa ao jardim da praça é utilizada para definir as formas urbanas presentes e contribuir para a clarificação da leitura espacial, formalizando, dentro das limitações possíveis, a praça do Martim Moniz e a praça da capela da Nossa Sr.ª da Saúde. A leitura do eixo Escadinhas da Saúde – Calçada do Jogo da Pela é mantida e interconecta as duas praças. A geometria da nova praça, responde à morfologia da cidade e ao seu desenho urbano, procurando ser o espaço de leitura e união das duas colinas.

FLUXOS E CONECTIVIDADE URBANA

A conetividade da área de intervenção é potenciada pelo alargamento generalizado de passeios e remoção de obstáculos, sempre que estes impeçam a continuidade da circulação pedonal. O espaço de jardim-praça é desenhado de forma a integrar os principais fluxos pedonais da cidade no seu interior, nomeadamente a ligação norte-sul e este-sul, que constituem o movimento mais intenso. O convite é realizado pela formulação de entradas e percursos amplos, em escadas, que garantam a visibilidade e continuidade do percurso. A interiorização de um fluxo pedonal permanente, permite que o jardim participe e aprecie o ritmo de vivência da cidade, potenciando a sua utilização e o encontro, e simultaneamente, o sua segurança.



Vista da relação da grande forma de estar/banco colectivo com o lugar

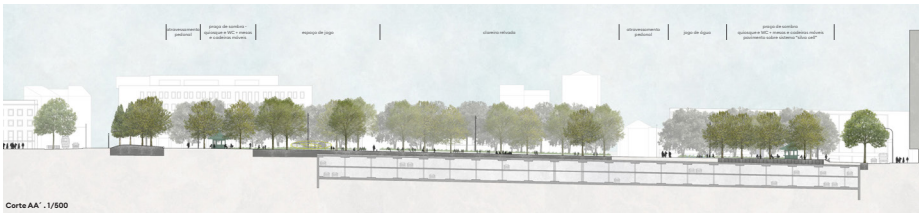


O banco-jardim e a sala de estar com vista, de vivência intercultural quotidiana.

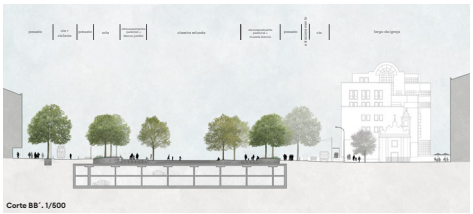
A materialização dos conceitos enunciados combina-se num espaço de jardim-praça, simultaneamente imersivo e poroso, convidativo e aberto, ligado ao ritmo quotidiano da cidade, que permite funcionar como espaço comum de convívio quotidiano ou como receção de eventos marcantes.

O espaço é constituído pela formalização de uma orla arbórea em toda a sua envolvente. No seu centro destaca-se uma plataforma formalizada pelo relvado e lajeado de lioz, destacando-se da calçada que interliga o espaço com a envolvente e com a cidade. A plataforma constitui um elemento de unidade e amplitude, agregando os momentos de vivência – praças de sombra com café, mesas e cadeiras semi-moveis; espaço de jogo; e jogos de água. A plataforma é circundada por percursos, sendo estes enquadrados por um muro-banco a nascente e norte e um banco com costas a poente. Pretende-se que este conjunto permita a apropriação pela estadia de um grande número de pessoas, em grupos ou sozinho, com conforto, em diferentes exposições e de um modo informal. A extensão do sentar é acompanhada pela robustez, propondo-se que os elementos referidos sejam em laje de lioz.

O banco com costas constitui o elemento central de todo o espaço. A sua aparente simplicidade combina um grande conjunto de características que permitem proporcionar um espaço-elemento único em toda a cidade Lisboa: a orientação para o jardim e a vista das colinas como pano de funda; a sombra da parte da tarde; a possibilidade de ver passar quem circula na cidade, nunca sendo um espaço "parado"; a informalidade do sentar, que poderá ser no seu topo ou no banco; a triangulação com os restantes programasdo jardim; a possibilidade do estar lado-a-lado e quem sabe iniciar uma conversa. Neste sentido, o banco com costas é entendido como um banco-jardim, elementos inseparáveis, e ele mesmo um palco da vida na cidade, de quem se encontra, convive ou simplesmente descansa.



Corte AA´. 1/500



Corte BB´. 1/500

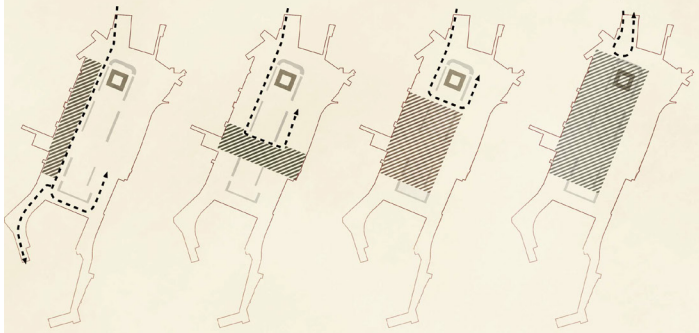
TC 17 | Atelier Verónica Mota e Diamantino Oliveira, Arquitectura Paisagista, Lda



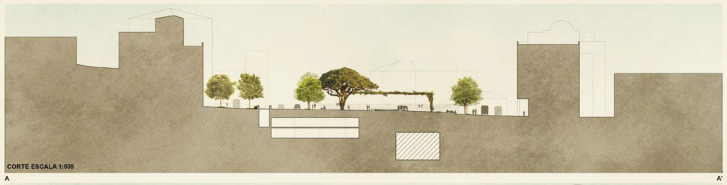
TC 18 | PROAP – Estudos e Projetos de Arquitectura Paisagista, Lda;

CONCURSO PÚBLICO DE CONCEÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO MARTIM MONIZ

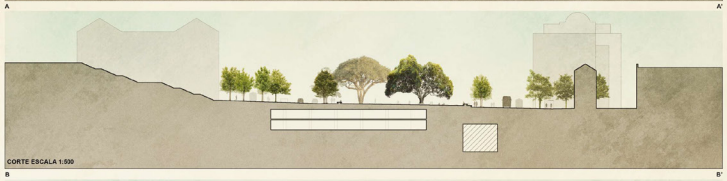
3 | 4



FLEXIBILIDADE DA OCUPAÇÃO TEMPORÁRIA DO ESPAÇO



CORTE ESCALA 1:500



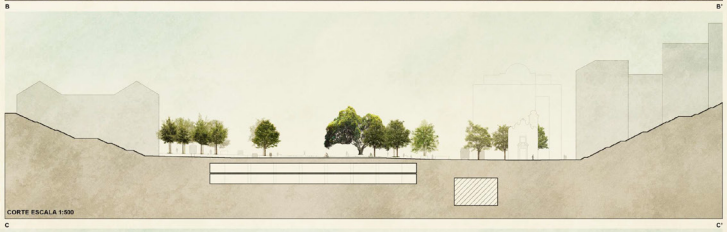
CORTE ESCALA 1:500



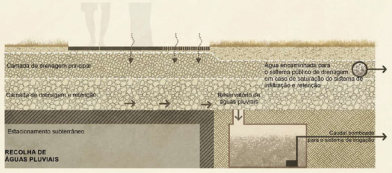
CORTE ESCALA 1:100

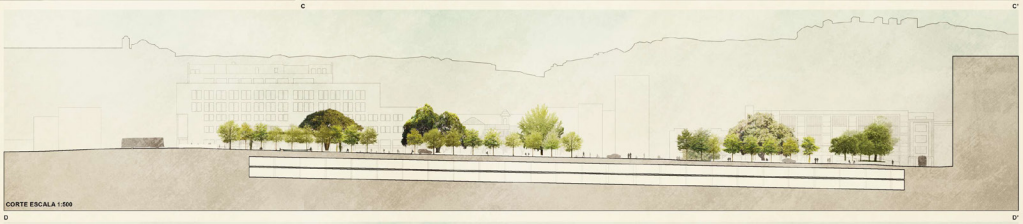


CORTE ESCALA 1:100

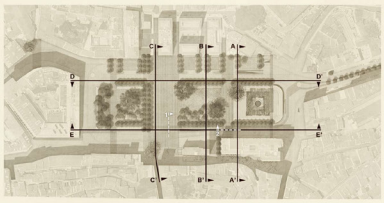


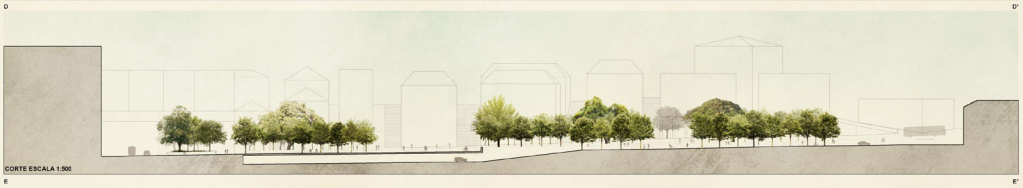
CORTE ESCALA 1:500





CORTE ESCALA 1:500





CORTE ESCALA 1:500



V1_ÁREAS VERDES COM ÁRVORES MONUMENTAIS / ÁREAS EQUIPADAS





V2_FORUM DOS ENCONTROS / PRAÇAS PARA EVENTOS



V3_PRAÇA POLIVALENTE PARA EVENTOS DESDE O GRANDE CORREDOR COM A MEMÓRIA DA MURALHA FERNANDINA



V4_PRACETAS/ESPLANADAS

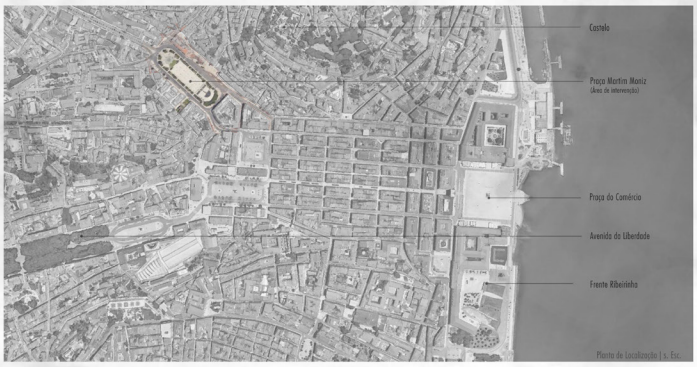
TC 18 | PROAP – Estudos e Projetos de Arquitectura Paisagista, Lda;



CONCURSO PÚBLICO DE CONCEÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO MARTIM MONIZ

1 - 4

"O espaço urbano deve ser projetado para as pessoas, para promover o seu bem-estar e felicidade." - Eduardo Souto de Moura

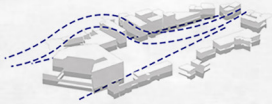




A ÁREA
Local: Praça Martim Moniz, Lisboa.
Área de intervenção: 35.000m2


Sistema de Vistas


Esquema Solar


Sistema Vento


Estrutura Verde


Elementos

O LOCAL - Uma Nota Histórica

A Praça Martim Moniz faz fronteira com a encosta de Sant'Ana, como é conhecida esta área, que data de há 8000 mil anos de ocupação humana, contudo só no início da segunda metade do século XVI houve alguma mudança nesta zona com a abertura da Rua Nova da Palma que iria rasgar a zona fértil do vale de Arroios, um dos principais vales de Lisboa. Ao longo dos anos alguns acontecimentos extraordinários, como terramotos e inundações foram afetando esta área destruindo a Cerca Fernandina que atravessava toda a área atual da praça. Desde então surgiram diversos estudos e planos de intervenção para a zona do Martim Moniz. de destacar, o Plano de Renovação Urbana, datado de 1982 que implementou o espaço pedonal com calçada artística (Autoria de Eduardo Nery), integrando a Capela de Nossa Senhora da Saúde com o Centro Comercial da Mouraria. Ao nível do espaço público a praça central com um sistema viário circular e o parque de estacionamento subterrâneo como o conhecemos hoje, teve origem num projeto de autoria de Daniela Ermano, arquiteta, João Paulo Bessa, arquiteto e Gonçalo Ribeiro Teles, arquiteto paisagista cujo projeto data de 1997.

O CONCEITO

Como, conceito procurou-se explorar o valor patrimonial e cultural que a praça apresenta, as portas da cidade, um local de encontro e partilha, a presença da muralha que limitava o interior da cidade para a nova cidade, o início da exploração de todos os campos que existiam ao longo do vale da mouraria e se juntavam nesta praça. Este será um espaço de partilha e encontro, multiétnico e de tolerância, uma praça de todos e para todos - um espaço verde e multicultural. Será este mosaico cultural que caracteriza a Praça do Martim Moniz que será reinterpretado para base da proposta. Este patchwork de culturas é a matriz do novo desenho urbano da praça, com formas que procuram recriar uma colagem pictórica com referências diretas a várias etnias e classes sociais. Este mosaico, reinterpretado por formas trapezoidais que se sobrepõem como uma colagem, potenciará a criação de espaços exteriores diferenciados não apenas nos usos e funções como também na própria materialidade, aludindo a várias geografias que contribuem para a pluralidade da praça.


Rede Rodoviária

Promove uma melhoria das condições de segurança e conforto para a circulação pedonal e ciclável na área de intervenção, ao segregar a rede ciclável eliminando ao mesmo tempo o efeito de ilha da atual praça garantindo a concentração do trânsito no arruamento nascente da praça.


Rede Pedonal

O novo espaço funcionará como uma rótula multimodal em termos de modos suaves que articula os percursos pedonais entre os colinos de Castelo e de Sant'Ana e todas as ligações com as áreas limítrofes, potenciado ainda mais pela estrutura pedonal sobrelevada que atravessará a praça no sentido nascente-poente.


Rede Ciclável

Já do ponto de vista da mobilidade suave, a proposta agora apresentada propõe uma ligação ciclável norte/sul que irá articular com o corredor ciclável da Avenida Almirante Reis e garantir a circulação ciclável de forma segura nesta importante ligação aos eixos ciclováveis ribeirinhos da cidade.


Vista Poente - Escadas Murais para o castelo


Ponte Pedonal | s. Esc.

A ponte pedonal proposta será aqui reinterpretada como a ponte cultural de ligação do acidente e o oriente, ponte de esperança e paz, tão relevante no atual contexto geopolítico. Os amplos espaços pavimentados onde as orações serão possíveis durante o período do Ramadão ou Páscoa, contrastam com os espaços mais contidos que nos transportam para o imaginário do chinatown ou outros espaços que nos conduzem às movimentadas ruas de Dali.


Perfil B esc: 1:500


Perfil C esc: 1:500


Elemento lúdico


Anfiteatro /Miradouro / Quiosque


Ponte Pedonal


Elemento Escultórico


Elemento Lúdico / escultório


Vista Rodoviária


Vista poente - Ponte Pedonal


Vista Anfiteatro - Quiosque







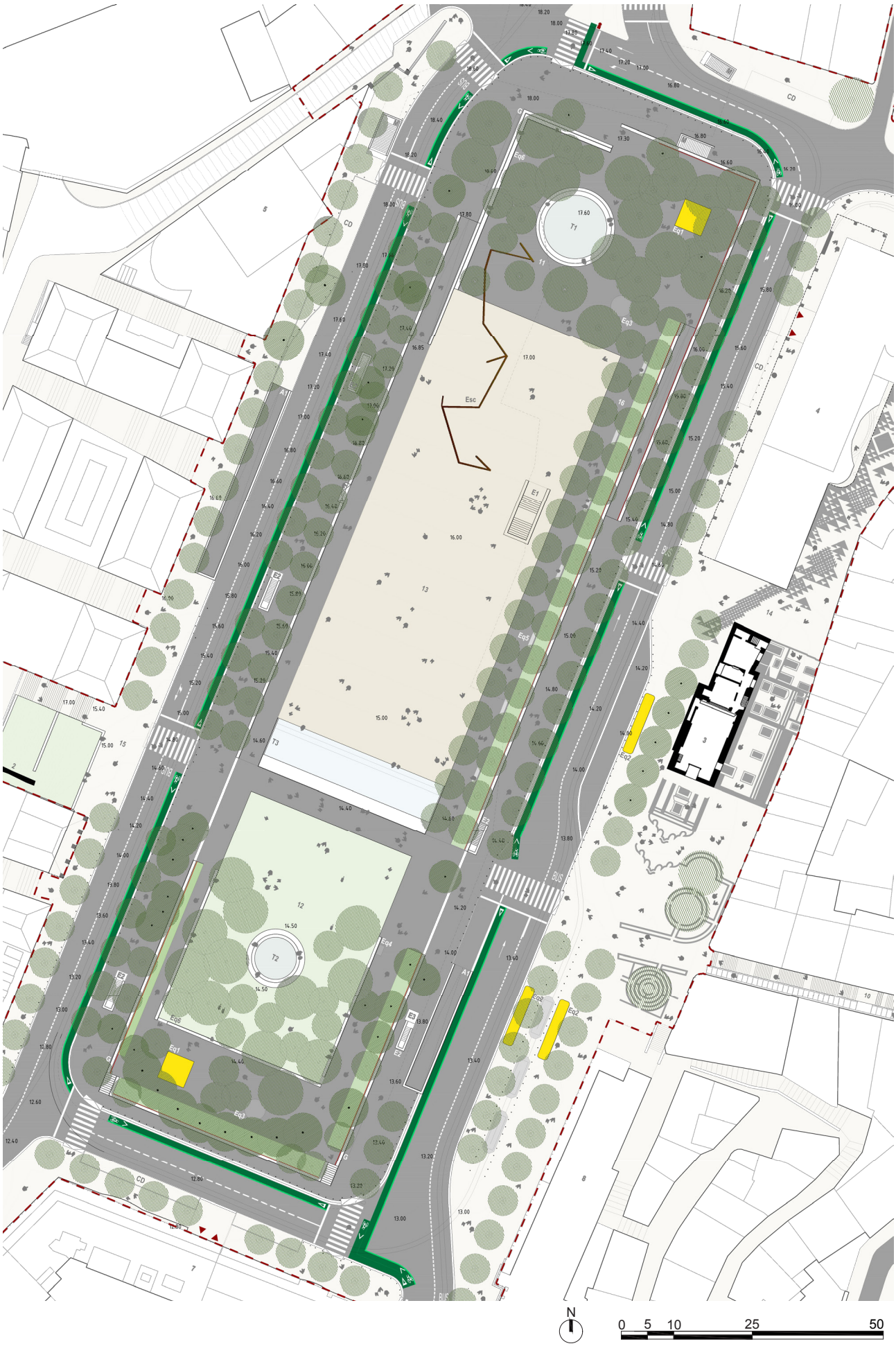
TC 19 | Focus Group - – Design & Consulting, Lda



TC 20 | Global – Arquitectura paisagista, Lda

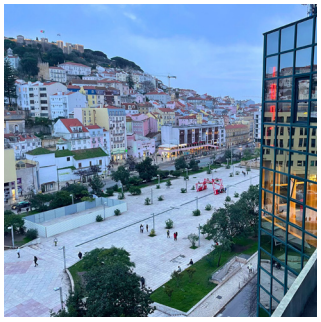


TC 20 | Global – Arquitectura paisagista, Lda



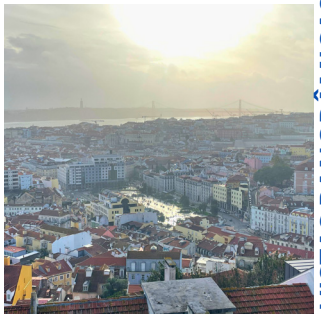
VISTA DA PRAÇA ROOFTOP






VISTAS PANORÂMICAS DA PRAÇA



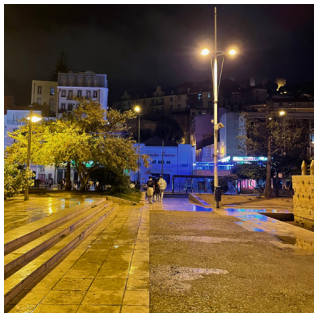
USOS E ATIVIDADES NA PRAÇA






PRAÇA DE NOITE QUASE VAZIA



PRAÇA E SEUS UTILIZADORES






RUA DA MOURARIA

UAS ENVOLVENTES DA PRAÇA















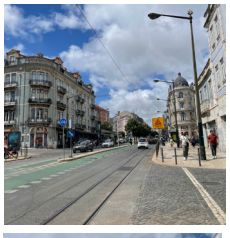


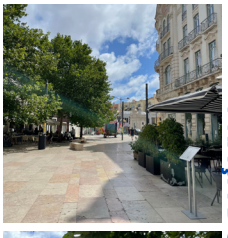
RUA DA PALMA

AV. ALMIRANTE DOS REIS









PRAÇA DO INTENDENTE

RUA DO BENFORMOSO







SERVIÇOS E COMÉRCIOS






USO DA RUA

RUA DOS CAVALEIROS





RUA DO TERREIRINHO






VISITA DE CAMPO: 17 a 20 de janeiro 2024

Praça Martim Moniz e envolvente: entender os seus usos

Refleti que tendo em consideração as qualidades de habitação destas pessoas, é natural que eles passem a vida na rua, e contado já com alguns que não te
negócios é sempre no exterior pois no interior das suas casas estão as suas famílias assim como a sua privacidade. Senti que são comunidades conhecidas
sua relação com os portugueses, o grande problema é a língua, segundo AMP quando as pessoas mais se queixam, não é diretamente relacionado com a q
urbana, quanto a sua insegurança, trafico de drogas, sem abrigos (isto respetivamente à praça) quanto ao ponto multicultural trata-se da falta de convívio e
não consigam conviver como vizinhos nem que seja para pedir algum ingrediente para cozinhar ou saber de alguma coisa ou pedir ajuda em algo. A LINGU



VISTA DO MIRADOURO DA GRAÇA ; 15h30



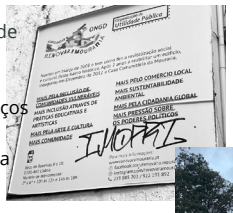
VISTA DO MIRADOURO DA Nª Sª DO MON

RELATÓRIO

dia 17: Visita a **Associação Mais Proximidade** – apenas trabalha com pessoas idosas na área e portuguesas, pessoas que se inscrevem nos apoios

dia 18: Visita à **Junta de Freguesia de Santa Maria Maior de Lisboa**, enviar email e pedir dados mais concretos, apresentar o objeto e objetivo do meu trabalho para o presidente da junta poder ver e avaliar e possibilitar a disponibilização de dados. **Percurso na Rua do Benformoso, percepção da quantidade de pessoas na rua, as vivências e atividades comerciais na rua**, entrada nas lojas e **conversas com vários vendedores nas caixas** das lojas e bazarese também notei muitas agencias de viagens especificamente pasra os seus países de origem.





dia 19: Visita a **Associação Renovar a Mouraria**, devido à situação atual política, encontra-se a serviços mínimos e deste modo não consegui retirar a informação que desejava. No entanto deixei os meus contactos e iam ver melhor com o responsável pela comunicação e ver o que me podem facultar para realizar o meu estudo. Falei do meu interesse em conversar com as pessoas que colaboram com a associação de outras nacionalidades.





dia 20: Entrada nos **dois Centros Comerciais da praça,** entender as dinâmicas das pessoas, línguas e atividades comerciais. Permaneci sentada na praça uns minutos a observar, obviamente pouco tempo, pois fui logo interpelada de forma suspeita. Entrei no **estacionamento** e para ver, desci os doi pisos. Na praça observei o funcionamento por grupos, uns a comer, outros a conversar, outros na postura de observação, outros sozinhos nos seus momentos privados. **Conversa com um rapaz cabo-verdiano**, é português, nasceu em Portugal, família portuguesa mas considera-se cabo-verdiano, pois na sua casa vive-se a cultura cabo-verdiano, para além de que quando é visto, é sempre visto com traços africanos.

e dinâmicas

em casa. Tudo o que seja convívio, refeições e
e amigas, que se convivem e conhecem. Quanto a
questão multicultural mas sim da vida noturna
e a impossibilidade de se comunicarem, faz com que
A É O MAIOR ENTRAVE.



CONVERSA COM VENDEDOR DE ESTABELECIMENTO COMERCIAL: Era indiano, esta cá há 3 meses, falava ingles, vendiam produtos da india, nepal e Bangladesh. Gostava de trabalhar e viver ca em Lisboa, perguntou-me o que fazia e se era portuguesa, disse-lhe que sim e que estudava arquitetura e que estava a estudar a praça, mas ele não desenvolveu mais. Muito simpático e fácil de conversar com eles



TE; 16h10



VISTA PARA A PARTE NORTE DA PRAÇA COM VISTA PARA O CASTELO DE S. JORGE; 17h32









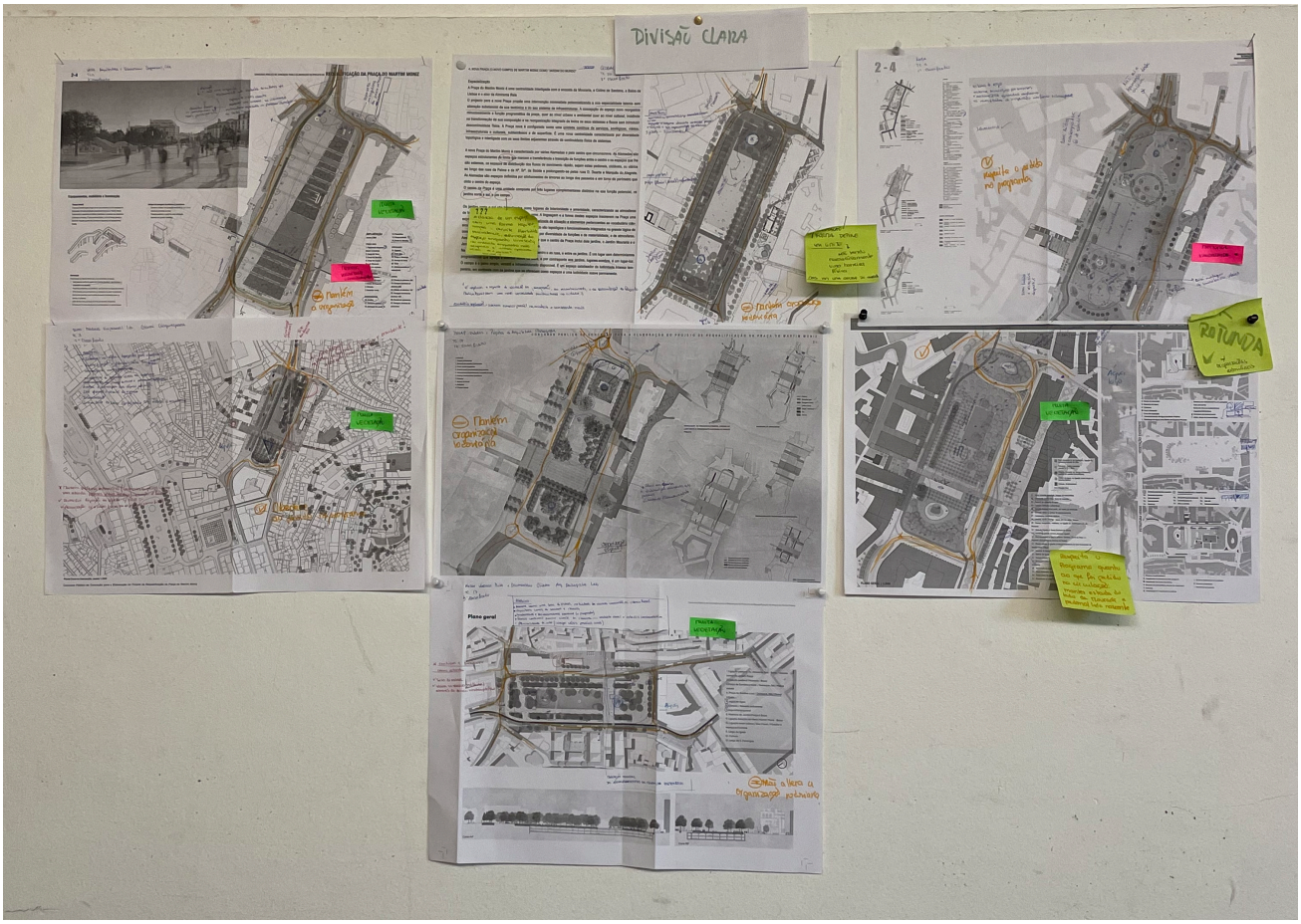


- **1373- 1375** – construção da Cerca Fernandina, que atrravessava a atual praça, que conectava a porta da Mouraria e a Torre da Pêla.
- **1505** – Foi mandada erguer uma ermida pelos artilheiros da guarnição de Lisboa, em homenagem a São Sebastião.
- **1570** – Senado da Câmara mandou realizar uma procissão em ação de graças a Nossa Senhora da Saúde.
- **1572** – deliberou que houvesse uma procissão todos os anos.
- **1646** – Igreja do socorro inaugurada.
- **1662** – Figura da santa foi albergada na ermida, passando o nome para ermida de Nossa Senhora da Saúde
- **1755** – Terramoto de Lisboa.
- **1856-58** – Planta histórica da cidade de Lisboa de Filipe Folque
- **1861** – Dom Pedro V elevou a ermida a capela real;
- **1911** – Planta histórica da cidade de Lisboa de Silva Pinto;
- **1946** - Demolição do palácio do marquês do Alegrete;
- **1949** – Venda da Igreja do Socorro e a sua demolição;
- **1950** - Primeiros estudos para Plano Diretor de Urbanização de Lisboa, até 1975;
- **1957** – Fecho do Teatro Apolo para demolição, hoje estaria no meio da praça de frente para a Igreja do Socorro; (livro MM pg.56)
- **1958** – Inauguração do Hotel Mundial (3 de dezembro)
- **1961** – Demolição do Arco do Palácio do Marquês Alegrete (fotografia no arquivo e livro MM, pg.46)
- **1966** – Inauguração da 13ª estação de metropolitano – Socorro, posteriormente passou a Martim Moniz;
- **1972** – Plano de renovação de Martim Moniz confiado a EPUL – Empresa Pública de Urbanização de Lisboa;
- **1975** – EPUL promove um novo estudo mantendo os princípios, apenas em 1992 foi construído um edifício na Rua do Arco do Marquês do Alegrete;
- **1980** – Concurso para Plano de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz;
- **1982** – Proposta vencedora construída, mas não na sua totalidade – a calçada que envolve a Capela da Nossa Senhora da Saúde e os Centros Comerciais;
- **1989** – Construção do Centro Comercial da Mouraria, por José Lamas e Carlos Duarte;
- **1991** – Construção do Centro Comercial Martim Moniz, por Troufa Real;
- **1994** – Plano Diretor Municipal de Lisboa define uma Unidade Operativa de Planeamento e Gestão para o Martim Moniz;
- **1997** – Construção da praça central com sistema viário circular e construção do parque de estacionamento subterrâneo;
- **1997** - Nome oficial Praça Martim Moniz: 15/12/1997
- **2004** – Ampliação do Hotel Mundial;
- **2004** - Completa-se a frente urbana do lado poente até 2014 do projeto da EPUL;
- **2012** – Revitalização da praça através de mercados de artesanato e comida – Mercado de Fusão;

- **2018** - ligação pedonal entre Martim Moniz e o Castelo de S. Jorge, através de escadas rolantes: Escadinhas da Sra. Da Saúde.
- **Abril 2019** - Movimento Jardim para o Martim Moniz entrega petição com 1600 assinaturas entregue á Assembleia Municipal – 30/04/2019;
- **Janeiro 2021**[i] - etapa 1 . Auscultação pública exposição - Início de processo participativo
- **Janeiro 2021** - etapa 2 - Publicitação de projeto relatório com o resultado da processo participativo.
- **Abril 2021** - Proposta de programa preliminar para projeto de alteração da Praça Martim Moniz
- **Maio 2021** - etapa 3 - Aprovação por unanimidade em Sessão de Câmara do Relatório do processo participativo, conclusões e princípios de intervenção.
- **Junho 2021** - etapa 4 - Participação desenhada.
- **Outubro 2021** - etapa 5 - Aprovação, em Reunião de Câmara CML dos Termos de Referência para lançamento do Concurso Público de Conceção
- **Julho 2022** - Termos de referência do concurso público de Conceição para elaboração do projeto de requalificação da Para Martim Moniz
- **Outubro 2022** - Aprovação, em Reunião de Câmara, dos Termos de Referência para lançamento do Concurso Público de Conceção
- **Março 2023** - Publicação do concurso
- **Abril 2023** - Entrega de propostas
- **Outubro 2023** - Relatório final com os resultados do Concurso. Aprovação em sessão CML
- **Novembro 2023** - Exposição de propostas e apresentação do projeto vencedor. Contratação da Equipa vencedora para a elaboração do projeto de execução
- **Janeiro 2024** - Assinatura do contrato. Reunião de Arranque do Projeto Com equipa projetista e Equipa de Acompanhamento CML. Reunião com a JF Sta. Maria Maior
- **Fevereiro 2024** - Ações de divulgação e elaboração de relatório. Colocação de outdoors com proposta vencedora na Praça. Ações de divulgação nas rede. Conferência apresentação e discussão da Proposta Vencedora. Elaboração de relatório com os contributos da sessão pública para incluir no Estudo Prévio . Entrega do estudo prévio
- **Março 2024** - Ações de dinamização da Praça. Exposição dos trabalhos e processo Praça para todos.
- **Abril 2024** - Estudo prévio concluído. Consulta aos Serviços Externos da CML e Entidades Externas
- **Junho 2024** - Entrega e Aprovação do Projeto até à fase de Ante-projeto. Apresentação e discussão em Sessão pública
- **Março 2025** - Entrega e Aprovação do Projeto de Execução
- **Abril 2025** - Entrega e Aprovação do Projeto de Execução
- **Fevereiro 2026** - lançamento de empreitada e contratação de empreiteiro
- **Abril 2026** - Apresentação pública da empreitada
- **Março 2027** - Receção de obra

i. A Câmara de Lisboa está a desenvolver o Projeto Requalificação da Praça Martim Moniz
Por projeto integrado entende-se uma abordagem espacial que abarcará todos os sistemas que constituem o espaço público – acessibilidade pedonal, mobilidade, estrutura verde, iluminação pública, mobiliário urbano, drenagem, etc.
O orçamento global previsto para a intervenção ascende 7.700.000€ (sete milhões e setecentos mil euros) acrescidos de IVA à taxa legalmente aplicável.
em https://informacao.lisboa.pt/dossies-tematicos/martim-moniz/projeto


PRAÇA ATRAVESSADA
um novo jardim para as pess
ROTUNDA
≠s Percursos
≠s Espaços
PRAÇA "FECHADA"
ROTUNDA
REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DO MARTIM MONIZ
FORMALIZAÇÃO DA PROPOSTA
PLATEIA VERDE


DIVISÃO CLARA
2-4
ROTUNDA
Plano geral

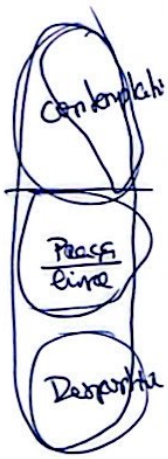
Análise da proposta: Sara Maduro Unipessoal Lda, Gianni Cinquegrana
TC 3
4º Classificado

(+++) flexível

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	•••	corridos (ao longo de todos passeios e pados)
	CADEIRAS	—	
	1.3 ESPALANADAS (PRIVADO)	•••	Bar e esplanadas à volta
	OUTRO TIPO DE SENTAR	•••	Por toda o Prado
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ ✓✓	•••	Pensamento de segurança – da Praça ✓
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES ✓✓	•••	Hierarquia de áreas de sombras (4 zonas) e prioridade dos arvores e relvado — Preocupação tipo de vegetação ao longo do ano
	ARBUSTOS ✓✓	•	
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	✓	Bar
	GUARDA-SOL/CHUVA	X	outra grande sombra – vegetação
	ARCADAS	X	
	ciclovia	✓	
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	Estações Gina (sul e perto do metro)
	TROTINETAS	✓	maybe
Parque de estacionamento	Acessibilidade	✓	
6. LIXO	LIXO GERAL	?	
	RECICLAGEM	?	
WC	sanitários	✓	
7. COMIDA	CAFÉ	✓	junto num lugar central da praça
	QUISOQUE	✓	
	VENDING MACHINE	X	
—	wifi	X	
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	diverso por todo o prado
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	
	Palco / espaço ativ.	✓	Prado multifuncional – Participação publica
9. ÁGUA! ✓	FONTES DE AGUA / bebedouro	✓	
	cisterna / deposito / albufei	✓	2 pontos de espelho de água e retenção — sistema de drenagem e permeabilid. pensado
10.	ARTE URBANA / marcados	✓	Prado multifuncional
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	•••	
	PAVIMENTO IRREGULAR	•	
	OBSTÁCULOS	X	
	cargas e descargas	—	
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA	X	
	MURO	*	murinho baixo – serve banco mas livre e seguro
	VEGETAÇÃO	X	
13 ~~Trafego~~ Mobilidade	Interface	X	Mas há uma preocupação em reorganizar as paragens
	Trans. Rodoviário	↓	Redução nº faixas (apenas) = igual às politicas Baixa Pombalina
	Metro	✓	(mantém acrescenta um volume de saída na praça)
		!	
14 Memória	muralha fernand.	✓	marcação subtil (marcação pavimento)

✓ retira o anexo do CCM com a capela ✓

3 partida



Contemplativa

Praça livre

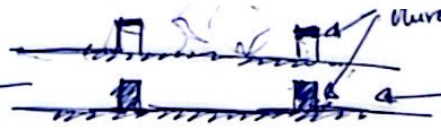
Desportiva

Análise da proposta: KEMA Arquitectura
TC 4
11º classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	✓	ao longo das bordas de alguns canteiros
	CADEIRAS	✓	bancos fixos
	ESPALANADAS (PRIVADO)	✓	Esplanadas
	OUTRO TIPO DE SENTAR	✓	anfiteatro/relvado
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	✓	Distribuição e requalificação das instalações eléctricas — Desenho e percursos iluminado pensados
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	✓	não muito abusado
	ARBUSTOS	✓	zonas de pavimento vegetal espontaneas
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	✓	Pérgola para vegetação p/zona pic-nic
	~~GUARDA-SOL/CHUVA~~	~~✓~~	
	ARCADAS	✓	
	ciclonia	✓	
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	no parque subterraneo em cima tmb perto do metro
	~~TROTINETAS~~	~~✓~~	
Parque Estacionamento	Acessib. [E]	✓	sul
6. LIXO	LIXO GERAL	✓	ecoilha zona norte
	RECICLAGEM	✓	
Sanitários	WC	✓	Nos quiosques no interior da praça
7. COMIDA	CAFÉ	✓	
	QUISOQUE	✓	2 c/WC e 2 simples
	~~VENDING MACHINE~~		
	wifi	✗	
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	zona toda junta
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	zona estabelecida mais desportiva
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	
	Palco/atividade	✓	zona de pic-nic/anfiteatro/teatros/mer/manifestas/desporto
9. Água	FONTES DE AGUA/bebedouro	✓	Pulverizadores ao longo da praça/eixo já existente = 3 pontos de água
	cist./deposit/alimet.	✓	sistema de drenagem tido em conta
10. CULTURA	ARTE URBANA/mercados	✓	Terraço central potencial concertos/celebrações
	cargas e descarg	✓	apenas eles circulam na faixa esquerda da praça
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	✓	
Pavimento	PAVIMENTO IRREGULAR	✓	
	OBSTÁCULOS		
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA	✗	a praça acompanha cota da rua
	MURO	✗	
	VEGETAÇÃO	✗	
13 - Mobilidade	Interface	✗	
	T. Rodoviário	✓	Desenhou a ~~faixa~~ a Rua da Palma — apenas descarga e eletrico
	T. Públicos (B)	—	Mdo pela rua martim Moniz
	metro	✓	mantém-se na mesma
14 - Memória	Muralha e Torre	✓	marcação no solo/pavimento/recuperação dos jardins
	capela	✓	separação feita e montagem de 6 esplanadas e quiosque — valorização do largo bem com o de S. Domingos

Fluxo das infraestruturas subterrâneas

15 - Multiculturalidade ? Não aborda
mas abordam a historia do lugar e sua integração urbana



Alusão à Muralha Fernandina

mureto e ...

com programa no seu interior fechado — com espaço paralisia esondido privado tranquilo sentido me medievall de jardim

e ao conceito de jardim

Análise da proposta: Metric Hand System
15. Classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	•	foucos representados, à volta dos campos
	CADEIRAS	–	
	ESPALANADAS (PRIVADO)	•	nas ruas circundantes
	OUTRO TIPO DE SENTAR		chão / pavimento com vegetação
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	–	?
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	✓	arvores autóctonas/
	ARBUSTOS	→	relvado revestido no pavimento
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	✓	nas esplanadas
	~~GUARDA-SOL/CHUVA~~		
	ARCADAS	✓	perímetro poros, construção em CLT na sua volta
	ciclovia	✓	circunda a praça
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS		
	TROTINETAS		
Parque Estacionamento	Acessibilidade	✓✓	Acessível a todos
6. LIXO	LIXO GERAL	?	
	RECICLAGEM	?	
Sanitário	WC	✓	no perímetro
7. COMIDA	CAFÉ	✓	no perímetro
	QUISOQUE	✓	⊕ Apoios técnicos / restauração / feiras / mercados,
	VENDING MACHINE	✓	vestiários ⊕ WC
	Wifi	?	
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	campo de futebol e mais e criquete
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	apoios desportivos — no perímetro poroso
	Palcos / atividades	–	
9. Água	FONTES DE AGUA/bebedouro	✓	espelho de água no sul
	cist / depos / albuf.	✓	
10. cultura	ARTE URBANA / mercados	✓	Espaço central quase pode funcionar como uma arena
	cargas e descargas		
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	✓	
	PAVIMENTO IRREGULAR	✗	
	OBSTÁCULOS	✗	pavimento FLYT Permanel
Pavimento	Materiais	✓	sistema de pavimento que equilibra pavimento com vegetação
12. BARRERIAS FISICAS	~~GRADE/CERCA~~		
	MURO		→ ideia principal do projeto
	VEGETAÇÃO		
13. Mobilidade	Interface		
	T. Rodoviário		
	T. Público	✓	Duplicação plataforma elétrico
	Metro	–	mantém-se
14. Memória	Muralha e Torre	✓	Marcação através do pavimento a planta da antiga muralha
	capela	✓	Demolição o mini edifício ✓



15. Multiculturalidade – ? – criquete

Análise da proposta: Atelie BAUM Arqui. Paisagista
TC 6
6º Classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	●●●	muitos ao longo dos canteiros
	CADEIRAS	●●●	bancos de pedra (cubos)
	ESPALANADAS (PRIVADO)	●●●	muitas (igreja/capela/praça/mouraria/palma/torre)
	OUTRO TIPO DE SENTAR	✓	bancadas e anfiteatro
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ ??	●●	suficiente (mas não aborda de questões de segurança luz de baixo de presença
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	✓	Preservação dos carvalhos existentes ao sul
	ARBUSTOS	✓	
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	—	
	GUARDA-SOL/CHUVA	✓	Quiosque
	ARCADAS	✗	
	ciclovia	✓	
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	(junto ao anfiteatro) norte e sul (supermercado)
	TROTINETAS	✓	G
?? Entradas? Parque Estacionamento	Acessibili.	?	não fala de elevador
6. LIXO	LIXO GERAL	?	
	RECICLAGEM	?	
Sanitários	WC	✗	
7. COMIDA	CAFÉ	✓	quiosque estilo lisboeta (zona central da praça)
	QUISOQUE	✓	
	~~VENDING MACHINE~~		
	wifi		
8. DESPORTO	PARQUES	✓	Baloicos e parque infantil
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	ginásio ao ar livre
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	Ping Pong
	Palco/atividades	✓	anfiteatro ao ar livre (atividades/festas/mercados/etc)
9. AGUA	FONTES DE AGUA/bebedor	✓	espelho de água
	cist./deposito/alfof	✓	sistema de drenagem e contenção (mais s/ infraestrutura)
10.	ARTE URBANA/mercados	—	terreno central (espaço potencial para
	cargas e descargas	✓	transito verificado para este fim
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	✓	
	PAVIMENTO IRREGULAR	✓	só em momentos específicos - muralha
	OBSTÁCULOS	✗	
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA	✗	mudança de pavimentos para as estradas praça sem limites visíveis em cortes.
	MURO	✗	
	VEGETAÇÃO	✗	
13- Mobilidade	Interface	✗	
	Tran. Rodoviário	✓	Apenas Redução de vias e eixo da Rua de Palma — Pici, Cargas Des., Bombeiros
	Metro	••	Penso que retira 1 no cc Mouraria
14- Memória	muralha e torre	✓	Valorização através do pavimento a planta da muralha (pedra irregular)
	capela		

Largo de S. Domingos com espaços de estadia

Multiculturalidade — Haste para Bandeiras.

Análise da proposta: Gil Meneses Cardoso e Charles Cossement - Cossement-Cardoso
TC 7
2º Classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	•••	(informais/de acordo com espaço verde)
	CADEIRAS	••	não sei se tem café
	ESPALANADAS (PRIVADO)	••	
	OUTRO TIPO DE SENTAR	•••	anfiteatro natural (mesmo na Torre da Pela)
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ ! ✓✓	•••	iluminação segurança, de conforto, de destaque ! (ver caderno!)
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	••	equilibrado muito bem c/ zonas de clareira
	ARBUSTOS	••	
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	✓	na zona do quiosque ~~[illegible]~~
	GUARDA-SOL/CHUVA	—	
	ARCADAS	—	
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	ciclonias (na zona da entrada ao hotel)
	TROTINETAS	✓	
	Acessibilidade —	✓	e segura
6. LIXO	LIXO GERAL	?	
	RECICLAGEM	?	
	Sanitários	✓	
7. COMIDA	CAFÉ	—	
	QUISOQUE	✓	
	VENDING MACHINE	—	
✓ wifi por toda a	praça	✓	
8. DESPORTO	PARQUES	✓	(variados e sensoriais com o espaço verde)
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	todo o espaço muito livre e permeável
	palco	✓	atividades eudicas
9.	FONTES DE AGUA / bebedouro	•••	distribuída ao longo de toda a praça
	cisterna / albufeiras	✓	armazenada em albufeiras
10.	ARTE URBANA / mercados	✓	adaptações informais de atividades
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	✓✓	
	PAVIMENTO IRREGULAR	x	
	OBSTÁCULOS	x	
	cargas e descargas	✓	
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA	X	circulação livre] toda a circulação ao redor
	MURO	X	
	VEGETAÇÃO	•	
13 Transportes públicos	interface	•	(muito reduzida (concencentrada na frente do Hotel e supermercado
		✓	rotunda a norte para reduzir o transito ✓
	metro	X	a há alterações
	~~[illegible]~~		

+ luz
+ perigo
+ segurança
Zona de coexistência
(ver caderno)



parque foto voltaico pelos drenantes

Análise da proposta: PROP - ACB

12. elastificado

⊖ clima
⊕ funcionalidade
⊖ Carácter ~~sustentável~~

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	✓	ao longo dos canteiros
	CADEIRAS	✓	esplanadas na R.D da Palma
	ESPALANADAS (PRIVADO)	✓	
	OUTRO TIPO DE SENTAR	✓	informal no relvado
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	✓.	Pensado nova distribuição e leitura e infraestruturas necessárias ~~pontanto~~ ao energia. Lapicação de um processo mais lento
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	✓	consideração pelo existente e transplantação
	ARBUSTOS	✓	toda uma análise detalhada do componente verde existente
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	✓	- pérgolas c/ vegetação
	~~GUARDA-SOL/CHUVA~~	—	c/ painéis solares para iluminação noturna → SUSTENTABILIDADE
	~~ARCADAS~~	—	
	ciclovia	✓	
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	cima
	TROTINETAS	✓	
Parque Estacionam	Acessib. (EP)	?.	
6. LIXO	LIXO GERAL		
	RECICLAGEM		
Sanitários	S/C	2	
7. COMIDA	CAFÉ	✓	Pouco investimento em mobiliário urbano
	QUISOQUE	✓	Menção em atividades ⊕ correntes
	~~VENDING MACHINE~~	—	(não quer dizer que não tenha sido em consideração, mesmo não projetando nada)
	wi fi		
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	?	
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS		
	Relvas/atividades	✓	
9. Agua	FONTES DE AGUA/bebedouro	✓	
	cist. /depos/ sist buf.	✓	zona norte / rega → ?? na zona ⊕ relvado
10. Cultura	ARTE URBANA/ mercados		
	carros e escargos		
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	8	mais a sul-passio-
	PAVIMENTO IRREGULAR	—	
	OBSTÁCULOS	✓	muitas palmeiras no interior da praça
Pavimento	materiais	✓	proposta em representar as cotas de cor muito diferenciada os pavimentos
12. BARREIRAS FISICAS	GRADE/CERCA	—	
	MURO	✓	ao nível dos seus do jardim
	VEGETAÇÃO	—	
13 - Mobilidade	Interface	X	Mas sim rotunda na park norte → redução do trafego
	T. Rodoviário	✓✓	Nova reformulação s/ Rua da Palma
	T. Publicos (EP) (B)	✓	relocalização das paragens → redução do ruído
	Metro	.	3 ? acessos ao metro
14 - Memória	Muralha e Torre	✓	obviamente visível o abandonamento, mas não muito desenvolvido
	capela	✓	separação proposta e complementando o espaço do largo

15 - Multiculturalidade. Pensado no espaço para o desporto ⊕ comum

Análise da proposta: Filipa Cardoso de Meneses e Catarina Assis Pacheco . Arq. Paisa
Trabalho de conceção 11
1º classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	••	
	CADEIRAS	–	
	ESPALANADAS (PRIVADO)	••	
	OUTRO TIPO DE SENTAR	•••	muro a volta e anfiteatro
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	•••	
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	•••	muita sombra
	ARBUSTOS	•••	
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	–	muita sombra da vegetação
	GUARDA-SOL/CHUVA	–	
	ARCADAS	–	
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	••	
ciclovia ✓✓	TROTINETAS	••	
ESTACIONAM. CARROS	Acessibilidade		1 elevador ? (na rotunda apenas)
6. LIXO	LIXO GERAL		?
	RECICLAGEM		?
	sanitários	✓	
7. COMIDA	CAFÉ	•••	c/ miradouro e esplanada
	QUISOQUE	–	
	VENDING MACHINE	–	
8. DESPORTO	PARQUES	✓	pontos no jardim
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	praça polivalente e no jardim
9.	FONTES DE AGUA	•••	
	cisterna (gestão da água)	•••	(reservatório águas pluviais)
10.	ARTE URBANA		?
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	•••	
	PAVIMENTO IRREGULAR	×	
	OBSTÁCULOS	×	(bancas talvez/árvores)
	cargas e descargas	✓	
12. BARREIRAS FISICAS	GRADE/CERCA		
	MURO	••	ñ muralha – permite contacto visual
	VEGETAÇÃO	••	
13. Transito (TP/B/T/C)	interface rotunda	••• ✓	funciona muito bem (conecta tudo estacionamento, todos os transportes publicos acessibilidade
	metro	—	
14- memória	~~Muralha~~ e Torre	✓	marcação do limite da praça
	capela	✓	separação nascente e valorização do largo da capela

• – Pouco
•• – Razoável
••• – muito suficiente

1ª Multifuncionalidade – Espaço lúdico e flexível para prática de desporto representação em renders e elementos da água

No entanto dá mais importância à história do lugar.

Análise da proposta: VAZIU Arquitectura – Urbanismo Unipessoal, Lda.
TC 12
8º Classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	•••	A volta da praça/limites de jardim tmb – ao redor de todos os canteiros
	CADEIRAS	—	esplanadas
	ESPALANADAS (PRIVADO)	✓	terreiro da praça
	OUTRO TIPO DE SENTAR	✓	jardim.
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	✓	desenho de iluminação pensada + tipos distintos
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	✓	Esforçada criação de ≠ microclimas através de bosques humidos e secos.
	ARBUSTOS	✓	relvado
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	✗	espaço de vegetação – SOMBRA
	GUARDA-SOL/CHUVA	✗	
	ARCADAS	✗	
	ciclovia	✓	.
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	Gira – dentro da praça 4 na sul 25 norte
	TROTINETAS	✓	
Parque de Estacionamento	Acessibilidade	2	elevadores
6. LIXO	LIXO GERAL	✓2	ECOILLHA Norte e sul
	RECICLAGEM	✓	
Sanitários	WC	2	(Norte e sul) colunas independentes
7. COMIDA	CAFÉ	✗	
	QUISOQUE	1✓	Norte – Quios
	VENDING MACHINE	✗	
	wifi	✗	
8. DESPORTO	PARQUES	✓	Parque infantil pensado e desenhado
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✗	
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	Praça pensada possível p/ jogos de engate p/ exemplo
	Pedro/atividades		.
9. AGUA	FONTES DE AGUA/bebedouro		Estratégia de reabilitadores à volta dos canteiros – depósito com sistema para rega e aproveitamento das águas pluviais.
	Sist./depos/alibuf.		
10. CULTURA	ARTE URBANA/mercados	✓	Praça disponível/esculturas de vapor
	coreto e descanso	✓	pensado
11. QUALIDADE DE CAMINHADA PAVIMENTO	PASSADEIRAS	✓	mais organizadas
	PAVIMENTO IRREGULAR	✗	pavimento idêntico às outras praças – conectando urbanamente com os outros espaços publicos.
	OBSTÁCULOS	✗	
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA	✗	
	MURO	●●	muro ao nível da vegetação/ruas
	VEGETAÇÃO	✗	
13- Habilidade	Interface	✗	
	Trans. Rodoviário	–	Reduzir e reformular
	Transportes Pu	✓	Reorganização das paragens e ordenação dos circuitos pedonais.
	Metro	—	Mantém como está
14- Memórias	Muralha e Torre	✓	marcação da muralha na praça através de pontos e pavimento
	Capela	✓	separação do centro comercial

Falta ñ faz necessidade existir

A pesar de ser uma cidade grande, não significa ter intervenção de cara energia ↓ luz ↓ operação

° Atravessamento da praça e desenho → remete planta Silva Pinto 1911

15:- Multifuncionalidade – Pensa num espaço Arabe – um "Marcan português"
→ exemplo Marcan em Numidel Atenas

Análise da proposta: Materia - Leonor Miguéis
TC 13
9º classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	•••	a volta de todos os canteiros / desenho pensado
	CADEIRAS	—	só bancos fixos de pedra
	ESPALANADAS (PRIVADO)	✓ •••	
	OUTRO TIPO DE SENTAR	✓	- velado/sestas/qualidade de estadia pensada
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	✓✓	iluminação segurança nos canteiros por baixo segurança e acessibilidade
3. VEGETAÇÃO não muito exagerada	ÁRVORES	✓	preocupação dos #tipos de vegetação dos #s continentes do mundo
	ARBUSTOS	✓	pensamento da estrutura verde
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	✓	Caramanchão/estrutura p/ vegetação sombra 3
	GUARDA-SOL/CHUVA	X	
	ARCADAS	X	
	ciclovia	✓	comum tmb c/ pedonal
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	?	paragens
	TROTINETAS	?	
Parque Estacionamento	Acessibili. [illegible]	?	Muda entradas de estacionamento mas ñ explicam
6. LIXO	LIXO GERAL	?	
	RECICLAGEM	?	
Sanitários	WC	✓•	- junto da capela
7. COMIDA	CAFÉ		
	QUISOQUE	2	Norte e sul c/ esplanada
	~~VENDING MACHINE~~		
	wifi	X	
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	3 espaços pensados para desporto
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	
	Palcos/atividade	✓	→ espaço sugestivo p/ palcos/anfiteatro
9. Agua	FONTES DE AGUA / bebedouro	✓	reporchos na parte sul da praça
	cist/depos/altruf..	—	sistema de drenagem pensado para a rede pública, tendo em consideração a carga da praça sobre o estacionamento e suas infraestrut
10. Cultura	ARTE URBANA / mercados	—	→ através da calçada o desenho de Eduardo Nery
	cargas e descargas	?	—
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	••	suficientes
	PAVIMENTO IRREGULAR	—	
	OBSTÁCULOS	—	
Pavimento	materiais	—	
12. BARRERIAS FISICAS ~~Pavimento~~	GRADE/CERCA	X	retirar a escadas como barreiras arquitetónica
	MURO	X	
	VEGETAÇÃO	•	
13 - Mobilidade	Interface	X	/ reduz
	T. Rodoviário	✓	junta a praça ao CCMC capela / rotunda nazona norte
	T. Públicos		não desenvolvem grande ~~por~~ coisa de mudança
	Metro		→ s/ mudanças.
14 - Memória	Muralha e Torre	•	não muito desenvolvido na praça / mas sim a esplanada na torre
	capela	✓	retira anexo ✓

15 - Multiculturalidade → não muito abordado

Análise da proposta: MASSLAB Lda / Ohl Land Studio, Lda / Karres en Brands
TC 14
3º classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	✓✓	Ao longo das massas verdes / limites
	CADEIRAS	✓	
	ESPALANADAS (PRIVADO)	✓	
	OUTRO TIPO DE SENTAR	✗	Anfi?) talvez na zona do pavilhão multiusos
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	✓✓	~~todo~~ tidos em consideração nas fotomontagens - Houve Atenção
			≠s luzes, para cada espaço →
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES equilibrio	✓	preocupação por vegetação global/multicultural
	ARBUSTOS	✓	
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	✓	equilibrio luz e sombra
	GUARDA-SOL/CHUVA	✓	
	ARCADAS	–	
~~[illegible]~~	ciclonia	✓	continua - e/(+) segurança
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	Bira
~~[illegible]~~	TROTINETAS	✓	
Parque estacionamento	Acessibilidade	!	??
6. LIXO	LIXO GERAL	?	
	RECICLAGEM	?	
WC	SANITARIOS	✓	
7. COMIDA	CAFÉ e	✓	e restaurante Pavilhão multiusos - Inf Chinesa
	QUISOQUE	–	
	VENDING MACHINE	–	
Wifie			
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE		
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS		
	PELLO /		
9.	FONTES DE AGUA / bebedouro	✓	percursos de agua à sombra ...
	cisterna / albufeira / deposito	✓	sistema de drenagem pr a rede publica - ñ depósito
10.	ARTE URBANA / mercados	—	há espaço pensado para
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	✓	grande via partilhada de atravessamento
	PAVIMENTO IRREGULAR	–	? perto da água ?
	OBSTÁCULOS	–	no - uma circulação clara pelo interior
	cargas e descargas	✓	convencional (como existia) não foi repensado).
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA	—	) Barreira = $\boxed{\text{trânsito e circulação}}$
	MURO	—	
	VEGETAÇÃO	✓	
13 - Trafego	Interface	—	paragens
	Transito rodoviário		via partilhada zona de coexistência
	rebo	✓	permanece igual
++ consciencia multicultural - estudo das			≠s culturas

muita segurança e familiaridade

→ Abordagem subtil às ≠s culturas
≃ ± aprox. à Chinesa

Análise da proposta: 3. FCC

16. Classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	✓	ao longo do passadiço existente dos canteiros
	CADEIRAS		
	ESPALANADAS (PRIVADO)	✓	na parte norte (quiosques)
	OUTRO TIPO DE SENTAR	✓	relvados (grande praça)
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	✓	Toda estrutura bem iluminada e todo o jardim por LED ↓ diminui a poluição da luz
			deverá ser bem explorada pelo arquitecto, especial
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	✓	escolha diversificada, autoctone e exótica
	ARBUSTOS	✓	relvados para vegetação rasteira
4. SOMBRAS/ABRIGOS	~~TOLDOS~~		Passadiço funciona com momentos de sombra nos limites da praça
	~~GUARDA-SOL/CHUVA~~		
	ARCADAS	✓	
	ciclone	✓	encostado à parede
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	
	TROTINETAS	✓	
Rampa de Estacionamento	Acessibilidade	✓	elevador já existente
6. LIXO	LIXO GERAL	✓	na parte norte — nos locais de usos
	RECICLAGEM	✓	
Sanitários	WC	✓	juntos
7. COMIDA	CAFÉ	✓	
	QUISOQUE	✓	
	VENDING MACHINE	✓	
	Wifi	?	
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	na parte norte (espaço lúdico permanência)
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	? Espaço para jogos coletivos (pavimento)
	Pelcos/abrigados	✓	Passadiço?
9. Água	FONTES DE AGUA/bebedouro		conforto térmico
	chit/depay/albuf.	✓	caso na parte norte / com peixinhos / sistema de rega de acordo com CML
10. Arte	ARTE URBANA/mercados	✓	na plataforma elevada / pinas arrumento / [illegible] / gestão MC
	cargas e descargas		
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	✓	mudança de dinâmica através de [illegible]
	PAVIMENTO IRREGULAR	✓	
	OBSTÁCULOS	✓	
Pavimento	materiais	✓	rentabiliza o percurso pessoal através, aproveitamento de [illegible] e [illegible], e [illegible], calçada.
12. BARREIRAS FISICAS	GRADE/CERCA	✓	
	MURO	✓	percurso elevado - limite visual
	VEGETAÇÃO	✓	
13- Mobilidade	Interface	X	
	T. Rodoviário	✓✓	Construção de um túnel que desce sob [illegible] e
	T. Público	✓	Reposicionados os lugares de paragem de [illegible] sai na entrada
	Metro	✓	Pequena alteração, na outra parte dos [illegible] entrada os [illegible]
14- Memória	Muralha e Torre	✓	Marcação da muralha com o pavimento + percurso ligando a torre às escadas de [illegible]
	capela		

15- Multiculturalidade - forma da praça - o vai - ovo/ovulo/semente - início do mundo

- rasa que atravessa a praça - rota das especiarias

Cruzamento estrutural de percurso do dock

tera de ser escrito no pavimento as especiarias

↓ JARDIM DO MUNDO

Análise da proposta: Felisa Almeida
14º Classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	••	estrutura metálica e madeira espalhados pela praça
	CADEIRAS	—	não muito mostrado zonas de sentar
	ESPALANADAS (PRIVADO)		Provavelmente p/ 2 quiosques/ q/ sequência
	OUTRO TIPO DE SENTAR		
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	••	Apresentada com distribuição equilibrada considerando a disposição dos 5 espaços
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	•••	Preocupação pela ~~f~~ flora escolhida! Principalmente autóctone
	ARBUSTOS	•••	consideração na segurança do espaço → não sendo painéis opacos
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	—	Só vegetação
	GUARDA-SOL/CHUVA	—	
	ARCADAS	—	
	ciclovia	✓	atravessa a praça
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	(tmb p/ estacionamento subterrâneo)
	TROTINETAS		
P. Estacionamento	Acessibilidade	1✓	Bom acesso de rotunda vedasenho do estacionamento
6. LIXO	LIXO GERAL	?	
	RECICLAGEM	?	
Sanitários	WC	✓	Nos quiosques
7. COMIDA	CAFÉ	—	
	QUISOQUE + WCs	2	→ Com terraço respetivo / forma tradicional
	VENDING MACHINE	—	
	wifi	—	
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	tudo junto no mesmo espaço formado
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	
	Palco / atividades	—	só nos terraços pensados p/ isto
9. Água	FONTES DE AGUA/ bebedou.	—	Falado mas ó projetado
	cist./ depósitos/ albu	—	→ Mas sistema de irrigação gota a gota / sistema de regas
10. cultura	ARTE URBANA/ mercados	✓	escultura na rotunda - SOL
	cargas e descargas	✓	acessos condicionados com nos restantes
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	—	
	PAVIMENTO IRREGULAR	—	Regular
	OBSTÁCULOS	—	
Pavimento	materiais	3 tipos	- Esforço por representar a calçada artística de Eduardo Nery, (mas sem sucesso na minha opinião)
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA		
	MURO	•	elemento escultural antigo
	VEGETAÇÃO	✓	e a ciclovia tmb funciona com limite
13. Mobilidade	Interface	✗	⊕ Rotunda na parte norte
	T. Rodoviário	✓	única estrada lado da moureria
	T. Públicos (BE)	✓	interface elétricos/p.Taxis/ Tuks Tuk / Bicicletas/ polo central de T. Públicos
	Metro	—	sem alteração
14. Memória	Muralha e Torre	•	Mantém a Muralha existente (antiga praça) e move para junto da ciclovia
	capela	*	Não remove a anexamento do centro comercial !!

com lado temporal unas cores degradando do espaço preto

15 - Multiculturalidade - Rotunda - O SOL - Jardim do Mundo - O Globo como uma forma comum a todos, independentemente do extrato social, cultura ou religião
- Por outro lado, com o elemento da água a [illegible] termica

Análise da proposta: Atelier Veroalca Mota e Diamantino Oliveira, Arquitectura Paisagista, Lda
TC 17
5º classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	•••	limite de clareira
	CADEIRAS	•••	Parte Norte e Sul (frente parque infantil)
	ESPALANADAS (PRIVADO)	•••	Quiosque
	OUTRO TIPO DE SENTAR	✓	Relvado
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	✓	Pensado o seu desenho
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	✓	equilíbrio (definição de uma orla)
	ARBUSTOS	✓	
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	x	
	GUARDA-SOL/CHUVA	x	
	ARCADAS	x	
	cicloria	✓	
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	(G) espalhadas ao longo da praça
mantém igual	TROTINETAS	✓	
Parque ESTACIONAMENTO	Acessibilidade	✓	elevador parte sul da praça
6. LIXO	LIXO GERAL	?	
	RECICLAGEM	?	
WC	Sanitários	✓	juntos parte sul
7. COMIDA	CAFÉ	✓	
	QUISOQUE	✓	2 quiosques (a sul e norte)
	~~VENDING MACHINE~~	—	
	Wifi	✓	Vários espalhados pela praça
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	- escultura para diversão infantil
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	-
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	
	Palco/espac. ATIV.	✓	- espaço livre
9. ÁGUA	FONTES DE AGUA/bebedouro	X	- espelho de água/ jogos de água.
	cisterna/ alfaiti./depósi	•	sistema de drenagem pela permeabilidade apenas
10.	ARTE URBANA/mercados		
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	•••	10 passadeiras
	PAVIMENTO IRREGULAR	x	espaço bem claro
	OBSTÁCULOS	x	
	cargas e descargas		
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA	x	
	MURO	x	
	VEGETAÇÃO	✓	mantem ideia de limite de vegetação (barreira visual + forte)
13. Tráfego	Interface	x	
	Trans. Rodoviário	←	não modificações na pratica
		✓	Abrigos de autocarros
	Metro	✓	mantem igual
14. Memória	muralha/Tore	✓	marcação através do pavimento
	capela	✓	valorização da capela (~~retir~~ demolição de ligação do anexo à capela do CCM.



Análise da proposta: PROAP-Estudos e Projetos de Arquitetura Paisagista, Lda.
TC 18
10º Classificado

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	•••	Banco em volta da praça.
	CADEIRAS		bancos-borde ao longo dos limites
	ESPALANADAS (PRIVADO)	·	
	OUTRO TIPO DE SENTAR		anfiteatro
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ		
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	✓	→ escolha de 4 árvores monumentais **
	ARBUSTOS		relvado
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	≈	estrutura de sombra/Pérgola e/ vegetação
	GUARDA-SOL/CHUVA	✗	
	ARCADAS	^	
	ciclovia	✓	
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	
	TROTINETAS	✓	
Parque estacionamento	Acessib. (E1)		modificação das entradas / relocalização nas vias novas
6. LIXO	LIXO GERAL	✗	
	RECICLAGEM	✗	
Sanitarios	WC	•	muito mal pensado → conectam estacionamento subterraneo com o metro (apenas esta)
7. COMIDA	CAFÉ	✗	
	QUISOQUE	✗	
	VENDING MACHINE	✗	
	wifi	✗	
8. DESPORTO	PARQUES/Infanti	✓	na zona central da praça
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	✓	
	Palco /atividades	✓	anfiteatro na parte norte
9. Agua	FONTES DE AGUA/bebedouros	✓	espelho com na parte norte enegetação como cobertura
	cist./deposito/albuf.	•	tendo em consideração no desenho do sistema de drenagem para não sobrecarregar as infraestruturas subterraneas
10. cultura	ARTE URBANA /mercados		
	(C) cargas e descargas	✓	
11. QUALIDADE DE CAMINHADA Pavimento	PASSADEIRAS		
	PAVIMENTO IRREGULAR		
	OBSTÁCULOS		
pavimento	desenho pensado	de	acordo e/ variações diversas / zonas de água / vegetação
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA	✗	
	MURO	✗	bancos/muro
	VEGETAÇÃO	✗	
13- Mobilidade	Interface	✗	
	T. Rodoviario	—	mantem circulação existente
	T. Publicos (E1) (B)	✓	
	Metro	✓	mudança da saída da praça
14-memória	Muralha e Torre		Memoria de muralha
	capela		separa ✓

15 - Multiculturalidade — Arvores monumentais simbolicas
Grande praça

Análise da proposta: ~~Proposta~~ FOCUS GROUP
13° classificado

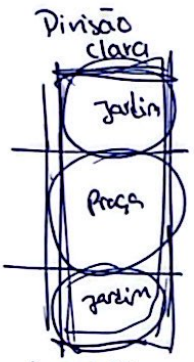
Princípio da Proposta

PATCHWORK de culturas

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	✓	A volta dos canteiros trapezoidais — momentos ≠s de contemplação
	CADEIRAS		
	ESPALANADAS (PRIVADO)		
	OUTRO TIPO DE SENTAR	✓	Anfiteatro
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ		
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	•	Pouca vegetação/mantém alguma existente na parte sul
	ARBUSTOS	✗	espaço multiúlivre — Árvores e poucos esconderijos
			relvado para pavimento permeável e para descansar
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	•	debaixo da ponte proposta
	~~GUARDA-SOL/CHUVA~~		e árvores
	~~ARCADAS~~		
	ciclovia	✓	
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓..	Gira
	TROTINETAS	✓	
Parque Estacionam.	Acessibilidade		
6. LIXO	LIXO GERAL	✓	na parte norte e sul (perto das ruas com grande afluência
	RECICLAGEM	✓	
Sanitários	WC	?	talvez no quiosque
7. COMIDA	~~CAFÉ~~		
	QUISOQUE	✓	c/ anfiteatro e miradouro → WC?
	~~VENDING MACHINE~~		
	wifi		
8. DESPORTO	PARQUES infantil	✓	no relvado
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	✓	no relvado
	ESPAÇO PARA PRÁTICA DE DESPORTOS COLETIVOS		
	Palco + atividades	✓	Anfiteatro
9. Água	FONTES DE AGUA / bebe.		
	ciste / depósi / albu.		
10. Cultura	ARTE URBANA / mercado	✓✓	elementos ~~es~~ escultóricos Espaço pensado para práticas de comércios informais
	carga. e descarga		
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	•	
	PAVIMENTO IRREGULAR	—	a ponte e o desenho dos pavimento funciona
	OBSTÁCULOS	—	com especial atenção
Pavimento	materiais	✓	formas trapezoidais no pavimento caracterizam os ≠s sítios com destinos funcionais variáveis.
12. BARRERIAS FISICAS	GRADE/CERCA		
	MURO		
	VEGETAÇÃO		
13. Mobilidade	Interface	✗	
	T. Rodoviário	✓	x Rua da Palma — sou uma estrada lado da Mouraria + Rotunda
	T. Públicos (B) (E)	✓	relocalização de paragens,
	Metro	✓	Mantém-se como está
14. Memória	Muralha e Torre		
	capela	✓	retirada a anexo

15 multiculturalidade — consideração das ≠s usos da praça das ≠s culturas

Análise da proposta: GLOBAL Arq. Paisagista, Lda
TC 20
7º Classificado



do espaço conforme as suas funções

Muito infraestrutura pensada
Ex Parque Eléctrico demolido Estruturas sistemas de mobilidade

DESENHO/MAPPING		#	OBSERVAÇÕES
1.SENTAR	BANCOS	••	Bancos com limites da praça ✓
	CADEIRAS		
	ESPALANADAS (PRIVADO)	✓	juntamente c/ esquiosques
	OUTRO TIPO DE SENTAR	/	nos jardins
2. ILUMINAÇÃO	PONTOS DE LUZ	✓	estudar + mais segurança / ecl / sustentab.
3. VEGETAÇÃO	ÁRVORES	✓	limites - alamedas de percurso
	ARBUSTOS	✓	
4. SOMBRAS/ABRIGOS	TOLDOS	X	
	GUARDA-SOL/CHUVA	X	
	ARCADAS	X	
	ciclovia	✓	a existente à volta da praça
5. ESTACIONAMENTO	BICICLETAS	✓	paragens (6) já existem
	TROTINETAS	–	
Baixa do estacionamento	Acessibilidade	✓	2 elevadores juntamente c/ ~~escadas~~ escadas de emergência
6. LIXO	LIXO GERAL	?	
	RECICLAGEM	?	
sanitarios	WC	✓	no estacionamento ✓ (novo comércio) e nos quiosques não vi onde ~~ter~~ haverá mais
7. COMIDA	CAFÉ	✓	
	QUISOQUE	✓	
	~~VENDING MACHINE~~	–	
	Wifi	–	
8. DESPORTO	PARQUES infantil	2	a definir e com pavimento adequado para
	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	/	
	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	–	→ exercício no interior
	Polo / ~~espaços infan.~~	–	
9. Água	FONTES DE AGUA / bebedouro	✓✓	Dois elementos / rebaixados espalhados pela praça
	cist / esgoto / albal.	2x	sistema de drenagem conectado c/ a rede pública
10.	ARTE URBANA / mercado	✓	escultura na parte norte da praça / incentiva a algo manifestação na praça
	cargas e descargas	–	
11. QUALIDADE DE CAMINHADA	PASSADEIRAS	••	muitas passadeiras / simplifica no entanto
	PAVIMENTO IRREGULAR	X	
	OBSTÁCULOS	X	
12. BARREIRAS FISICAS	GRADE/CERCA	–	
	MURO à cota mínima do solo	✓	bem delimitada e com entradas marcadas
	VEGETAÇÃO	✓	
13-Mobilidade	Interface	X	continuação da praça como rotunda
	Trans. Rodoviário	–	reformulação das paragens e ordenação dos circuitos TPub
	Metro	✓	mudança de uma saída Norte da praça → Propõe apenas a relocalização dos pontos de entrada/saída enquadrado nos circuitos rodoviários
14 - Memória	muralha / Torre	X	nada da marcação da muralha na praça
	capela	✓	separa do centro comercial

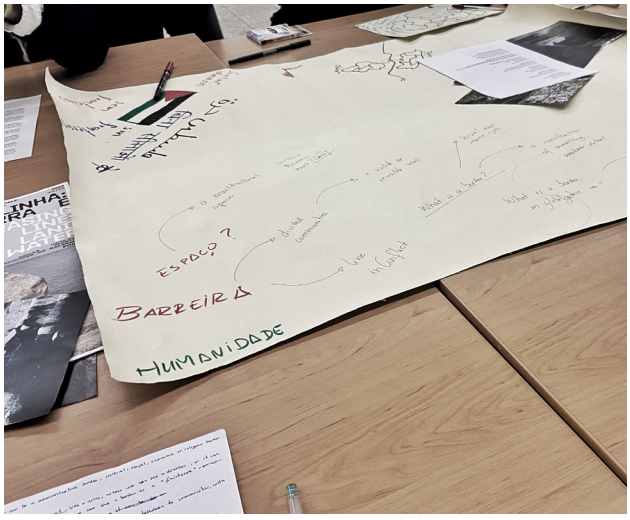
multiculturalidade – Escultura - 5 pilares representando os 5 continentes

Análise da proposta:	DESENHO DA FORMA	SENTAR				ILUMINAÇÃO	VEGETAÇÃO	SOMBRAS/ABRIGOS			ESTACIONAMENTO		LIXO		COMIDA E SANITARIOS				DESPORTO			
	TRIPARTIDA - REGULAR - FECHADA - ATRAVESSADA - PERCURSOS	BANCOS	CADEIRAS	ESPALANADAS (PRIVADO)	OUTRO TIPO DE SENTAR	PONTOS DE LUZ	ÁRVORES	TOLDOS	GUARDA-SOL/CHUVA	ARCADAS	BICICLETAS/TROTINETES	CICLOVIA	LIXO GERAL	RECICLAGEM	CAFÉ	QUISOQUE	SANITARIOS	WIFI	PARQUES INFANTIS	EQUIPAMENTO DE MOBILIDADE	ESPAÇO PARA PRATICA DE DESPORTOS COLETIVOS	FONTES DE AGUA/BEBEDOURO
ACB	COMPARTIDA	ao longo dos canteiros	esplanadas na rua da palma	sim	informal no relvado	nova distribuição de infraestruturas necessarias, economia de energia, processo tecnico	consideração pelo existente e transplantação. Analisados toda a flora existente e seu estado	instalação de uma pérgola para vegetação tbm com paineis solares para iluminação nocturna - SUSTENTABILIDADE			Paragens GIRA	SIM	?	?	pouco		2	nop	sim	?	?	sim
Sara Maduro unipessoal lda, Gianni Cinquegrana	COMPARTIDA	muitos ao longo dos passseios, bancos compridos	nop	no bar e esplanadas e nas rua envolventes	informal no relvado	pensada um sistema de iluminação visando um plano de segurança	hierarquia de áreas de sombras (mas densas e menos densas) preocupaçao de vegetação existente sempre ao longo do ano, mais árvoes e relvado	na esplanada do bar	nop	nop	Paragens GIRA	sim	?	?	tudo junto na zona central da praça			nop	sim	sim	sim	sim
KEMA Arquitectura	COMPARTIDA	ao longo dos canteiros	bancos fixos espalhados	no bar e esplanadas e nas rua envolventes	informal no relvado e no anfiteatro	distribuição e requalificação das instalações eletricas - desenhados percursos de segurança	equilibrado, zonas de vegetação espontânea	instalação de uma pérgola para vegetação para zona de pic-nic			Paragens GIRA e tanto na praça pero do metro como parque de estacionamento subterraneo	sim	ecoilha na zona norte e sul		2 quiosques simples e 2 quiosques com wc			nop	tudo junto numa mesma área como zona desportiva			pulverizadores ao longo da praça no eixo central já existente e 3 pontos de agua
Atelier BAUM	PERCURSOS	muitos ao longo dos canteiros	bancos fixos espalhados cubos de pedra	muitas igreja, capela, praça, rua da mouraria, rua da palma, torre	bancadas e no anfiteatro	suficiente, mas não desenvolve muitas questões de segurança	perservação dos carvalhos existentes (aspeto já pedida no programa)	nop	no quioque	nop	Paragens GIRA	sim	?	?	nop	sim	?	?	sim	sim	mesas de ping pong	espelho de água
Cossement-Cardoso	ATRAVESSADA	espalhados pelos espaços verdes	nop	no quiosque	anfiteatro no relvado	iluminaçaõ tendo em conta segurança, conforto e destaque	equilibrado entre zonas de sombra com zonas de clareira	na zona do no quiosque	nop	nop	Paragens GIRA	sim	?	?	nop	sim	sim	sim	variados e sensorias espalhados pelos jardins	sim	todo o espaço livre e permeavel	distribuida ao longo da praça
FOCUS GROUP	ATRAVESSADA	ao longo dos canteiros	nop	nop	anfiteatro		pouca arborização, mante a vegetação existente na parte sul, espaço muito livre e poucos esconderijos	debaixo da ponte proposta	nop	nop	Paragens GIRA	sim	ecoilha na zona norte e sul		nop	sim	?	?	sim	sim	_	
Eliseu Almeida	ATRAVESSADA	bancos de estrutura metalica e madeira espalhados pela praça	?	nos quiosques		distribuição pensada tendo em conta os diferentes espaços definidos	preocpação pela escolha da flora e primazia por especies autóctones, preocupação coma segurança ao evitando criar paineis opacos de vegetação	so com a vegetação			Paragens GIRA. E. tanto na praça pero do metro como parque de estacionamento subterraneo	sim e atravessa a praça	?	?	nop	sim 2	sim nos quiosques com desenho tradicional	?	tudo junto na mesma zona formada			aborda mas não esta no desenho do projeto
Filipa Cardoso Meneses e	ATRAVESSADA	ao longo da praça	nop	sim	anfiteatro e bancada	pensada tendo em consideração da segurança	muita sombra e pares muito densas como na interface	nop	nop	nop	Paragens GIRA	sim	?	?	sim com miradouro e esplanada	nop	sim	?	juntos no jardim		praça central e espaço a frente da capela polivalentes	muitas ao longo praça e repuxos de agua na praça q valoria a capela
VAZIO Arquitectura	COMPARTIDA	ao longo da praça e nos seus limites	nop	sim	relvado	pensada consoante os diferentes programas e tipos de iluminação	criação de microclimas ataraves de bosques humidos e secos, junatmente com relvados	so com a vegetação			Paragens GIRA	sim	ecoilha na zona norte e sul		nop	sim	sim independentes dos quiosques	nop	sim	nop	praça central	sistema de nebulizadores no canteirso como sistema de rega
Materia - Leonor Migueis	PERCURSOS	muitos ao longo dos canteiros	sim em pedra	sim	relvado, para sestas e qualidade de estadia	pensada tendo em consideração da segurança	criação de microclimas ataraves de bosques humidos e secos dos vários continentes e de acordo com a estrutura verde	caramancha o para suporte de vegetação	nop	nop	Paragens GIRA	sim	?	?	nop	sim 2	sim capela	nop	sim	sim	sim	repuxos na parte sul da calç
MASS LAB/ Oh!land Studio/	PERCURSOS	muitos ao longo dos canteiros	sim	sim	zona de multiusos	pensada tendo em consideração da segurança e por cada tipo de espaço	preocupaçao com a presença de vegetação global e multicultural	sim	sim	nop	Paragens GIRA	sim	?	?	sim e restaurante no pavilhao multiusos	nop	no restaurante	nop	sim no espaço do pavilhao multiusos com playground para deportos maiores serve o o resto da praça			percursos de agua a sombra como metodos de retenção água
FCC	FECHADO	ao longo do percurso no seus limites	nop	sim nos quiosques	relvado na grande praça	iluminado por toda a a estrutura pedonal elevada que circunda a praça	escolha autóctone e colorida e opção pelo relvado	passadiço funciona como sombra nos limites da praça			Paragens GIRA	sim	ecoilha na zona norte e sul		nop	sim	sim	nop	sim na parte norte espaço ludico destinado a crianças	sim	sim	sim , pensado no conforto térmico
Atelier Verónica Mota e	COMPARTIDA	ao longo do limite da clareira	sim parte norte zona infantil	sim nos quiosques	relvado na grande praça	pensada tendo em consideração da segurança e por cada tipo de espaço	desenho de vegetação equilibrado conceito de orla	nop	nop	nop	Paragens GIRA	sim	?	?	nop	sim 2 a sul e a norte	sim nos quiosques com desenho tradicional	sim	sim	sim	sim	espelho de água e jogos de água
PROAP - Estudos de Arquitectura Paisagista	COMPARTIDA	banco a volta da praça	bancos ao longo da praça separados entre si	sim na fachada da EPUL	sim anfiteatro na parte norte	nop	equilibrado, escolha de árvores autóctones e arvores simbolicas representativas das culturas	instalação de uma pérgola para vegetação na parte norte na zona de anfietaro			Paragens GIRA	sim	?	?	nop	nop	no piso subterraneo, conecta o metro ao	nop	sim na zona cetral da praça	nop	nop	esplho de agua na parte nor na pergola
Metric Hand System	FECHADO	poucos representados à volta dos campos de atividades ludicas	nop	sim nas ruas circundantes	no relvado e solo permeavel	nop	equilibrado, escolha de árvores autóctones e apavimento permeavel com relavado inscrito (introdução da tecnologia do material da marca)	nop	esplanadas	nop	Paragens GIRA	sim	?	?	sim	sim	sim	?	sim no perimetro destinados para atividades de exercicio fisco	sim no perimetro destinados para atividades de exercicio fisco	sim no perimetro destinados para atividades de exercicio fisco	espelho de água na parte sul praça
GLOBAL	COMPARTIDA	banco a volta da praça	sim	sim nos quiosques	relvado na grande praça	pensada tendo em consideração da segurança e por cada tipo de espaço	desenho uniforme, arborização como limite físico da praça e uma um terraço livre na praça, permeavel e impermeavel	nop	esplanadas	nop	Paragens GIRA	sim	?	?	nop	sim 2 a sul e a norte	sim nos quiosques	nop	sim	nop	praça central	3 espaços de água por cada parte da praça

Água		ARTE E CULTURA			MOBLIDADE				MEMÓRIA				11. QUALIDADE DE CAMINHADA			12. BARRERIAS FISICAS		OBSERVAÇOES
	DEPOSITOS/CISTERNA	MERCADOS	PALCOS	ARTE URBANA	INTERFACE	T. RODOVIARIO	T. PUBLICOS	METRO	MURALHA FERNANDINA	TORRE DA PELA	CAPELA	MULTICULTURALIDADE	PASSADEIRAS	PAVIMENTO IRREGULAR	OBSTÁCULOS	GRADE/CERCA/VEGETAÇÃO	MURO	
	zona norte com bacia de retenção de aguas	sim			nop	ROTUNDA zona norte- intenção de reduzir.o trafego e ruído	relocalização das paragens	so com 2 acessos	bem visivel a marcação do atravessamento da praça na praça		separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela	espaço pensado para desportos mais comuns (engloba o criquete)	8	muita hierarquia de pavimentos - aproveitamento das lajetas de lioz já existentes	demasiada plantação de palmeiras, forma muito regrada, uma praça com muito obstaculos	não	apenas ao nivel do solo, como limite dos espaços verdes	12º classificado parque fotovoltaico, poços drenantes ao longo da praça, +clima, +funcionalidadde, + caráter sustentável
	dois espelhos de água funcionando como bacias de retenção, sistema de drenagem e permeabilidade pensado	prado central multifuncional para participaçao publica			nop	redução do numero de faixas - redução de trafego e ruído	relocalização das paragens	mantem as paragens e acrescenta um anexo na saída no	marcação no pavimento subtil		separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela		muitas	pouco	nop	nop	apenas ao nivel do solo, como limite dos espaços verdes e que serve como banco	4º classificado. +++ flexibilidade
	sistema de drenagem estudado e implicam um reforço nas infraestruturas subterrâneas	terraço central potencial para concertos, celebrações	zona para picnic, teatros, manifestações publicas	disponivel	nop	apenas pela RUA MARTIM MONIZ e desativam a rua da Palma, apenas ativa para cargas e descargas dos espaços comerciais	relocalização das paragens tudo na rua Martim Moniz	mantém-se igual	marcação no pavimento subtil	valorização com jardins e esplanada	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela + esplanada e quisoque como tbm o fazem na igreja S. Domingos	não desenvolvem nada em especifico, mas sim relativamente à historia do lugar	muitas			a praça acompanha a cota da rua, não existe barreira fisica formalizada		11º classificado. Parte norte- contemplativa, parte central - praça livre e parte sul - praça desportiva ludica
	sistema de drenagem e contenção mas s/infraestrutua	terraço central potencial para concertos, celebrações	anfiteatro	disponivel	nop	apenas pela RUA MARTIM MONIZ e desativam a rua da Palma, so para ciclovia, bombeiros cargas e descargas dos espaços comerciais	relocalização das paragens tudo na rua Martim Moniz	retiram uma saida no CCMouraria	marcação no pavimento com pedra irregular	valorização com jardins e esplanada	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela + esplanada como tbm o fazem na igreja S.	colocação de uma haste na zona norte para Bandeiras para eventos culturais	sim	em momentos como na marcaçao da muralha	nop	sem barreiras de delimitações, espaço delimitados através de distinção de pavimentos		6º classificado. Praça sem espçao para atividades de grande escala que albergue um grande ajuntamente de população
	sistema de albufeiras para armazenar a água	na praça central	para atividades ludicas	disponivel	sim mas pequena na frebte do hotel	deastivam a rua Martim Moniz e reduzem o trafego e organizam pela rua da palma	relocalização das paragens	mantém-se igual	a localização da bacia de agua na zona confere a mesma inportancia do lugar, mesmo não sendo literal	valorização com jardins	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela	aplicaçao da informalidade do uso do espaço	sim	nop	nop	nop, uso da vegetação e circulação livre ao redor da praça, zona de coexistencia, conectar a praça		2º classificado. Conforto climatico, a água como elemneto universal e desenhador da proposta, mobilidade pedonal fluida, vários sistema de gestão das aguas pensadas, mas principalmente valoriam a permeabilidade do solo e **conecta a praça a mouraria** (principais utilizadores da praça)
		espaço potencial para mercados e feiras	anfiteatro	elementos escultóricos	nop	apenas pela RUA MARTIM MONIZ e desativam a rua da Palma, apenas ativa para cargas e descargas dos espaços comerciais + rotunda	relocalização das paragens	mantém-se igual			separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela	consideração dos diferentes usos da praça das diferenntes culturas	sim	pavimento como a ponte tem especial atençao no seu desenho				13º classificado principio de proposta de Patchwork de culturas
	sistema de irrigação de gota a gota	nos espaços de terraços	nos espaços de terraços	escultura na rotunda norte - SOL	cria uma interface so para transportes publicos e taxis	rotunda na zona norte com uma saida direta para estacionamento subterrâneo. Fecho da rua da Palma única estrada do lado da mouraria	cria uma interface so para transportes publicos e taxis relocalização de paragens	mantém-se igual	mantem a escultura a existente alusiva a muralha fernandina mas não se mantem no mesmo lugar		mantém a capela anexada ao centro comercial da mouraria	criação da rotunda à imagem do sol, como jardim do mundo, o sl é um elemento universal juntamente coma. Água que cobre a bola, assim esta escultura une as diferentes culturas e religiões	normal			a ciclovia funciona como limite	elemento estrutural antigo mas nada demais	14º classificado
	estrutura de cisterna de retenção pensada de acordo com o desenho da praça para regar a rega	espaço potencial para mercados e feiras	bancada virada para capela	disponivel	sim a frente do hotel e eorganiza tudo o que é de transportes	deastivam a rua Martim Moniz e reduzem o trafego e organizam pela rua da palma	tudo relocalizado na interface, exceto o eletrico que tem o seu valor	mantém-se igual	marcação como limite o muro de suporte da praça	valorização com jardins e esplanada	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela com um grande largo para atividades e jogos	considera as diversidades culturais na disponibilidade dos espaços para as mesmas culturas, no entanto a presença historica do lugar tem mais presença	muitas	nem por isso		nop	alguns mas são estruturantes dos canteiros	1º classificada. Espaço criado como ludico e flexivel para a pratica de varias atividades desde cinema como desportos, com representação da agua como elemnto unificador dos espaços
	colocação de depositos para sistema de rega e aproveitamento de aguas pluviais	espaço central potencial para mercados e feiras	?	disponivel	nop	mantem circulção circular e pequenas reformulações	relocalização das paragens e ordenação dos circuitos pedonais	mantém-se igual	marcação da muralha com agua	valorização com jardins e esplanada	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela	alusão ao Maidan Portugues, num espaço árabe, sendo um espaço aberto a várias praticas no garnde parte da praça	muitas e mais organizadas	preocupaçao de conectar os mesmos materiais às outras praças da cidade	nop	nop	alguns mas são estruturantes dos canteiros	atravessamento da praça ao seu comprimento remete para a planta de Silva Pinto 1911
	sistema de drenagem pensado para a rede publica tendo em consideração a carga da praça e das infraestruturas	sim	sim	sim - desenho da calçada	nop	desativam a rua Martim Moniz e reduzem o trafego e organizam pela rua da palma	relocalização das paragens	mantém-se igual	nop	valorização com jardins e esplanada	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela	sem abordagem especfica	sim	nop	nop	nop	nop	
	sistema de drenagem atraves de varia bacias de armazenamento para a rede pública	terreiro central	sim (no pavilhao multiusos)	disponivel	nop	rotunda a norte e encostam a praça a rua da palma fazendo a circulação rodoviaria apenas pela rua Martim Moniz	relocalização das paragens e ordenação dos circuitos pedonais	mantém-se igual	apenas marca o eixo que conecta as duas escadarias atraves da distinção do pavimento	valorização com jardins e esplanada	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela como microcentralidades	estudo dos diferentes jardins, das diferentes cultura e tipos de vegetação e consieração na capacidade de terreiro central para enventos como o ano chines ou o dia do	muitas zonas de coexistencia	nop	nop	nop	nop	3º classificado praça bastante permeavel e atravessada por qualquer lado da praça
	lago na parte norte, como biodiversidade e com sistema de rega junto	na plataforma elevada com espaço para fezer uma feirinha ao	relação do pasadiço para o relvado	disponivel	nop	mantem circulação circular da praça mas propõe um tunel por de baixo da rua da palma, de maneira a manter o transito e tbm juntar a praça a essa rua	relocalização das paragens e ordenação dos circuitos pedonais	pequena alteração no acesso da rua da palma devido o tune	marcação no pavimento com pedra irregular e traça fortemente o atarvessamento que	nop	mantém a capela anexada ao centro comercial da mouraria	escolha da forma oval da praça simbolica, como forma do ovo-ovulo-inicio do mundo e da humanidade jardim do mundo	sim	nop	nop, para alem da estrutura elevada	estrutura do apssadiço	nop	16º classificado
	prevê sistema de de dreangem atraves dos solos permeáveis	toda a clareira livre	toda a clareira livre	disponivel	nop	mantem circulação circular da praça não modifica nada de especial senao o ajuste à ciclovia	relocalização das paragens e ordenação dos circuitos pedonais	mantém-se igual	marcação no pavimento a sua planta bem como a porta da mouraria no largo da	valorização com jardins e esplanada	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela como microcentralidades	nada	muitas	nop	nop	mantem limite de vegetação, ponto visivel mais forte	nop	5º classificado. Prevalece o contexto e integração urbana e histórica, sentido de futuro e presente dos espaço verdes e seus valores sustentaveis, e portanto conclui numa proposta social, ecologiaca e simbólica para a praça-jardim como uma sala de estar comum.
	considera o sobrecarregamento das infraestruturas ao pensar no desenho do sistema de drenagem	relvado central	disponivel	disponivel	nop	mantem circulação existente sem alterações	ajuste das paragens e ciclovia	mantém-se igual	presença de uma memoria a muralha fisica	nop	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela como microcentralidades	as arvores diferentes e de simbologia diferentes tras o sentido multicultural do jardim	igual	nop	nop	nop	nop	10º classificado
	?	espaço central potencial para mercados e feiras	espaço central potencialcomo arena	disponivel	nop	mantem circulação circular da praça juntamente com a ciclovia que tbm é circular como a existente	duplicação da plataforma do eletrico	mantém-se igual	marcação no pavimento com pedra irregular e traça fortemente o atarvessamento que conecta as duas	nop	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela como microcentralidades	não desenvolve nada em especifico para a diversidade cultura, no entanto a opção determinda de um jardim e das suas caracteristicas como espaço sossegado e congregador, como a ideia de jardim muralhado como espaço seguro para se estar.	igual	nop	nop	nop	sim mas habitavel, onde estao todos os espaços que serverm como equimanentos urbanos ou serviços urbanos, como café, restaurantes salas de arrumosd e materiais,	15º classificado
	sistema de drenagem conectado com a rede publica	espaço central potencial para mercados e feiras	espaço central potencialcomo arena	elemento escultural na parte norte	nop	mantem circulação circular da praça e pedonais	ajuste das paragens e ciclovia	alteração da saida do metro no interior da praça	nop	nop	separação da capela do centro comercial, valorização do largo da capela como microcentralidades	escultura desenvolvida na parte norte da praça, com 5 pilares representando os 5 continentes e união das diferentes comunidades	muitas	nop	nop	nop	alguns mas são estruturantes dos canteiros a cota minima	7º classificado praça distribuida por dois jardins semelhantes e no centro uma praça, distribuição equilibrada dos seus elementos, pensamento muito formal e logico e funcional. Pensa muito em conta do conjuntos de infraestruturas que implicam a praça.

FOTOGRAFIAS DE 21 DE NOVEMBRO DE 2023











EVENT REPORT

DATE:	25/11/2023
EVENT NUMBER:	#23.020
EVENT NAME:	[IN] BETWEEN - A DESCOLONIZED VISION OF BORDERS
DESCRIPTION:	Artistic Workshop with Patrícia Reis and Ana Alves
ORGANIZERS:	ALL

FINAL REPORT:

PT

16 Participantes - **8 Nacionalidades**

Ana Alves - Portugal
Alexandre Ferreira - Portugal
Lurdes Roriz - Portugal
Patrícia Reis - Portugal
João Amaral - Portugal
Margarida Pinhal - Portugal
Sérgio Magalhães - Portugal
Alonso Martinez - México
Gamze Seher - Turquia
Renju Nair - Índia
Marta - Argentina
Hazem - Síria
Andrés - Argentina
Ali - Irão
Jawed Roshan - Afeganistão
Hetal Shah - Índia

Workshop - [IN] BETWEEN - A DECOLONIZED VISION OF BORDERS

1. Recepção e confraternização com os membros presentes.
2. Apresentação do projeto e do tema com recurso a diferentes referências (imagens e textos)
3. Brainstorm - O que é a fronteira? Como entendes a fronteira? (Espaço aberto para partilha entre todos)
4. Espaço para os participantes explorarem a noção de fronteira através da arte
5. Momento de partilha, através da mesa redonda, onde as ideias são postas em evidência também no papel (registo escrito e desenhado)
6. Encerramento da atividade com agradecimento e foto de grupo

FOTOGRAFIAS DE 23 DE MARÇO DE 2024











EVENT REPORT

DATE:	23/03/2024
EVENT NUMBER:	#24.003
EVENT NAME:	[IN] BETWEEN - A DECOLONIZED VISION OF BORDERS
DESCRIPTION:	Architecture Workshop with Patrícia, Ana e Margarida
ORGANIZERS:	Ana Alves, Patrícia Reis, Margarida Pinhal

FINAL REPORT:

PT

11 Participantes - **5 Nacionalidades**

Ana Alves - Portugal
Alexandre Ferreira - Portugal
Patrícia Reis - Portugal
João Amaral - Portugal
Margarida Pinhal - Portugal
Rúben - Portugal
Alonso Martinez - México
Cleanne - Brasil
Nikita Luksha - Rússia
Navid Waziri - Afeganistão
Nilo - Brasil

Workshop #2 - [IN] BETWEEN - A DESCOLONIZED VISION OF BORDERS

1. Recepção e confraternização com os membros presentes.
2. Apresentação do resultado do primeiro workshop, em inglês e português - Material gráfico (imagens) e intervenção com testemunho dos presentes no primeiro workshop “ A pobreza não é uma questão física mas um estado mental”.
3. Linha temporal - espaço para os participantes explorarem a noção de fronteira através do registo escrito ou desenhado - Mesa Redonda
4. Apresentação do tema “Praça Martim Moniz” - Discussão aberta entre os participantes
5. Mostra de material gráfico (imagem e mapa descritivo)
6. Lanche partilhado e momento de conversação livre
7. Retoma da atividade com Brainstorm - Quais os pontos chave da sessão? Não apresentar soluções mas sim pontos de partida.
8. Encerramento da atividade com agradecimento e foto de grupo

CONVERSAS ...

Azar, doutoramento em arquitetura (Terão, Irão):
"No Irão, mais especificamente no Teerão, a religião não é tão assumida como noutros países da sua região. No entanto, nas determinadas comunidades muito religiosas, existem muitas dificuldades em acompanhar o desenvolvimento tecnológico por exemplo, a religião não compatibiliza com determinadas profissões ou evoluções de carreira, principalmente quando se fala na mulher."

Madhi, doutoramento em arquitetura (Irão)
"Em Portugal não existe assim uma comunidade tão grande de iranianos e como também se trata de contextos muito específicos, não vale muito a pena pensar em incluir no estudo da praça Martim Moniz, pois esta cultura não tem presença o suficiente para tal."

Héricles Varela, jovem e estudante de engenharia (Santiago, Cabo Verde):
"em conversa, conta que, apesar de ter nascido em Portugal e ser português no cartão de cidadão, ele se considera caboverdiano, e que quando eu olho para ele eu não o vejo como português devidos aos seus traços africanos e estou certa por isso, por para além do que é claramente visível, e não tomando partido discriminatório algum, ele segue a cultura cabo verdiana, pois a sua mãe que o educa transmite esses mesmos valores. mas em minha reflexão, o crescimento de uma pessoa não se deve só ao legado familiar, mas sim a um conjunto de influências sociais, como amigos, educação, saúde, profissão etc."

Proprietário e vendedor indiano de um minimercado na Avenida Almirante Reis, falava inglês (Índia):
"Durante uma compra, numa breve conversa diz que gosta muito Portugal, desculpou-se por não falar português pois só estava em Lisboa há 3 meses, mas falava muito bem em inglês, falou que a sua loja era composta por gente da Índia, do Nepal e do Bangladesh. perguntei se conhecia a praça, mas este nada desenvolveu pois estava sempre no seu local trabalho."

Cleane, imigrante em Guimarães, 35 anos (Brasil)

"Contou o seu constante receio de andar sozinha na rua principalmente de noite (característica social muito forte na cultura das mulheres brasileiras) e da mesma maneira refere que pode não ter razão para sentir esse receio pois o contexto é outro e não conhece motivos para tal medo, mas que na verdade é inato, pois cresceu com esse pensamento e não é fácil mudar assim o ship pois já faz parte da identidade da pessoas, de qualquer maneira uma vez imigrante, nunca se deixa de o ser, e de facto isto foi uma frase muito certa no discurso desta senhora."

Nilo, imigrante em Guimarães, 22 anos (Brasil)

"Valorizou de como a arquitetura e o urbanismo podem valorizar os espaços sociais e entender a vida das pessoas, ficou impressionado com a capacidade de discussão da disciplina e agradeceu muito pela aprendizagem."

Alonso Martinez, mestrado em design de moda e imigrante em Guimarães (México)

"Numa perspetiva muito pelas pessoas "liberdade individual = liberdade coletiva". Fala do medo como motor de preconceito e isso é que cria as fronteiras. 2) referiu também que não devíamos estar sempre a falar de comunidades, são todas pessoas, que formam uma nova comunidade, e de qualquer modo não devemos pensar na distribuição das pessoas por bolhas por cada comunidade. Friso de novo a questão da Palestina."

Navid Waziri, estudante de medicina e imigrante em Guimarães, 22 anos (Afeganistão)

"Perguntou-me se eu me sentia insegura quando estive sozinha no Martim Moniz, e eu disse que sim, e ele pergunta-me porque, e respondi por sem certezas mas que me sentia observada e não me sentia confortável, ao que ele me responde, estando num espaço publico, é claro que somos observados, é um campo visual livre, se não me quero sentir observada talvez se pensa num espaço privado onde tenho a minha tranquilidade ou então escolho outro tipo de espaço publico. 2) falou da religião, e como mulçumano, da beleza da religião, do conceito de qualquer religião que existe, do acreditar, do melhor no mundo, da paz, e da maneira de como isto nos faz ser melhores pessoas, não precisamos e provas para acreditar, questionou bastante a vontade do acreditar. 3) Apresentei-lhes as celebrações mulçumanas que acontecem anualmente na praça e ele mostrou muito interesse e explicou que estas celebrações são tudo que é alegria e que é uma grande festa religiosa, que não há motivos para olhar de lado. na minha opinião, se as pessoas soubessem ao certo de que se trata esta celebração talvez entenderiam, num contexto de outra religião, com clareza e sem nenhum juízo de valor ou outro preconceito que também é um evento cultural e tem a sua beleza."

Nikita Luksha, estudante ensino secundário e imigrante em Guimarães (Rússia)
"Considera-se ateu e conta que não devemos julgar as atitudes das pessoas de hoje pelas culturas do passado, e remete isso para as religiões, pois os contextos são totalmente distintos, os conhecimentos também já são muito aprofundados e seguros. E que num espaço comum é clara a religião como a principal barreira sociocultural e todas as restrições e rituais que cada uma precede."

Ashish, arquiteto e emigrante em Austrália, 25 anos (Nova Deli, Índia)
"Ele refere que na índia também se sobre bastante de emigrantes ilegais, muito pela impossibilidade de os identificar, devido às sus semelhanças fisiológicas, culturais e religiosas, refere que as religiões são 50/50 hindu e islâmica, sendo que os de Nepal são totalmente hindus."

Kuma, vendedor numa loja de relógios, Rua do Cimo da vila, Porto (Madagáscar e Índia)
"Trabalha numa rua semelhante à realidade existente na Rua Benformoso. Explica o seu percurso de imigrante, que já começara com os seus pais vindos de Índia. os varios barcos que percorriam as várias colónias dos diferentes países, eram o meio de transportes de saída para muitos imigrantes como assim fez a sua familia, e depois paravam em varias cidades de colónias diferentes e assim desceram em Madasgáscar, numa colónia francesa, mas devido a guerra das descolonizações não aceitaram a nacionalidade francesa. Assim que acabaram as guerras tanto de Madasgáscar como de Angola ou Moçambique, estes viajaram para Portugal, em 1982. Chegou a Lisboa, onde já tinha familiares imigrados e instalou-se na zona do Martim Moniz, onde já constituiu a sua família.
Este diz que agora o Martim Moniz está perdido, este explica que as primeiras imigrações de indianos para Portugal vinham de África, ou seja, ja vinham adaptados à gastronomia, à língua, tinham necessidade de se integrar. Atualmente os que vem, nao tem essa necessidade de se adaptar visto que vem diretos do país de origem para Lisboa e no local de chegada já têm tudo o que precisam dos seus costumes culturais, nao existe uma nova realidade para eles sentirem a necessidade de se adaptar."
"*Martim Moniz acabou. Martim moniz nunca mais vais ser recuperado, nunca. Ninguem vai conseguir recuperar Martim Moniz.*"







The palimpsest, strategies to drawing multiples spaces to multiples communities

Martim Moniz, Lisbon

authors

Margarida Pinhal, M.Arch student, Faculty of Architecture of University of Porto, Portugal, up201807969@arq.up.pt
Filipa de Castro Guerreiro, Center for Studies in Architecture and Urbanism, Faculty of Architecture of University of Porto (CEAU–FAUP), Portugal, guerreiro@arq.up.pt
Carla Garrido de Oliveira, CEAU–FAUP, Portugal, coliveira@arq.up.pt

keywords – interculturality, integration, needs, vulnerabilities, ecumenical

synopsis

These keywords are interconnected in the context of Martim Moniz square in Lisbon, where interculturality and integration, specific needs of different communities, perceived vulnerabilities and the quest for an ecumenical environment are central elements. Its urgent understanding and addressing these needs as crucial for fostering a more inclusive and harmonious urban environment.

context

Portugal is heavily influenced by its proximity to the African continent and the Mediterranean Sea serving as a gateway for Arab and Asian communities. Located at a strategically accessible point and being a place of opportunities, Lisbon attracts large masses of migrants seeking better living conditions. With them, different cultures and experiences arrive, like the common issue observed in other European cities.

However, Lisbon already has a multiethnic history due to its legacy of colonization and slavery since the 16th century, resulting in the formation of generations stemming from these historical processes. Consequently, African communities have long existed and remained integrated into Luso culture, stabilizing with jobs and families. In this way, it is crucial to instigate effective integration to prevent the repetition of forced processes from the past. Subsequently, with migratory flows to European countries, there is a growing influx of communities from Eastern Europe, the Arabian region, and Asia, primarily. Thus, the city witnesses a multicultural phenomenon, emphasizing the urgent need for a redefinition of urban concepts that, in their design and use, must reflect and promote its ecumenical nature.

multiculturalism

In this Western and Mediterranean space, different social groups or classes ″confront each other, follow completely different patterns, and are driven by different motivations,″ (Filgueiras 1985, p. 21) making their integration into the urban environment of Lisbon challenging.

These ethnic spheres, by problematizing their differences and characteristics, suggest paying attention to the uncertainties and insecurities related to the thought and design of space when addressing multiculturalism. The aim is to broaden the concepts and their meanings, such as outdoor dining, conversations, or moments of rest, and, crucially, to demystify prejudices.

Prejudices automatically create a barrier, even if it is culturally unintentional, or when architects unconsciously make decisions in their designs, it affects the primary intention that one wants to discuss in this approach to urban space.
Having a conscious design of the vulnerabilities of space based on demographic and spatial analysis, along with the potential for extreme complexity and the existence of many particularities, highlights the extensive material that design should leverage to evoke the feeling of and in a place. Through cultural, sports, or social events, the intention to promote social interaction becomes visible, so providing a unique vitality to the space and thus becoming a more effective process of integration into urban life in the city. (Cohen 1974, p. ix–x)

case study

Martim Moniz square is located in the center of Lisbon and is the second-largest square in the historic city. It is recognized for undergoing constant transformations, characterizing itself as a palimpsest (Fernandes 2023, p.7). The square is associated with different cultures, raising questions about its identity and integration into the city of Lisbon. These cultural variations give rise to uncontrolled prejudices, leading to the stigmatization of this square. The differences, marked by the strong presence of numerous minorities condensed in one space, emphasize the spatial and social distance (Gmelch, Zenner 1996, p. 495) from the other squares in the Lisbon metropolitan area.

The urban fabric of Martim Moniz is inhabited by several generations of international communities, mainly from India, Nepal, China, and Bangladesh. According to the Diagnostic of the Parish Council of Santa Maria Maior, 15% of residents are foreigners, with approximately 23% in Mouraria alone, almost a quarter of the total resident population, considering a density of 11,350 inhabitants/km². {1}

Currently, the square is an attractive and culturally rich point in Lisbon due to its multicultural offerings in gastronomy and shoppings. However, it is in a state of fragility due to disbelief, lack of maintenance, homelessness, and depopulation, which encourage crime and minor offenses such as drug trafficking or smuggling. This degraded state is reflected in insecurity and inaccessibility. Thus, a public competition was launched by the Lisbon City Council in 2023 for the redevelopment of the square and its surroundings to address the needs felt by the people who use the space today and eliminate the previously mentioned situations.

{1} Socio-demographic data related to the selected area for the contest proposals, in Terms of Reference: Annex I.II – Characterization.

In preparation for the competition, the participatory process involved a set of public participation methods for users, residents, and workers in the surrounding area of Martim Moniz, with the aim of understanding the relationship of Lisbon's residents with the square and gathering as many ideas as possible for its redevelopment. This process was organized in a divergent manner, involving associations, organizations, and entities that had interactions with the square, aiming to interpret the needs felt by closer sources, the main users. All the information collected is relevant to understand, from a sensitive perspective, the best possible solutions for each cultural sphere specifically and, thus, contributes to a more solid and intuitively accepted design by the population.

concepts discussion and (their) challenges

The discussion revolves around questioning the deconstruction or reformulation (Riaz 2013, p. 310) of the concept aimed at representing the redesign of public space, with the primary rule being ecumenicity. It explores methodologies that may be more suitable for a better approach to communities, seeking to understand which tools should be chosen based on a particular culture. The association of a design that represents the primal needs of each ethno–cultural group also raises the question of "how?" Thus, the discussion suggests considering whether the design can find similar hypotheses through parts or common activities, leading to a proposed intervention that addresses the needs of each group and, fundamentally, ensures that none is segregated due to incompatibility.

It is also important to emphasize the purpose of making visible their humans rights, especially if a large part of immigrants is illegal. These individuals or communities effectively occupy urban daily life in various ways, impacting the quality of services, commerce, and dining. These positive aspects are strongly evident and prompt reconsideration of areas for improvement. Observing the diversity of cultures and the qualities each ethnicity brings contributes to the sustainable and progressive development of the city. It serves as an incentive and fosters a clearer and more visible understanding, showcasing a different way of living and current exterior activities. It is simply a valid and valuable perspective.

This study theorizes about the definition of the ecumenical space, building on the needs of these communities and the sense of living in the outdoor spaces of their home countries. The aim is to approach a design that is ecumenical and feasible. The theme of multiculturalism awakens a special social dimension that should not be a force of resistance but rather a driver of development and productive transformation at both the local and urban scales, as well as internationally. This diversity presupposes the existence of sensitive and available spaces for very distinct social appropriations.

All this material and immaterial wealth implies extreme complexity and many particularities in the way of inhabiting, which, in turn, relate dichotomically to the sharing of the same space, resulting in daily challenges. Depending on the variability of tolerance within each culture, space is always conditioned. Given this, this place, the subject of conflict and deep divergence, is waiting for answers, which can be ambiguous, as a space intended for everyone may become a space for no one.

The goal is to understand how public space intrinsically relates to the various modes of occupation, despite preventing areas of social conflict and resistance. Therefore, the aim is to reaffirm a public space that brings the city and residents, as well as future generations,

closer together. In this way, this abstract suggests several strategies can be taken for a more effective intervention, through a more realistic and reliable perspective, with the possibility of finding at least a utopian solution, heterotopic places.

references

AVERMAETE, T. (2006). "The Spaces of Everyday" A Dialogue Between Monique Eleb and Jean-Philippe Vassal. In OASE69: Positions, Shared Territories in Historiography & Practice, No. 69, pp. 62–70;
COHEN, A. (1974). *Urban Ethinicity.* Londres: Association of Social Anthropologists of the Oommonwealth
FERNANDES, J. (2023). *Martim Moniz – Como o desentalar e passar a admirar*. Lisboa: Editora Fundação Francisco Manuel dos Santos
FILGUEIRAS, O. (1985). *da Função Social do Arquiteto para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: Edições do Curso de Arquitetura da E.S.B.A.P.
GMELCH, G., ZENNER, W. P. (1996). *URBAN LIFE, Readings in Urban Antropology*. Illinois: Waveland Press (3ª edição);
Jornal Arquitectos (2004); *Jornal Arquitectos 216 OS CAVALOS TAMBÉM DE ABATEM*; revista: publicação trimestral; Portugal: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos;
RIAZ, A. (2013). The new Islamist public sphere in Bangladesh. In Global Change, Peace & Security, 25:3, pp. 299–312

Image caption

Author 1, Martim Moniz in 1908, 2022 and 2023, collage, 14,82 cm x 20,99 cm, Martim Moniz Square, Lisbon

Aerial photograph of Martim Moniz Square in 1908. Retrieved January, 15, 2024 from <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=338052&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

Panoramic view of the square and the city of Lisbon; Retrieved May, 8, 2023 in Annex VIII: Photographic survey for the public tender for the redevelopment of the square from <https://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/oBVUE1/requalificacao-da-praca-do-martim-moniz-lisboa>

Photograph of a religious celebration in the square, author unknown. Retrieved January, 10, 2024 from <https://bloguedominho.blogs.sapo.pt/muculmanos-em-portugal-celebram-a-festa-6290801>

This article was developed with the support of the Center for Studies in Architecture and Urbanism of the Faculty of Architecture of the University of Porto (CEAU-FAUP) and funded by the Foundation for Science and Technology (FCT, Lisbon, Portugal) under the project UIDB/00145/2020.

EURAU 2024 | 18 A 23 DE JUNHO
Politécnico de Milão

CRISTINA BIANCHETTI: arquiteta, doutorada em Urbanismo. Ensina Planeamento Urbano na Universidade Politécnica de Turim, onde também foi vice-reitora. O seu trabalho centra-se em temas relacionados com os espaço habitacionais e a crílca dos projectos urbaníslcos contemporâneos. A sua presença na esfera cultural é evidenciada pela sua parlcipação e coordenação de numerosos projectos de invesIgação e pelos seus muitos escritos. Os seus últimos livros, Corpi tra spazio e progetto (Mimesis 2020 - edição inglesa Jovis, 2021) e Le Mura di Troia: lo spazio ricompone i corpi (Donzelli 2023), exploram os projectos de planeamento urbano e as suas prálcas a parIr de uma perspelva centrada no corpo, revelando cenários inesperados que emergem quando o ponto de vista se desloca do ator , do decisor, do técnico ou de uma enIdade jurídica ou esta]slca, para o de um corpo que não pode ser reduzido às suas abstracções.

Notas da conferência de Cristina Bianchetti *"Insights for a theory of embodiement in urbanism"*
20 de junho

"At the heart of this presentation lies a question that has increasingly presented itself with urgency:
- can be constitutive intertwining of bodies and spaces, and its political role, be placed as the core of a theory in the urban field?
I will tentatively try to highlight some insights for an urbanism theory that assumes the constitutive intertwining of bodies and spaces as its core and its implications on design."

"No centro desta apresentação está uma questão que se tem apresentado cada vez mais urgente:
- pode o entrelaçamento constitutivo de corpos e espaços, e o seu papel político, ser colocado como o núcleo de uma teoria no campo urbano?
Tentarei, provisoriamente, destacar alguns pontos de vista para uma teoria do urbanismo que assuma o entrelaçamento constitutivo de corpos e espaços como o seu núcleo e as suas implicações no design."

"Space is an existential concept: places pulse with life, can clarify-influence the ways of living together; their constitutive dimension is our existence.
Not just the capital we possess that allows us ....
Not just a support that facilitates, inhibits ... relationships
Not just the outcome of our prefiguration..."

"O espaço é um conceito existencial: os lugares pulsam de vida, podem esclarecer-influenciar os modos de vida em comum; a sua dimensão constitutiva é a nossa existência.
Não apenas o capital que possuímos e que nos permite ....
Não apenas um suporte que facilita, inibe... as relações
Não apenas o resultado de nossa prefiguração..."

"Space reassembles bodies. Public spaces, which educates individuals for representation, reassembles the bodies of good citizens; degraded, dangerous, not easily readable space reassembles a stigma, and through this, the bodies of bad citizens.
In Foucault's idea, when he is in dialogue with Basaglia, the public space of the asylum - "botanical garden of evil" - reassembles mad, excluded, obscene bodies.
Space reassembles bodies/bodies shape space. The question of which comes first is the wrong question because it presupposes a linear, progressive temporality, while at the basis of the co-belonging of bodies and spaces is a principle of simultaneity and reciprocity."

"O espaço reconstitui os corpos. O espaço público, que educa os indivíduos para a representação, remonta os corpos dos bons cidadãos; o espaço degradado, perigoso, não facilmente legível, remonta um estigma e, através dele, os corpos dos maus cidadãos.
Na ideia de Foucault, quando dialoga com Basaglia, o espaço público do asilo - "jardim botânico

do mal" - remonta os corpos loucos, excluídos, obscenos.
O espaço remonta os corpos/corpos moldam o espaço. A questão de saber o que vem primeiro é uma questão errada, porque pressupõe uma temporalidade linear e progressiva, enquanto na base da coligação de corpos e espaços está um princípio de simultaneidade e reciprocidade."

"To address the third level, let's take a step back.
In the 1990s, the success of post-structuralist thought contributed to making diversity and difference positive values, no longer giving a negative representation of theme, as in the somewhat rhetorical celebration of égalité during the thirty glorious years.
It is not easy to understand how much the culture of design in the last decades of the twentieth century has concretely dealt with this thinking about difference.
But in my reasoning, the issue is central. How to deal, as architects and urban planners, with reducible and plural bodies?"

"Para abordar o terceiro nível, recuemos um pouco.
Nos anos 90, o sucesso do pensamento pós-estruturalista contribuiu para tornar a diversidade e a diferença valores positivos, deixando de dar uma representação negativa do tema, como na celebração algo retórica da égalité durante os trinta anos gloriosos.
Não é fácil perceber até que ponto a cultura do design nas últimas décadas do século XX lidou concretamente com este pensamento sobre a diferença.
Mas, no meu raciocínio, a questão é central. Como lidar, enquanto arquitectos e urbanistas, com corpos redutíveis e plurais?"

"Modern design dealt with societies that described themselves in compact blocks: minority/majority; rich/poor; elite/middle class: groupings traverses by vertical as well as horizontal conflicts. Groupings articulated within themselves, never atomistic: blocks that had their own distinctive logics, made visible in space and by space.
Modern design thought and designed space with the idea of building a pedagogy of living together; moreover, architecture and urban planning have always had an inescapable pedagogical mechanism is public space.
But when that background is no longer there, does is explode? What does is mean today to look at the radical plurality of bodies, outside of majorities and minorities?
Lets look at two attitudes that are still largely insufficient: peharps contradictory."

"O design moderno lidou com sociedades que se descreviam em blocos compactos: minoria/maioria; rico/pobre; elite/classe média: agrupamentos atravessados por conflitos verticais e horizontais. Agrupamentos articulados entre si, nunca atomísticos: blocos com lógicas próprias, visíveis no espaço e pelo espaço.
O design moderno pensou e desenhou o espaço com a ideia de cons- truir uma pedagogia da convivência; aliás, a arquitetura e o urbanismo sempre tiveram como mecanismo pedagógico incontornável o espaço público.
Mas quando esse pano de fundo deixa de existir, será que ele explode? O que é que significa hoje olhar para a pluralidade radical dos corpos, fora das maiorias e das minorias?
Vejamos duas atitudes que continuam a ser largamente insuficientes: as contradições dos pares."

"1. The first corresponds to the greater attention to bodies a de-differentiation of space.
This is the exact opposite of what was done in the past by differentiating, accentuating even minimal elements of difference: a slope, a threshold, a connection that didn't exist before using a vegetal trace or a water line, ...
This is the exact opposite of the palimpsest.
Or the logics of patrimonialization played on the slippery notion of identity.

This position argues that the more space is differentiated, recognizable, identifiable, the more dificulte it is to find responses to different needs, and do things in one's own way, according to one's desires or possibilities.
Therefore, de-differentiating - dis-identifying breaks imposed social models / has political character."

> *"A primeira corresponde a uma maior atenção aos corpos, uma desdiferenciação do espaço.*
> *É exatamente o contrário do que se fazia no passado, diferenciando, acentuando mesmo elementos mínimos de diferença: um declive, um limiar, uma ligação que não existia antes, através de um traço vegetal ou de uma linha de água, ...É exatamente o contrário do palimpsesto.*
> *Ou as lógicas de patrimonialização jogadas sobre a noção escorregadia de identidade.Esta posição defende que quanto mais o espaço é diferenciado, reconhecível, identificável, mais dificil é encontrar respostas para diferentes necessidades, e fazer as coisas à sua maneira, de acordo com os seus desejos ou possibilidades.*
> *Por conseguinte, a desdiferenciação - a desidentificação - quebra os modelos sociais impostos / tem carácter político."*

"2. The second attitude is to return to reflecting on terms like distance, spacing, distance between things. Concepts we attribute to pier Aldo Rovatti, Jean Luc Nancy; Vittorio Gregotti and Bernardo Secchi.
The distance we should be able to inhabit - writes Rovatti - is not our property. and it is not even a void in which we are thrown. It is instead a distance to be built, in the sense that we must make it habitable, defend ir, possibly make it a tool against blindness, deafness, aphasia, ...
Rovatti urges to produce a spacing, a punctuation, a parenthesis, ..."

> *"A segunda atitude é voltar a refletir sobre termos como distância, espaçamento, distância entre as coisas. Conceitos que atribuímos ao cais Aldo Rovatti, Jean Luc Nancy; Vittorio Gregotti e Bernardo Secchi.*
> *A distância que devemos ser capazes de habitar - escreve Rovatti - não é nossa propriedade e nem sequer é um vazio para o qual somos atirados. É, pelo contrário, uma distância a construir, no sentido em que devemos torná-la habitável, defendê-la, eventualmente transformá-la num instrumento contra a cegueira, a surdez, a afasia, ...*
> *Rovatti incita a produzir um espaçamento, uma pontuação, um parêntesis, ..."*

"Rovatti urges design gesture:
-to draw a "field of suspensions"
-to open intervals
-to introduce moment of stasis
-to remove weight; to insert gestures of air that allow inhabitation.
Distance must be safeguarded. It defends against suffocating proximity because it is not true that the "entre-nous" is always virtuous.
Distance is penumbra.
Once again, it is the reversal of the idea inherent in modern design in its reformulation of the 80s, in which the "distance between things" was the principle of recognizability and attribution of value,…"

> *"Rovatti apela ao gesto de design:*
> *-desenhar um "campo de suspensões"*
> *-abrir intervalos*
> *-introduzir momentos de estase*
> *-retirar o peso; inserir gestos de ar que permitam habitar.*
> *A distância deve ser salvaguardada. Ela defende-se da proximidade sufocante porque não é verdade que o "entre-nós" seja sempre virtuoso.*
> *A distância é penumbra.*
> *Mais uma vez, é a inversão da ideia inerente ao design moderno na sua reformulação dos anos 80, em que a "distância entre as coisas" era o princípio de reconhecibilidade e atribuição de valor,..."*

"Urban planning has always implicitly or explicitly dealt with bodies. indeed, the body

is one of those hidden concepts that serves as presuppositions of discourse:
-hidden in an analogy that celebrates its perfection;
-in a principle of authority;
-in a desertion from the norm;
-in a pact that exchanges docility and well-being.
However, urban design has rarely brought this concept to the forefront. And even more rarely has it considered the irreducible plurality of bodies, making them, on the contrary, the emaciated figures that often appear in projects: ornaments, hieroglyphs, calligraphic traits, statistical or legal entities, roles. Not bodies, but silhouettes easily manageable because they adhere to rules, roles, models."

"O planeamento urbano sempre lidou, implícita ou explicitamente, com corpos. De facto, o corpo é um desses conceitos ocultos que servem como pressupostos do discurso:
- escondido numa analogia que celebra a sua perfeição;
- num princípio de autoridade;
- numa deserção da norma;
- num pacto que troca docilidade e bem-estar.
No entanto, o urbanismo raramente trouxe este conceito para o primeiro plano. E ainda mais raramente considerou a pluralidade irredutível dos corpos, fazendo deles, pelo contrário, as figuras macilentas que frequentemente aparecem nos projectos: ornamentos, hieróglifos, traços caligráficos, entidades estatísticas ou jurídicas, papéis. Não são corpos, mas silhuetas facilmente manejáveis porque aderem a regras, papéis, modelos."

"An urban planning/design theory that centers on the body would constitutive a decisive departure from that tradition.
-It would try to oppose the swarming of embodied subjects that crowd the urban scene to the composure of the humanist subject that the organic analogy still, tirelessly, proposes.
-It would to reason with the notion of plural, no longer of collective.
-It would try, albeit tentatively and full of gaps, to address (through the strength of this notion of body) the imaginary and representational deficit of the years we live in."

"Uma teoria do planeamento/design urbano centrada no corpo constituiria um desvio decisivo em relação a essa tradição.
-Tentaria opor a enxurrada de sujeitos encarnados que povoam a cena urbana à compostura do sujeito humanista que a analogia orgânica ainda, incansavelmente, propõe.
-Tentaria raciocinar com a noção de plural, não mais de coletivo.
-Tentaria, ainda que timidamente e cheio de lacunas, abordar (através da força desta noção de corpo) o défice imaginário e representacional dos anos em que vivemos."